

Joaquim Martins Junior

**A Escola como Centro de Atividade Física e de Lazer
Estudo sobre a Prática Esportiva Continuada na Comunidade**

Tese de Doutorado

**MARILIA, SP-BRASIL
1996**



CLASS.: 37286
M3552
TOMBO: 665

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CÂMPUS DE MARÍLIA

SVE

A ESCOLA COMO CENTRO DE ATIVIDADE FÍSICA E DE LAZER
ESTUDO SOBRE A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA NA COMUNIDADE

A ESCOLA COMO CENTRO DE ATIVIDADE FÍSICA E DE LAZER
ESTUDO SOBRE A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA NA COMUNIDADE

Joaquim Martins Junior

TESE DE DOUTORADO



JOAQUIM MARTINS JUNIOR

1996

1410000665



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CÂMPUS DE MARÍLIA**

**A ESCOLA COMO CENTRO DE ATIVIDADE FÍSICA E DE LAZER
*ESTUDO SOBRE A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA NA COMUNIDADE***

Joaquim Martins Junior

Martins Junior, Joaquim

A escola como centro de atividade física e de lazer: estudo sobre a prática esportiva continuada na comunidade / Joaquim Martins Junior. - Marília: UNESP, 1996.

251p. il.

Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências

1. Educação. 2. Educação
trabalho com a comunidade.

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Marília, SP, como requisito parcial para obtenção do título de DOUTOR EM EDUCAÇÃO

CDD 18.ed. 370

MARÍLIA - SP

1996



BANCA EXAMINADORA

Martins Junior, Joaquim

A escola como centro de atividade física e de lazer: estudo sobre a prática esportiva continuada na comunidade / Joaquim Martins Junior. - - Marília: UNESP, 1996.

251p. il.

Tese(doutorado)-Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, 1996.

1. Educação. 2. Educação física escolar. 3. Educação física e trabalho com a comunidade.

CDD 18. ed. 370

BANCA EXAMINADORA

A realização deste estudo só foi possível, graças à ajuda, direta e indireta de várias pessoas e entidades a quem estou imensamente grato.

Agradeço ao Professor Doutor José Misael Ferreira de Vale, pela orientação e acompanhamento das pesquisas, bem como pela amizade e vários conselhos em todos os momentos.

Agradeço também a todos os professores, funcionários e alunos do Curso de Pós-Graduação em Educação da UNESP, Câmpus de Marília, especialmente aos doutores Raul Amêlio Martins, Maria Aparecida Trevisan Zamboni e Lafayette Salimón, pela demonstração de amizade e apoio durante o tempo em que estive aqui.

Ao Doutor Jürgen Deckert, da Universidade de Oldenburg, pelos conselhos no capítulo do esporte para todos.

Ao Doutor Jorge Teixeira de Sousa, da Faculdade de Ciências da Universidade Técnica de Lisboa, pelo auxílio prestado na coleta de dados e aos amigos João Teixeira de Carvalho, de Portugal, e Roger Freitas Lóvão, de Marília, nos trabalhos de computação.

A pesquisa exigiu a necessidade de solicitar informações e pedir empréstimo de livros em vários organismos e da coleta de dados em diferentes instituições de ensino. Em Portugal, as bibliotecas da Universidade Estadual de Marília e a da Universidade Federal do Porto, da Faculdade de Ciências do Desporto e da Universidade de Lisboa, da Direção-Geral de Desportos e na Alemanha, a da Universidade de Oldenburg. Aos seus funcionários e responsáveis, deixo meus agradecimentos.

Devido à permanência em Portugal e às viagens de estudo à Alemanha, recebi a bolsa de estudos da CAPES e o apoio da Universidade Estadual de Marília, a quem agradeço pelo auxílio concedido.

Um reconhecimento especial aos colegas da Universidade Estadual de Marília, especialmente ao Mestre Celso Sousa e Doutor Vanildo Rodrigues Pereira e ao Doutor Valter Bracht, da Universidade Federal de Santa Maria, pelo apoio durante as pesquisas e correções. E também ao senhor Curt Brandel, aos doutores Edmar Lino Martins, Lamartino Pereira da Costa, João Batista Freire e Viktor Shigunov, pelo apoio moral, informações, favores e amizade que sempre me dispensaram e que me motivou na realização desta tarefa.

Finalmente, a minha gratidão à minha esposa Kátie e aos meus filhos Karen, Camilla e Rodrigo, pelo carinho, dedicação e por terem sabido compreender os momentos que se privaram da minha presença. A Deus e a Jesus, pela presença em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

A realização deste estudo só foi possível, graças à ajuda, direta e indireta de várias pessoas e entidades a quem estou imensamente grato.

Agradeço ao Professor Doutor José Misael Ferreira do Vale, pela orientação e acompanhamento das pesquisas, bem como pela amizade e sábios conselhos em todos os momentos.

Agradeço também a todos os professores, funcionários e colegas do Curso de Pós-Graduação em Educação da UNESP, Câmpus de Marília, especialmente aos doutores Raul Aragão Martins, Maria Aparecida Trevisan Zamberlam e Lafayette Salimon, pela demonstração de amizade e apoio durante o tempo em que lá passei.

Ao Doutor Jürgen Dieckert, da Universidade de Oldenburg, pelos seus conselhos no capítulo do Esporte para Todos.

Ao Doutor Jorge Teixeira de Sousa, da Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade Técnica de Lisboa, pelo auxílio prestado na elaboração dos instrumentos de coleta de dados e aos amigos João Teixeira de Carvalho, de Fânzeres, Gondomar e Roger Freitas Lovato, de Maringá, nos trabalhos de computação.

A pesquisa exigiu a necessidade de solicitar informações e documentação em vários organismos e da coleta de dados em diferentes instituições, dos quais destaco, as bibliotecas da UNESP, Câmpus de Marília e a da Universidade Estadual de Maringá; em Portugal, as bibliotecas da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, da Direcção-Geral de Desportos e na Alemanha, a da Universidade Karl Ossietzky, de Oldenburg. Aos seus funcionários e responsáveis os meus sinceros agradecimentos.

Devido à permanência em Portugal e às viagens de estudo à Alemanha, contei com a bolsa de estudos da CAPES e o apoio da Universidade Estadual de Maringá, a quem agradeço pelo auxílio concedido.

Um reconhecimento especial aos colegas da Universidade Estadual de Maringá, especialmente ao Mestre Celso Sousa e Doutor Vanildo Rodrigues Pereira e ao Doutor Valter Bracht, da Universidade Federal de Santa Maria, pelo apoio durante as pesquisas e correções. E também ao senhor Curt Brandel, aos doutores Bolivar Lino Martins, Lamartine Pereira da Costa, João Batista Freire e Viktor Shigunov, pelo apoio moral, informações, favores e amizade que sempre me dispensaram e que me motivou na realização desta tarefa.

Finalmente, a minha gratidão à minha esposa Kätthe e aos meus filhos Karen, Camilla e Rodrigo, pelo carinho, dedicação e por terem sabido compreender os momentos que se privaram da minha presença. A Deus e a Jesus, pela presença em todos os momentos.

A ESCOLA COMO CENTRO DE ATIVIDADES FÍSICAS E DE LAZER ESTUDO SOBRE A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA NA COMUNIDADE

RESUMO

Este estudo tem o propósito de analisar a Educação Física Escolar, do ponto de vista do seu papel como motivador e conscientizador para a prática esportiva continuada e a possível influência que exerce sobre a prática esportiva que é desenvolvida na comunidade.

Parte de um estudo bibliográfico e de uma análise da Educação Física Escolar, do ponto de vista do seu ensino, da prática esportiva comunitária e do movimento "Esporte para Todos". Estuda a evolução da Educação Física e da prática esportiva comunitária no Brasil, do ponto de vista histórico e as atividades desenvolvidas na comunidade. Analisa finalmente, a motivação exercida pela Educação Física e pelo professor no processo da conscientização para uma prática esportiva continuada.

A seguir é realizada uma investigação empírica a partir da opinião dos professores e dos alunos das escolas da rede estadual de ensino e dos dirigentes esportivos das instituições da comunidade, sendo então traçado um quadro real da atual Educação Física que é ministrada nas escolas brasileiras e da sua relação com o esporte praticado na comunidade.

Os resultados obtidos por meio dos estudos bibliográficos e empíricos, permitiram verificar que a Educação Física Escolar ministra um ensino que se restringe a umas poucas modalidades esportivas, não levando em conta outras manifestações, tais como a saúde, a condição física, o lazer e os tempos livres, a arte e a cultura, os aspectos intelectuais, as deficiências físicas e mentais e ainda, outras áreas. O esporte predomina como matéria de ensino e há um distanciamento das propostas que são constantemente emitidas pelas instituições comunitárias. O desconhecimento das teorias da motivação e da falta de processos neste sentido, impedem que o aluno transforme a prática das atividades físico-motoras na escola e na comunidade num hábito. Procuram assim, suprir externamente, as atividades que desejam ou que sentem necessidade na escola.

Verificou-se também, que os professores e os alunos das escolas de primeiro e segundo graus bem como os dirigentes esportivos das instituições comunitárias, são favoráveis à necessidade de motivação para uma prática esportiva regular e continuada, na escola e na comunidade, no presente e no futuro. As pesquisas revelaram porém, que falta aos professores, uma formação adequada dos processos de motivação que levem os alunos a se interessarem por tal premissa.

Com base nos resultados encontrados, foi possível concluir que, a partir do conhecimento das teorias da Educação, da Educação Física e da motivação e, ao proporcionar conteúdos voltados para outros aspectos além dos esportivos, que atendam às necessidades do aluno, considere as suas capacidades, vocações e que os conscientizem para uma prática regular e continuada tanto na escola como na comunidade, será possível transformar a escola num centro de atividades físicas e de lazer, e a Educação Física, no agente de uma cultura do corpo e de movimentos.

SCHOOL AS A FITNESS AND LEISURE CENTER STUDY ABOUT A CONTINUED SPORT PRACTICE IN THE COMMUNITY

ABSTRACT

This study purposes to analyse the Physical Education in school, from the point of view of its paper as motivator and conscientizator to a continued practice of sports and its possible influence on the practice of sports developed in the community.

It begins by a bibliographical study and the analyse of Physical Education in school from the point of view of teaching, the practice of sport in the community and the movement "Sport for All". It studies the evolution of Physical Education and the practice of sports in the community in Brasil under a his historical sight. At last, it is analised the motivation of both: teacher and Physical Education in the process of conscience to a continued practice of sports. In a second part, there is a research based on teachers, students (from public schools) and sport directors of community institutions' opinion; the actual situation of the Brazilian Physical Education Schools and its relationships with the practice of sports in the community was showed.

The results, obtained by bibliographical and empyrical studies were enough to verify that the Physical Education in school is restrained to some few sports, and it does not deal with subjects like health and fitness, leasures and free time, art and culture, intelectual aspects, handicaps and some other points. The sport prevail as just one more discipline and it is far distant from the propositions sent by the community. Once, there is no knowledge about the motivation theories and the lack of proccess on this way the student are not being able to transform the school and community physical activities into a habit. So, they try to suply away the activities they wished to have at school.

It was also verified that teachers and students from elementary and high schools, as well the sport directors of the community, are for to the necessity of motivating to a regular and continued sport practice at school and at the community, nowadays and in the fucture. But the researchs have pointed that the teachers have not an anadequated background about motivating process which make the students become interested about that practice.

Based on the results found, it was possible to conclude that once the Education, Motivation and Physical Education theories are knowing and giving the students subjects which fill their necessity and consider their capacity, vocation and making them know how important is the practice of sport at school and at the community, it will be possible to transform scholl at a pleasurable physical activity center and Physical Education into an agent of moviment and body culture.

3.2.1 - O movimento Esporte para todos e o conceito de prática esportiva continuada	38
3.2.2 - O Esporte para Todos no Brasil	60
3.2.3 - A Educação Física Escolar e a prática esportiva continuada	68
3.2.4 - A comunidade e a prática esportiva continuada	73

ÍNDICE

	Página
AGRADECIMENTOS	iv
RESUMO.....	v
ABSTRACT	vi
LISTA DE ANEXOS	ix
LISTA DE TABELAS.....	x
LISTA DE QUADROS	xii
LISTA DE FIGURAS	xiii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1. PROBLEMA, OBJETIVOS, QUESTÃO BÁSICA E METODOLOGIA	
1.1. O PROBLEMA	3
1.2.. OBJETIVOS	5
1.3. QUESTÃO BÁSICA: A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E A PRÁTICA ESPORTIVA DA COMUNIDADE.....	5
CAPÍTULO 2. A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE COMUNITÁRIO NO BRASIL	
2.1. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA.....	7
2.2. O SISTEMA ESPORTIVO BRASILEIRO.....	15
2.3. A PRÁTICA ESPORTIVA COMUNITÁRIA.....	19
CAPÍTULO 3. A EDUCAÇÃO FÍSICA E A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA	
3.1. A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	25
3.1.1 - As teorias da Educação e da Educação Física que a influenciam	26
3.1.2 - O ensino da Educação Física.....	31
3.1.3 - As variáveis que influenciam a Educação Física.....	39
3.1.3.1 - A aula.....	46
3.1.3.2 - As atividades extra-classe	50
3.2. A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA	58
3.2.1 - O movimento Esporte para todos e o conceito de prática esportiva continuada	59
3.2.2 - O Esporte para Todos no Brasil	66
3.2.3 - A Educação Física Escolar e a prática esportiva continuada	68
3.2.4 - A comunidade e a prática esportiva continuada	73

3.2.5 - O relacionamento escola/comunidade e a prática esportiva continuada.....	74
3.2.5.1 - Saúde e condição física.....	75
3.2.5.2 - Lazer e bem-estar psicossocial.....	76
3.2.5.3 - Desenvolvimento intelectual e criativo.....	79
3.2.5.4 - A arte e a cultura na Educação Física.....	80
3.2.5.5 - O esporte de competição.....	83
3.2.5.6 - Reabilitação física e mental.....	86
3.2.5.7 - A prática esportiva como fator de segurança.....	86
3.3. A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PRÁTICA ESPORTIVA COMUNITÁRIA.....	86
3.3.1 - Existe esta influência?.....	86
3.3.2 - Existe uma Educação Física Popular?.....	92

CAPÍTULO 4. EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTIVAÇÃO

4.1. AS TEORIAS DA MOTIVAÇÃO.....	99
4.1.1 - A motivação em Educação Física.....	105
4.1.2 - A motivação e a criação de hábitos esportivos.....	108
4.2. O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A MOTIVAÇÃO.....	110
4.2.1 - O professor educador.....	112
4.2.2 - O professor e a prática esportiva continuada.....	116

CAPÍTULO 5. ESCOLA E COMUNIDADE: MOTIVAÇÃO E NECESSIDADES PARA A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA

5.1. METODOLOGIA.....	118
5.1.1 - Conteúdo espacial, histórico e abrangência da coleta de dados.....	119
5.1.1.1 - População.....	121
5.1.1.2 - Amostra.....	122
5.1.2 - Coleta e análise dos dados.....	126
5.2. RESULTADOS.....	129
5.2.1 - Os professores de Educação Física.....	129
5.2.2 - Os alunos.....	150
5.2.3 - A opinião dos dirigentes esportivos.....	173
5.3. DISCUSSÃO.....	184

CAPÍTULO 6. SÍNTESE E PERSPECTIVAS

6.1 . SÍNTESE.....	195
6.2. PERSPECTIVAS.....	203

BIBLIOGRAFIA.....	216
--------------------------	------------

ANEXOS.....	233
--------------------	------------



LISTA DE ANEXOS

Página

ANEXO 1. Cidades e escolas sorteadas para a obtenção da amostra dos professores de Educação Física	233
ANEXO 2. Questionário destinado aos professores de Educação Física.....	234
ANEXO 3. Roteiro de entrevistas destinados aos alunos	238
ANEXO 4. Roteiro de entrevistas destinado aos dirigentes	242
ANEXO 5. Ofício aos diretores das escolas solicitando permissão para realizar a pesquisa com os professores da sua escola	246
ANEXO 6. Ofício do orientador apresentando o pesquisador aos diretores das escolas	247
ANEXO 7. Ofício do pesquisador aos professores constantes da amostra.....	248
ANEXO 8. Instruções gerais para o preenchimento dos questionários	249
ANEXO 9. Segundo ofício aos professores que não devolveram os questionários preenchidos	250
ANEXO 10. Ofício aos diretores das escolas solicitando permissão para realizar a pesquisa com os alunos	251
TABELA 11. Razões para a cedência das instalações esportivas das escolas...	142
TABELA 12. Razões para a não cedência.....	144
TABELA 13. Locais e/ou atividades sugeridos pelos professores para prática extra-classe	145
TABELA 14. Opiniões se a Educação Física Escolar motiva os alunos para a prática extra-escolar	147
TABELA 15. Opiniões sobre o que falta à Educação Física Escolar para motivar o aluno para uma prática esportiva continuada	148
TABELA 16. Objetivos mais preconizados nas aulas de Educação Física	151
TABELA 17. Tipos de aula de Educação Física que recebem	154
TABELA 18. Interesse dos alunos pelas aulas de Educação Física.....	156
TABELA 19. Motivos do desinteresse dos alunos pelas aulas de Educação Física.....	157
TABELA 20. Opiniões se as aulas motivam para uma prática esportiva continuada	158
TABELA 21. Justificativas para as respostas negativas.....	159
TABELA 22. Justificativas para as respostas positivas	160
TABELA 23. Atividades extra-classe ministradas aos alunos.....	163
TABELA 24. Fatores que motivam para a prática extra-classe na escola	165
TABELA 25. Locais onde os alunos praticam fora da escola	166
TABELA 26. Motivos para uma prática esportiva continuada	169
TABELA 27. Opiniões sobre o que falta Educação Física Escolar para os motivar para uma prática esportiva continuada.....	170

LISTA DE TABELAS

	Página
TABELA 1. Núcleos regionais de educação do Estado do Paraná com as sedes, número de municípios e de escolas	119
TABELA 2. Número de escolas de 1º e 2º graus do Estado do Paraná em 1988 e 1993.....	120
TABELA 3. Relação dos núcleos e das cidades sorteadas que constituem a amostra da pesquisa com os professores.....	123
TABELA 4. Amostra dos alunos pesquisados, por sexo, em 1988 e 1993	124
TABELA 5. Instituições que compõem a amostra dos dirigentes.....	125
TABELA 6. Atividades físico-esportivas praticadas pelos professores de Educação Física.....	131
TABELA 7. Objetivos formulados pelos professores de Educação Física	133
TABELA 8. Tipos de aula ministrados pelos professores de Educação Física.....	135
TABELA 9. Atividades extra-classe que desenvolvem.....	137
TABELA 10. Atividades extra-escolares que desenvolvem.....	139
TABELA 11. Razões para a cedência das instalações esportivas das escolas...	142
TABELA 12. Razões para a não cedência	144
TABELA 13. Locais e/ou atividades sugeridos pelos professores para prática extra-classe	145
TABELA 14. Opiniões se a Educação Física Escolar motiva os alunos para a prática extra-escolar	147
TABELA 15. Opiniões sobre o que falta à Educação Física Escolar para motivar o aluno para uma prática esportiva continuada	148
TABELA 16. Objetivos mais preconizados nas aulas de Educação Física	151
TABELA 17. Tipos de aula de Educação Física que recebem.....	154
TABELA 18. Interesse dos alunos pelas aulas de Educação Física.....	156
TABELA 19. Motivos do desinteresse dos alunos pelas aulas de Educação Física.....	157
TABELA 20. Opiniões se as aulas motivam para uma prática esportiva continuada	158
TABELA 21. Justificativas para as respostas negativas.....	159
TABELA 22. Justificativas para as respostas positivas	160
TABELA 23. Atividades extra-classe ministradas aos alunos.....	163
TABELA 24. Fatores que motivam para a prática extra-classe na escola	165
TABELA 25. Locais onde os alunos praticam fora da escola.....	166
TABELA 26. Motivos para uma prática esportiva continuada	169
TABELA 27. Opiniões sobre o que falta Educação Física Escolar para os motivar para uma prática esportiva continuada.....	170

TABELA 28. Objetivos esportivos preconizados pelas instituições comunitárias	174
TABELA 29. Tipos de atividades esportivas que desenvolvem, em ordem de oferta	175
TABELA 30. Motivos que levam o freqüentador à prática de atividades físico-motoras nas instituições da comunidade	176
TABELA 31. Formas de incentivo utilizadas pelas instituições para atrair os freqüentadores	177
TABELA 32. Formas de participação dos estudantes nas atividades esportivas das instituições	178
TABELA 33. Tipos de relacionamento mantidos mais freqüentemente com as escolas.....	179
TABELA 34. O que falta à Educação Física Escolar para motivar para a prática esportiva continuada.....	182
QUADRO 4. Estatística mundial sobre os objetivos da Educação Física.....	37
QUADRO 5. Diferenças entre o jogo e o esporte	53
QUADRO 6. Comparações entre o EPT e o esporte de alto nível.....	54



LISTA DE QUADROS

	Página
QUADRO 1. Comparação entre a ordem dominante e a ordem esportiva no Brasil até o período revolucionário.....	10
QUADRO 2. Principais atividades oferecidas pelas instituições esportivas brasileiras	22
QUADRO 3. Comparação entre a evolução de alguns dos aspectos da Educação Física e as suas possíveis áreas de abrangência escola	30
QUADRO 4. Estatística mundial sobre os objetivos da Educação Física	37
QUADRO 5. Diferenças entre o jogo e o esporte	53
QUADRO 6. Comparações entre o EPT e o esporte de alto nível.....	54



LISTA DE FIGURAS

	Página
FIGURA 1. O alcance educativo da competição.....	55
FIGURA 2. Relação entre a atividade física habitual, aptidão e saúde.....	75
FIGURA 3. Desenvolvimento intelectual e criativo	77
FIGURA 4. Jogos e brincadeiras do Século XVI.....	80
FIGURA 5. A arte e a cultura na Educação Física.....	81
FIGURA 6. O esporte de competição.....	84
FIGURA 7. A Educação Física Especial.....	85
FIGURA 8. Organograma da Educação Física Escolar segundo a sua organização através de cenários	205

Em todo o mundo, a prática esportiva continuada por diversos segmentos da comunidade vem sendo demonstrada por diversos autores europeus, destacando-se a Noruega, HANGE-MOE (1977), um dos precursores do movimento "Esporte para Todos", também chamado de "TRIMM" em alguns países. DIECKERT (1974) e PALM (1980) também destacam a importância da prática esportiva continuada.

Segundo DIECKERT (1974:31), o Esporte para Todos (ou EPT, como era comumente chamado), vivia a prática esportiva por todos os segmentos da população e em todas as fases das suas vidas.

Sugeri, na dissertação de mestrado (MARTINS JUNIOR, 1982), uma organização entre os clubes para uma prática do Esporte para Todos, tanto nas suas competições formais, como informais. A pesquisa desenvolvida revelou que, embora existissem perspectivas favoráveis, não havia, no entanto, um maior desenvolvimento da prática esportiva continuada por parte da população. Este fato se devia à pouca conscientização dos dirigentes para uma prática esportiva voltada para o lazer e que não estava arraigada devido a diversos fatores, dentre os quais a formação tecnicista dos professores de Educação Física que a representava para todos os segmentos da comunidade.

Observou-se ainda que, devido à falta de instalações esportivas suficientes, por interesses mútuos, amizade, política e outros fatores, têm acontecido algumas aproximações entre os clubes e as escolas, com vista à prática esportiva dos alunos, aproveitando horários em que as instalações esportivas dos clubes não são ocupadas pelos associados.

Este fato motivou-me a seguinte questão básica: até que ponto a Educação Física praticada na escola influenciaria no aluno o gosto pela prática esportiva no futuro, além do espaço escolar? Ou ainda, a prática esportiva escolar motivou-lo à prática continuada do esporte na comunidade?

Sabe-se que, durante a sua escolaridade, as crianças adquirem certos hábitos que se desenvolverão durante muitos anos ou mesmo durante toda a sua vida (ESTEVES, 1973:29). Assim sendo, o gosto ou a aversão pelos esportes estarão na dependência das suas aulas na escola e a Educação Física que é ministrada nesta fase é um elemento determinante no processo de aceitação/rejeição desta prática.

INTRODUÇÃO

A importância da prática esportiva continuada nos diferentes setores da comunidade vem sendo demonstrada por diversos autores europeus, destacando-se na Noruega, HANGE-MOE (1977), um dos precursores do movimento "Esporte para Todos, também chamado de "TRIMM em alguns países; DIECKERT (1974) e PALM (1984), na Alemanha; SEVELIUS (1977); LAMS (1977) e CLAEYS (1986), na Bélgica, SEURIN (1986), na França e no Brasil: MARTINS JUNIOR (1982), PEREIRA DA COSTA (1982), TRAPP (1983), BRAMANTE (1984), TAKAHASHI (1984), TAFFAREL (1984), REIS (1985) e outros, sobretudo nas últimas décadas.

Motivada pela necessidade de reconstrução do seu país, a Alemanha instituiu, na década de cinquenta, o programa "Segundo Caminho" e, nos anos sessenta, a Noruega lançou o programa TRIMM, objetivando a democratização da prática do esporte do lazer como também, uma prática esportiva a ser desenvolvida continuamente pela população.

Em todo o mundo, se vem observando, desde então, movimentos visando incentivar a prática esportiva continuada. No Brasil, esta implantação ocorreu durante a ditadura militar, que a utilizou como uma das formas de obter a legitimação do regime. Neste período, essa prática foi incentivada, a partir de 1975, adotando-se o nome de "Esporte para Todos".

Segundo DIECKERT (1984:5), o Esporte para Todos (ou EPT, como era comumente chamado), visava a prática esportiva por todos os segmentos da população e em todas as fases das suas vidas.

Sugeri, na dissertação de mestrado (MARTINS JUNIOR, 1982), uma organização entre os clubes para uma prática do Esporte para Todos, tanto nas suas conotações formais, como informais. A pesquisa desenvolvida revelou que, embora existissem perspectivas favoráveis, não havia, no entanto, um maior desenvolvimento da prática esportiva continuada por parte da população. Este fato se devia à pouca conscientização dos dirigentes para uma prática esportiva voltada para o lazer e que não estava arraigada devido a diversos fatores, dentre os quais a formação tecnicista dos professores de Educação Física que a repassava para todos os segmentos da comunidade.

Observou-se ainda que, levados pela falta de instalações esportivas suficientes, por interesses mútuos, amizade, política e outros fatores, têm acontecido alguma aproximação entre os clubes e as escolas, com vista à prática esportiva dos alunos, aproveitando horários em que as instalações esportivas dos clubes não são ocupadas pelos associados.

Este fato motivou-me a seguinte questão básica: até que ponto a Educação Física praticada na escola influenciaria no aluno o gosto pela prática esportiva no futuro, além do espaço escolar? Ou ainda, a prática esportiva escolar motivá-lo-á para a prática continuada do esporte na comunidade?

Sabe-se que, durante a sua escolaridade, as crianças adquirem certos hábitos que que se desenvolverão durante muitos anos ou mesmo durante toda a sua vida (ESTEVES, 1975:29). Assim sendo, o gosto ou a aversão pelos esportes estarão na dependência das suas aulas na escola e a Educação Física que é ministrada nesta fase é um elemento determinante no processo de aceitação/rejeição desta prática.

A prática esportiva comunitária tem sido incentivada por diferentes setores: as instituições esportivas, as instituições sociais, os professores de Educação Física e os voluntários da própria comunidade, os quais desenvolvem uma prática recreativa voltada para o lazer e para o tempo livre. Este conceito tem sido explorado por autores de diversos países, tais como ANTONELLI e SALVINI (1978), DUMAZEDIER (1979), PEREIRA DA COSTA (1983), DIECKERT (1984), e destacando-se no Brasil: GAELZER (1979), REQUIXA (1980), BRAMANTE (1984) e outros.

Questiona-se então, como se poderá motivar a comunidade para uma prática esportiva continuada a se realizar nos próprios locais onde residem, estudam ou freqüentam? Supõe-se de início, que a motivação da população desde a mais tenra idade, poderia ser iniciada na escola, devido a ser este, o local mais adequado por constituir o ponto de freqüência obrigatório da criança durante grande parte da sua vida, além de poder contar com a supervisão constante de um professor de Educação Física.

Mas nem sempre esse professor recebeu uma adequada formação para o esporte continuado ou para o esporte na comunidade. Esta premissa pode ser evidenciada no fato de, até 1985, apenas treze dos cento e dois cursos de Educação Física então existentes no Brasil, oferecerem esta disciplina nos cursos de pós-graduação "latu-sensu", nos cursos de treinamento ou nas atividades neste domínio (PEREIRA DA COSTA, 1986:31).

Pesquisas realizadas com professores recém formados (MARTINS JUNIOR, 1986; OLIVEIRA et alli, 1989), revelaram que, mais de 50% deles, após a sua formatura, costumam lecionar em diferentes setores da comunidade, além das escolas. Revelam também, que os professores se ressentem da falta de disciplinas que os orientem para dar resposta às diferentes necessidades de prática de atividade física por parte da comunidade.

Julga-se assim que, em muitas regiões, por falta de uma formação específica e de estratégias que os levem a direcionar o ensino para esse fim, os professores de Educação Física Escolar não têm ministrado uma prática que direcione os seus alunos para a prática de atividades físicas, do ponto de vista esportivo, recreativo ou de lazer, em horários alternativos aos da escola ou após deixarem esta instituição.

É este o tipo de questão que este estudo coloca. Baseado em fatos que serão demonstrados por intermédio de métodos de investigação específicos, procurar-se-á as respostas para o problema que a seguir será delimitado.

Esta motivação, que deveria estimular na população todos os tipos de práticas físicas, esportivas e recreativas, visando propostas de lazer, dos tempos livres e de outras, não desenvolveu porém, uma preocupação para uma prática continuada, por ser desenvolvida através de atividades esporádicas, irregulares e voltadas para fins políticos, conforme se verá adiante.

Nas escolas do 1º e do 2º graus, as atividades recreativas, com as concepções de lazer, de tempos livres e outras semelhantes, aparecem incluídas, de um modo geral, e quando acontecem, nas atividades extra-classe e não como matéria de ensino no currículo dos cursos de Educação Física, as pesquisas e as observações realizadas têm demonstrado que esta ideia praticada há quase um quarto de século atrás, e que eram, predominantemente, a ginástica, o futebol de salão, o voleibol e o basquetebol (PEREIRA DA COSTA, 1971).

CAPÍTULO 1

PROBLEMA, OBJETIVOS, QUESTÃO BÁSICA E METODOLOGIA

1.1. O PROBLEMA

A partir do PNED (Plano Nacional de Educação Física e Desportos, instituído em 1976, o governo brasileiro classificou a prática das atividades físicas e esportivas no País em três grandes áreas de atuação (PEREIRA DA COSTA et alii, 1981:21).

- Educação Física e Esporte Estudantil
- Esporte de Alto Nível
- Esporte de Massa

A justificar essa divisão, o governo preconizava para o primeiro caso a atividade desenvolvida nas escolas do 1º, do 2º e do 3º graus com a orientação de professores, currículos, instalações, equipamentos etc.; adotava oficialmente o esporte organizado com as suas regras, disciplina, orientação esportiva, instalações, estádios, equipamentos sofisticados etc.; oficializava as atividades recreativas, do ponto de vista da sua prática informal, de tempos livres ou como lazer.

Existem evidências de que tanto as atividades estudantis como os esportes de massa foram criados como sustentáculos do esporte de alto nível (termo criado por DIECKERT, 1974:31, para diferenciar os esportes de competição dos de lazer), pois a sua prática por todas as camadas da população constituiria a base de uma pirâmide, em cujo vértice deveria estar a elite esportiva nacional.

O fracasso dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos de Moscou e de Los Angeles, demonstrou que a simples massificação esportiva não resulta em medalhas e nem leva a população à prática esportiva continuada, fato que fez com que muitos professores, preocupados com o excessivo incentivo dado ao esporte de alto nível e com a conseqüente diminuição dos objetivos de formação e da prática continuada, vissem com bons olhos o aparecimento no país do movimento "Esporte para Todos".

Este movimento, que deveria estimular na população todos os tipos de práticas físicas, esportivas e recreativas, visando propostas de lazer, dos tempos livres e de outras, não desenvolveu porém, uma preocupação para uma prática continuada, por ser desenvolvida através de atividades eventuais, irregulares e voltadas para fins políticos, conforme se verá adiante.

Nas escolas do 1º e do 2º graus, as atividades recreativas, com as conotações de lazer, de tempos livres e outras semelhantes, aparecem incluídas, de um modo geral, e quando acontecem, nas atividades extra-classe e não como matéria de ensino no currículo dos cursos de Educação Física, as pesquisas e as observações realizadas têm demonstrado que esta idéia praticada há quase um quarto de século atrás, e que eram, predominantemente, a ginástica, o futebol de salão, o voleibol e o basquetebol (PEREIRA DA COSTA, 1971).

Assim sendo, a escola tem-se tornado, sobretudo nos últimos anos, uma mera reprodutora destes e de outros conteúdos, direcionados ou não para a prática dos esportes de alto nível.

Indaga-se então, qual a causa desse aparente desinteresse pela prática informal dos esportes? Falta um maior apoio por parte das autoridades esportivas? Ou faltam maiores esclarecimentos dessas autoridades? Ou será a falta de preparação dos professores de Educação Física que impede que a prática continuada seja incluída no conjunto dos conteúdos desenvolvidos na escola?

Por outro lado, se a prática esportiva continuada é, ou deveria ser, o cerne da preocupação de qualquer professor de Educação Física, porque razão não estimula essa prática nos seus alunos logo nos primeiros anos de escolaridade?

Desconhecendo a real dimensão da prática esportiva continuada por parte da população, na escola como prática metódica, bem como a relação entre a Educação Física Escolar e esta mesma prática e desejando conhecê-la, para, a partir daí, projetar perspectivas conducentes à sua efetivação, questiona-se:

- Os professores costumam proporcionar atividades voltadas para uma prática continuada nos seus currículos escolares, como alternativa aos outros esportes?
- Motivam os seus alunos para a prática esportiva continuada, quer na escola ou com a sua família, com os vizinhos, nos clubes ou outra instituição, quer orientando-os a continuar essa prática mesmo após a conclusão dos seus estudos?
- Ministram a iniciação esportiva através de esportes que não estão incluídos nas competições em que a escola participa?
- Nas suas festividades e comemorações importantes, incluem atividades recreativas, visando propostas de lazer e de tempos livres?
- Incluem essas atividades nos seus programas anuais ou bimestrais de Educação Física?
- Incluem nos seus programas, atividades extra-classe, extra-escolares e atividades na natureza?
- Celebram convênios com a comunidade para proporcionar aos seus alunos mais opções?
- Contatam a comunidade ou aceitam propostas de atividades conjuntas na área esportiva?
- Organizam atividades esportivas em que podem participar os alunos, os professores, as suas famílias e outros membros da comunidade?

A busca das respostas a estas e a outras questões será relevante neste trabalho para se poder conhecer a realidade existente nas escolas e a relação que mantêm com a comunidade. Com esta finalidade e também visando apresentar perspectivas para uma prática por parte da população onde a escola seja um centro de atividades físicas e de lazer e a Educação Física Escolar a formadora da mentalidade necessária, enuncia-se o seguinte problema:

O que falta à escola para desempenhar o seu papel na motivação e na conscientização para uma prática esportiva continuada da comunidade?

1.2. OBJETIVOS

Na busca das respostas ao problema delimitado e que levarão ao conhecimento da realidade existente nas escolas bem como a relação que mantêm com a comunidade, foram considerados os seguintes objetivos:

- Analisar a Educação Física desenvolvida nas escolas da rede estadual de ensino e comparar com a prática esportiva que é oferecida nas instituições da comunidade do Estado do Paraná.
- Sugerir às escolas novas perspectivas para a sua efetivação como pólos irradiadores de hábitos continuadas de prática esportiva pela comunidade.
- Estudar a Educação Física Escolar como fator de motivação para uma prática esportiva continuada.
- Analisar a opinião, a atitude e a motivação dos professores e alunos dessas escolas sobre a Educação Física Escolar, da sua relação com a comunidade e com a prática esportiva continuada e a dos dirigentes esportivos acerca da Educação Física Escolar e da influência que exerce na prática esportiva continuada da comunidade.
- Comparar a opinião a atitude e a motivação dos sujeitos desta pesquisa com relação à prática esportiva continuada, quando submetidos a duas coletas de dados, com um período de cinco anos de intervalo entre a primeira e a segunda.

1.3. QUESTÃO BÁSICA: A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA DA COMUNIDADE

Entendendo-se a escola como um centro irradiador de informações, de atividades e de hábitos da comunidade e devido à sua proximidade com esta, supõe-se que a função primordial da escola é a de conscientizar para as necessidades atuais e futuras da população, criando um espaço adequado para a prática educativa sobretudo no âmbito da Educação Física. Deveria, por esse motivo, relacionar-se intimamente com a comunidade, proporcionando e recebendo influências a fim de bem cumprir as suas funções de entidade pública.

Na conceituação da questão básica procurar-se-á levar em conta a prática de atividades físicas, esportivas e recreativas que é atualmente desenvolvida pela população, do ponto de vista do seu desenvolvimento regular e continuada. Como parte relevante na motivação da comunidade para a importância da prática destas atividades, será também levado em conta a influência do movimento "Esporte para Todos" no conceito de prática esportiva continuada. E, finalmente, a integração da escola neste processo.

De acordo com a proposta do estudo, com os objetivos e também visando apresentar perspectivas para uma prática da população, onde a escola seja um centro de

atividades físicas e de lazer e onde a Educação Física Escolar desempenhe um papel formador da mentalidade necessária, o presente trabalho vai procurar demonstrar:

Em que condições a educação física escolar poderá desempenhar um papel motivador e conscientizador da prática esportiva continuada da comunidade? Se a educação física desempenhar este papel haverá então uma prática esportiva continuada na comunidade

Para verificar esta hipótese foi suscitado um estudo empírico baseado num quadro conceitual do problema e do qual derivam os procedimentos teóricos e metodológicos que são apresentados a seguir.

2.1. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Embora tenha obtido a sua independência em 1822, a importância da oferta da Educação Física à população, só começou a preocupar as autoridades brasileiras a partir de 1851, apesar de, já em 1828, ter sido editado o primeiro livro sobre Educação Física (MARINHO, 1981:23). E porquê? Talvez porque já se forjavam nos corações brasileiros os ideais de uma República Brasileira e, para esta luta, necessitava-se um povo forte, objetivo que poderia ser alcançado através da prática da ginástica escolar.

Segundo VAN DALEN e BENNETH (1971), desta preocupação se originou a Lei nº 630, de 07/09/1851, que incluía oficialmente a ginástica no currículo das escolas primárias do país, prática que foi, quatro anos mais tarde, estendida também às escolas secundárias. Esta lei foi bastante contestada na época, mormente após esse programa ter sido estendido às moças.

Esta contestação se devia ao fato do esporte ser até então, prerrogativa da educação militar e também por não se admitir na época, que esta atividade pudesse ser exercida pelas mulheres (cuja função era a de se dedicar ao lar e não competir esportivamente, que era função só reservada aos homens). Devido a essa corrente contrária, somente em 1885 ocorreu a equiparação do professor de ginástica ao das restantes disciplinas (COLOMBO, 1961:4).

MARINHO (ibid 1981:29), afirma que havia naquela época, um grande interesse pelos jogos de pelota, da malha e da peteca, além do ciclismo, entre os esportes terrestres, além das provas de natação e dos regatas, no conjunto dos esportes náuticos. E que, até então, não existia nas escolas brasileiras a figura oficial do professor. Esta função só foi regulamentada em 1880, pelo Decreto nº 424, que inseriu a Educação Física (na época, ainda denominada de ginástica) nas escolas primárias.

CAPÍTULO 2

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE COMUNITÁRIO NO BRASIL

Estudos anteriormente realizados sobre o movimento "Esporte para Todos" falam acerca das origens, do início e das razões da existência da prática esportiva desenvolvida pela comunidade brasileira.

Meu desejo é, porém, ir mais além. Inspirando-me então, nos estudos de PEREIRA DA COSTA (1981; 1983; 1984; 1986, 1987 e 1988) e de DIECKERT (1978; 1982; 1984, 1985, 1987 E 1989) e de outros autores, que constituíram importantes contribuições para o desenvolvimento deste movimento no país e a partir de métodos bibliográficos, coletei informações (leis, decretos, etc.) que documentam a evolução desportiva do país, desde a ginástica dos tempos imperiais à Educação Física dos governos republicanos, até o esporte, importado, difundido e mesclado na cultura brasileira para chegar, finalmente, ao atual esporte comunitário.

Neste capítulo, farei uma síntese da evolução da Educação Física e da prática esportiva desenvolvida na comunidade, bem como da prática esportiva brasileira, do ponto de vista da sua organização e das instituições que a oferecem à comunidade.

2.1. A EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Embora tenha obtido a sua independência em 1822, a importância da oferta da Educação Física à população, só começou a preocupar as autoridades brasileiras a partir de 1851, apesar de, já em 1828, ter sido editado o primeiro livro sobre Educação Física (MARINHO, 1981:23). E porquê? Talvez porque já se forjavam nos corações brasileiros os ideais de uma República Brasileira e, para esta luta, necessitava-se um povo forte, objetivo que poderia ser alcançado através da prática da ginástica escolar.

Segundo VAN DALEN e BENNETH (1971), desta preocupação se originou a Lei nº 630, de 07/09/1851, que incluía oficialmente a ginástica no currículo das escolas primárias do país, prática que foi, quatro anos mais tarde, estendida também às escolas secundárias. Esta lei foi bastante contestada na época, mormente após esse programa ter sido estendido às moças.

Esta contestação se devia ao fato do esporte ser até então, prerrogativa da educação militar e também por não se admitir na época, que esta atividade pudesse ser exercida pelas mulheres (cuja função era a de se dedicar ao lar e não competir esportivamente, que era função só reservada aos homens). Devido a essa corrente contrária, somente em 1885 ocorreu a equiparação do professor de ginástica ao das restantes disciplinas (COLOMBO, 1961:4).

MARINHO (ibid 1981:29), afirma que havia naquela época, um grande interesse pelos jogos de pelota, da malha e da peteca, além do ciclismo, entre os esportes terrestres, além das provas de natação e das regatas, no conjunto dos esportes náuticos. E que, até então, não existia nas escolas brasileiras a figura oficial do professor. Esta função só foi regulamentada em 1880, pelo Decreto nº7.684, que inseriu a Educação Física (na época, ainda denominada de ginástica) nas quintas séries primárias.

No século passado, o fato mais importante para a Educação Física brasileira foi o Projeto nº 224, de 1882, da autoria de Ruy Barbosa, quando comentou no cap. 7 (MARINHO, 1952:47):

"... nós não pretendemos, com este projeto, formar acrobatas nem héracles, mas dotar a juventude de um vigor essencial ao equilíbrio da vida humana, à felicidade da alma à defesa da pátria e à dignidade da espécie."

Observa-se assim, o início de uma política favorável à Educação Física, embora pouco tenha sido feito nesse sentido pelas autoridades de então.

Enquanto isto, a prática esportiva comunitária acompanhava a tendência que vinha principalmente dos Estados Unidos, devido à sua influência cultural nos Países da Europa, e também devido à Portugal, de onde procedia a maioria dos imigrantes. Enquanto na escola pouco se fazia pelas atividades físico-motoras, na comunidade, ao contrário, esta prática se desenvolvia rapidamente. As correntes migratórias, principalmente a européia e a asiática, impulsionaram o esporte comunitário brasileiro introduzindo novos hábitos físicos e esportivos, tais como a ginástica e os esportes coletivos, introduzindo, então, na sua nomenclatura, a palavra esporte (AZEVEDO, 1920).

Tal fato originou um contraste: enquanto nas associações recém fundadas e graças à influência estrangeira, aumentava rapidamente a prática esportiva, era, por outro lado, lenta, a ação dos poderes públicos em favor da Educação Física. Foi graças a essas associações que se introduziu no país outros esportes tais como o futebol, a patinação, o rugby e o voleibol.

Neste período, foi notória no Brasil a pouca importância atribuída aos profissionais que ministravam a Educação Física no direcionamento das atividades esportivas. Além dos militares, essa prerrogativa era atribuída também aos médicos, fato que pôde ser observado em 1916, quando da criação de um serviço de inspeção médica escolar, que conferia ao médico, competência para dirigir a Educação Física Escolar (MARINHO, ibid 1952).

A ingerência dos médicos na Educação Física estava então regulamentada oficialmente, fato que subsistiria até meados deste século, quando se iniciou o processo de regulamentação da carreira do Professor de Educação Física e que, até o momento, ainda não foi alcançado.

Entretanto, diversos autores começaram a interessar-se pela Educação Física da comunidade. Caso de AZEVEDO (1920:181) que, em 1920, apresentou um projeto para a construção em São Paulo, da primeira Praça de Jogos Infantis.

A influência dos militares na Educação Física Brasileira, que foi marcante desde a nossa independência até o final da ditadura militar em 1964, ocasionou a criação de duas escolas de educação física militares: a Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo, fundada em 1909, com o seu primeiro curso iniciado em 1929 e a Escola de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro, em 1933. É também responsável pela introdução no País da palavra Educação Física em lugar da ginástica, ao substituir em 1921 o método alemão pelo francês e quando, calcando-se no método de HÉBERT, adaptado às teorias de JOINVILLE LEPONT, criou o "Regulamento de Instrução Militar" (MARINHO, op. cit.).

Por sua vez, a iniciativa privada foi, desde sempre, uma das grandes impulsionadoras do nosso esporte comunitário. A sua participação nas promoções esportivas se fez sentir desde a década de 20, sendo uma das mais importantes, a criação da corrida pedestre "São Silvestre", promovida pelo jornal "A Gazeta Esportiva", de São Paulo, em 1924 (BALLUZ FILHO, 1986:129), e que, para PEREIRA DA COSTA (1984), talvez seja a mais antiga competição do mundo realizada em via pública.

A emigração e os exemplos europeus e americanos iriam contribuir para outras iniciativas comunitárias. Inspirando-se em modelos alemães, FREDERICO GAELZER introduziu nas praças da cidade de Porto Alegre, em 1926, esportes como o voleibol, além de jogos e brincadeiras infantis, utilizando materiais adaptáveis e reutilizáveis, tais como pneus velhos e outros objetos (MARINHO, 1955). Este exemplo seria seguido mais tarde, em São Paulo e no Rio de Janeiro (GAELZER, 1975).

Em 1929, o ensino da Educação Física foi considerado obrigatório em todas as escolas do ensino secundário. Este acontecimento levou a que se promovesse uma intensa campanha entre os intelectuais brasileiros para a criação de uma Escola de Educação Física civil, mormente após a revolução de 30, o que viria a acontecer somente dez anos depois, no Rio de Janeiro (MARINHO, op. cit.). No ano seguinte, com a revolução militar que mergulharia o país numa ditadura, houve uma modificação na estrutura política brasileira, originando novos organismos esportivos.

Foi a partir daí, que o governo brasileiro começou a adotar determinadas atitudes acerca do esporte comunitário, devido à importância atribuída pelos novos governantes aos valores sociais e à saúde da população. Se anteriormente os governos eram apenas expectadores das ações populares, existem evidências de que esta revolução tenha levado o governo a refletir sobre a necessidade de um povo forte, mormente com a iminência da entrada do País na segunda guerra, e sendo a saúde e a prática esportiva, as armas poderosas para se atingir esse fim.

Devido a citada influência dos médicos na Educação Física, esta prática no âmbito escolar, era subordinada ao antigo Ministério da Educação e Saúde Pública. Procurando encontrar a razão da associação entre a Educação Física e os organismos responsáveis pela Saúde, chega-se a duas possíveis causas:

- ou devido à tendência dominante na época que preconizava uma educação do corpo e da mente, que teria dado origem ao termo "Educação ou Desenvolvimento Integral" e que é adotado até hoje por muitos professores de Educação Física.
- ou porque a Educação Física, como disciplina que tratava do corpo da criança, deveria ser da responsabilidade dos médicos, uma vez que eram esses os responsáveis pelos cuidados do corpo.

Paralelamente a esta situação, novas iniciativas foram fomentadas em prol da prática esportiva comunitária, destacando-se a organização das primeiras colônias de férias e a construção de novos locais para a prática esportiva da população (MARINHO, ibid 1981). Até 1940, não havia, oficialmente, o profissionalismo no esporte brasileiro.

Com o seu aparecimento no futebol e noutras modalidades, surgiram logo os primeiros problemas.

Como naquela época o Brasil vivia em ditadura, o profissionalismo, somado à liberalidade esportiva cuja legislação não sofria a interferência do Estado, evidenciava um fato contrastante: de um lado, a ordem dominante e do outro, a ordem esportiva.

QUADRO1. COMPARAÇÃO ENTRE A ORDEM DOMINANTE E A ORDEM ESPORTIVA NO BRASIL ATÉ O PERÍODO REVOLUCIONÁRIO

ORDEM DOMINANTE		ORDEM ESPORTIVA
- Intervenção e controle	X	Autonomia
- Oficialização das entidades	X	Iniciativa privada
- Aparentação da ordem	X	Poder estatutário
- Verticalização linear das funções	X	Pluralismo
- Harmonia	X	Conflito

Adaptado de MANHÃES, Claudio (1986:32)

É neste período que, visando disciplinar o esporte brasileiro, foi criado o CND (Conselho Nacional de Desportos), que manteve a mesma estrutura até o ano de 1985, quando, no governo José Sarney (sucessor de Tancredo Neves) foi implantada a Nova República.

O final da ditadura em 1945, pôs fim a este período e fez o Brasil reingressar num regime democrático, que durou até 1964, quando, devido a um novo golpe militar, o país voltou a um período ditatorial, que se prolongou até 1985, com um novo regresso à democracia.

O período que se seguiu à segunda guerra mundial, com a intensificação das necessidades sociais da população, foi básico para a criação do SESC (Serviço Social do Comércio) e do SESI (Serviço Social da Indústria, quando o governo procurou, com esta medida, incentivar no País a prática de inúmeras atividades básicas para a sociedade civil, dentre as quais uma educação profissionalizante, a cultura e as artes, incluindo-se aí, as esportivas (VAN DALEN e BENNETH, ibid 1971; MANHÃES, op. cit.).

As atividades esportivas somente viriam a ser apoiadas pelo governo em 1953, com a criação do MEC (Ministério da Educação e Cultura), quando este Ministério finalmente se emancipou do Ministério da Educação e Saúde, passando a ser o responsável pelo esporte no País. É a partir daí, que o governo entendeu também, que as verbas públicas, por si só, não bastavam para o desenvolvimento esportivo comunitário, e passando, a partir de 1957, a admitir no esporte (VAN DALEN e BENNETH, id, ibidem):

- o patrocínio comercial;
- a cobertura jornalística;

- a participação da comunidade;
- o intercâmbio entre os órgãos do governo e as empresas;
- e outros.

A transformação do "Departamento de Educação Física e Desportos" do MEC em "Secretaria de Educação Física e Desportos" e a introdução no Brasil da Loteria Esportiva, foram básicos para que novas promoções se somassem àquelas que estavam em desenvolvimento.

O esporte comunitário só receberia, porém, uma maior atenção das autoridades desportivas nacionais após a elaboração pelo governo, em 1969, do Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil (PEREIRA DA COSTA, 1971), que apontou estas e outras conclusões:

- existiam deficiências em termos de qualidade esportiva;
- somente 0,6% da população brasileira participava em atividades esportivas;
- o futebol representava cerca de 50% do conjunto das modalidades esportivas praticadas pela população do país.

Em decorrência deste diagnóstico, foi elaborado um Plano de Educação Física e Desportos para o país, para o período 1972/74 e em 1976, uma política destinada a mobilizar a opinião pública e que a levasse à prática esportiva, o PNED - Plano Nacional de Educação Física e Desportos (TEIXEIRA, 1986:14).

É nesta fase que se introduz no Brasil o movimento "Esporte para Todos", com a denominação de "Campanha Esporte para Todos" (PEREIRA DA COSTA, 1986:34).

Lançada por PEREIRA DA COSTA, TEIXEIRA e outros, em 1975, esta campanha conseguiu atingir, em dois anos de atividade, perto de dez milhões de participantes e treinou, através do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), cerca de 10.686 agentes voluntários, em 1855 municípios brasileiros e que, incluído na Lei nº 6251/75 e no PNED, aparece com o nome de esporte comunitário, conforme o seguinte artigo:

"Do Esporte Comunitário - Art. 11 - O Esporte Comunitário, amadorista ou profissional, sob a supervisão normativa e disciplinar do "Conselho Nacional de Desportos", abrange as atividades das associações, ligas, federações, confederações e do Comitê Olímpico Brasileiro, integrantes obrigatórios do Sistema Esportivo Nacional" (BRASIL, SEED-MEC, 1976:9)

Esta Lei, embora visasse atingir indivíduos, instituições, associações esportivas, ligas, federações e as confederações nacionais, tinha como finalidade principal o desenvolvimento no país dos esportes de alta competição e que o esporte comunitário deveria servir a esta finalidade. O já referido PNED confirmou a organização do Esporte Comunitário sob a denominação de "Desporto de Massa" e instituiu a seguinte divisão:

- Educação Física e Esporte Estudantil (englobando os esportes escolares e universitários).
- Esportes de massa.
- Esportes de alto nível.

Procurava-se então, estabelecer uma verdadeira identidade para a prática esportiva da comunidade. Por este motivo, era importante a sua inclusão como matéria de ensino dos cursos de Educação Física.

A introdução da disciplina "Prática Esportiva Permanente" nos currículos destes cursos, que deveria ser o colorário para a conscientização da comunidade para esta prática, ficou porém restrita a uma universidade particular do Rio de Janeiro. Este exemplo, que deveria ter sido seguido pelos restantes cursos de Educação Física e pelas escolas secundárias (principalmente pelas escolas públicas, até por ser dever do Estado levar esta prática à população como um todo), não teve continuidade em qualquer dos níveis de escolaridade, secundário ou no universitário

Assim sendo, o esporte comunitário ficou reduzido às promoções desenvolvidas pelos municípios, pelos estados, pelos agentes que haviam sido treinados em todo o país, através da "Campanha Esporte para Todos", bem como pelos voluntários da comunidade.

Em 1980, com a elaboração do Plano Setorial de Educação Física e Desporto, foi adotada a nomenclatura "Atividades Físicas e de Lazer", como sinônimo de esporte de massa (TAKAHASHI, 1984:2). Esperava-se que estas leis, a criação da Subsecretaria de Esportes para Todos (SUEPT), especialmente para atender àquele movimento, além de outras ações por parte do governo, provocasse na comunidade a consciência para a importância da prática esportiva.

Um estudo realizado em 1982, comprovou porém que, passados dez anos desde o diagnóstico de 1971, a situação pouco se tinha alterado, ao revelar que somente cerca de 0.64% da população brasileira praticava esportes regularmente (ibid TEIXEIRA, 1986:14).

Entendia-se, e entende-se até hoje, que somente as manifestações de impacto, por si só não seriam suficientes para levar a população brasileira a prática esportiva regular e continuada, tal como propunham os próprios objetivos do movimento "Esporte para Todos". Para que houvesse uma continuidade no processo de formação de uma mentalidade voltada para esse fim, era necessário que as pessoas fossem conscientizadas a partir da mais tenra idade; que a idéia da prática esportiva continuada fosse implantada nas escolas e que os futuros professores de Educação Física recebessem para isso uma formação voltada para os esportes comunitários.

Restringindo-se porém, a participações e a promoções isoladas de alguns professores motivados e desprovidas de uma política nacional de incentivo, as medidas adotadas neste período originaram um desestímulo dos verdadeiros responsáveis pela massificação esportiva do país: os professores de Educação Física.

A Política de Atividades Físicas adotada pelo governo brasileiro para o período compreendido entre 1986 e 1989, sancionado pela Lei Nº 7.486 de 1986 e denominado "Nova República", foi orientada no sentido de "concentrar os esforços políticos e materiais em estratégias visando assegurar benefícios e a participação da população, independente do seu talento" (TEIXEIRA, op. cit.). Partia das seguintes constatações:

"A Educação Física não participa na escola, como instrumento da Educação Geral e da formação do indivíduo. E não se insere nos seus currículos com essas finalidades. O Esporte Escolar não participado processo de formação do indivíduo, como prática

dirigida a toda a população escolar, pois trata essa população de forma elitizante para uns e discriminatória para outros."

A Educação Física, considerada a partir da necessidade de integrar a prática das atividades físico-motoras no processo Educativo, foi dividida em:

- Atividades físicas de formação
- Atividade física do tempo livre
- Atividade física do rendimento.

As atividades físicas de formação, deveriam ser organizadas em dois programas: Educação Física e Esporte Escolar. O primeiro, objetivava:

"...uma didática colocada sob a perspectiva da transformação social, que seja exercida por professores com formação adequada, construída a partir de resultados de pesquisas e de reflexões sobre a prática pedagógica, integrando as dimensões humanas, técnicas e político-social na escola..."

O segundo deveria ser entendido como:

"... instrumentos de formação do indivíduo, sendo proporcionado indistintamente a todos os integrantes da população escolar, reconceituando-se a sua organização e funcionamento, segundo os princípios já estabelecidos para a Educação Física Escolar, distinguindo-a do Esporte de Rendimento..."

Esta dualidade de abordagem em Educação Física, por um lado, e esporte, por outro, tornava as atividades esportivas praticadas pela comunidade como atividades físicas do tempo livre, as simplificadas ou as adaptadas aos contextos locais, de preferência aqueles que surgiam espontaneamente entre a população.

Nota-se assim, mais uma vez, a marginalização da prática esportiva comunitária, uma vez que, não sendo instituída, a sua prática deveria ser realizada "espontaneamente" e organizada pela própria população, sem a ingerência, mas também sem o apoio do governo.

A citada Política visava ainda, estimular as atividades físicas como meio de ocupação do tempo livre da população, sobretudo da periferia urbana e do meio rural, adotando-se para tal, uma articulação entre o Estado e a Sociedade. No aspecto escolar, visava dar prioridade à Educação Física e ao esporte, bem como a sua integração ao processo educacional, principalmente nas escolas destinadas à formação básica ou fundamental do aluno.

Falta-nos, entretanto, maiores informações acerca dos seus resultados. Julga-se porém, que para viabilizar um processo de mudanças, torna-se necessário um estudo mais profundo para conhecer a atual prática esportiva da comunidade e da escola para que, a partir desses dados, sejam sugeridas as medidas para redefinir a Educação Física Escolar, como um dos agentes dessas transformações.

Até o ano de 1990, observou-se uma tendência das autoridades esportivas em privilegiar o esporte de alto nível em detrimento das demais práticas. Embora se preconizasse a importância dos esportes de lazer, as ações, as verbas e a publicidade, foram sempre direcionadas para os esportes de rendimento.

Verifica-se ainda, que os próprios professores de Educação Física brasileiros acompanham esta tendência. E porque? Há duas hipóteses para responder a esta indagação.

Porque o esporte de alto nível é mais visível em termos de mídia e, também porque além de proporcionar um maior retorno político às autoridades constituídas, consegue até assegurar a supremacia de determinados grupos no poder.

Sendo o Brasil um país de dimensões continentais, a prática esportiva dos seus habitantes varia de região para região, sendo as características culturais e/ou regionais, além de outros fatores, determinantes da maior ou menor prática desta ou daquela atividade física ou modalidade esportiva, acompanhando as tendências provenientes principalmente dos Estados Unidos, o que nem sempre é seguido pela Educação Física.

A variedade de visões que se tem sobre o esporte nas diferentes regiões brasileiras, leva a que nenhum modelo subsista por muito tempo, mas que se adapte lentamente a essas características regionais. Com o aparecimento do movimento "Esporte para Todos", diversos autores têm demonstrado as diferenças entre o esporte de lazer e o de alto nível, podendo-se então deduzir, que ambas as vertentes têm as suas características peculiares, tornando-as importantes para os seus praticantes. Tal fato pode ser constatado pela diversificidade da literatura apresentada nas suas publicações e nos anais dos seus congressos.

Sabe-se que as mudanças frequentes na sociedade influenciam o comportamento humano e principalmente as atividades esportivas. Assim, para que se torne um hábito, é necessário que haja uma continuidade no processo de conscientização para a prática esportiva.

Quando da implantação no Brasil do movimento "Esporte para Todos", os seus adeptos supunham que os brasileiros não praticavam esportes devido a uma série de fatores tais como a falta de tempo, de oportunidade, de motivação, a timidez e outros.

Porém TUBINO et alli (1988:118), acrescentaram a estes, outros problemas bem mais graves, tais como: uma legislação esportiva ultrapassada; a falta de recursos financeiros; a insuficiência de recursos humanos; a carência de estudos sobre a realidade brasileira e até a ausência de um conceito de esportes para o Brasil, o que os levaram a propor uma série de medidas políticas para o esporte brasileiro, que não tiveram no entanto, a repercussão desejada pois uma nova Constituição entraria em vigor no ano seguinte.

O PNED (Plano Nacional de Desenvolvimento) e a Política Nacional de Educação Física e Desportos (PND) para o período de 1986/89 previam a necessidade de integrar a prática da Educação Física ao processo da Educação, considerando o esporte como fenômeno de mudança social e elemento definitivo no processo educativo e de ocupação do tempo livre. Talvez devido ao processo de mudanças na constituição brasileira ou por outros fatores, na prática, este plano não obteve os resultados que dele se esperavam.

No seu texto para a área desportiva, a nova Constituição Brasileira (1989:86), dispõe a Seção III, Artigo 217, que:



"É dever do Estado fomentar práticas esportivas formais e não-formais, como direito de cada um...; dar prioridade ao esporte educacional na liberação de recursos públicos; tratamento diferenciado para o esporte profissional e o não profissional; proteção e o incentivo às manifestações esportivas de criação nacional; e incentivar o lazer como forma de promoção social".

As alterações ocorridas na legislação brasileira a partir de então, a eleição de um novo governo e a conseqüente reavaliação e apresentação de novas propostas, criaram obstáculos para que o plano acima referido fosse efetivamente aplicado.

Entende-se entretanto que, se a prática de atividades físicas se torna cada vez mais desenvolvida na comunidade por uma parcela "esclarecida" da população, a escola deveria igualmente destinar parte do conteúdo da Educação Física Escolar com elemento de formação para a prática esportiva comunitária, de forma a que esta se torne um prolongamento da Educação Física Escolar e não uma alternativa.

Esperava-se, nesta altura, que nos anos noventa se possa vislumbrar a transformação da Educação Física Escolar em agente da conscientização para a criação de hábitos permanentes da prática de atividades físico-motoras. Decorridos já cinco anos, período em que ocorreram e continuam ocorrendo mudanças na organização esportiva nacional, ainda não se tem uma perspectiva sobre uma mudança efetiva no quadro que a seguir será apresentado sobre o sistema esportivo brasileiro.

2.2. O SISTEMA ESPORTIVO BRASILEIRO

O sistema esportivo brasileiro esteve, desde sempre, vinculado ao Ministério da Educação. Embora desde 1932, quando foi criado, outros ministérios tenham a ele se vinculado por força das diferentes políticas implantadas em nosso País, o esporte nacional vem sendo organizado e dirigido por diferentes organismos que têm sido criados pelos seus responsáveis ao longo dos anos.

Assim sendo, para analisar a Educação Física e o esporte brasileiro, enquanto instituição, torna-se necessário situar o seu estudo em dois momentos históricos: até 1990 e após 1990.

Até 1990, o sistema esportivo nacional era organizado por intermédio dos seguintes organismos:

- * O Ministério da Educação, através dos seguintes órgãos:
 - Departamento de Educação Física e Desportos (DED), que mais tarde foi transformado em Secretaria de Educação Física e Desportos (SEED)
 - Conselho Nacional de Desportos (CND)
 - Comitê Olímpico Brasileiro (COB)
- * O Estado Maior das Forças Armadas (EMFA), para as atividades do esporte militar, através dos seus órgãos próprios.

Na área escolar, a organização esportiva era desenvolvida por organismos afetos à SEED, que recebiam diferentes denominações e se destinavam a organizar o esporte escolar e o esporte comunitário. A Educação Física Escolar era, e é até hoje, uma atividade da alçada das secretarias estaduais de educação, que a integram nos currículos escolares e se responsabilizam pela contratação, pagamento dos salários e pelo controle dos professores de Educação Física.

Na área do esporte de competição, a organização esportiva do país era integrada pelos clubes e associações, pelas ligas, federações e confederações esportivas, assim definidos:

As Ligas Esportivas eram entidades que se formavam quando num município, dois ou mais clubes e/ou associações que praticavam uma mesma modalidade esportiva desejavam organizar as suas próprias competições. Para tanto, se filiavam às correspondentes federações. Estas, eram constituídas por clubes e associações que, no âmbito estadual, desejavam participar dos torneios e/ou campeonatos por elas organizados. A nível nacional, cada federação recebia das respectivas confederações, as diretrizes gerais do esporte que organizavam, e assim por diante.

Os clubes e as associações esportivas eram os centros onde os esportes seriam ensinados e praticados, podendo ser especializados ou ecléticos e dedicarem-se à prática dos esportes amadores, profissionais ou recreativos. Algumas escolas, organizações militares, entidades classistas e outras, podiam eventualmente possuir também estas características, quando constituíssem equipes de competição e estivessem inscritas em federações.

Até o citado ano, a Educação Física e os esportes no Brasil eram classificados em: esportes comunitários, esportes estudantis, esportes militares e esportes classistas, assim definidos na citada Lei nº 6251/75:

- ♦ **Esportes Comunitários** - Abrangiam todos os tipos de esportes praticados na comunidade, quer amador ou profissional e ainda as atividades físicas e esportivas desenvolvidas nos centros esportivos, nas praias, nas praças, nas ruas, nos bosques e em outros locais.
- ♦ **Esporte Estudantil** - Diferenciado da Educação Física Escolar que visava as atividades físicas de formação, o esporte estudantil tinha por finalidade desenvolver a prática do esporte de competição entre os estudantes dos três níveis de ensino, se dividindo em: Esporte Escolar e Esporte Universitário.

No nível secundário era denominado Esporte Escolar e estava vinculado tanto ao Sistema Esportivo Nacional como ao sistema educacional do país. Era organizado pela Secretaria de Educação Física do MEC (SEED/MEC), que se responsabilizava pela sua atuação em todos os estabelecimentos de ensino de 1º e de 2º graus, salvo nas escolas e nos estabelecimentos de ensino das forças armadas e das forças auxiliares.

O esporte universitário era organizado pelo Ministério da Educação que, após ouvir o Conselho Nacional de Desportos (CND), fixava as normas de funcionamento da Confederação Brasileira de Desportos Universitários (CBDU), entidade responsável pelos esportes universitários a nível nacional.

- ♦ **Esporte Militar** - Os esportes praticados pelas forças armadas dependem, ainda hoje, de setores especializados das três principais armas, a saber: a Comissão de Desportos da Marinha (CDM), a Comissão de Desportos do Exército (CDE) e a Comissão de Desportos da Aeronáutica (CDA), a cargo do Estado Maior das Forças Armadas (EMFA) e dos órgãos próprios das forças auxiliares (Polícia ou Brigada Militar e Corpo de Bombeiros).
- ♦ **Esporte Classista** - A partir da Deliberação nº 7/43, de 1943, do então Presidente Vargas e, mais tarde, da Lei 6251/75 (SEED/MEC, 1976:13), foi instituído o esporte classista. Nos seus artigos 36 a 40, dispunha que:

"seria desenvolvido nas empresas do comércio, da indústria e em outros ramos, visando a participação dos seus funcionários e dirigentes, em atividades recreativas e esportivas, e possibilitando a criação de centros nacionais e estaduais para o seu desenvolvimento. Essas participações se restringiam unicamente ao esporte amador, sendo proibida a sua participação no futebol profissional".

A referida Lei estimulava esta prática, por intermédio da Receita Federal do Brasil, que permitia às empresas aplicar, quando da declaração do Imposto de Renda, parte do seu rendimento bruto em atividades de fomento esportivo. Assim sendo, muitas delas apoiavam equipes de diferentes esportes ou desenvolviam as suas próprias agremiações.

Verifica-se assim, que antes de 1990, a organização esportiva no Brasil, compreendia a nível federal, as atividades supervisionadas pela SEED e pelo CND, com a SEED sendo responsável pelo esporte escolar e pela fiscalização das verbas atribuídas pelo governo federal às entidades que fazem parte do sistema esportivo nacional e sendo representada nos estados pelas secretarias de educação, de esportes ou por outros órgãos esportivos da área e nos municípios, pela secretarias ou por outros órgãos esportivos municipais e/ou as inspetorias(ou delegacias) de ensino.

O CND era em princípio a organismo normatizador e supervisor do esporte comunitário nacional, vinha tendo a função de disciplinar e de registrar as entidades que participam no esporte de competição, possuindo nos estados organismos (os CRD) que o representavam junto às federações, às ligas e às associações esportivas que praticam o esporte de competição, não possuindo órgãos representativos nos municípios e mantendo normalmente as suas sedes nas capitais dos estados ou dos territórios.

A função de organização do esporte comunitário tinha sido, até então, destinada à Subsecretaria do Esporte para Todos (SUEPT) e afeta à SEED. As representações militares possuíam a sua própria organização esportiva, exceto ao participar de competições cuja organização estivessem ao cargo das entidades civis, que as coordenavam.

Embora houvesse na SEED um organismo responsável pela Educação Física Escolar, esta função era pouco acionada, uma vez que as diretrizes para a sua aplicação nos estados eram estabelecidas pelos departamentos de Educação Física do 1º e 2º graus das secretarias de educação estaduais. Eram pois, marcantes as evidências em prol de uma priorização por parte da SEED ao Esporte Escolar, enquanto que o esporte

comunitário, após a destituição do regime militar foi quase que completamente paralisado.

Este fato nos leva a crer que o esporte comunitário havia sido pensado muito mais como forma ideológica de criar uma coesão social a favor daquele regime do que propriamente oferecer o esporte à população brasileira.

Assim sendo, a função de motivador da Educação Física, da formação esportiva ou da prática esportiva continuada estava praticamente restrita às escolas ou às universidades, muito embora não houvesse qualquer tipo de controle ou um plano nacional orientador.

Conquanto o Plano Nacional de Desenvolvimento - 1986/89 ainda estivesse em vigor, desconhecia-se qualquer proposta de fomento à prática esportiva continuada, sendo os professores de Educação Física que, a nível escolar e sempre quando o entendessem, procuravam motivar os seus alunos para esta finalidade. Como o movimento "Esporte para Todos" estava desestimulado, faltava no Brasil, no final deste período, uma política esportiva educacional que estimulasse uma maior prática esportiva da população, que contribuísse para uma melhor condição física da população e para a descoberta de novas vocações para o esporte.

Tornava-se pois, necessário e urgente, que as autoridades esportivas do país fossem sensibilizadas e que legislassem medidas que proporcionassem à Educação Física e ao Esporte Escolar condições para desempenhar um papel motivador da prática esportiva continuada.

A partir da Constituição de 1988, surgiram diversas propostas para a modificação da Educação Física e do Esporte Nacional, e entre elas, a do Deputado Aécio Borba, que propôs em finais de 1989, um Anteprojeto de Lei que visava fixar as bases do esporte nacional (BRASIL - Diário Oficial de 09/09/89).

Após o ano de 1990, com a posse do novo governo, as autoridades buscaram promover reformas com a finalidade de reestruturar o esporte brasileiro. Assim sendo, foi criada a Secretaria de Desportos da Presidência da República, desligando-se o esporte do Ministério da Educação com a extinção da SEED/MEC e incorporando o CND (BRASIL, SD/PR, 1990).

Acumulando também o cargo de Presidente do CND, o novo Secretário de Esportes da Presidência da República revogou a maioria das atribuições daquele Conselho que estavam ainda em vigor, algumas desde a sua criação em 1941. Planejou então um novo organograma que teria as seguintes divisões:

- Apresentou como órgãos colegiados, o CND, o Conselho de Administração do Fundo de Assistência ao Atleta Profissional.
- As suas atividades esportivas seriam agora organizadas pelo Departamento de Desporto Profissional e Não Profissional e pelo Departamento de Desporto das Pessoas Portadoras de Deficiências, com o primeiro tendo como áreas de atuação os esportes de rendimento, esporte para todos e esporte educacional, através de divisões próprias e trazendo como novidade a Divisão de Ciências do Desporto.

O novo secretário tentou então consubstanciar estas ações, apresentando um Anteprojeto de Lei (Secretaria de Desportos da Presidência da República (SED/PR - Resolução 03/90), denominado **Projeto Zico**, cujas normas sobre o esporte brasileiro, ao mesmo tempo em que no seu artigo 1º considera o resultado esportivo como objetivo

essencial, tem como princípios fundamentais, além de outros, o "incentivo ao lazer, sobretudo nas camadas mais desprotegidas " e um "tratamento prioritário à função educativa do esporte".

Propôs também, um novo Sistema Nacional de Esporte, englobando a SED/PR, o COB, as entidades de administração nacional dos desportos, as entidades de prática dos esportes com ou sem fins lucrativos e filiadas às entidades de administração acima mencionadas e outras organizações sem fins lucrativos e grupos pessoais, vinculados ou não às entidades de prática esportiva.

O referido anteprojeto de lei, ao mesmo tempo que suprimia as federações esportivas estaduais e o CND, outorgou aos estados a possibilidade de criar a sua própria organização esportiva, oficializou o esporte para deficientes e incorporou a ciência do esporte, mantendo porém, a Educação Física Escolar no Ministério da Educação e Desportos, nome atribuído ao novo ministério ao incorporar os esportes.

Estes projetos foram aprovados pelos órgãos legisladores do país em finais de 1993 e definiu os novos rumos da política brasileira referente à Educação Física Escolar e à prática esportiva da comunidade nos anos que se seguiriam.

Em 1995, com a eleição de um novo governo, foi novamente alterado este quadro com uma "divisão" do Ministério da Educação e dos Desportos, ficando a Educação Física e os esportes a cargo de um Ministério Extraordinário (o jogador de futebol Pelé foi então nomeado ministro), não se conhecendo até o momento, o teor das alterações mais significativas efetuadas pelo ministro recém nomeado.

Sabe-se porém, que no final de 1995, tramitava no governo o projeto do Deputado Eduardo Mascarenhas e o substitutivo do Deputado Maurício Requião, que dispunha sobre a **regulamentação do Profissional de Educação Física** e que, até aquela época, buscava o apoio dos profissionais daquela área para a sua aprovação (BRASIL - Câmara dos Deputados, 1995).

Neste mesmo ano, o Governo do Estado do Paraná, através da Divisão de Vigilância Sanitária da Secretaria de Estado da Saúde, lançava uma **Norma Técnica Especial (PARANÁ, S.E.S., 1995)** que, com a criação da Sociedade Paranaense de Educação Física e da qual o autor era então, o Vice-Presidente (PARANÁ, SOPEFI, 1995), **visava disciplinar a prática esportiva comunitária em todas as entidades, organizações, escolinhas, academias de ginásticas, de dança, de artes marciais e outros locais afins**, dando assim, mais um importante passo para a regulamentação desta prática e dessa profissão neste Estado.

2.3. A PRÁTICA ESPORTIVA COMUNITÁRIA

Comunidade é uma unidade feita pela integração ou participação de muitos (CANTARINO, 1976:56). No esporte essa unidade é representada por grupos que se formam aleatoriamente e que, mais tarde, tendem a se reunir em entidades que recebem diferentes denominações e que servem a diversas finalidades a partir de uma causa comum.

No Brasil, a prática de atividades físico-motoras se vem desenvolvendo desde o início do século por intermédio de uma série de organismo e instituições que as têm incentivado junto aos seus frequentadores.

É certo também, que os moradores da zona urbana das cidades nem sempre possuem adequadas instalações esportivas, espaços livres para a recreação e os esportes de lazer, áreas verdes e outras estruturas indispensáveis ao aperfeiçoamento das condições físicas. Esta condição é muito mais sentida pela população de baixa renda sempre às voltas com os problemas de satisfação das suas necessidades mais básicas de sobrevivência (CAVALCANTI (1984:2)

Nas grandes cidades muitos se mudam para o subúrbio à procura de maior espaço para o seu lazer. Aí, passam a parte mais significativas da sua vida e onde se reúnem em clubes, escolas, igrejas, praças, campinhos etc.(DIDONET, 1978:11). O sentido de vizinhança, o prolongamento da família através dos "compadres" e as brincadeiras nas ruas são hábitos que estão hoje desaparecendo devido a problemas tais como o trânsito e a violência urbana. Com o aumento das cidades, aumentaram também as distâncias, sendo hoje muito dificultado o deslocamento para visitas ou para a prática esportiva.

Assim sendo, se próximo à nossa casa não há um clube (e às vezes não é muito fácil se associar a um deles) ou um centro esportivo, fica muito difícil a prática de uma atividade física ou esportiva, principalmente por parte dos adultos, do sexo feminino e dos idosos. Daí a importância das atividades comunitárias, principalmente as esportivas.

Na década de setenta, e se espelhando nas grandes campanhas de arregimentação popular através do esporte, que vinham acontecendo na Europa, que ocorreram pela necessidade de soerguimento da sua população que ainda se ressentia dos problemas do pós-guerra, o governo militar brasileiro, ainda que com outras finalidades, criou a Lei nº 6251/75, que propunha a prática esportiva no âmbito da comunidade.

Esta Lei preconizava que, enquanto as escolas deveriam se responsabilizar pela criação de vocações e pela formação esportiva dos jovens, os clubes foram então, colocados como o centro gerador das atividades esportivas pois, segundo PEREIRA DA COSTA et alii, 1977:14), o país possuía naquele ano cerca de quarenta mil clubes e associações esportivas, o que deveria dar suporte àquela premissa.

A falta de apoio oficial e de recursos financeiros para as atividades de formação e de massificação esportiva impediu porém esse processo. Mesmo após a extinção do movimento Esporte para todos no Brasil, ocorrido ainda na década de setenta, o esporte comunitário continuou a ser desenvolvido por uma série de instituições que foram criadas com diferentes finalidades mas que, na sua maioria, oferecem também atividades esportivas à comunidade.

Entre essas organizações, destacam-se as seguintes:

- SESC - Serviço Social do Comércio
- SESI - Serviço Social da Indústria
- CSU - Centro Social Urbano
- APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
- AAD - Associações dos Amigos dos Deficientes
- CEC - Centros Esportivos Comunitários
- ACM - Associação Cristã de Moços
- PMs - Polícias e Brigadas Militares
- MM - Ministérios Militares, que incluem os do Exército, da Marinha e da Aeronáutica

- **CLUBES** - Sociais, esportivos, recreativos, culturais e outros
- **UNIVERSIDADES** - Públicas, particulares, religiosas e outras
- **ESCOLAS** - Públicas, particulares, religiosas, outras.
- **MOBRAL** - Movimento Brasileiro de Alfabetização (hoje extinto)
- **ENTIDADES CLASSISTAS** - De diferentes categorias
- **PROJETO RONDON**
- **SEEs** - Secretarias estaduais de esportes
- **SEMEs** - Secretarias municipais de esportes
- **FUNDAÇÕES** - Com diferentes finalidades
- **EMPRESAS** - Públicas e particulares, nacionais e multinacionais
- **ACADEMIAS** - Públicas e particulares
- **ESCOLINHAS** - De iniciação esportiva, de manutenção da condição física, estética, de ataque e defesa
- **OUTRAS**

Algumas dessas instituições surgiram a partir do século passado motivados pela emigração estrangeira. Outras, tais como a ACM (Associação Cristã de Moços), também de inspiração estrangeira, têm sido formadas desde o início do século. Outras ainda, surgiram após a década de trinta, no período revolucionário quando o governo proporcionou uma série de medidas sociais à população. Ao longo destas décadas, as principais finalidades têm sido geralmente políticas, sociais, esportivas e outras.

Grande parte delas surgiu a partir da década de setenta, com a divulgação no país do teste e do método criado por KENNETH COOPER (1970), e do movimento Esporte para Todos, quando o governo militar incentivou a massificação esportiva para proporcionar medalhas nos eventos internacionais e assim, promover um processo nacionalista que o legitimasse.

Hoje, embora em menor número, estes organismos e instituições continuam a ser criados, com as mais diferentes finalidades mas sobretudo, para atender aos muitos interesses capitalistas que hoje se somam às atividades físico- motoras.

O interesse econômico tem sido porém, bastante marcante nesta última década. Com este objetivo, diversas instituições têm condicionado a tendência esportiva atual da população para a prática de atividades físicas, desportivas e recreativas nos mais diversos locais públicos e privados, ao ar livre ou em recintos fechados. A partir de grandes campanhas publicitárias envolvendo toda a mídia, os praticantes são atraídos para esta prática através do chamamento do belo, do estético, da saúde, do social e de outras vantagens.

Estas instituições, além de outras que são criadas a todo momento, proporcionam uma variada gama de atividades físicas e esportivas à comunidade, oferta que evolui na medida em que a preferência esportiva da população vai se modificando.

Para este estudo, as principais atividades que elas desenvolvem são agrupadas em:

- (P) atividades permanentes ou regulares
- (Ev) atividades eventuais
- (Es) atividades especiais
- (Fo) atividades de formação
- (E) atividades recreativas

- (E) atividades esportivas
- (Et) atividades estéticas
- (A) atividades de apoio ao esporte

Esta distribuição acima consta do Quadro 2 a seguir

QUADRO 2. PRINCIPAIS ATIVIDADES OFERECIDAS PELAS INSTITUIÇÕES ESPORTIVAS BRASILEIRAS

INSTITUIÇÕES	A T I V I D A D E S							
	P	Ev	Es	Fo	R	E	Et	A
- PÚBLICAS	x	x	x	x	x	-	x	x
- SESC	x	x	x	x	x	-	x	-
- SESI	x	x	x	x	x	-	x	-
- CLUBES	x	x	x	-	x	x	x	-
- ESCOLAS	x	x	x	x	x	x	-	-
- UNIVERSIDADES	x	x	x	x	x	x	-	x
- ENTIDADES MILITARES	x	-	x	x	x	x	-	-
- CENTROS ESPORTIVOS	x	x	x	-	x	x	x	-
- CENTROS SOC. URBANOS	x	x	x	x	x	-	x	-
- APAE	x	x	x	x	x	-	-	-
- PROJETO RONDON	x	x	x	x	-	-	-	-
- A.C.M	x	x	x	x	x	x	x	-
- FUNDAÇÕES	x	x	x	x	x	-	-	x
- INSTITUIÇÕES RELIGIOSAS	x	x	x	x	-	-	-	-
- ACADEMIAS	x	-	x	x	x	x	x	x
- ESCOLINHAS ESPORTIVAS	x	x	x	x	x	x	-	-

Estas atividades, com características próprias, podem ser assim definidas:

- * **Permanentes ou regulares (P)** - São oferecidas regularmente pelas instituições, através de um calendário próprio, que pode ser modificado em conformidade com as tendências dos freqüentadores, da sua diretoria, da política ou das pesquisas de opinião.
- * **Eventuais (Ev)** - São as promoções destinadas a angariar novos associados para a instituição e aumentar o número de participantes nas atividades regulares e a motivar a prática oferecida.
- * **Especiais (Es)** - São as promovidas para suprir as necessidades dos freqüentadores, divulgar a instituição ou as atividades desenvolvidas por motivos políticos das suas

diretorias. Incluem congressos, palestras, seminários, cursos e outras atividades sugeridas ou solicitadas.

- * **De formação ou pedagógica (fo)** - São as aulas e as atividades extras desenvolvidas pelos estabelecimentos de ensino.
- * **Recreativas (R)** - Incluem todas as atividades afetas à recreação, ao lazer e aos tempos livres.
- * **Esportivas (E)** - Englobam as atividades ligadas ao treinamento, às competições amadoras ou profissionais, do esporte escolar ou do alto nível, que promovem ou nas quais participam.
- * **Estética (Et)** - São as atividades oferecidas para suprir as necessidades estéticas, de postura ou outra, ligada à área da saúde e da condição física.
- * **De apoio (A)** - Compreendem as ações desenvolvidas pelas instituições que promovem ou apoiam as atividades esportivas realizadas pelas instituições comunitárias.

Como se pôde observar no presente capítulo, muitas são as instituições que proporcionam a prática esportiva à população brasileira, desta ou daquela forma, método ou particularidade. Além das abordadas, outras poderiam ser incluídas neste rol, das quais se citam:

- Lar escolas
- Asilos
- Creches e pré-escolas
- LBA (Legião Brasileira de Assistência (Extinta no governo FHC)
- Hospitais, casas de saúde e de repouso
- Casas de correção
- Entidades de serviço como o Rotary e o Lyons Clube
- Grupos de escoteiros, de ambos os sexos
- Associações comunitárias de bairros
- Entidades classistas, Empresas
- Hotéis de turismo e termas
- E muitas outras

Todas elas oferecem variadas atividades físicas, esportivas e recreativas, praticadas sob as formas amadoras ou profissionais, com diversas finalidades e em diferentes momentos, tais como o treinamento, a recreação, o lazer, o ensino e outras formas de atuação. Com uma oferta tão grande, seria praticamente impossível analisar todas as instituições ou formas de aplicação esportiva desenvolvidas no país. Continuamente, diferentes entidades são criadas ou então as já existentes se transformam para oferecer novas atividades físico-esportivas aos seus freqüentadores.

Neste capítulo, pretendeu-se demonstrar que, além da escola e dos clubes, muitos são os locais e as instituições onde atualmente a população brasileira (infelizmente, somente uma parte privilegiada dela) costuma praticar esportes. Em todos eles, procurou-se verificar o tipo de relacionamento que mantêm com as escolas ou com a comunidade circunvizinha, inicialmente com um relato histórico da evolução da Educação Física e do esporte comunitário para, posteriormente, relatar as suas origens, desde a independência em 1822, até os dias atuais.

Em termos do esporte enquanto instituição, estudou-se os principais organismos federais, tais como a SEED, o CND, as confederações e o Comitê Olímpico Brasileiro. Verificou-se a existência de organismos oficiais que, a nível estadual, regional e municipal, se relacionam com aqueles organismos, constituindo o sistema esportivo nacional, não só apoiando, como também, proporcionando atividades físicas, esportivas e recreativas à população, sob a forma competitiva ou de lazer.

No âmbito da comunidade, demonstrou-se que a oferta dessas atividades são muito diversificadas, quer a nível das organizações esportivas como as recreativas e as sociais, além das eminentemente comerciais.

Os dados evidenciaram também que, a partir da década de setenta, levado por razões políticas, industriais, comerciais, sociais e por outros interesses que nem sempre os esportivos, multiplicou-se geometricamente a oferta de locais e de instituições para a prática esportiva comunitária, possibilitando um aumento considerável das pessoas que passaram a praticar as atividades físico-esportivas.

Por serem praticamente inexistentes as pesquisas relatando a sua maior ou menor oferta à população, não se pode afirmar se estão efetivamente cobrindo todas as camadas sociais da população ou se esta oferta é suficiente. E porque? Os únicos dados oficiais (a pesquisa de PEREIRA DA COSTA, op. cit., em 1971 e outra realizada pela SEED/MEC, em 1982), referem-se as associações cadastradas nos conselhos regionais de esportes, que não representam uma maioria entre as associações existentes no país.

Estima-se que hoje a grande maioria das entidades, associações, empresas, organismos ou outra forma de instituição existente no país, proporcionam atividades físicas e/ou esportivas aos seus associados, funcionários e/ou freqüentadores.

Devido porém, a não existência de dados quantitativos concretos sobre a oferta dessa prática à população, pretende-se, a partir do capítulo cinco, conhecer a opinião dos dirigentes dos principais tipos de organizações comunitárias sobre a prática esportiva que oferecem e também dos professores de Educação Física e dos alunos da rede pública de ensino, para tentar estabelecer a possível relação entre a prática esportiva da comunidade e a atual Educação Física ministrada pelas escolas.

passando ao inglês "sport", que designa competição, evoluindo posteriormente, para atividades físicas, até que no início deste século integrou a noção de "lazer livre", passando a designar-se competição institucionalizada e de alto nível (MELLO DE CARVALHO, 1987:25).

A integração do esporte na comunidade veio consolidar-se a partir de sua adoção nas aulas de Educação Física, nas escolas, nos clubes (como integrante importante das práticas lá desenvolvíveis sob as formas de atividades competitivas e recreativas), como também nos centros recreativos e em outros locais.

Estas e outras razões podem estar no porquê da denominação "atividade esportiva" simbolizar, até hoje, para muitos, a prática de qualquer atividade física, esportiva ou recreativa.

CAPÍTULO 3

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA

A escola como centro irradiador de informações, de atividades e de hábitos na comunidade que a rodeia, deveria ter como função primordial, conscientizar a população, sobre a necessidade de uma prática esportiva continuada. Entende-se que relacionamento íntimo com a comunidade poderia proporcionar a concretização destes objetivos.

Assim sendo, importa caracterizar a Educação Física Escolar, em função das suas próprias características e da influência que exerce junto à comunidade, bem como analisar a prática esportiva desenvolvida regularmente pela população, a fim de que seja possível estabelecer o papel que a escola desempenha neste processo.

3.1. A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Em 1693, John Locke utilizou pela primeira vez a expressão Educação Física para distingui-la da educação intelectual. A partir daí, a importância que lhe foi atribuída pela sociedade suscitou uma série de teorias, emanadas de outras ciências, para explicar este fenômeno (DGD -Diretoria Geral de Desportos de Portugal, s/d).

Através dos anos, a Educação Física tem sido estudada a partir de diferentes pontos de vista. Para alguns autores como TEIXEIRA NEVES et alii (1981:14), a Educação Física sempre considerou uma determinada filosofia do corpo, um complexo ideológico e uma cultura física adequada às características sociais e às tradições da sociedade. A relação esporte/comunidade/escola tem sido reforçada ao incorporar no cotidiano de todos,, inúmeros termos utilizados na prática de atividades físicas por diferentes segmentos da população.

Assim, por exemplo, a palavra jogo quer dizer disputa, embate dinâmico de uma idéia com a outra; a palavra "ludus" significa simultaneamente jogo e escola: "ludi magister" era o mestre-escola; palestra, era na antigüidade, o espaço onde se realizavam exercícios gímnicos; palestrar, significava lutar utilizando as suas idéias, além de outros significados (TEOTÔNIO LIMA, 1987).

Por sua vez, o termo esporte seria originário do francês "desport" (divertir-se), passando ao inglês "sport", que designa combate, evoluindo posteriormente, para atividades físicas, até que no início deste século integrou a noção de "tempo livre", passando a designar-se competição institucionalizada e de alto nível (MELO DE CARVALHO, 1987:25).

A integração do esporte na comunidade veio consolidar-se a partir da sua adoção nas aulas de Educação Física, nas escolas, nos clubes (como integrante importante das práticas lá desenvolvidas sob as formas de atividades competitivas e recreativas), como também nos centros recreativos e em outros locais.

Estas e outras razões podem estar no porquê da denominação "atividade esportiva" simbolizar, até hoje, para muitos, a prática de qualquer atividade física, esportiva ou recreativa.

Nas últimas décadas, a difusão da prática de atividades físico-motoras pela população, acarretou transformações na terminologia utilizada, tendo muitos autores adotado a denominação "cultura do corpo e de movimentos" como sinônimo da importância atribuída a esta prática. Esta terminologia atingiu o seu ponto culminante com o aparecimento do esporte como prática disseminada em todos os quadrantes da sociedade, tendo sido incorporada aos aspectos educacionais e/ou culturais de todos os países.

3.1.1 - As teorias da Educação e da Educação Física que a influenciam

A Educação Física vem buscando a sua própria identidade, sem perder a conotação de Educação. No seu processo de desenvolvimento, a Educação Física tem absorvido as mais diferentes características dentro dos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, compreendendo os domínios cognitivo, afetivo e psicomotor e constituindo-se num elemento indissociável da Educação.

Ao longo dos anos, a Educação Física tem se apoiado em inúmeras teorias oriundas da Educação ou das principais correntes filosóficas mundiais. Algumas delas têm desempenhado relevante papel ao estimular os seus autores a buscar nas teorias da Educação, a formulação das teorias que têm dado suporte ao estudo da Educação Física.

É o caso de FARIA JUNIOR (1981:16), que conceitua a Educação, como "o processo de crescimento e desenvolvimento pelo qual o indivíduo assimila um corpo de conhecimentos, demarca os seus ideais e aprimora a sua habilidade no trato dos conhecimentos para a consecução daqueles ideais".

Ou então, de SAAVEDRA (1988:19), para quem, "a Educação é todo o processo que permite a transformação das potencialidades reais do homem em capacidades integrais em ordem à sua integração dialética na sociedade".

Dentre as principais teorias que deram suporte à Educação Física, destacam-se como principais as biológicas, voltadas para a sobrevivência na sociedade, o trabalho, o lazer, a higiene, e outras: as psicológicas, onde predominam os aspectos raciocínio, caráter, moral, ética, afetividade, prevenção da agressividade e outras, e as sociais, dirigidas para a vida na sociedade e para onde deveria derivar toda a educação (SOBRAL, *ibid* 1981).

FERMOSO (1982), refere que as teorias da Educação têm acompanhado as diferentes correntes filosóficas mundiais, destacando-se as seguintes: idealismo, realismo, perenealismo, socialismo, marxismo, experimentalismo, naturalismo, pedagogia não diretiva e liberalismo. Para este autor, a Educação Física tem também acompanhado algumas destas tendências, das quais destacam-se as seguintes:

- **A teoria naturalista**, proposta por ROSSEAU, trata o homem como um ser natural. Dela, são aproveitadas pela Educação Física algumas idéias oriundas da obra "Emílio", destacando-se: a criança não é um pequeno adulto, mas um ser em desenvolvimento; a educação deve se adequar às suas características psicológicas próprias de cada idade; há três classes de educação: a da natureza, a dos homens, e a das coisas; o processo educativo se dá em três estágios: fortalecimento do corpo através de exercícios, disciplina da razão e acesso ao transcendental que é

incompreensível para a nossa inteligência. Propõe ainda, que a evolução da criança é feita por etapas do desenvolvimento psíquico e que, conseqüentemente, as fases da Educação deveriam ser dirigidas em função dessas etapas (SAAVEDRA, op. cit:21).

- O **pragmatismo**, segundo a concepção de DEWEY, compreende o sistema denominado "progressista", segundo o qual a Educação deve ser ativa e relacionada aos interesses das crianças; o aprendizado através das soluções de problemas deve substituir a transmissão dos conteúdos; a educação deve ser para a vida e não a simples preparação para ela; o papel do professor não é o de dirigir mas sim o de assessorar.
- A **pedagogia não diretiva**, inspirada nas idéias de CARL ROGERS (1973), preconiza que o homem é um ser livre, que se autorrealiza e se autoplanifica dentro do grupo sócio-político que convive. O homem é um ser que só consegue a sua verdadeira identidade quando se insere num grupo e assimila os seus ideais políticos. A não diretividade do professor é outra das características desta teoria, onde as resoluções são tomadas pelos alunos, que são os únicos responsáveis pelo ambiente escolar e pela organização institucional.

Estas duas últimas teorias, além de outras, parecem ter inspirado MOSSTON (1966) e MOSSTON e ASHWORTH (1986) a formularem a **teoria dos espectros dos estilos de ensino**, que propõe um ensino baseado numa evolução que se inicia no estilo do comando e vai até a descoberta.

FERMOSO (ibid, 1982), destaca a **educação libertadora**, que tem como principal defensor PAULO FREIRE e que apresenta três finalidades principais: evitar a servidão, potenciar as possibilidades do educando e orientar o aluno para os valores dignos do homem.

Deve-se realçar também, as teorias voltadas para o ensino sob a forma de atividades práticas, tais como a de Comenius, na "Didática Magna", (que divide em Matética, Sistemática e Metódica) menciona a necessidade de "ensinar tudo a todos, porém adequando o ensino em função do aluno, das metas de ensino e do método", ou como Herbart, ao declarar que "... no ensino da pedagogia a teoria não basta, são precisos exercícios práticos" (LEON, 1983:83).

ALBUQUERQUE e VISALTERGHI (1982:815) e VIAL e MIALARET (1983:219), citam ainda, a teoria da utilização dos próprios alunos como auxiliares do ensino, que foi criado na Inglaterra no final do século XVIII, através do "Método Lancaster", sistema monitorial e que visava alfabetizar o maior número possível de alunos com menores despesas e num tempo mais curto. A sua grande importância foi a de contribuir para uma revolução na Educação Física ao aproveitar os alunos na organização dos jogos esportivos.

Os autores acima preconizam que esta teoria parece ter contribuído para uma revolução na Educação Física ao aproveitar os alunos na organização de jogos esportivos. Para estes autores, o clérigo THOMAS ARNOLD, um dos precursores da Educação Física Escolar foi um dos pioneiros desta teoria ao estabelecer as regras em que os clubes escolares eram dirigidos pelos próprios alunos enquanto os professores se limitavam a ensinar e a aconselhar. Sua premissa era a de que a juventude forma a sua

própria virilidade com os materiais que dispõe e, em nenhum momento, ninguém pode formá-la melhor do que eles mesmos (LE FLOCHMOAN, 1965:94).

Nas últimas décadas, e a partir de teorias como a de ROGERS (1973), que propõe um ensino centrado no aluno e onde o mesmo é o sujeito do processo educativo e não mais só o professor, a Educação Física começou a discutir a divisão entre o ensino voltado para o aspecto competitivo e para o aspecto educativo.

Diversos outros exemplos podem ser observados ainda em outros autores, tais como VOLTAIRE, que afirmava que "o que é necessário para ser feliz é ter um corpo de atleta e um espírito prudente; no já citado ROUSSEAU, ao preconizar que esta prática deveria ser estendida também às crianças; em BASEDOW, para quem a educação corporal deveria ser ministrada juntamente com as disciplinas intelectuais; em PESTALOZZI, que adotou algumas das propostas do "Emílio", de Rousseau; em GUTHSMUTHS, que no manual "Gymnastik" preconizava uma educação completa, deixando muito espaço para os exercícios físicos; em JAHN, que na obra "Deutsches Volksturn", preconizava a ginástica como elemento da formação de uma juventude forte, inteiramente voltada ao serviço do Estado; ou em LING, cuja "Ginástica Sueca" propunha uma cultura física voltada para a saúde.

A importância das teorias da motivação na Educação Física (termo que só neste século apareceu nas nomenclaturas), tem sido destacada a partir de AMOROS, ao afirmar que "todo estudo é por si mesmo desagradável às crianças se não tiver nenhum atrativo". Seus princípios foram adotados por diversos seguidores, tais como HERBERT, que viria a criar o Método Natural e DEMÉNY, que iniciou o estudo da mecânica do movimento (FERMOSO, *ibid* 1982:141).

A Educação Física Infantil é um pressuposto que tem sido defendido a partir das concepções de ROUSSEAU, RABELAIS, PESTALOZZI, HERBART e outros, sendo fortalecido por FROEBEL, o criador dos "Kindergarten" (MAZZEI e TEIXEIRA, 1967:57), que desenvolveu uma concepção da recreação como elemento capaz de satisfazer as suas necessidades de movimentação.

No Brasil, o ensino da Educação Física tem sido influenciado por diversas concepções, que pouco têm mudado através dos anos. Até boa parte deste século, a concepção dominante era a preocupação pela saúde do corpo, teoria proveniente do século XVIII, através do alemão BASEDOW e dos seus companheiros do filantropismo, tais como GUTHSMUTHS, cujo princípio era: "Dedicar o maior cuidado à cultura física, fundamento indispensável da cultura do espírito rito" (DED/MEC, 1977:7).

Outra preocupação tem sido até hoje por uma "educação integral", onde, paralelamente à formação do corpo, deve-se também educar, utilizando-se para isso os momentos dentro e fora da escola, através dos conteúdos esportivos, recreativos, de higiene, de alimentação, tanto nas aulas ao ar livre como nas teóricas.

O movimento "Esporte para Todos" brasileiro proporcionou a oportunidade para que diversos autores, a partir da década de setenta, discutissem esses rumos e procurassem reconceituar a Educação Física então adotada no país. Dos estudos efetuados nos últimos anos destacam-se a concepção pedagógica, a concepção humanística e a concepção progressista.

Estudando as tendências pedagógicas adotadas no Brasil, LIBÂNEO (1985), as agrupa em duas teorias principais: a teoria liberal e a teoria progressista. Na primeira, sugere que a escola tem a função de preparar o indivíduo para exercer papéis sociais, de acordo com as suas aptidões individuais. Assim sendo, as pessoas devem

adaptar-se aos valores e às normas vigentes na sociedade de classes, através do desenvolvimento da cultura individual.

A segunda, parte de uma análise crítica da realidade social e sustenta implicitamente as finalidades sócio-políticas da educação. Evidencia-se assim uma concepção social, que atualmente é seguida por boa parte dos professores de Educação Física, bem como tem sido incentivada pelas autoridades educacionais.

Outras abordagens têm sido também veiculadas por diversos outros estudiosos da Educação Física, alguns acrescentando e outros modificando as teorias anteriormente citadas.

Assim, PEREIRA (1960), divide a Educação Física contemporânea em períodos, apresentando nove orientações pedagógicas durante o século XX, estudando três mais pormenorizadamente, dada a sua importância para a formação da juventude: a concepção utilitária e social, a concepção biológica e a concepção global e pedagógica.

Nas últimas décadas, e a partir de teorias tais como a de ROGERS (1973) e a HEINER HILDEBRANT (1993), que propõem um ensino mais aberto, com maior liberdade e centrado no aluno e onde o mesmo é o sujeito do processo educativo e não mais só o professor, a Educação Física começa a discutir a divisão entre o ensino voltado para o aspecto competitivo e para o aspecto educativo, deixando de lado a concepção tecnicista para se voltar para os ideais educacionais.

São também bastante considerados, autores tais como MONTESSORI, que com os seus albergues infantis, defendeu os direitos da criança; S. NEIL, com a sua "Educação para a liberdade", que era contrário ao autoritarismo na educação e ELLEN KEITH, pelo seu livro "O século da infância" (GIRALDES, 1972).

Verifica-se então que, ao adotar essas concepções, os professores de Educação Física tendem muito mais para a educação do que para o físico. Na presente década, esta tendência tem predominado entre os profissionais desta classe.

No estudo da Educação Física Escolar, tem-se observado porém, que as tendências que surgem através dos tempos são desenvolvidas durante um determinado período pela maioria das escolas, sendo abandonadas logo que surge uma nova concepção, fato este que permite efetuar uma comparação entre a evolução de alguns desses aspectos da educação e as diferentes funções que a Educação Física pode desempenhar na Escola.

Evidencia-se assim que, em sua evolução, a Educação Física tem sido concebida das seguintes formas:

- como um aspecto da Educação;
- como atividade física voltada para o corpo e para o espírito;
- como recreação, lazer, bem estar e preenchimento dos tempos livres;
- como atividade voltada para os desportos de competição;
- como atividade preventiva, reabilitadora e recuperadora de problemas físicos, psicológicos,
- mentais e sociais;
- como incentivadora da arte e da cultura; e, finalmente, é hoje encarada
- como uma disciplina voltada para os aspectos do homem enquanto ser atuante no meio e no ambiente em que vive.

QUADRO 3. COMPARAÇÃO ENTRE A EVOLUÇÃO DE ALGUNS DOS ASPECTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA E AS SUAS POSSÍVEIS ÁREAS DE ABRANGÊNCIA NA ESCOLA

ASPECTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	ÁREAS DE ABRANGÊNCIA
1. A Educação Física como Educação	1. O desenvolvimento intelectual
2. A ginástica p/ o corpo/espírito	2. A saúde e a aptidão física
3. A recreação - o jogo	3. O lazer e o bem-estar pessoal
4. O esporte	4. As atividades esportivas
5. A psicomotricidade	5. A Educação psicomotora e a reabilitação física e mental
6. A cultura corporal	6. A Educação Física como cultura
7. A Educação Física como elemento socializante	7. A Educação Física integral

Nesta perspectiva, todos esses aspectos, que são desenvolvidos pela população, em maior ou menor grau, em diferentes situações, locais e momentos, e que em síntese, constitui a prática esportiva popular, deveriam ser também oferecidos na escola pela disciplina Educação Física. Esta oferta, que seguiria os acontecimentos que se vem desenrolando na comunidade, proporcionaria a condição física necessária e uma preparação efetiva do aluno para realizar as diferentes tarefas que o espera ao assumir o seu papel na sociedade.

Uma síntese destes aspectos e da forma com que são desenvolvidos pela comunidade, permite efetuar as seguintes considerações:

- **Desenvolvimento intelectual:** não é um aspecto muito evidenciado na Educação Física Escolar; os professores costumam optar por conteúdos práticos; é, contudo, alvo de inúmeros estudos que revelam a sua importância como complemento ou como auxiliar no ensino de outras disciplinas, tais como a alfabetização ou a matemática (SILVA, SILVA E WROBEL, 1984).
- **Saúde e bem-estar pessoal:** constitui um dos conteúdos mais utilizados pelos professores que lecionam para turmas de 1ª à 4ª séries de escolaridade, diminuindo no entanto a sua oferta, à medida em que o aluno avança na sua escolaridade.
- **Atividades esportivas:** é o conteúdo mais ministrado pelos professores de Educação Física, predominando em praticamente todos os níveis de ensino e faixas etárias.
- **Educação Psicomotora e reabilitação físico-mental:** o primeiro aspecto constitui a base do ensino das turmas de 1ª e 4ª séries de escolaridade, enquanto que o segundo, praticamente inexistente na Educação Física Escolar, sendo desenvolvido nas associações ou nas instituições especialmente criadas para este fim.

- **Educação Física como cultura:** a cultura, assim como a arte, é outro aspecto raramente desenvolvido pela Educação Física, salvo nas atividades conjuntas com outras disciplinas ou em ocasiões festivas da escola (festa junina, semana do folclore, p.ex.), não sendo no entanto, costumeiramente ministradas como conteúdo de ensino.
- **A Educação Física integral:** este aspecto teve, até a década de setenta, uma conotação de "educar o físico e a mente". Muito embora fosse um dos objetivos mais citados nos planos de ensino, não constituía um conteúdo desenvolvido de forma teórica; na parte prática era ministrado quase que somente sob a forma de atividades esportivas.

Nas duas últimas décadas, a corrente "progressista" da Educação Física tem estudado a Educação Física como um elemento de socialização do homem e não somente como uma simples prática física. Para isso, adotou terminologias adequadas para estes "novos" conceitos.

Observa-se assim que, todos estes aspectos, além de outros, muitas vezes citados com enfoques e conteúdos diferenciados, constituem elementos importantes da Educação Física e que, muito embora não sejam constantemente ministrados pelos professores desta disciplina, são, por outro lado, desenvolvidos pela comunidade, em diferentes situações, locais e momentos. Considera-se que, se fossem oferecidos regularmente pela Educação Física Escolar, oportunizaria uma preparação efetiva do aluno para realizar as diferentes tarefas que o esperam ao assumir o seu papel na sociedade.

Nesta perspectiva, as constantes mutações nos interesses e nas necessidades da população, influem para que novas teorias sejam sugeridas a todo momento e predispondo para que a Educação Física modifique o seu ensino, na medida em que esses interesses e essas necessidades sejam comuns a todos os segmentos da comunidade.

3.1.2- O ensino da Educação Física

A Educação Física Escolar tem recebido, sobretudo nos últimos anos, as mais diferentes denominações, de acordo com a interpretação ou interesse que suscita.

Em diferentes países, autores como MELO DE CARVALHO (1978), DUMAZEDIER (1984), DIECKERT (1984 e 1985), SANTIN (1987), CRUM (1988), TREBELS (1988), e outros, têm afirmado que a prática desportiva, nas suas diferentes aplicações, faz parte de uma verdadeira cultura, onde o corpo e o movimento desempenham um papel fundamental.

Porém, autores brasileiros como CAVALCANTI (1981 e 1984), CARMO (1985), MEDINA (1983 e 1985), COSTA PEREIRA (1984), BRACHT (1986), COSTA (1987), LOPES (1987), GHIRALDELLI (1988), CASTELLANI (1989), e outros, afirmam que a Educação Física atualmente desenvolvida no país, seria unicamente reprodutora de conteúdos militaristas ou tecnicistas, praticados desde há muitos anos pela classe social dominante.

Enquanto os autores divergem sobre os diferentes papéis da Educação Física, as atividades físicas, esportivas e recreativas praticadas na comunidade, motivadas

pelo interesse da indústria, do comércio e de outros personagens, além de inúmeros outros fatores, são alvo de uma intensa divulgação promovida pela mídia, fazendo com que para alguns praticantes, o interesse pela manutenção ou melhoria da sua condição física se transforme, mais do que na prática de uma atividade física, numa verdadeira idolatria do corpo ou "corpolatia" (CODO e SENE, 1986).

A investigação, até então realizada empiricamente no Brasil, revelou que, enquanto a diversidade de oferta de atividades possíveis de serem desenvolvidas pela comunidade no campo esportivo e de lazer tem crescido geometricamente, as oferecidas pela Educação Física Escolar crescem aritmeticamente, quando não se mantêm estacionárias; enquanto é incessante o crescimento do interesse comunitário por esta prática, a escola revela-se inativa e sem criatividade, não acompanhando as tendências dominantes na população.

Para ZEIGLER e ZWAGG apud BETTI (1991), o termo Educação Física pode significar:

- o ato de educar fisicamente;
- o processo de tornar-se fisicamente educado;
- os resultados obtidos pelos dois primeiros itens;
- a disciplina Educação Física;
- a profissão Educação Física.

Nesta perspectiva, a Educação Física Escolar seria um componente curricular que se utiliza das atividades físicas institucionais para atingir os objetivos educacionais.

Na realidade, com raras exceções, a Educação Física Escolar parece limitar-se, em ambos os sexos, ao ensino de determinados conceitos, aos principais gestos utilizados na prática do basquetebol, do voleibol, do futebol e do handebol; da ginástica e da recreação, nas turmas do sexo feminino; também, do treino esportivo, voltado para o esporte escolar ou na comunidade. Ou ainda, como "disciplinadora" do aluno, no sentido de uma boa conduta no recinto da escola (KUNZ, 1989).

Por sua vez, as propostas de reformulação ou de reestruturação da Educação Física Escolar que têm sido formuladas, pouco preconizam além dos esportes, atividades rítmicas e/ou expressivas, danças e outras, o que a torna monótona, repetitiva e pouco criativa.

Estes e outros motivos, levam alguns autores, tais como CAVALCANTI, MEDINA, GHIRALDELLI (1988:2), SANCHES (1986:53) e GUILHERMETTI (1991:7), a afirmarem que a Educação Física Escolar se encontra em crise, ao aceitar as propostas que já vêm prontas dos organismos governamentais, pela falta de criatividade, e ao não inovar mas sim reproduzir, ano após ano, não só as mesmas propostas de ensino, como também ao aceitar passivamente as regras impostas pelo Governo, seja ele ditatorial, militar ou de outra formação política e ideológica.

Esta pesquisa, além de uma outra realizada em Portugal (MARTINS JUNIOR, 1988), acrescidas às observações feitas "in-loco" em alguns países visitados e à bibliografia consultada no Brasil e em diversos países, demonstram que as escolas pouco têm oferecido aos alunos além do esporte, nas suas versões de iniciação, de prática ou de competição esportiva.

O processo de "esportivação" da Educação Física Escolar fez com que, lentamente, fossem desaparecendo dos seus conteúdos, as formas de trabalho que constituem a base da cultura desportiva popular de qualquer país, das quais se citam as danças, a recreação, a ginástica, os jogos tradicionais, o condicionamento físico, os esportes não olímpicos, e outras que, embora sejam sugeridas na maioria das propostas educacionais, não são desenvolvidas regularmente nas aulas de Educação Física.

Este fato tem originado determinados problemas, que levam à desmotivação dos alunos pelas aulas de Educação Física, como por exemplo, a excessiva ênfase atribuída ao esporte, principalmente o de alto nível que, com regras e procedimentos elitizantes, predispõe à escolha dos mais aptos em prejuízo dos menos capazes, ainda que estes constituam a maioria dos praticantes (COELHO, 1985:37).

Em decorrência deste problema, a falta de atividades alternativas na escola e que, muitas vezes constituem as preferidas pelos alunos, a par de outros motivos, estaria levando a um afastamento dos alunos da prática que é ali oferecida e, por extensão, da comunidade (MASSUCATO, 1988).

SANTIN (1987), refere também, que a escola tem privilegiado a educação intelectual e centrado as suas preocupações em conteúdos e atividades cognitivas, onde o educando é visualizado como um ser inteligente, volitivo e consciente; um ser capaz no domínio do movimento parece pouco ou nada significar para as atuais pedagogias. Consequentemente, a Educação Física é vista como algo separável da Educação e colocada como satélite girando em torno das restantes atividades "pedagógicas".

No Brasil, alguns estados têm proposto novas atividades procurando motivar a comunidade para a prática esportiva. Estas atividades têm sido desenvolvidas pelas secretarias estaduais de esportes e raramente pelas de educação, apresentando quase sempre objetivos muito mais políticos do que esportivos ou educacionais, e nem sempre são alicerçadas nas atividades escolares.

É o caso do Estado do Paraná, por exemplo, que dos projetos desenvolvidos na área esportiva pela então Fundação de Esportes, só um deles, o "Projeto Corra Para a Saúde" (FESTUR, 1988), foi organizado em convênio com a Secretaria de Educação, e só um outro, o "Projeto Motor 89" (FESTUR, 1989), além de outras populações, foram destinados aos alunos das escolas.

Procurando atrair uma população heterogênea e sem uma participação ativa da Educação Física Escolar, esses projetos, embora com objetivos relevantes de oferta esportiva à população, tornam-se atividades efêmeras e sem continuidade quando cessam as fontes de estímulos pelos quais os criaram ou que lhes deram suporte. Embora as propostas de reestruturação do ensino escolar brasileiro visem uma remodelação da Educação Física até então ministrada, a revisão da literatura nos revela que, além dos novos conteúdos de caráter sociológico, não propõem alterações significativas nesta área.

O ensino da Educação Física Escolar abrange uma série de variáveis, do conjunto das quais destacam-se neste estudo: os objetivos formulados e os conteúdos ministrados, além das aulas e das atividades extra-classe e extra-escolares. Pretende-se verificar se as principais propostas e atividades encontradas são conducentes a uma prática esportiva regular durante o período escolar ou na comunidade, por toda a vida.

Uma análise preliminar da literatura estudada, permite evidenciar duas conclusões acerca da Educação Física Escolar:

- Os objetivos e os conteúdos que a orientam sofrem, na maioria das vezes, a influência das políticas e dos planos de ação desenvolvidos pelas autoridades constituídas.
- A aptidão física e o desempenho técnico-motor, salvo raras exceções, são as referências básicas para o seu planejamento e para a sua avaliação.

Nas quatro primeiras séries de escolaridade, os principais objetivos formulados pela Educação Física é, em o desenvolvimento dos aspectos recreativos, a consolidação dos hábitos de higiene, o desenvolvimento corporal e mental harmônicos, a melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário, a criatividade, o sentido moral e cívico e outras, visando a formação integral da personalidade.

Nas séries seguintes, propõem o aperfeiçoamento das qualidades físicas, morais e psíquicas do aluno, possibilitando-lhe o emprego útil do tempo de lazer, a sociabilização, a saúde, a vontade, novas habilidades, o estímulo às tendências de liderança e de criação de hábitos sadios.

Observa-se porém que, tanto nas propostas oficiais como na dos professores de Educação Física, não constam objetivos direcionando o ensino desta disciplina para uma prática continuada das atividades físico-motoras, em cujo processo, a implementação de aulas teóricas muito poderiam contribuir.

Verifica-se também que, em muitas escolas, as aulas teóricas são praticamente inexistentes. Raros são os professores que levam os seus alunos para as salas de aulas para lhes ministrar conteúdos teóricos sobre os esportes que estão praticando, ou sobre higiene, postura, saúde ou outro assunto. Os que se dedicam ao esporte escolar costumam utilizar estas aulas para ensinar as regras das modalidades que treinam sem, contudo, planejá-las para tal fim.

Na preparação das suas aulas, poucos são os que modernizam os conteúdos, os processos e os objetivos, ministrando todo os anos o mesmo assunto, sem seguir um planejamento definido e se esquecendo muitas vezes que a aula é um momento, uma atividade, uma mensagem, um espaço aberto para o estudo e para a reflexão e que, por estes e outros motivos, necessita de um planejamento adequado.

O sistema educacional de muitos países permite que os professores do sexo masculino lecionem às alunas, mas, por outro lado, embora também o permitam, nem sempre as professoras lecionam às turmas do sexo masculino.

Um outro fato é o destaque do esporte como matéria de ensino. Nestas aulas, os professores desenvolvem a iniciação esportiva utilizando formas de jogo dentro de um sistema global de ensino, o que talvez explique a predominância dos esportes coletivos sobre os individuais e a preocupação pela formação de equipes para disputar os jogos escolares ou competições no âmbito das federações esportivas. Pode então ser atribuída uma demasiada importância tanto pelos professores, pelos alunos, pelas escolas como pelas próprias autoridades educacionais às aulas de treinamento esportivo e relegando a um segundo plano os restantes tipos de aula.

As promoções dedicadas ao esporte de competição nas aulas e nas atividades extra-classe, ultrapassam em muito as restantes formas de trabalho anteriormente ministradas na escola. Sendo assim, essas "outras atividades", destituídas de um trabalho de motivação dos responsáveis pela Educação Física Escolar tenderão a desaparecer em breve.

É sabido que a prática esportiva na comunidade depende de uma série de fatores, além de uma política que a defina. Depende de ações e de políticas escolares e esportivas, num processo conjunto e, sobretudo, de uma filosofia" para a Educação Física Escolar, visando uma prática não só formativa ou esportiva, mas também volta para as necessidades do aluno durante toda a sua vida.

Analisando a relação entre a Educação Física Escolar e a prática esportiva da comunidade, CAGIGAL (1979), afirma que a sociedade "escolarizada" influi normalmente sobre a "extra- escolarizada"; reflete porém, se o processo de educação instituído pela escola não seria inútil para a vida fora dela e, até que ponto, a escola estaria adaptada ao mundo atual. Ou ainda, até que grau se prevê a sua adaptação à vida do futuro imediato?

Por outro lado, questiona-se também, se os desportos as atividades físicas atualmente desenvolvidos estão preparados para atender a uma população multifacetada e multietária? (MOSQUERA e STOBAUS, 1984:115).

LOURENÇO FILHO (1972:271), conclui que deveria existir uma maior interrelação da escola com a comunidade e que tanto a escola como os seus professores deveriam estimular esta aproximação, por intermédio de atividades conjuntas ou não, propostas pelas associações de pais e mestres, pelos grêmios recreativos, pelos clubes escolares e por outras instituições. Outros fatos influem entretanto, para que as aulas de Educação Física possam ser mais ou menos desmotivantes, dependendo da sua duração e da frequência com que são ministradas na escola.

Para MERAND (1987), a necessidade do aluno praticar esportes durante os seus tempos livres resulta, muitas vezes, do pouco tempo que é dedicado na escola a esta prática. Por outro lado, o excessivo culto pelo rendimento esportivo provoca no aluno sentimentos de frustração quando não consegue atingir os objetivos propostos nas aulas e o tempo gasto com medidas e avaliações dos rendimentos individuais, pode originar nos praticantes e durante quase dois terços das aulas, que os alunos assumam uma atitude passiva e, conseqüentemente, desmotivadora (BATALHA, 1988).

Tais exemplos revelam que em muitos programas de Educação Física, uma minoria de alunos bem dotados pode determinar o programa a seguir e os menos dotados, que normalmente são a maioria, podem permanecer passivos durante as aulas ou nem mesmo participar, desmotivando a formação de um hábito conducente a esta prática. Para que a escola realmente conscientize para a prática esportiva continuada por parte da comunidade, é necessário uma série de ações que a consubstancie. A Educação Física Escolar deveria estar preparada para formar o aluno não só para a sua permanência na escola, mas também como uma alternativa ao estudo, ao trabalho e à vida no próprio meio em que habita.

Estes e outros fatores mostram que a Educação Física Escolar não é uma matéria como tantas outras, mas um princípio da Educação, uma necessidade fundamental para a vida. Deveria, portanto, ser incentivada na escola desde a mais tenra idade e assim, possibilitar a criação de um hábito de vida. Uma adequada formação dos professores de Educação Física nem sempre tem ocorrido, embora seja necessária para efetivar esses objetivos.

Uma visão dos currículos dos cursos de Educação Física brasileiros, por exemplo, revela muito mais a tendência para a formação de um treinador especializado em diferentes modalidades esportivas do que a de um professor educador (DIECKERT, ibid 1984), fato comprovado por MARIS DE OLIVEIRA (1988:60), ao demonstrar que

as cargas horárias das disciplinas práticas atingem, muitas vezes, mais de 50% da sua carga horária total.

Com relação aos acadêmicos de Educação Física, uma investigação realizada por MARTINS JUNIOR e RODRIGUES, 1984:3), concluiu que os alunos ingressantes no Curso de Educação Física apresentaram como razão para o seu ingresso naquele curso, além de outros motivos, o fato de terem sido anteriormente atletas ou para vir a ser um atleta. Esta mesma conclusão teve OLIVEIRA (1989), quando demonstrou que o principal objetivo de 70% dos alunos que ingressam nos cursos de Educação Física não é o de se preparar profissionalmente para atuar como professor em escolas de 1º e de 2º graus. Assim sendo, muito embora a maioria dos estudantes afirme ingressar neste curso por vocação, muitos o fazem ainda, pela sua antiga prática de esportes de alto nível e não por considerar que o professor de Educação Física é, antes de tudo, um educador.

Após estas constatações, a resposta à questão: por que a prática esportiva continuada é pouco enfatizada nas aulas de Educação Física Escolar? talvez possa estar nos próprios cursos de Educação Física. Quando aí ingressa, o estudante encontra normalmente as mesmas práticas que foram utilizadas pelos seus professores durante o nível secundário.

Poucas disciplinas, tais como a. recreação e outras, desenvolvem conteúdos ligados à prática esportiva na comunidade; esta disciplina não é, porém, oferecida por todos os cursos de Educação Física ou, quando o fazem, é mais direcionada às atividades infantis e pouco influencia a formação de um educador para atuar como propagador da prática esportiva continuada.

Este fato ocorre talvez porque muitos não tiveram uma formação específica para este fim, entendendo-a então, muito mais como uma atividade recreativa destinada aos estudantes que não praticam o esporte de competição ou como um conteúdo a ser oferecido durante às primeiras séries escolares do que destinadas a uma parcela da população que não deseja ou não tem vocação para o esporte de competição (DA SILVA, 1991).

Na última década, um grande número de autores preconizaram a necessidade de uma prática esportiva continuada, enfatizando que para isso, os programas dos cursos de Educação Física deveriam proporcionar uma adequada formação ao futuro educador físico, mentalizando-o para uma prática durante toda a sua vida e para a qual seria importante promover um maior relacionamento escola/comunidade, por ser este um dos fatores de aceitação da escola pela população.

O que se tem verificado porém, é que a prática esportiva continuada, quer direta ou indiretamente, nem sempre faz parte dos currículos dos cursos de Educação Física, fato observado por KINOSHITA e HATANO (1988:12), numa pesquisa realizada com escolas de Educação Física dos cinco continentes.

Estes autores mostram, no quadro abaixo, que a formação de uma mentalidade dos futuros professores que os predisponha para conscientizar os seus alunos para uma prática regular, mesmo depois de terem deixado a escola, não está bem definida no conjunto dos objetivos por elas propostos, tendo inclusive até diminuído.

Os fatos citados indicam que, se existe um relacionamento entre a escola e a comunidade, isto não ocorre em termos do oferecimento por parte da Educação Física aí ministrada, de atividades esportivas que, além das aulas ministrada aos alunos, atraíam também a população para esta prática.

QUADRO 4. ESTATÍSTICA MUNDIAL SOBRE OS OBJETIVOS DAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

N í v e l		Frequência	
		%	
		1984 *	1967 **
1	- Manutenção e promoção da saúde e da boa condição física	97	95
2	- Interação social, educação moral	58	59
3	- Introdução a várias atividades físicas, instrução sobre as atividades de tempos livres e transmissão cultural	47	55
4	- Desenvolvimento mental, satisfação e prazer através do movimento físico, controle do stress e desenvolvimento da auto-confiança	44	36
5	- Desenvolvimento de aptidões neuro-musculares	27	36
6	- Transmissão de experiências esportivas e formação de atletas	14	18

* 37 países responderam ao inquérito

** 22 países responderam ao inquérito

Fonte: KINOSHITA e HATANO (1988:12)

Verifica-se assim, a escola se encontra bastante distanciada da maioria das instituições que oferecem a prática esportiva à população e, nem sempre mantém com elas um relacionamento constante e permanente. O que leva a crer que a escola procura formar os corpos porém não procura formar uma mentalidade direcionada para uma prática esportiva regular e continuada.

Poucos são os casos em que as escolas procuram as organizações comunitárias. Quando tal fato acontece é porque não possuem instalações esportivas ou horários suficientes para o treinamento desta ou daquela modalidade esportiva e, terminado o interesse momentâneo, se afastam novamente, voltando para o seu mundo próprio.

As reflexões até então realizadas sobre a participação da escola no processo de crescimento da prática esportiva comunitária, principalmente após a implantação do movimento "Esporte para Todos", leva a crer que se a Educação Física

canalizasse parte da sua influência para a juventude, visando a participação continuada na prática das atividades físico-motoras, mudanças positivas ocorreriam sobre os hábitos da comunidade neste particular.

Desconhece-se no entanto, a atual margem de participação esportiva da nossa população. As observações realizadas "in-loco" em algumas das escolas do Brasil e de outros países da Europa, mostram que os alunos tendem a se distanciar da escola na medida em que avançam na escolaridade. E Porque? Tendo sido freqüente no passado, a participação dos alunos nas atividades esportivas, recreativas e sociais ligadas à escola é hoje diminuta, devido talvez a uma série de fatores, principalmente os de ordem econômica. Julga-se que essa diminuição tem também, muito a ver com a diminuição da motivação para essas atividades, fato que será analisado oportunamente.

Estas conclusões demonstram a necessidade de se repensar a atual Educação Física Escolar no sentido de motivar os alunos para uma prática esportiva regular e continuada; que não desenvolva só os esportes de competição, mas todas as formas e atividades que incentivem o movimento e o lazer; que não pense só na prática do aluno enquanto na escola, mas também quando deixá-la; que não se limite aos alunos, mas que se abra para a população o que a rodeia e com ela convive.

No Brasil, foi instituída em 1985 uma "nova" política nacional para a educação o Física e para os esportes. O texto, que considerava a necessidade de integrar a prática da Educação o Física no processo educativo, a subdividia em: atividades físicas de formação; atividades físicas de tempo livre e atividades físicas de rendimento. A sua linha de ação foi, por sua vez, dividida em: Educação Física Escolar e Esporte Escolar (FIEP, 1985).

Segundo TEIXEIRA (ibid 1986), o estabelecimento das normas para o funcionamento do esporte escolar revelou a falta de algumas estruturas nas escolas para a prática da Educação Física e dos esportes, tais como as instalações esportivas, os espaços os livres e as áreas verdes e que, devido às jornadas de trabalho e dos estudos, o tempo livre para a prática físico-motora era reduzido. Para além m disso, faltava uma consciência social sobre a importância da prática regular das atividades físicas, problema ainda mais acentuado na população de baixa renda e na das zonas suburbanas e rurais.

O novo plano sugeria uma profunda reforma dos métodos e das práticas então vigentes. Essas mudanças só ocorreram porém, no esporte escolar, fato que originou em 1988, a elaboração de um documento no qual os responsáveis brasileiros por esta especialidade propuseram alterações na política adotada e que, para além dos problemas específicos, fossem levantadas também os da própria Educação Física Escolar, por entenderem que já não motivavam os seus alunos para uma prática, além daquela que recebiam na escola (BRASIL, 1988).

Evidencia-se assim, a necessidade de que a escola motive para uma prática, que não seja limitada apenas às aulas de Educação Física, mas que se prolongue pelas atividades desenvolvidas durante a vida, trabalho e horas de lazer do aluno.

Processo este que deveria iniciar pela interação escola/comunidade e cujo sucesso depende de uma série de variáveis que influem na Educação Física, dentre as quais se destacam as seguintes:

3.1.3 - As variáveis que influenciam a Educação Física

Muitas são as variáveis que influenciam no desenvolvimento da Educação Física escolar. O seu estudo tem suscitado, ao longo dos anos, muitas teorias, que corroboram ou contrariam outras teorias da infância e da adolescência.

Os estudos que surgem continuamente por todo o mundo, cuja aplicação, efetuada direta ou indiretamente, nas mais variadas atividades e ramos de conhecimento, suscita igualmente o aparecimento de inúmeros fatores que influenciam o ensino desta área. Este fato motivou educadores e psicólogos, tais como ANTONELLI e SALVINI (1978), SINGER e DICK (1980), THOMAS (1983), CARRON (1984) e outros, a dedicarem-se ao estudo dos processos que levam o aluno a melhorar a sua aprendizagem nas diferentes áreas de conhecimento, oferecidas por esta disciplina na escola.

Alguns autores entretanto, defendem a idéia de que, no processo de motivação para qualquer atividade, é essencial o interesse que o praticante lhe atribui.

Segundo HORNE apud SOUZA CAMPOS (1986:105), o interesse é a atração emotiva exercida por um objeto ideal ou atual sobre a individualidade consciente. A atração por uma atividade, idéia ou situação, constitui uma resposta de prazer ou de satisfação que emana dessa prática (GARRISON e MAGGOON, 1972).

Por este motivo, para que um indivíduo se interesse por uma prática é importante que encontre um ambiente favorável. Até a sua entrada na escola, a criança a passa por diversas fases, nas quais o jogo constitui uma atividade privilegiada, para, nesta oportunidade, de repente se encontrar encerrada a maior parte do dia e ficar presa a uma imobilidade que a incomoda e a uma série de obrigações nem sempre interessantes (JOLIBOIS, 1976:65).

Não se pode porém, esquecer que a criança é um ser basicamente psicomotor, que se movimenta durante todo o tempo em que está acordada. e que "a maioria dos movimentos humanos, aliás a sua parte mais importante, é de origem puramente social (MELO DE CARVALHO, ibid 1978:129).

Durante a fase escolar, a criança insere-se em diversos grupos, tais como a família, a escola, o clube, o catecismo e outros, que a influenciam psíquica e fisicamente. Ao mesmo tempo, inicia-se em ocupações como as coleções e os jogos como o yô-yô, as bolinhas de gude, a amarelinha e outros. É a fase em que adquire os automatismos que servirão de base à vida adulta, tanto esportivamente como profissional. É neste período que, pelo conhecimento ou pela imitação, pode aprender todas as formas de prática de que necessitará no futuro.

Dos principais fatores que influem no processo de motivação da criança em idade escolar, ANTONELLI e SALVINI (ibid 1987:78), citam os biológicos, os psicológicos, os sociológicos e os culturais.

Agrupando-os conforme esta classificação, afirmam que, no processo de motivação para a prática esportiva, diversos fatores, conscientes ou inconscientes, influenciam decisivamente, constituindo-se importantes elementos motivadores. Esses fatores foram colocados nos seguintes pares: psico-biológicos, psico-patológicos, sócio-culturais e não desdobrando o fator psicológico, que permanece sozinho nesta classificação. Estudando então as principais características de cada um deles, verificaram que os fatores inconscientes predominam sobre os conscientes e os psicológicos e os biológicos sobre os sócio-culturais.

Assim sendo, no processo da educação esportiva e no sentido de uma prática continuada, além de uma série de fatores que interferem neste processo (dentre os quais o sócio-econômico é, sem dúvidas, o mais importante), a conscientização do indivíduo precede a formação do hábito. Há porém, uma estreita relação entre eles.

Para que o interesse por uma prática se continue a manifestar durante toda a vida, deveria tornar-se num hábito, isto é, que se estabelecesse a vontade e a necessidade de praticar, sendo necessário para tal, um processo de condicionamento até que este comportamento se estabeleça.

Para DEWEY (ibid 1978:63), fazem parte da "Lei do Interesse" a atenção, a compreensão e a memorização, e sempre que uma atividade física tiver que ser aprendida, representa valor intelectual e contribui para o processo de educação do indivíduo.

Assim, ao aprender pequenas coisas das atividades físicas, o indivíduo adquire o hábito de aprender muitas outras e, com isso, aprende também a gostar de aprender, transportando esse gosto para as outras coisas da vida. A prática de atividades físicas, esportivas e recreativas, como tantas outras, deveria portanto, ser incentivada como necessidade primordial na vida do indivíduo e não como simples atividade formativa.

Justificando a razão pela qual um indivíduo manifesta ou não interesse pelas atividades físicas e esportivas, THILL (1988:17), identificou os seguintes fatores:

- **Motivação intrínseca** - quando o indivíduo determina a sua participação numa atividade pela simples satisfação que ela lhe proporciona.
- **O papel de controle da motivação** - que faz com que, ao sentir que sofre uma pressão externa, diminui o sentimento de prazer e aumenta a sua dependência dos objetivos ou das aprovações fixadas.
- **A auto-estima** - que é traduzida pela aptidão, pela capacidade, pela percepção cinestésica e outras, que fazem com que o sujeito trace uma imagem de si, reforçada em função dos resultados que alcança.
- **A formação de objetivos** - a auto-estima resultará, não só da consciência dos resultados da ação, como também da percepção da relação entre a ação efetiva e a ação projetada, isto é, do alcance dos objetivos traçados.

A prática esportiva é então, proporcional à necessidade e ao prazer que dela advém. Um indivíduo normal não continuará a praticar esportes se não sentir prazer e alegria. Poderá inclusive inibir-se, provocando uma reação negativa adversa ao esporte praticado. Assim sendo, quando a satisfação e a diversão só se obtém ao vencer os seus confrontos, muitos indivíduos desmotivam-se porque no esporte há sempre muito mais perdedores do que ganhadores. É por este motivo que, para o homem normal, a experiência importante do esporte não está no resultado final, mas sim na sua participação.

LUCK e CARNEIRO (1983:30), afirmam porém, que os fatores conducentes ao interesse podem se dividir em intrínsecos e extrínsecos quando, respectivamente, há uma preferência por determinada atividade que agrada o indivíduo e quando é função das vantagens que dela pode obter. Apesar de contraditórias, as opiniões acerca do desenvolvimento destes tipos de interesses e que se encontram inclusive na atividade educativa são, no entanto, semelhantes para a motivação da prática

esportivo-motora. Tanto os fatores intrínsecos como os extrínsecos são importantes para despertar o interesse do aluno. O professor deverá motivá-lo regularmente com procedimentos que o atinja na sua individualidade.

Para autores como OBERTEUFFER e ULRICH (1977:139), a aprendizagem das habilidades motoras é mais fácil quando o interesse está presente: a aula poderá ser melhor motivada quando as atividades proporcionam satisfação e recompensa.

Outros, como EGSTRON (apud JOLIBOIS, ibid 1976), afirmam que o interesse por qualquer atividade deve ser estimulado na criança a desde o seu ingresso na escola. Num estudo em indivíduos de ambos os sexos, com idades entre os quinze e os trinta anos, este autor concluiu que, no processo de motivação para a prática de atividades físicas, as experiências realizadas precocemente influenciam positivamente o indivíduo a uma prática futura.

Para VANILOV (1974:69), o interesse deve ser cultivado pelos professores com processos que despertem a vontade e o desejo de praticar a atividade ministrada. BENTO (1984:62), afirma que o problema primordial do professor é o de despertar e de manter no aluno a disponibilidade para a exercitação, de forma que a considere necessária.

Durante toda a sua vida e em momentos diferenciados, o indivíduo recebe a ajuda e/ou a motivação de uma série de pessoas, tais como os pais, os professores, o cônjuge, a família, o público, a imprensa etc., Porém, quanto mais cedo se iniciar num processo de motivação visando uma prática para toda a vida, mais hipóteses terá de criar os seus próprios hábitos esportivos.

A aprendizagem representa pois, uma experiência armazenada. O gosto por qualquer atividade físico-motora deve ser cultivado desde a mais tenra idade para que os movimentos apreendidos se tornem parte da memória motora do indivíduo.

Assim sendo, uma prática que é aprendida na infância nunca mais será esquecida, apesar do tempo que a pessoa deixou de praticar (DIEN, 1977).

Estudando a relação entre o interesse por uma atividade (por exemplo os esportes) e por uma disciplina escolar (por exemplo a Educação Física), TODT (1982), afirma que para que isto aconteça são necessárias determinadas condições, tais como:

- possibilidade do aluno compreender a matéria apresentada;
- clareza e exemplos suficientes;
- satisfação da necessidade de reconhecimento;
- facilitar a identificação com o professor;
- possibilidade do aluno praticar a própria atividade e também, da autodeterminação dos objetivos da aprendizagem;
- divertimento (excursões, experiências diversas);
- possibilidade de trabalhos em grupos.

A hierarquia destas condições variam de um caso a outro. A sua importância e a sua multiplicidade podem variar também segundo a disciplina. Será portanto, tarefa do professor de Educação Física, criar entre os alunos um clima de interesse, que faça com que a prática das atividades físico-motoras seja uma atividade agradável, que dê prazer e se torne num hábito.

Mas nem sempre esse professor recebeu uma adequada formação para o esporte continuado ou para o esporte na comunidade. No Brasil, até 1985, apenas treze dos cento e dois cursos de Educação Física então existentes no país, ofereciam este conteúdo nos cursos de pós-graduação "latu sensu", nos cursos de treinamento ou nas atividades deste domínio (PEREIRA DA COSTA, *ibid* 1988).

Este fato pode ser comprovado nas pesquisas realizadas com professores recém formados (MARTINS JUNIOR, 1986; OLIVEIRA, *ibid* 1989), já referidas, que revelaram que, mais da metade, após a sua formatura, costumam lecionar em diferentes setores a comunidade além das escolas e onde se ressentem da falta de disciplinas ou de conteúdos que os orientem para dar resposta às necessidades físico-motoras da comunidade.

Julga-se assim, que por falta de uma formação específica e estratégias que os levem a direcionar o ensino para esse fim, os professores de Educação Física Escolar não têm motivado os seus alunos a continuar a praticar esportes em horários alternativos ou após deixarem a escola. Assim sendo, para despertar na população o interesse para a prática das atividades físico-motoras desde a mais tenra idade, a escola será o local mais adequado por se constituir no ponto de frequência obrigatória da criança durante grande parte da sua vida, além de poderem contar com a supervisão constante de um professor de Educação Física, tornando-se necessária a oferta de conteúdos e processos que os motivem.

Um outro fator importante para que a escola atinja uma maior parcela de praticantes é, sem dúvidas, a co-educação. Apesar de diversos autores, tais como BORSARI (1980); MARTINS JUNIOR, TAFFAREL e TRAPP (1982); BASSACO (1984), BRODTMANN (1985a) e outros demonstrarem a importância da co-educação nas aulas de Educação Física, é ainda grande o número das escolas que separam as turmas desta disciplina por sexo, a partir da quinta série de escolaridade.

Para MIRANDA (1984:88), o aspecto educativo é marcante na Educação Física ministrada nas quatro séries iniciais de escolaridade ao não se distinguir os sexos dos praticantes e onde os conteúdos, tais como a ginástica, os jogos, a dança e o bailado, tem sido preconizado para os alunos de ambos os sexos. Porém, em muitas escolas, verifica-se que, a partir da quinta série, as turmas mistas deixam de existir, voltando a aparecer somente no ensino noturno ou no ensino universitário.

No Brasil, a co-educação é uma prática regular no ensino secundário. Nota-se no entanto, em muitas escolas e mesmo em turmas mistas, um ensino diferenciado da Educação Física que é ministrada aos alunos em relação aquele direcionado às alunas. E porque?

A razão fundamental deste problema deve-se talvez as dois aspectos principais: a "necessidade de separar os alunos de ambos os sexos para evitar o "perigo" desta aproximação, sobretudo às alunas, cujo preconceito seria a principal razão invocada pelas escolas, esquecendo-se porém que, nas restantes situações, escolares ou não, esses mesmos alunos participam em atividades conjuntas com os elementos do sexo oposto. O outro fator diz respeito ao processo de treino dos esportes de alto nível que marginaliza os alunos menos dotados em função dos resultados que necessitam alcançar, em que as alunas por não serem capazes de acompanhar os alunos em algum tipo de treino, são colocadas em turmas adequadas ao seu nível técnico.

BRODTMANN (*ibid* 1985:103), preocupado com o aspecto co-educativo afirma que a criação de um ambiente favorável e o "fazer junto" do professor (ou da

professora) durante as atividades são elementos indispensáveis à prática co-educativa, ressaltando que a integração dos alunos de ambos os sexos nas aulas de Educação Física proporciona um enriquecimento dos comportamentos e de vivências esportivas para as atividades de tempo livre, de hoje e de sempre.

Para BRODTMANN e KUGELMANN (1985:105), as aulas orientadas no sentido da co-educação, modificam a divisão do esporte por sexos, evoluindo para uma cultura esportiva comum aos dois sexos. Uma cultura esportiva assim caracterizada, origina:

- o reconhecimento do rendimento físico como prática esportiva satisfatória para a alegria e o ânimo na vivência do corpo e do movimento;
- que os parceiros não sejam escolhidos somente pela sua capacidade de rendimento, mas também pela sua simpatia;
- que o esporte pode ser, em princípio, modificável, respeitando porém, as condutas morais que regem as atividades recreativas;
- que a multiplicidade de movimentos e de importâncias determinem o acontecimento esportivo;

Estes e outros fatores evidenciam que, para que a Educação Física seja educativa na escola, de maneira a poder a ser um agente de um processo educativo conducente ao hábito da prática regular e continuada de atividades físico-motoras, torna-se necessária uma adequada conscientização dos professores e dos alunos, para a qual muito contribuiriam os processos metodológicos adotados.

Segundo BENTO (1987), poucos são os termos utilizados na linguagem pedagógica com uma variedade tão grande de sentidos e de interpretações como é o caso do termo método. Muito embora o método lógico tenha nascido com Descartes, no início do Século XVI (DESCARTES, 1986), diversos métodos têm sido considerados ao longo dos anos, no processo de educação, como importantes auxiliares do ensino, destacando-se o método de ensino, atribuído a Comenius (OLIVEIRA, 1985).

Dos principais autores que estudaram os métodos de ensino, citam-se, por exemplo, RABELAIS, que no Século XVI preconizava o ensino através dos jogos; COMENIUS, que propôs o ensino segundo as leis do desenvolvimento da criança; ROUSSEAU, que salientou que a boa constituição do corpo torna fáceis e seguras as operações do espírito, e FROEBEL, para quem a educação mais eficiente é a que proporciona atividade, auto-expressão e convívio social às crianças (MIRANDA, *ibid* 1984).

Na busca de métodos, técnicas, processos e procedimentos para aplicar no seu ensino, a Educação Física têm-se inspirado em muitas destas propostas. A evolução desses elementos tem sido tão marcante que autores tais como SINGER e DICK (*ibid* 1980), BANUELOS (1986) e outros, inspirando-se em modelos cibernéticos, têm preconizado que o planejamento do ensino da Educação Física ministrado nas escolas seria melhor organizado se se utilizassem ações sistemáticas.

Entretanto, apesar da evolução tecnológica dos métodos de ensino, nota-se que alguns processos especiais utilizados em áreas tais como o treino esportivo, a Educação Física Especial ou a Educação Física Infantil, não são aproveitados para o ensino das restantes turmas da Educação Física Escolar. E porque? É de crer que seja devido a uma série de fatores, tais como a deficiente formação do professor de Educação

Física, a falta de interesse para freqüentar determinados cursos que lhe dariam a complementação pedagógica necessária e ainda, o desconhecimento de que os conteúdos tratados nessas especializações poderiam ser aplicados no seu ensino.

LUZURIAGA (1970:224), afirma que os métodos de ensino têm acompanhado a evolução dos objetivos da Educação. Cita como principais os métodos de análise, síntese, indução e dedutivo e ainda, o expositivo, o interrogatório, o intuitivo e os ativos. Visando uma melhor aplicação nas diferentes áreas em que é dividida, a Educação Física Escolar tem utilizado muitas dessas propostas.

Segundo OLIVEIRA (ibid 1985), no estudo dos métodos de ensino aplicado à Educação Física, diversos autores têm-se referido, de maneira diferenciada, à palavra método; a variedade da nomenclatura pode por vezes confundir até o próprio professor, pois o que CARL DIEN chama de "aprendizagem por experimentação", MUSKA MOSSTON chama de "resolução de problemas" e ANNEMARIE SEYBOLD, de "tarefas de movimento". No processo de motivação da aula de Educação Física, é necessário portanto, que o professor conheça pelo menos alguns métodos para estimular não só a sua criatividade como também a do aluno.

SIKORA (1976), ao pesquisar os métodos que estimulam a criatividade, organizou uma lista com quarenta e seis métodos, dentre os quais destacam-se o **método das perguntas operacionais, o método da análise, o método da síntese, o método da análise/síntese, o método da análise de variações, o método da análise do acaso e o método do "Brainstormig"**.

Esses métodos, segundo DIECKERT (id. ibid 1985:130), verificou, em pesquisas posteriores, constituiriam os mais passíveis de serem aplicados nas aulas de Educação Física, por se destinarem à criação cognitiva.

Para o estudo e para a aplicação dos métodos, nas diferentes áreas de atuação, a Educação Física Escolar incorporou três tipos de estruturas:

- * **métodos de preparação física**, mais voltados ao treinamento esportivo;
- * **métodos de pesquisa**, desenvolvidos pela ciência dos esportes;
- * **métodos de ensino**, aplicados em situação de aula.

Do conjunto dos métodos que têm sido empregados pela Educação Física Escolar, este autor destaca quatro: **o método da demonstração, o da resolução de problemas, o global e o parcial**.

Numa pesquisa sobre os procedimentos de ensino e a sua aplicação na Educação Física, XAVIER (1986:23), constatou uma grande controvérsia entre os métodos que os professores dizem aplicar e aqueles que realmente aplicam. Em suas conclusões, julga que faltam aos professores de Educação Física maiores esclarecimentos acerca dos métodos.

Com relação aos conteúdos ministrados pela Educação Física Escolar, alguns autores, preocupados com o direcionamento destes, têm emitido as seguintes considerações:

GHIRALDELLI (1991), refere que a Educação Física, nas suas várias concepções, desenvolve conteúdos tais como a ginástica, a dança, os jogos recreativos, os exercícios de psicomotricidade, o esporte, a luta etc., que divide em três grandes grupos: o primeiro, oriundo da própria Educação Física, incluindo aí, o basquetebol, o

voleibol etc.; o segundo inclui formas culturais que foram incorporadas pela Educação Física, tais como o Judô, a capoeira e outros, e o último, proveniente dos “modismos” que são incentivados pela indústria e pelo comércio, onde se incluem a ginástica aeróbica, o esporte espetáculo e outras manifestações.

KURZ (1977 e 1985:24), assevera que, além do conteúdo selecionado para aplicar nas suas aulas, é também importante um processo de conscientização sobre a importância da orientação para uma prática continuada, tanto no presente como no futuro.

NORONHA FEIO (1983:36), afirma que, na elaboração do conteúdo da aula, o professor deve ter em consideração que o ensino deverá ser programado ao longo da escolaridade a fim de que o aluno tenha a oportunidade de descobrir a atividade que melhor se adapte à sua necessidade de movimento e de recreação.

No entanto, segundo BATALHA et alii (ibid 1988:129), de nada valerá ao professor escolher os conteúdos se não possuir um eficiente processo de comunicação com o aluno. A criação de um clima positivo na classe pode proporcionar uma maior motivação e, conseqüentemente, um melhor empenho na atividade, um aumento do tempo de prática, uma melhor aceitação e assimilação do conteúdo ministrado e menores desvios de aprendizagem. Poderá abrir o caminho para a aceitação da prática esportiva como atividade importante para o seu futuro.

No estudo dos conteúdos desta disciplina, NEGRINE (1979), BORSARI et alii (ibid 1980), HURTADO (1983), WEY MOREIRA (1986), PICCOLI (1987) e TANI et alii (1988), além de outros, propõem conteúdos diferenciados para o Ensino Pré-Escolar, para as quatro primeiras e para as demais séries de escolaridade do ensino secundário, visando atender o aspecto físico, a resistência orgânica (aeróbica e anaeróbica) e muscular localizada, a força, a velocidade e todas as valências físicas e técnicas, visando as habilidades para a prática dos esportes.

Muito embora as sugestões destes e de outros professores demonstrem bastante diversificação e sejam destinados a escolares de diferentes faixas etárias, essas propostas muitas vezes não saem do nível teórico, não passando à prática, como o demonstrou os citados diagnósticos realizados no Brasil em 1971 (PEREIRA DA COSTA, 1971) e em 1982 (MEC/SEED, 1982), que evidenciaram a oferta quase que exclusiva de esportes em detrimento das demais atividades desenvolvidas pela comunidade.

Este fato pode sugerir a falta de uma organização da Escola que motive os alunos para a prática de outros conteúdos, além dos esportivos, na escola e na comunidade. Uma escola transformadora, deve considerar também o ambiente onde o aluno pertence, e utilizar conteúdos adequados visando o estabelecimento de uma relação com a comunidade (TRAPP, 1983).

A literatura estudada e as observações até aqui efetuadas, em diferentes países, indicam entretanto, que os conteúdos ministrados pelos professores de Educação Física não acompanham as mudanças de preferência da comunidade.

Observa-se assim, que apesar da evolução tecnológica do ensino, o estudo dos diferentes fatores que condicionam o sucesso de uma aula, evidencia que diversas variáveis têm maior ou menor importância, sendo de destacar: a aula (relativamente à sua duração, ao programa, aos meios auxiliares e à avaliação), as aulas teóricas, os processos criativos de ensino aí empregues e ainda, as atividades extras.

3.1.3.1 - A aula

Segundo BENTO (1987a), durante a sua vida profissional, um professor ministra mais de vinte mil aulas. Para que sirvam para estimular o aluno em seu desenvolvimento e, ao mesmo tempo, lhe proporcione alegria e satisfação, necessitam ser bem elaboradas. Na Educação Física, a aula pode ser mais ou menos motivante, dependendo de uma série de fatores, destacando-se a duração e a frequência com que são ministradas na escola.

A duração da aula

Autores, como LAWThER (1980), afirmam que a duração do período da aula é bastante importante para o processo da aprendizagem. Para outros, como MÉRAND (ibid, 1987), a necessidade do aluno praticar esportes durante os seus tempos livres resulta, muitas vezes, do pouco tempo que é dedicado a esta prática. Por este motivo complementa em horários extra-classe tal falta de prática existente na escola.

Analizando a periodicidade das aulas de Educação Física, BERGELIN (1988), diz que a aplicação desta atividade durante três horas semanais não representa mais do que 1% do tempo de vida de uma criança a ou de um adolescente, quando acordado.

Para TARGA (1987), a realização destas aulas três vezes por semana é mais importante para a criação de futuros hábitos esportivos do que uma só aula com três horas de duração.

Outros autores sugerem porém, que se deveria destinar uma maior carga horária para as atividades físicas desenvolvidas na escola.

É o caso de BOAVENTURA e MIRANDELA DA COSTA (1987:9), que, analisando as causas do insucesso escolar, questionam se não haveria um desequilíbrio no currículo das escolas, entre a carga horária destinada às atividades intelectuais e as destinadas às atividades físicas.

Revelam que uma experiência realizada na França e, posteriormente, na Bélgica e no Japão, demonstrou que os alunos cujos currículos possuíam um terço do programa destinado às atividades físicas, um terço às intelectuais e um terço às musicais e artísticas, acusaram em relação aos currículos tradicionalmente ministrados, uma melhora nos seguintes aspectos:

- crescimento
- saúde
- disciplina
- desenvolvimento motor
- desenvolvimento intelectual
- maturidade mental
- autocontrole da agressividade
- camaradagem com os professores
- felicidade
- força
- rapidez
- cooperação

- entusiasmo pela escola
- menos "stress" e menos cansaço
- menos problemas de transição entre os diferentes níveis de ensino
- menos insucesso escolar.

A partir desta experiência, a UNESCO recomendou esta distribuição diária.

A avaliação

Segundo FARIA JUNIOR (1986), a avaliação é a atribuição de um julgamento sobre a qualidade dos resultados constatados. Sendo uma das variáveis que mais influenciam a prática de qualquer atividade escolar, é um elemento polêmico da Educação Física e talvez o que mais influencia a motivação do aluno.

Entretanto, esta finalidade deve ser um meio e nunca um fim. A maioria dos processos de avaliação escolar tem como finalidade a atribuição de uma determinada classificação, baseia-se na obtenção de resultados, cujo valor é comparado com um modelo ou com um padrão de rendimentos. Na Educação Física este modelo é porém, quase sempre determinado pelos esportes de competição, ou seja, os alunos são avaliados em esportes cuja capacidade de rendimento de cada um está fortemente condicionada pela vocação (SCHROEDER, 1986:6).

Por este motivo, alguns alunos nem sempre possuem condições para acompanhar os seus colegas ou não estão interessados na atividade ministrada, pelo que nem sempre apresentam um rendimento homogêneo. Por outro lado, o excessivo culto pelo rendimento esportivo que ocorre em muitas escolas e em grande parte dos alunos, provoca nestes, sentimentos de frustração quando não conseguem alcançar os objetivos propostos nas aulas. Inclusive, o tempo gasto com medidas e avaliações de rendimentos individuais, pode originar, em grande parte das aulas, uma atitude passiva dos alunos e, consequentemente, desmotivadora (HILDEBRANDT e LAGING, 1986:2).

Tais exemplos revelam que em muitos programas de Educação Física Escolar, uma minoria de alunos bem dotados, pode determinar o programa a seguir e os menos dotados, que normalmente são a maioria, podem permanecer passivos durante as aulas ou nem mesmo participar.

OTANEZ (1986:85), refere que para se obter bons resultados nas aulas de Educação Física, os estímulos devem ser intensos pois a motivação é a chave do êxito num programa de avaliação escolar: uma atitude positiva do avaliador frente aos alunos propiciaria melhores resultados.

Estes e outros fatos sugerem, segundo MATTOS (1982), que a avaliação correta dos progressos do aluno em termos de formação e de motivação para a prática físico-motora, é básico para desenvolver no aluno o gosto pela prática futura.

As aulas teóricas

Na Educação Física Escolar, a preferência quase que exclusiva pelos esportes em detrimento das outras atividades, ocasionou uma separação entre a teoria e a prática devido à adoção de conteúdos cada vez mais direcionados para o

rendimento esportivo, passando então as aulas práticas a constituir quase 100% das aulas ministradas.

Este fato foi observado, por exemplo, por HUPPERTZ (1991), que, num trabalho realizado em Santa Catarina, concluiu que os conteúdos lá propostos são tratados como atividades meramente práticas, desprovidas de quaisquer fundamentos teóricos e que, por esse motivo, além de não contribuírem para o desenvolvimento de uma cultura corporal de movimentos, buscam limitar os movimentos corporais presentes no cotidiano das crianças atingidas.

BRODTMANN (ibidem, 1985a:86), afirma que, para que a Educação Física seja melhor compreendida e aceita pelos alunos, além dos conteúdos práticos, a transmissão dos conhecimentos de uma forma teórica deve fazer parte do processo de ensino.

Nota-se também, que as formas de motivar o aluno para as atividades esportivas são, muitas vezes, melhor desenvolvidas por meio das aulas teóricas na sala de aula, quando aproveitadas para estimular a aprendizagem cognitiva do aluno, a partir de conteúdos, tais como: as regras dos jogos e das competições, as técnicas e as táticas dos esportes, os conhecimentos sobre a educação da saúde, dos primeiros socorros e sobre a importância do esporte nas atividades quotidianas e outros, em situações motivantes, nomeadamente os procedimentos criativos.

A criatividade

O estudo da criatividade em Educação Física não é novo. As suas origens se encontram nos trabalhos de ROUSSEAU, PESTALOZZI, BASEDOW e SALZMANN, no Século XVIII; neste século, nos de DEWEY, GUILFORD, TORRANCE, SIKORA, DIECKERT e outros (TAFFAREL, 1985).

Segundo COLELLO e COLELLO (1990), o termômetro de toda boa aula é a satisfação das crianças no acompanhamento e na participação das atividades propostas. Tal participação pode ser mais motivante se a aula for ministrada com criatividade. Esta pode ser o elemento inicial do processo de motivação, que faz com que qualquer indivíduo se inicie em qualquer atividade. A criatividade é iniciada pela fantasia, que acompanha as crianças na sua entrada na escola: uma imaginação tipicamente humana, que é exclusiva do ser humano (NENNING, s/d:11).

Para FREIRE (1989:37), as experiências que são vivenciadas na escola serão mais tarde, na idade adulta, transferidas para situações do quotidiano. Viajando pela fantasia, a criança avança para muito longe. Conhece fatos que os adultos já viveram e esqueceram. Ultrapassam mesmo os adultos. Por outro lado, as pessoas mais velhas que enveredam pela ficção, dela são capazes de retirar conhecimentos que revolucionam o mundo.

NENNING (ibid s/d:11)), acredita que as pessoas que escolhem as suas atividades profissionais e trabalham por prazer, demonstram mais perseverança, capacidade inventiva e, conseqüentemente, maior rendimento, fato que existe de igual modo na escola. Este autor refere que a escola atual propõe modelos de ação que são estruturados pelos adultos por vezes fora da realidade da vida e sem o mesmo interesse que aqueles que são fornecidos por exemplo, pela televisão, que a criança vê diariamente. Assim, a escola tende a afastá-la da vida em sociedade, não lhe permitindo

qualquer fantasia. Estes critérios porém, não correspondem de modo algum aos da sociedade.

Afirma ainda, que muitos alunos, ao chegarem à escola e serem confrontados com um ensino direcionado para a prática dos esportes de alta competição, orientados por professores diretivos, vêm a sua fantasia sucumbir diante dos valores que lá encontram, entre esses, destacam-se: a ordem, a disciplina, a tranquilidade, o rendimento e a competição, que constituem obstáculos à fantasia. A escola atual parece assim ser um obstáculo à fantasia e à criatividade.

Esta mesma concepção é defendida por TIBALDI (1986:13), ao denunciar o espaço mínimo que é concedido ao jogo e à recreação durante as horas em que a criança permanece na escola. Segundo este autor, hoje não há preparação para a nova condição existencial trazida pela moderna civilização. Há uma falta de imaginação, condicionada por um conjunto de "modernismos", tais como a indústria do turismo, a indústria cultural, a música moderna, as drogas e o erotismo. Procura-se a todo custo a diversão para fugir ao medo da solidão. Não sabem jogar porque são privados da fantasia. Ignora-se que o jogo, a fantasia e a imaginação são um verdadeiro antídoto para o vazio existencial que invade o nosso tempo.

Evidencia-se então que, enquanto na comunidade a procura da criatividade é aumentada, parece diminuir nas escolas, apesar das novas didáticas. E porque? Outrora as crianças tinham maiores oportunidades para jogar e fantasiar. Hoje, fechadas em apartamentos modernos, longe dos espaços verdes e protegidas dos perigos da rua, correm o risco de cair numa rotina de vida em que as "fantasias condicionadas" pela televisão não podem substituir o valor tradicional do jogo (ANTONELLI e SALVINI, id. ibid 1978).

Estas oportunidades devem ser criadas nas escolas pelos professores de Educação Física a fim de que o aluno possa adquirir, por si próprio, o gosto pela sua prática. Muitos professores reclamam porém, de não poderem realizar determinadas atividades, devido à falta de recursos materiais e outros.

Estes e outros fatos têm levado alguns autores a afirmar que, apesar destes serem importantes elementos de ensino, a sua falta deve estimular a criatividade do professor e do aluno para encontrar alternativas. É talvez o caso de FREIRE (ibid 1989), para quem a falta de criatividade nas escolas é um dos graves impedimentos para uma Educação Física de qualidade e todos os que só sabem seguir os manuais e as rotinas, serão sempre escravos dos livros e dos ex-professores.

Nesta mesma perspectiva, THOMAZ (1981), preocupado com a reprodução de conteúdos e com a falta de criatividade, propôs uma revolução metodológica no ensino da Educação Física Escolar, onde, no lugar da elitização, performance, passividade do aluno e excesso de verbalização do professor, fosse ministrado um ensino criativo, com destaque para a iniciativa do aluno, pela aprendizagem por descoberta, pelo ensino individualizado e pelas técnicas grupais, para além de outros elementos.

Parece possível inferir então, que as aulas de Educação Física quando desenvolvidas com criatividade e com atividades ecléticas, constituem efetivamente um elemento fundamental para o professor fomentar a mentalidade necessária para a prática esportiva continuada.

Outros elementos, no entanto, tais como as atividades extras e as competições escolares representam importantes fatores a serem explorados pelos professores para estimular no aluno a formação de tais atitudes.

3.1.3.2 - As atividades extra-classe

Diversos autores têm observado que os alunos que praticam atividades físico-motoras em outros locais, além dos horários de Educação Física da escola, parecem cultivar mais cedo o hábito pela prática esportiva. É talvez devido à possibilidade de complementarem o conteúdo ou a carga horária ministrada nas aulas, comportamento que tem origem num componente sócio-econômico-familiar.

Desenvolvidas na escola (atividades extra-classe) ou fora da escola (atividades extra-escolares), complementam o programa curricular com programas co-educacionais que podem incluir atividades conjuntas, como os esportes aquáticos, a dança e os jogos com ritmo, constituindo portanto elementos motivadores da maior importância (COELHO, 1989:2).

Os estudos de NERICCI (1975) e OBERTEUFFER e ULRICH (ibid 1977), demonstram que as atividades extra-classe têm como principais objetivos:

- usufruir dos recursos naturais.
- melhorar o nível de conhecimentos.
- desenvolver habilidades num ambiente externo.
- vivenciar experiências sociais.
- servir a comunidade.
- aperfeiçoar o sentido estético.

A sua falta, ao contrário, pode desmotivar o aluno a praticar qualquer atividade físico-motora no ambiente onde vive. Uma pesquisa realizada com alunos de ambos os sexos e idades entre os dez e os dezoito anos, para verificar a existência de uma prática esportiva regular dos alunos na comunidade em horários diferentes das aulas de Educação Física da escola, revelou uma baixa percentagem da prática de qualquer atividade física fora da escola. Tendência esta que se acentua nos alunos de sexo feminino e que, na medida em que vão adquirindo mais idade, aumenta o número dos que nada praticam (MASSUCATO, ibid 1988:55).

Estas atividades deveriam portanto, serem incentivadas para contribuir na motivação do aluno rumo a uma prática esportiva na escola e fora dela. Observa-se no entanto, que os alunos pouco têm praticado fora da escola, além das atividades físicas praticadas em academias e das "peladas" realizadas ocasionalmente.

A importância da prática das atividades extra-classe leva a autores como JOSUÁ (1987:164), a afirmar que o aluno, ao passar pelos diversos setores que compõem a prática esportiva tanto na escola como fora dela (Figura 1), estará dando um passo ao encontro da vocação para se constituir num futuro atleta, num árbitro, num dirigente ou outra função correspondente.

As atividades extra-classe incluem a realização de jogos, a organização de torneios e campeonatos e outras, tais como a gincanas, as festas de jogos etc., com a participação da maioria dos alunos da escola. Podem ser realizadas durante o

ano todo, ou nas festas escolares onde se destacam as festas juninas, a páscoa, a semana do estudante e outras, ocasiões em que se desenvolvem inúmeras atividades extra-classe e que sempre contam com a colaboração do profissional da área de Educação Física. Do conjunto de elementos motivadores empregados como atividades extras, a mais freqüente é a participação nos jogos escolares.

Segundo LAWTHER (ibid 1980), o conteúdo mais utilizado como atividade extra, em qualquer nível de ensino, é, sem dúvidas, a competição esportiva.

Devido ao seu caráter apaixonante e motivador, pode porém, provocar reações que nem sempre se enquadram entre as preconizadas pelos educadores. Este fato tem provocado a que uma das questões mais freqüentes na abordagem da Educação Física, seja: deve-se ou não realizar competições esportivas entre os estudantes primários ou do ensino médio?

A este respeito, HUIZINGA (1971), já em 1938, quando escreveu o "Homo Ludens", salientou que a competição possui todas as características formais e a maior parte das características funcionais do jogo, justificando assim o interesse que desperta nos estudantes de todas as idades.

TEOTÔNIO LIMA (ibid 1987:20), afirma conclusivamente, que a competição é o "instrumento pedagógico" mais importante para a formação esportiva da criança por fornecer ao educador os elementos que vão servir de base ao ensino, à orientação da aprendizagem e à avaliação do progresso obtido; e para o aluno, ao assumir as diferentes tarefas que a constitui e as desenvolver numa situação real de aprendizagem.



FIGURA 1. O ALCANCE EDUCATIVO DA COMPETIÇÃO.

Adaptado de LIMA, Teotônio (1987:18)

Ao apresentar as principais diferenças encontradas entre estas manifestações, o autor supra citado enfatiza inicialmente o aspecto da sua organização funcional além de incluir outros aspectos fundamentais destas práticas, tais como a arbitragem, a maneira como são encarados os resultados, a forma de disputa, a organização e o direcionamento das atividades no sentido das finalidades a alcançar.

São grandes porém, as diferenças nas finalidades destes modelos, no qual o jogo é visualizado como um elemento de formação e o esporte competitivo, como uma forma de especialização

Outro aspecto pouco freqüente é a realização de atividades conjuntas com as restantes disciplinas da escola. Quando acontece, torna a Educação Física uma disciplina mais valorizada não só entre os alunos como também entre os demais professores da escola, além de angariar importantes adeptos para as suas atividades.

O estudo da problemática jogo ou esportes na Educação Física Escolar, levou GONÇALVES (1988), a propor uma série de diferenças entre o jogo e o esporte, procurando aí, situar as principais características assumidas pelas duas formas de atividades. São elas:

- **a caracterização** - que assumem, com vistas a participação e os resultados
- **as regras** - que adotam, que podem ser mais ou menos fixas e rijas, em função dos objetivos que se deseja alcançar.
- **as instalações** - que necessitam para a sua prática, cujas medidas e marcações podem ser improvisadas ou fixas.
- **os tipos de equipamentos** - que utilizam, podem ser improvisados ou determinados pelas organizações que os controlam.
- **as formas de arbitragem** - que adotam, podem ser livres ou seguir as regras pré-fixadas.
- **a importância dos resultados** - varia conforme os motivos e as finalidades das atividades.
- **as formas de competição** - podem ser livres ou determinadas pelos representantes dos participantes.
- **a organização das atividades** - pode ser do próprio grupo de praticantes ou direcionada num congresso prévio.
- **a maior ou menor diretividade** que assumem - é sempre em função dos objetivos que, no jogo, terminam com o fim da disputa mas que na competição, pode se arrastar por contendas que, muitas vezes, ultrapassam os limites dos campos de jogos

Das diferenças mostradas no quadro 6 a seguir, pode-se deduzir que ambas as atividades poderão ser significativas na escola, desde que seja controlada a importância que lhe são atribuída pois, se por um lado os jogos são atividades calmas e passíveis de serem praticadas por indivíduos de todas as idades, a competição, por outro lado, devido às suas características de extravasadora de emoções, pode conduzir a rumos indesejáveis, contrários até, à idéia de educar pelas atividades físicas.

QUADRO 5. DIFERENÇAS ENTRE O JOGO E O ESPORTE

FATORES	JOGO	ESPORTE
- CARACTERIZAÇÃO	Atividade livre, com espaço e tempo anormal.	Com regras/normais. Visa especializar.
- REGRAS	Simples e mutáveis.	Complexas, fixadas a priori.
- INSTALAÇÕES	Informais, sem normas, abertas a todos.	Exigem requisitos técnicos.
- EQUIPAMENTOS	Livres, simples.	Seguem as regras.
- ARBITRAGEM	É feita pelos próprios participantes ou escolhida por eles.	Obrigatória, exterior ao grupo. Cumpre as regras.
- RESULTADOS	O objetivo é a própria atividade, ter êxito e ser bem sucedido.	Determinam uma classificação. A sua avaliação pode influenciar no sistema de treino.
- QUADRO COMPETITIVO	Muitas competições de curta duração e pequena organização	Segue um calendário e é apoiado por estruturas.
- ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES	Variada, os grupos e as atividades são organizadas pelos praticantes.	Especializada e subordinada a um sistema de disputa.
- DIREÇÃO DAS ATIVIDADES	É menos "dirigida", com objetivos educativos e formativos.	Bastante dirigida. Preocupação com o rendimento e com os resultados.

Adaptado de GONÇALVES, Carlos Alberto: O desenvolvimento do jovem praticante desportivo. Oeiras: 1988.

Esta classificação aí sugerida, assemelha-se à divisão apresentada por DIECKERT (1974; 1984:74), quando propôs uma comparação entre as atividades do movimento "Esporte para Todos" e do esporte de alto nível (Quadro 7), onde ressalta o valor das atividades do movimento Esporte para Todos, principalmente, porque a prática continuada dos esportes traria benefícios não só no momento do seu desenvolvimento como também, para toda a vida do praticante.

QUADRO 6. COMPARAÇÕES ENTRE O ESPORTE PARA TODOS E O ESPORTE DE ALTO NÍVEL

	ESPORTE PARA TODOS	ESPORTE DE ALTO NÍVEL
FINALIDADES	Visa objetivos de alegria, satisfação pessoal e interação social; descansar do trabalho diário; busca da manutenção e da recuperação da saúde.	Busca a vitória esportiva, medalhas, troféus ou prêmios em dinheiro. Visa o prestígio pessoal, records e vantagens na escola e no emprego.
MÉTODOS E TÉCNICAS	Formas de jogo ou de competição com regras atenuadas. Trabalho em grupo, sem levar em conta a idade, o sexo ou o nível técnico do praticante. As atividades são realizadas com adaptações das instalações e das regras.	Especialização precoce do praticante. As regras são seguidas à risca e as equipes são separadas pelo sexo, idade e nível técnico.
REQUISITOS BÁSICOS	Como o EPT é extensivo a todas as idades e níveis, possibilita a livre manifestação da personalidade, despreocupação de vencer e das prisões em longas concentrações esportivas.	O esporte é praticado até uma determinada idade e por uns poucos bem dotados. Esses, vivem só para obter records e vitórias. Têm todo o apoio, mas só quando estão no auge da forma. Só interessa a formação de uma elite.
COMO PRATICAR	Algumas vezes por semana. Métodos livres. O praticante faz só o que tem vontade. Joga-se por prazer e satisfazer as necessidades de movimento, relax, saúde, alegria e novas experiências.	Treino diário (às vezes duas ou três por dia), visando a preparação para as competições. Visa automatizar os gestos básicos. O atleta segue um plano de treinamento, às vezes para um ano inteiro.
ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES	Quando sozinho, o praticante escolhe livremente. Quando em grupo, as decisões são da maioria. Ninguém impõe. Se a prática é numa entidade, estes não interferem nas decisões. Quando não estão praticando, as pessoas levam a sua vida normal.	O técnico é quem decide, com a equipe médica, o que é melhor para o atleta. Este, organiza a sua vida (alimentação, sono e hábitos de vida) de modo a favorecer a obtenção de melhores resultados técnicos.
EFEITOS	Com a prática do EPT se alcança uma auto-realização e uma auto-afirmação pela liberação da sua personalidade e criatividade. São melhoradas as relações sociais com os vizinhos e demais membros da comunidade.	O atleta sente a solidão das concentrações esportivas causadas pela rivalidade das disputas. Usa a cooperação mas para fortalecer a obtenção de melhores resultados.
RECURSOS FINANCEIROS	Os gastos com o EPT são menores pelo aproveitamento das instalações já existentes, da natureza e dos acidentes do terreno. O retorno do investimento vai para a saúde, bem estar e auto-realização.	Os gastos são elevados devido a necessidade de retorno a se atingir no momento em que as multidões pagam para ver "um bom espetáculo".

Adaptado de DIECKERT, Jürgen (1974) e da tradução brasileira (1984:74)

As conclusões que se podem chegar numa análise das propostas de DICKERT e de GONÇALVES, acima referidos, é a de que o jogo e as outras atividades de lazer conduzem a uma prática informal, implementada num contexto de liberdade relativamente às regras, à auto-escolha das atividades e a formação dos grupos, além de outros fatores, enquanto que os esportes de competição conduzem geralmente a uma atividade formal, vinculada a regras e regulamentos fixos e imutáveis, que não presdipõem a uma democrática escolha da atividade necessária ou desejada.

Infere-se então que, a utilização dos esportes na Educação Física Escolar, e devido às características especiais que os norteiam, poderão contribuir melhor para uma prática esportiva continuada, se forem acompanhadas de atividades complementares oriundas dos jogos, ou de outra forma.

Assim sendo, ambas as atividades poderão ser significativas na escola, desde que seja controlada a importância que lhes é atribuída pois, sabe-se que devido às suas características de extravasadora de emoções, a competição esportiva pode conduzir a rumos indesejáveis, contrários até à idéia de educar pelas atividades físicas.

Esta premissa foi levantada devido ao excesso de valor que era atribuída na época aos esportes de competição em relação à prática da maioria da população que não possuía um espaço para esta atividade. E porque este fato ocorria?

Porém, educadores como BRUHNS (1991), afirmam que a sobrevalorização do esporte de competição leva os profissionais da Educação Física a, muitas vezes, não perceberem a dimensão educativa das outras atividades tais como a lúdica, por exemplo.

Tal motivo leva outros educadores, como JOSUÁ (ibid 1978), a salientar que as competições devem ser cuidadosamente ministradas na escola para não desmotivarem o aluno e que devem ser encaradas mais como uma atividade da Educação Física Escolar e devido às características especiais que os norteiam, poderão contribuir melhor para uma prática esportiva continuada, se forem acompanhadas de atividades complementares oriundas dos jogos ou de outra forma.

Além das competições esportivas, outros aspectos extras têm sido estudados por diferentes autores visando complementar o ensino da Educação Física Escolar. Na escola e logo a partir das classes iniciais, a utilização dos jogos infantis, das brincadeiras e das atividades pré-esportivas e de iniciação aos esportes, complementa o conteúdo desenvolvido nas aulas e dá maior motivação ao aluno para continuar a sua prática no dia a dia.

Nesta perspectiva, GROSS (apud PIAGET, 1975:188), refere que os jogos infantis constituem então, uma espécie de pré-exercício porque contribui para o desenvolvimento de funções cujo estado de maturidade só é atingido no fim da infância, como por exemplo, a inteligência.

MUTH (1983) e FROSTIG e MASLOW (1984), avançando mais além, afirmam que um processo de educação dos movimentos que se utiliza dos jogos pode contribuir para a aprendizagem da matemática, da leitura e de outras habilidades escolares.

PEYRIN (apud VAYER e DESTROOPER, 1986:19), demonstrou que a competição esportiva estimula a atividade mental, tal como a memorização e o cálculo.

Outros autores, como MELO DE CARVALHO (1987a), acrescentam que alguns professores não dedicam porém, nenhum tempo às atividades

esportivas extra-classe por desconsiderarem o seu valor em relação aos conteúdos ministrados nas suas aulas.

Estes e outros fatos constituem um conjunto de elementos que evidenciam ainda que as atividades físico-motoras executadas extra-classe, além das suas funções educativas e de iniciação esportiva, servem também para aproximar a escola da comunidade e por isso, devem ser incentivadas por todos os meios de que o professor de Educação Física possa lançar mão.

Esta aproximação pode ser incentivada pela escola, pelos professores e pelos pais por intermédio das aulas, de atividades conjuntas com as associações de pais e professores, pelos grêmios recreativos, pelos clubes escolares ou por outras instituições (LOURENÇO FILHO, *ibid* 1972).

Por sua vez, as atividades extra-escolares, apesar de ser geralmente pouco exploradas pelos professores de Educação Física, são complementos importantes das quais lançam mão para motivar para a prática físico-motora.

Neste sentido, as colônias de férias, as gincanas, os passeios, as excursões e visitas, os acampamentos, a participação em concursos e festivais, as corridas pedestres e outras, constituem ocasiões igualmente importantes para que os alunos desenvolvam outras atividades,

Uma pesquisa realizada por MC INTOSH (1985), com alunos de ambos os sexos e idades entre os dez e os dezoito anos, para verificar a existência de uma prática físico-motora regular dos alunos na comunidade, em horários diferentes das aulas de Educação Física da escola, revelou uma baixa percentagem da prática de qualquer atividade física fora da escola, tendência esta que se acentua nos alunos do sexo feminino e aumentando o número dos que nada praticam, na medida em que vão ficando mais velhos,

Revelou também que, dos onze aos doze anos de idade, há um maior número de praticantes; dos treze aos quatorze, 25% dos alunos nada praticam; dos quinze aos dezesseis, diminui a variedade das atividades físico-motoras que praticam e, dos dezessete aos dezoito, diminui consideravelmente tanto o número de atividades praticadas como também o número de praticantes em cada uma delas.

O estudo dos processos utilizados na escola e destinados a conscientizar o aluno para a prática esportiva, tem levado muitos autores a refletir também acerca de outras questões, tais como:

- o esporte constitui um elemento positivo ou negativo na Educação Física Escolar?
- a escola deve ministrar preferencialmente o jogo ou o esporte, no sentido de uma ação educativa?

Para PEREIRA DA COSTA (*id. ibid* 1988), a posição mais equilibrada na compreensão das contradições do esporte (explícitas) e da Educação Física (implícitas), reside na interpretação destes dois tipos complementares da teoria e da prática das atividades físicas sob o enfoque social.

Assim sendo, e sobre a primeira questão, diversos autores tais como ALDOUS HUXLEY apud SEURIN (1979) e PEREIRA DA COSTA (*op. cit.*), afirmam que, como tantos outros instrumentos que o homem inventou, o esporte pode

ser utilizado com finalidades boas ou nocivas e assumindo, em determinados momentos, uma conotação positiva ou negativa, conforme o ponto de vista que é enfocado.

É assim, possível abordar:

O esporte como elemento positivo

A participação das pessoas em atividades grupais propicia um processo de socialização ao ensejar o acesso às diferentes classes sociais e a elevação social aqueles que se destacam nas suas respectivas especialidades ao proporcionar:

- a saúde, a higiene, a reabilitação e outros aspectos de ordem bio-psico-social;
- a ordem, a disciplina e o respeito aos adversários;
- conhecimentos gerais pelas viagens e intercâmbio com outros povos e outras culturas;
- a melhoria dos hábitos sociais, do vestuário, da linguagem, da vida ao ar livre e dos modos de vida, sendo portanto um dos mais importantes veículos da Educação.

O esporte como elemento negativo

O esporte assume conotações negativas quando:

- enfatiza excessivamente a alta competição em detrimento das atividades recreativas, de lazer ou de tempos livres.
- privilegia os atletas de alto nível, marginalizando aqueles que não possuem vocação para tal.
- proporciona muitos dos recursos financeiros a somente alguns indivíduos, pouco restando para a enorme massa de pessoas que gostariam também de praticar alguma atividade, de acordo com as suas possibilidades.
- estimula a participação cada vez mais precoce e, conseqüentemente, diminui cada vez mais a idade limite dos praticantes.
- condiciona a participação somente daqueles que possuem alto grau de técnica, de condição física e, em alguns casos, de condições financeiras e materiais.
- Quando incentiva a agressividade devido, muitas vezes, à facilidade de acesso às vantagens financeiras dos atletas ou pelo lucro oriundo do comércio, da indústria e dos meios de comunicação social que o rodeia, vivendo ou parasitando às suas custas.
- E ainda, quando, na escola, procura ministrá-lo da mesma forma que é desenvolvido pelas federações, sem considerar a formação educacional ou os demais conteúdos da Educação Física.

Por estes e por outros motivos, os jovens têm optado por uma participação casual nas atividades físicas e sobretudo no esporte, devido à mudança de valores, à descentralização da oferta de atividades e do crescimento do esporte organizado prioritariamente como espetáculo (WATKINS, apud PEREIRA DA COSTA, id. ibidem 1988).

3.2. A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA

A idéia de uma Educação Continuada não é recente. "Sete séculos antes de Cristo, o filósofo Lao-Tsé - descobridor da dialética - dizia que: ... todo estudo é interminável" (GADOTTI, 1980:94).

Segundo REIS (1987:30), em 1955, a Liga Francesa de Ensino empregou pela primeira vez a expressão "Educação Permanente". A partir daí, este aspecto da Educação, como uma necessidade vital do homem, tem sido analisado por uma série de autores como BERGER (1962), FURTER (1966), LE VEUGLE (1968), RASMUSSEN (1968), LEGRAND (1969), PAIVA (1986), com alguns sendo favoráveis e outros, como por exemplo GADOTTI (Educação contra Educação, 1977), contestando.

Apresentado á UNESCO, em 1965, por PAUL LEGRAND, o conceito de "Educação Física Permanente" foi utilizado em 1968 como princípio de educação, fato que motivou este organismo a descobrir na Educação Física, para além de outros pressupostos, uma alternativa para a ocupação do tempo livre como lazer.

A Educação Física, desde há muito, tem adotado a expressão "Educação Física Permanente". Os investigadores têm realizado diversos estudos, enraizando a idéia de que as atividades físicas e esportivas constituem um importante contributo para o bem estar pessoal do homem, durante toda a sua vida. Apoiando esta idéia, a FIEP (Federação Internacional de Educação Física), lançou em 1975, o Manifesto Mundial da Educação Física, onde aparece a denominação "Esporte para Todos" como uma forma de se antepor ao "esporte de alta competição". Numa das premissas desse Manifesto, salienta (REVISTA DESPORTO E SOCIEDADE, 1987:30):

"Considerar a necessidade de uma educação permanente da infância à velhice, porque os efeitos do treino são apenas provisórios ...".

Neste trabalho é utilizada a expressão "Educação Física Continuada" para expressar a continuidade desta prática devido aos diferentes motivos e necessidades que são enfocados durante este capítulo.

A humanidade tem adotado uma série de expressões para simbolizar as diferentes tendências da prática esportiva pela população. Assim, a língua inglesa utiliza o termo "play" e o alemão "witz" para indicar jogo. Os gregos, utilizavam a desinência "inda" como sinônimo de diversas categorias de jogo, "paideia" para o jogo infantil, "agon" para o esporte e "athurma" para a agilidade prazerosa (LEBOVICI e DIAKTINE, 1988:14).

Com a substituição destas e de outras atividades naturais ou criadas pela humanidade para o seu lazer por outras que começaram a suceder-se nos séculos XVIII e XIX a partir do período da industrialização mundial, muitos cientistas voltaram a interessar-se pelo estudo das atividades físicas para a melhoria da vida da população. Destacaram-se então, nomes como BASEDOW, GUTHS MUTHS, JAHN, LING e outros, principalmente no norte da Europa (LANGLADE, 1981:21).

A "descoberta" do esporte no século passado alargou ainda mais as possibilidades da prática corporal, devido às suas características de atividade física com caráter educativo e recreativo (LACERDA e MELO, 1978:10).

No início deste século, a ênfase das investigações acerca das atividades físicas centrava-se na necessidade da prática por motivos de saúde o que talvez tenha levado ROSIN a criar na Suécia, em 1913/14 o movimento denominado "Ginástica para Todos" (LANGLADE 1976:12). A segunda guerra mundial e as suas conseqüências incentivaram diversos investigadores, em diferentes países, a interessarem-se por outras vantagens da prática esportiva, surgindo então diversos estudos sobre a sua influência em aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais (BLOOM, 1972; BLOOM et ali, 1972; SINGER & DICK, 1980), HARROW, 1983.

Estes e outros motivos levaram provavelmente a que, daí em diante, a Educação Física e os esportes começassem a ser pensados como pilares importantes para a necessária reconstrução dos patrimônios cívicos, morais, da saúde e outros, da população.

PEREIRA DA COSTA e outros, define a **Educação Física Continuada como o processo educativo que relaciona as atividades esportivas e de Educação Física aos hábitos quotidianos da vida, abrangendo qualquer pessoa, em qualquer idade e em qualquer oportunidade.**

Para SEURIN (1986:16), a idéia de se praticar por toda a vida talvez tenha sido um dos principais fatores que originaram a realização de movimentos em diferentes países do mundo, tais como o "der Zweite Weg", (o Segundo caminho), nos anos 50; o "plano Dourado", na década de 60 (BILLION, 1986), e o "**TRIMM**" (denominação atribuída ao movimento Esporte para Todos em alguns países), nos anos 70; a "Gymnastique Voluntaire", (Ginástica Voluntária), na França; "Frivilliga Gymnastik", (Ginástica para Todos), na Suécia; o "Plan de la Calle", em Cuba e outros.

Esta premissa tem recebido importantes contribuições de personalidades ligadas ou não ao esporte, como a do Presidente Kennedy, ao comentar que "a aptidão física à base de todas as atividades de nossa sociedade" (OBERTEUFFER, id. ibidem 1977:67) que, embora seja discutível, serviu como reforço a esta proposta.

Ao analisar as vantagens de uma prática esportiva continuada, diversos autores, tais como SEVELIUS (1977), DIECKERT (id. ibidem 1974 e 1984), PALM (1984), PEREIRA DA COSTA (1980, 1981, 1983, 1983a) e outros, afirmam que esta prática deve ser uma das principais fontes de satisfação para as necessidades do homem: de alegria, de sociabilidade, de experiência e bem estar físico. Deve proporcionar oportunidades para que um número maior de pessoas, de todas as idades, possam participar em atividades saudáveis durante o seu tempo de lazer, combinando saúde com recreação.

A sua necessidade é também realçada ao se considerar que as performances esportivas, ao contrário de outras atividades criativas, são efêmeras e que "... e a gente é artista por toda a vida, mas é atleta de alto nível, ou campeão, apenas por um tempo limitado" (DIECKERT, ibid 1974, prefácio).

3.2.1 - O movimento "Esporte para Todos" e o conceito de prática esportiva continuada

Em 1966, o Conselho da Europa formulou pela primeira vez o conceito de "Esporte para Todos". A partir de então, a idéia de uma prática disseminada

por toda a população foi tomando forma e reunindo inúmeros seguidores em diversos países (CLAEYS, s/d:4).

Ao propor um conceito que compreendesse não só o próprio esporte, mas também as diversas formas de atividades físico-motoras: dos jogos informais até as mais simples atividades físicas (VAN LIERDE, 1983:14), aquele Conselho estabeleceu uma nomenclatura que, desde o início do século e até os nossos dias, englobava mais de sessenta interpretações e nomenclaturas para definir Esporte, Educação Física e Recreação (SIMRI, 1978).

Para BOAVENTURA (1980:3), as origens do movimento "Esporte para Todos" provêm da antiga Grécia, já a partir das concepções de EUSCULÁPIO (Século XIV a.C.), HIPÓCRATES (Séc. V a.C.) e GALENO (Séc. II a. C.). Segundo este autor, embora os gregos o designassem como "ginástica médica", os atributos e as finalidades eram as mesmas do atual "Esporte para Todos". Assim como hoje, já naquela época começavam a ser observadas as diferenças entre as atividades preconizadas por este movimento (basicamente o esporte de lazer) e o esporte de competição.

Com isto, verificou-se que a prática continuada de era uma das principais características do movimento "Esporte para Todos", pela sua abrangência à todas as atividades com características recreativas e que servem de estímulo às diferentes formas da cultura física e de movimentos praticados pela comunidade, como se pode notar na definição abaixo (DIECKERT, apud MARTINS JUNIOR, 1982:43).

"Esporte para Todos é toda atividade física e/ou prática esportiva com a finalidade de proporcionar bem estar e alegria, convívio social e saúde, que é executada regular ou ocasionalmente, por qualquer pessoa, de qualquer idade ou sexo, sozinho ou em grupos homogêneos e/ou mistos, formal ou informal, sob regras oficiais ou recriadas e sem objetivos de competição em termos de alto nível, mas respeitando os interesses dos participantes, números de pessoas, diferentes níveis de rendimento e a situação de local e tempo, em instalações e materiais específicos ou improvisados, sob a orientação de especialistas ou com auto organização."

A prática esportiva continuada parece pois, mais do que um prolongamento da escola, projetando-se na vida da comunidade, além da formação profissional, na cultura e na formação geral do indivíduo, permitindo-lhe assumir a sua realidade concreta bem como o desenvolvimento da personalidade.

Julga-se que, baseando-se nesta idéia, a Alemanha instituiu na década de 50 o já citado Programa "Segundo Caminho" (LANGLADE, ibid 1976:12) e na década de 60, o "Plano Dourado" (BILION, ibid 1984). Foi também, na tentativa de melhorar a qualidade de vida da sua população, que o governo alemão adotou, desde então, além dos dois conceitos já referidos, o "Breitensport" (esporte de massa), praticado em qualquer lugar, de uma forma organizada ou espontânea (LANGLADE, ibid 1981:21).

Além de redimensionar os pilares tradicionais em que a prática esportiva se suportava, chamou também a atenção para outros aspectos relevantes, tais como a socialização e a democratização das atividades esportivas. Por outro lado, a sua aceitação universal sobretudo pelas camadas mais jovens da população, explica-se, não

só pelo seu caráter de esforço físico, lutas e jogos, como também por proporcionar a participação social. É, por este motivo, um excelente meio para a formação e para o desenvolvimento da juventude.

O conjunto de fatos citados anteriormente, além de outros, talvez tenham sido básicos para que a Noruega, através de Per Hauge-Moe e outros (HAUGE-MOE 1977, p. 70), lançasse em 1967 a Campanha "TRIMM" (nome atribuído, em diversos países, ao movimento "Esporte para Todos"). Este movimento rapidamente se espalhou por toda a Europa e depois para o mundo inteiro, recebendo o apoio de diversos organismos internacionais, destacando-se o Conselho da Europa que, em 1970, propôs-lhe um conceito que compreendesse não só o próprio esporte, mas também as diversas formas de atividades físicas: dos jogos informais até as mais simples atividades físicas (VAN LIERDE, *ibid* 1983:14).

O movimento "Esporte para Todos" surgiu após o fortalecimento de uma tendência que vinha sendo manifestada em todo o mundo desde a segunda grande guerra e principalmente após a década de sessenta. Consistia na divisão do esporte em duas formas de manifestações:

1. os esportes de lazer
2. os esportes de alto nível

No início da década de setenta, DIECKERT (*id. ibidem*, 1974), propôs o desdobramento do esporte em "Esporte para Todos" e "Esporte de Alto Nível" e, neste mesmo ano, publicou um quadro comparativo (o já citado quadro 6), onde analisava as contradições entre estas duas manifestações. Dizia ele em suas considerações, que:

- * O esporte de alto nível visa a produção de atletas, o alto rendimento nos jogos e nas competições, a partir da seleção e da constituição de uma elite esportiva para a qual são investidos imensos recursos.
- * O "Esporte para Todos" é praticado por cidadãos normais, na comunidade ou na escola, nos tempos de lazer ou para a manutenção física e pode ser realizado em casa, nas vias públicas, nos clubes ou nas academias.

Analisando essas duas contradições, verifica-se que o esporte de alto nível serve mais às finalidades políticas e/ou comerciais do que propriamente às técnicas. Isso ocorre porque ao promover um esporte de qualidade, provoca uma elitização que serve a poucos, em detrimento da maioria dos praticantes. Por sua vez, o Esporte para Todos significa a prática esportiva por uma quantidade expressiva da população e servindo a idéia da massificação esportiva.

A questão então é: o que é mais importante a qualidade ou a quantidade? No entender de autores como MANACORDA (1986) e VALE (1995), uma não pode ser dissociada da outra ao não ser possível se ter qualidade sem se estimular a quantidade e vice-versa, sendo uma dependente da outra.

Outros, como MELO DE CARVALHO (*ibid* 1978:94), afirmam que "a existência de uma elite de alto nível não é a consequência natural resultante do alargamento da prática esportiva". Por isso, "justificar a massificação esportiva na ótica exclusiva dos resultados obtidos no setor da alta competição é afastar o esporte da concepção humanizadora que lhe cabe".

Esta idéia é reforçada pelo Manifesto Mundial da Educação Física, lançado pela FIEP (Federação Internacional de Educação Física), em 1965, onde aparece a denominação "Esporte para Todos" como uma forma de se antepor ao "esporte de alta competição".

Em suas considerações, este Manifesto (DGD, 1986:30), divide o esporte moderno em "esporte de competição seletiva e esporte de espetáculo, por serem estas as formas que atraem a atenção e recebem o apoio dos poderes públicos, da multidão, dos organismos de informação e de certas empresas comerciais... a busca das vitórias a qualquer custo leva a uma depreciação da Educação Física Escolar, que deveria incluir certos esportes e que estes deveriam se tornar uma realidade na escola se se quer formar solidamente o homem e o esportista de amanhã ... o esporte recreativo e educativo ainda existe, praticado por jovens e adultos pelo único prazer da distração, do esforço e do progresso.

Um problema de opção prioritária que se põe aos educadores e outros responsáveis sociais é então: o que priorizar: o esporte profissional e o esporte de alta competição ou Esporte para Todos?

O Manifesto refere ainda, que "os Direitos da Criança, afirmados na declaração de 20 de Novembro de 1956, na Assembléia Geral das Nações Unidas, só podem ser salvaguardados se a escola, os pais e o grupo social derem à criança uma Educação Física concebida em função das suas necessidades e possibilidades... esta disciplina deve ter um sólido valor formativo e educativo e não poderia limitar-se a uma simples recreação... Para isso, deve considerar a necessidade de uma educação permanente da infância à velhice, porque os efeitos do treino são apenas provisórios e não é suficiente ter praticado esportes entre os 15 e os 20 anos, por exemplo, se depois se negligencia o treino físico".

O movimento EPT conseguiu sensibilizar as autoridades de muitos países para a necessidade de se fomentar a prática esportiva comunitária, até porque constitui um dos pilares (e talvez o maior) em que se alicerça o próprio esporte de competição. Chamou também a atenção para outros aspectos relevantes e às vezes são mascarados pelos objetivos imediatistas da competição, tais como a socialização e a democratização das atividades esportivas. Por outro lado, a sua aceitação universal sobretudo pelas camadas mais jovens da população, explica-se não só pelo seu caráter de esforço físico, lutas e jogos, como também, por proporcionar a participação social.

Uma análise do Manifesto, mostra que, filosoficamente, evidencia uma dualização de conceitos, ao dividir a prática das atividades físicas em Educação Física e esporte, embora leve em consideração o esporte praticado por lazer.

Politicamente, procura legitimar esta prática ao ser apresentado diretamente nas Nações Unidas, até porque estas atividades acontecem em praticamente todos os países do mundo e finalmente, ao ser divulgado através da UNESCO, proporciona aos educadores de todas as partes do mundo um conceito geral de Educação Física que engloba uma preocupação com o corpo, uma aptidão para a ação e a busca dos valores morais do cidadão, que deveriam ser alcançados através de três pilares: as competições esportivas, o treinamento esportivo e o jogo-esporte, sendo este último, desenvolvido nas escolas e nas universidades pelos educadores ou ainda, nas famílias, nos clubes e em quaisquer outros locais pela própria população (esporte de massa).

Muito embora tenha sido introduzido no Brasil em 1975 e recebido o nome de "Campanha Esporte para Todos", é comum, ainda hoje, ouvir-se no país, como sinônimos de Esporte para Todos, as seguintes expressões:

- Esporte recreativo
- Esporte omunitário
- Esporte de massa
- Massificação esportiva
- Prática esportiva comunitária
- Iniciação esportiva
- Escolinhas esportivas
- Outras

Estas denominações, muito embora utilizem a terminologia "esportiva", visam porém, de uma forma ou de outra, motivar a população para a prática de atividades físicas, esportivas e recreativas e de uma forma regular e continuada.

Estudando a sua evolução entre os diferentes hábitos comunitários, que se verifica nas últimas décadas, autores alemães tais como DIECKERT e outros (id. ibidem 1984; 1985, e ainda, 1987a e 1989), americanos como CHEFFERS e EVAUL (1988), brasileiros como PEREIRA DA COSTA e outros (1984 1984a, 1986, 1987 e 1988), mostram-nos que no final deste século, a Educação Física exigirá novas mudanças no sentido de atividades voltadas para o esporte de lazer e de tempos livres e adaptáveis às novas exigências impostas pelas transformações da sociedade.

Deve-se ressaltar no entanto, que estas transformações não são novas. Já no século passado, dizia MARX que "o uso da máquina operatriz no lugar da mão do trabalho humano, seria um passo decisivo para a criação da produção industrial", fato que proporcionaria uma maior tempo livre à população ao ser a sua mão de obra substituída pela ciência e pela tecnologia. Essa premissa têm levado autores como MANACORDA (ibid 1985: 59), a afirmar que "o maior tempo livre dos homens torna também maior o seu tempo para aumentar os bens culturais".

Assim sendo, a utilização deste tempo para a melhoria da cultura (inclusive a esportiva), tornaria os homens mais cultos e conseqüentemente, mais capazes.

Numa análise dos conteúdos das atividades propostas pelos programas do movimento "Esporte para Todos", VAN LIERDE (ibid 1983:13), diz que estes são dominados por três aspectos:

- A prática dos esportes tradicionalmente praticados para a manutenção da forma física;
- o entusiasmo proporcionado por alguns esportes "novos";
- o reforço da idéia de "jogo" na política do "Esporte para Todos".

CLEYES (ibid s/d:4), ao analisar as várias definições do esporte, diz que o Esporte para Todos não se refere unicamente aos esportes mas a todas as entidades com características recreativas, de lazer e de tempos livres.

Para PIERÓN et alii (1973), a diversidade das atividades físicas que proporciona o torna acessível a todos, qualquer que seja a sua força, idade e sexo. Por

esta razão, persegue os objetivos que buscam priorizar as atividades físico-motoras, passíveis de continuar a ser desenvolvidas durante toda a vida.

CAGIGAL (1974:12), descreveu assim os objetivos do Esporte para Todos:

- "Assegurar a cada um o seu desenvolvimento físico e mental e o equilíbrio dinâmico, satisfatório para a saúde;
- ajudar a satisfazer as suas necessidades de participação (integração no ambiente) e de comunicação (relações humanas) ainda, de manifestação de repressão;
- compensar o "stress" proporcionado pela vida quotidiana;
- permitir que se assumam melhor as obrigações profissionais e tarefa social."

Estas e outras concepções, evidenciam que, praticamente todos os autores que escreveram sobre o movimento EPT, não o consideram somente como uma prática esportiva mas sim como "a prática de qualquer atividade física, esportiva, recreativa ou com outra denominação, desenvolvida no sentido de manutenção da forma física, pelo simples prazer de praticar, para competir, para preencher as horas de lazer ou por qualquer outro motivo.

Entende-se então, que para se obter um efeito permanente sobre o corpo e sobre o espírito, deva ser desenvolvida regularmente, daí a expressão "prática esportiva continuada" ser, muitas vezes, utilizada como sinônimo de Esporte para Todos.

Verifica-se ainda, que embora aliada à palavra esporte, o movimento "Esporte para Todos" deu também um novo significado à palavra brincar. Em consequência, ao contrário dos esportes que anseiam a vitória, por vezes até, às últimas consequências, o brincar representa um encontro do homem com o seu EU, como se pode deduzir de SCHILLER, quando diz que "o homem só se torna humano quando brinca" (SANTIN, id. ibidem 1987:85). E porquê?

Quando a pessoa brinca (e não importa a idade), ela traz à tona uma série de virtudes e defeitos que muitas vezes procura esconder para satisfazer as convenções sociais. Durante esta atividade física, ela se despe de preconceitos e de auto-avaliações que mascaram a sua verdadeira personalidade. Neste momento, só se preocupa consigo e com o seu companheiro de brincadeiras e a sua vida passa a ter uma maior importância pois pode, nesta atividade exprimir todo o seu potencial físico, afetivo e social.

Demonstra-se assim, que a prática físico-motora deveria atingir as mais diferentes faixas etárias, ao abranger as necessidades dos indivíduos de todas as idades. Necessitaria portanto, ser proporcionada a partir da mais tenra idade, aproveitando para isso o ambiente escolar (DICKERT, ibid 1978:5).

O "Esporte para Todos" representa então, para a população, muito mais do que uma simples versão da prática esportiva, mas também o abranger de diferentes dimensões no seu processo de desenvolvimento.

Para que os seus objetivos sejam alcançados, dever-se-ia ainda, levar em conta outros, considerados permanentes, tais como a melhoria da aptidão física da população, a implantação e intensificação da prática dos esportes de massa e a difusão dos esportes como forma de utilização do tempo de lazer.

Deveria pois, ser entendido como o conjunto de todas as atividades esportivo-recreativas, que atuam nos diferentes graus de socialização e na forma física

dos participantes, representando as seguintes dimensões (PEREIRA DA COSTA & TAKAHASHI, 1983a:22):

- * Dimensão cultural
- * Dimensão educacional
- * Dimensão de comunicação
- * Dimensão de saúde

Analisando esta classificação, poder-se-ia colocar as seguintes questões:

Porque razão o EPT é ação cultural?

Segundo SAAVEDRA (ibid 1988:21), entende-se por cultura os produtos da atividade do homem; o conjunto das soluções encontradas para os problemas impostos pelo meio em que vive. A cultura física se manifesta quando o indivíduo se torna mais apto pela saúde, pela solidariedade, pela prática dos diferentes conteúdos da Educação Física, pela reflexão teórica e científica desta prática, pela aquisição de hábitos morais, quando esta contribui também para a sua melhoria no trabalho e no estudo e quando lhe permite o respeito à disciplina e à hierarquia.

Porque razão é educacional?

Desenvolvido através de normas pedagógicas não tradicionais (além das formais, também pelas informais e não formais), e tornado conhecido por intermédio dos modernos meios de comunicação de massa, este movimento permite à população o acesso ao conhecimento das formas de jogo e das principais regras das atividades praticadas, quando apresentadas através de uma linguagem popular.

Porque razão é comunicação?

Por possuir uma simbologia própria (o logotipo da campanha) e conter os três ingredientes básicos que são exigidos pelos modernos meios de comunicação para levar a sua mensagem ao público: a simplificação e a massificação (PEREIRA DA COSTA e TAKAHASHI, ibid 1983:23).

Porque razão é saúde?

Ao atrair as pessoas para as atividades físico-motoras, visando tornar esta prática num hábito seu, este movimento levam-nas a refletir acerca da sua contribuição para a saúde. Possibilitam assim, atingir, além do condicionamento físico, também o seu bem estar mental, social e espiritual.

Analisando as raízes filosóficas deste movimento, SANTIN (id. ibidem 1987:98), apresenta três aspectos que auxiliam a sua compreensão:

- * **Compreensão sociológica**, que o situa como um movimento ou cultura de massas, que deveria atingir todas as camadas da população.

Deve-se porém, ressaltar o posicionamento de autores como MELO DE CARVALHO (ibid 1987a:191), que analisa a prática esportiva em duas contradições: uma, que "obedece aos imperativos do capitalismo e que é assente no espetáculo esportivo, no processo competitivo e na elitização desta prática" e outra que, "sem negar o valor da competição, procura subordinar a prática esportiva às necessidades do indivíduo e da sociedade, obedecendo à visão regeneradora do socialismo".

- * **Compreensão ideológica**, em que o aumento da participação popular acarreta uma nova visão sobre esta prática e denuncia a sua manipulação por intermediários dos interesses políticos e econômicos.

Do ponto de vista econômico, o EPT seria reduzido a um processo de produção-consumo de mercadorias a consumir pelos praticantes. A venda da imagem do atleta campeão, a divulgação política dos resultados das promoções esportivas e o aumento da força da ideologia dominante, seriam espaços a manipular pelo poder político. E Porque?

Para BROHM (1976:197), embora a ideologia esportiva oficial afirme sem cessar não somente o apolitismo do movimento esportivo, mas também o desejo do apolitismo dos seus dirigentes, a realidade demonstra, ao contrário, que o esporte está estreitamente interligado à política e às atividades do Estado".

Por outro lado, o esporte como meio educativo distinto da sociedade global, é considerado pela pedagogia como uma necessidade. Assim sendo, "é esse esporte que, colocando tão alto o domínio de si mesmo e desprezando a "ludicidade da vida", valoriza a repressão, controlando a expressão... numa sociedade específica que não é a ideal, mas onde os interesses de alguns exigem o sacrifício dos interesses da maioria (CAVALCANTI, ibid 1981:306).

Evidencia-se assim, que o esporte não se desenvolve à margem da política e que este movimento constituía portanto, um instrumento de política à serviço do Estado.

- * **Compreensão radical**, em que as raízes que sustentam as atividades esportivas, em todos os níveis e instituições, devem ser bem compreendidas para que as duas abordagens anteriores sejam eficazes.

No Brasil, este movimento, após uma experiência particular, latente desde há setenta anos, mas que a partir de 1977 despertou para o desenvolvimento de uma campanha própria, "tem sido um meio termo entre as modalidades esportivas tradicionais e os jogos informais" (CAVALCANTI, id ibidem 1984).

3.2.2 - O Esporte para Todos no Brasil

No Brasil, este movimento foi introduzido em 1975 por PEREIRA DA COSTA e outros, recebendo a denominação de "Campanha Esporte para Todos". É porém, comum ouvir-se ainda hoje no país, como sinônimos desta campanha, as expressões: esporte recreativo, esporte comunitário, esporte de massa, massificação esportiva, prática esportiva comunitária, iniciação esportiva, escolinhas esportivas e

outras, que, embora utilizando a terminologia "esportiva", visavam, de uma forma ou de outra, motivar a população para a prática de todas as formas de atividades físicas já enunciadas, e de uma forma regular e permanente.

Analisando a sua implantação no nosso País, SANTIN (ibid 1990), afirma que este movimento se expandiu em nome de quatro pontos básicos:

1. Sendo a prática esportiva um direito de todo cidadão, o Estado estaria proporcionando as condições para tal;
2. O EPT seria uma exigência imposto pelo sistema: trabalho X lazer;
3. Serviria, como consequência, para preencher o tempo livre;
4. E também, como controlador de determinados problemas da sociedade, tais como a droga, a violência, o crime etc.

Observa-se assim, que a idéia da utilização das atividades físico-motoras no sentido de melhorar a qualidade de vida é uma premissa que tem sido analisada ao longo dos anos por muitos autores, em diferentes países e sob diferentes aspectos.

Esse movimento não deu certo no Brasil devido à falta de condições da maioria dos brasileiros para a sua prática pois, quando não há tempo livre para a prática ou quando a miséria e a fome falam mais alto, torna-se difícil para alguns e quase impossível para muitos o desenvolvimento de uma cultura física.

Na época da implantação deste movimento entre nós, as definições da UNESCO sobre a Educação Continuada motivaram os meios acadêmicos do País a propor um conceito próprio que PEREIRA DA COSTA (ibid 1986:13), denominou de FIM (Formal/Informal e Não formal), cujas ações eram assim definidas:

- * **Atividade formal** - um fluxo contínuo de ações, coordenadas e estáveis, que visam a maximização, a sincronia, a standardização e a automação.
- * **atividade não formal** - são versões complementares e descontínuas de ações formais, com diferentes graus de utilização dos seus conteúdos originais e visando a aplicação em momentos eventuais.
- * **Atividade informal** - são ações independentes, dirigidas pelo próprio praticante ou pelo grupo e sempre que esta prática lhes aprouver.

O valor desta proposta está na relação entre os três conceitos. Enquanto as atividades formais são variáveis usualmente aplicadas na escola, nos clubes e no esporte de competição, as não formais e as informais predispõem a um elevado grau de autonomia do praticante e poderiam ser usados em qualquer ambiente (PEREIRA DA COSTA, ibid 1987:13).

Julga-se que esta conceituação é abrangente e consegue abarcar as diferentes formas da prática de atividades físico/motoras desenvolvidas pela comunidade, tendo por este motivo sido aceita pelos professores de Educação Física que participaram do movimento EPT.

Nem todos os professores participaram porém, deste movimento, desconhecendo-se assim a sua aceitação pelos demais professores que lecionam nas escolas de 1º e de 2º graus.

Dos estudos realizados no Brasil, sobre a evolução dos esportes comunitários (nome utilizado no nosso País como um dos sinônimos do Esporte para Todos), dois deles, realizados respectivamente em 1985 e 1986, abordavam diferentes aspectos:

O primeiro, realizado com os alunos da disciplina "Educação Física Permanente", no Curso de Educação Física da Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro, revelou que a mesma deveria continuar no currículo daquele curso, como obrigatória, uma vez que, até então, era opcional. Os alunos justificando a sua escolha, afirmaram que eram devidas às suas características, extremamente ligadas ao conceito de educar pela atividade física, o que também significava um contexto continuado de educação (REIS, 1985).

O segundo estudo, realizado com um grupo de profissionais de todas as regiões do Brasil, ligados ao EPT em diversas áreas de atuação, e que procurava saber quais os principais aspectos positivos e negativos da estrutura de organização daquele movimento, revelou que os principais pontos positivos, era a organização de entidades comunitárias, a valorização da cultura regional e uma mudança no país do modo de se ver a Educação Física.

E que, por sua vez, os principais aspectos negativos, foram a descontinuidade nas promoções, uma pesquisa insuficiente, filosofia e princípios centralizados e profissionais não habilitados para a prática comunitária, além de recursos financeiros em desacordo com a realidade do programa (SILVEIRA E GOMES, 1978).

Estes e outros fatos levaram alguns autores como CAVALCANTI (id. ibidem 1984) à críticas e SANTIN (id. ibidem 1990), a afirmar, que aquele movimento, mesmo durante a sua implantação, teria entrado em crise. E porque? Para este último autor, o EPT não suscitou uma consciência individual ou social, além dos seus objetivos nunca terem sido suficientemente esclarecidos.

A crise sugerida por alguns autores ficou evidente no hiato criado entre o último Congresso Brasileiro de EPT, realizado em Campo Grande, MS, em 1985 e o próximo, marcado para a cidade de Santos, SP, em Março de 1996 (EPT, 1996)

Possuindo todas as condições para tal, **este movimento não chegou a ser implantado nas escolas**, apesar de ser aceito pelos dirigentes esportivos, técnicos, professores e outros participantes. Porque não?

As causas para tal ainda hoje são desconhecidas. Acredita-se porém, que a sua **não implantação nas escolas foi fundamental para que este movimento diminuísse quase que completamente em nosso país.**

3.2.3 - A Educação Física Escolar e a prática esportiva continuada

"O filósofo medieval JOHN DUNS SCOTUS, colocou em dúvida, na Inglaterra do século XIV, o princípio então dominante do **omne quod movetur ab alia movetur** (tudo o que se move é movido por outra coisa). Para ele, a casualidade não explicava todos os fenômenos menos humanos. Por outro lado, ARISTÓTELES, o primeiro sistematizador das ciências, o mundo físico ordenava-se por quatro grandes causas: formal, material, eficiente e final. No primeiro caso, cogitava-se da idéia antes da obra ser realizada, sucedendo-se a matéria sobre a qual se trabalhava, os instrumentos

utilizados e finalmente, o propósito da obra" (PEREIRA DA COSTA, id. ibidem 1987:3).

Na atualidade, observando-se a educação física, os esportes e a recreação, verifica-se que a ordem aristotélica continua a regular a relação entre os professores, técnicos e recreadores, com os primeiros desenvolvendo os seus alunos através da movimentação, os segundos aperfeiçoando o desempenho dos seus atletas e os terceiros, monitorizando os seus alunos quanto ao uso do seu tempo livre, tudo isto dentro de um "contínuum", na medida em que o indivíduo ultrapassa os diferentes estágios da sua vida.

Nesta perspectiva, o movimento e os jogos são conteúdos que fazem parte de quase todas as fases da sua existência, tornando-se de maior ou menor importância para as pessoas em qualquer idade, tais como: na criança lactente, na pré-escola, na escola, no ensino universitário, na formação posterior ou na atualização, na habitação e nos hábitos de saúde, no lazer e nos diferentes grupos periféricos da sociedade.

Todas as maneiras de se expressar através de uma linguagem do corpo, são importantes para que o homem possa se comunicar, transmitir sentimentos e manifestar a sua personalidade. Assim sendo, os jogos, o esporte, a dança e outras manifestações da cultura popular são então, empregues como forma de suprir os movimentos exigidos pelo organismo humano e, ao mesmo tempo, integrá-lo na sociedade.

As diferentes tendências da Educação Física, os movimentos que preconizam a prática esportiva pela população e os estudos que colocam o movimento como o aspecto central das diferentes práticas corporais, talvez tenha influído para o aparecimento da expressão "**cultura do corpo e de movimentos**", que começou a aparecer nos últimos anos para simbolizar uma cultura esportiva, diferenciadora da expressão **cultura física**", que significaria somente a prática de atividades físicas (OLIVEIRA, ibid 1985:25).

Determinadas culturas já têm aceite a "**cultura de movimentos**" como fazendo parte do seu modo de vida, incluindo-se: a cultura britânica, que enfatiza o movimento em forma de jogos; a cultura oriental, que enfatiza o movimento como estética, e a cultura escandinava, onde o movimento é sinônimo de auxiliar para a saúde (OBBERTEUFFER & ULRICH, ibid 1977:67).

Refletindo sobre estes fatos, observa-se que os ingleses, desde há séculos, têm atribuído muita importância aos jogos, devendo-se inclusive à JOHN STRACHAN, o primeiro trabalho sobre o valor biológico do jogo (MIRANDA, ibid 1984:15).

Pesquisadores alemães como GUTHS MUTHS, JAHN, SPIESS, FROEBEL e outros, propuseram a contribuição da Educação Física, através dos valores fisiológicos, educativos, socializantes e outros. GROSS, apud MIRANDA (op. cit.), além destes valores, acrescentou outros, tais como os psicológicos, os estéticos, os recreativos e os teológicos.

Esses e outros exemplos, mostram-nos a importância de uma Educação Física Continuada. Mais do que um prolongamento da escola, projeta-se, além da formação profissional, no ambiente da cultura e da formação geral do indivíduo, permitindo-lhe assumir a sua realidade concreta e desenvolver a sua personalidade.

E se o desenvolvimento da personalidade tem início com o nascimento e parece encerrar com a morte (MOSQUERA & STOBBAUS, ibid 1984), torna-se necessário manter o corpo ativo em todas as fases da vida, a fim de que se possa

estimular sempre a criatividade, o trabalho e a fantasia, que constituem em síntese, a razão de viver.

O movimento EPT, ao procurar aproveitar praticamente todas as formas de atividades físicas, esportivas e recreativas existente nos países que aderiram, foi um dos grandes incentivadores para que esta prática fosse desenvolvida por uma maior contingente da população.

Com esse objetivo, este movimento procurou difundir uma imagem de prática socializante que, desenvolvida de maneira formal ou informal, em locais diversos, fosse paulatinamente, introduzida nos mais diferentes setores da sociedade.

Antes mesmo da implantação deste movimento entre nós, existia já no Brasil, uma prática informal bastante evidenciada, quer nas "peladas" de diferentes esportes, na prática em ruas, praias, campinhos e em outros locais, como nos jogos tradicionais ou nas diferentes instituições que proporcionam esta prática aos seus freqüentadores.

Alguns autores tais como OLIVEIRA LIMA (1971:8), entendem porém, que a escola não tem desempenhado o seu papel de **motivador de uma prática comunitária** e afirma que a criança poderia aprender muito mais no mundo exterior do que no espaço escolar. Motivo talvez básico para que os alunos do 1º e do 2º graus prefiram praticar os esportes de lazer preferencialmente nos clubes, na vizinhança e em associações esportivas, do que nas suas escolas (AZEVEDO, 1977:47).

O esporte, e sobretudo o de alto nível, sempre foi o **conteúdo preferido pelos professores de Educação Física e, conseqüentemente, pelos alunos das escolas primárias e secundárias**. O movimento EPT suscitou porém, uma série de discussões e de reflexões entre os professores de Educação Física sobre a necessidade de se desenvolver na escola conteúdos ecléticos e diferentes, a fim de melhor motivar os alunos para a prática de outras atividades físico-motoras.

A partir de então, diversos autores têm demonstrado a necessidade da implantação do movimento EPT nas escolas e sugerido novas metodologias para viabilizar esse processo, apresentando as vantagens dessa aplicação, invocando para isso, muitas variáveis, tais como: a saúde, a socialização, a massificação esportiva, o despertar de novas vocações para o esporte de alta competição, o incentivo para a prática esportiva, o prazer, a motivação e outras.

DIECKERT (id. ibid 1985:9), propôs inclusive, um processo de mudanças, centrado numa antropologia da Educação Física Escolar, onde o homem é o centro das decisões e em que são consideradas as manifestações culturais de cada país.

Julga-se porém, que o grande valor deste movimento foi o de transmitir os princípios de uma prática diversificada, a ser desenvolvida de uma forma regular e continuada.

Partindo da necessidade de um processo de integração escola/comunidade, alguns autores, surgidos a partir deste movimento, como TRAPP (ibid 1983:39), entendem que qualquer projeto escolar deve levar em conta a opinião da comunidade em que se insere, a fim de melhor estabelecer com esta um processo contínuo de interrelação.

A Educação Física, desde há alguns anos, evidencia um modelo que desconsidera a formação corporal dos alunos, tendendo quase que exclusivamente para a aprendizagem de alguns poucos esportes com vistas a descobrir valores para o esporte

de competição. Interessados nos futuros atletas, que representam apenas uma pequena parcela da população escolar e que proporciona pouca oportunidade aos restantes, os professores de Educação Física desmotivam a prática por lazer e desenvolvida regularmente.

Torna-se então necessário, que novas perspectivas sejam estudadas e desenvolvidas, a fim de que a Educação Física Escolar não se limite aos esportes de alto nível, mas possa tornar-se um importante elemento motivador da prática esportiva continuada da comunidade, com conteúdos alternativos, que proporcionem uma igualdade de oportunidades para todos os praticantes.

Segundo BRESSANE (1983:7), um novo modelo deveria ser voltado para uma diversificação de oportunidades educacionais; para uma base não institucional que promova um intercâmbio com as entidades da comunidade, tais como os clubes e associações comunitárias e que modere a ambição da "performance", proporcionando ao aluno o espírito comunitário e o orientando também para as ações não convencionais.

Assim sendo, **a escola deveria ser ativa, utilizando a natureza como laboratório de experiências** e os seus programas deveriam proporcionar ao aluno experiências novas, fora do ambiente escolar ou da família, que desenvolvam a sua capacidade de ambientação, de colaboração, de iniciativa e de criatividade (GAELZER, 1979; TAFFAREL, 1982:193)

Para atingir esta finalidade, é preciso buscar inicialmente, uma aproximação da escola com a comunidade. Como pode isso ser feito? Com procedimentos extra-classe e extra-escolares, intercâmbios, convênios, participações em jogos, torneios, campeonatos e festivais, além de promover atividades para as quais a comunidade (familiares, amigos, vizinhos e outros membros) seja convidada a participar.

Entretanto, para que a Educação Física Escolar represente um veículo da futura integração do aluno na comunidade, quer do ponto de vista educacional, quer de prática continuada, torna-se necessária uma formação escolar adequada (CALDERÓN-GARCIA, 1986:142), processo que só será possível, através de mudanças no currículo das escolas de Educação Física, das escolas primárias e secundárias, na metodologia utilizada na formação de professores e no comportamento do próprio professor.

Alguns autores, tais como TAYLOR (1984:8) e VAN LIERDE (1988), afirmam que, **nos anos 90, a conscientização para uma prática esportiva regular, exigirá dos responsáveis pelo esporte, tanto da comunidade como do meio escolar, muita criatividade, continuidade e qualidade das suas ações.**

Para isto, julga-se que a prática esportiva continuada deverá passar, sem dúvidas, pela formação dos professores dos cursos de Educação, de Educação Física e de elementos da comunidade, especializados em educação para o lazer, oriundos do processo educacional, concientizados para a continuidade da prática esportiva após o tempo de escolaridade e de uma exercitação sem a procura de resultados, em termos de rendimento esportivo.

Torna-se então, muito importante que, ao lado do professor de Educação Física, exista o técnico em recreação, o preparador físico, o organizador e os voluntários esportivos da comunidade, pelo que se poderá concluir que a mentalização para uma prática esportiva continuada, passa pela conjugação de uma série de fatores que visem a sua efetivação, sendo a escola um dos seus elementos preponderantes: a porta de entrada dos conhecimentos e a saída para o processo de motivação.

Dois fatores devem então, ser levados em consideração: a conscientização do aluno para esta prática durante todo o tempo que permanece na escola, como também é fundamental fortalecer as instituições comunitárias. É importante não só um processo de aproximação da escola com a comunidade como também um fortalecimento das instituições que oferecem esta prática à população, sem o que não será possível estabelecer um "casamento" entre a prática esportiva continuada e aqueles que deixam os bancos escolares.

Ao longo dos anos, a população tem desenvolvido as suas próprias manifestações de uma cultura de movimentos peculiares: atividades que representam a sua cultura e o seu grau de civilização.

A escola tem porém, adotado quase que exclusivamente os esportes em detrimento de outras atividades físicas e recreativas. Este fato tem motivado a que alguns autores, tais como CRUM (ibid 1988), TREBBELS (ibid 1988); KUNZ (1989:22) e outros, em diferentes países, discutam a importância atribuída aos esportes, e principalmente ao esporte de rendimento, no currículo da Educação Física Escolar.

A "esportivação" da Educação Física Escolar, fato observado na maioria das escolas brasileiras, leva-nos a supor que, se o movimento "Esporte para Todos" trouxe uma evolução nos processos da massificação esportiva e da prática físico/motora da comunidade, a escola não adotou os seus princípios de diversificação da prática de atividades físicas, esportivas e recreativas, quer como conteúdo, quer como atividade extra-classe ou extra escolar.

Questiona-se então: porque o Esporte para Todos não "pegou" nas escolas brasileiras? Julga-se, mais uma vez, que a causa esteja na excessiva ênfase atribuída aos esportes de competição em relação aos esportes de lazer que, na escola, são muitas vezes tido por diretores, professores e alunos, como "brincadeiras" e "algo que não dá destaque aos seus participantes.

Este direcionamento da Educação Física Escolar motiva à necessidade de repensá-la, do ponto de vista da conscientização do aluno para uma prática regular e continuada (mesmo depois de sair da escola), de uma prática que poderá a vir a implementar se, durante e após o tempo que passa pela escola, perceber como subjetivamente importante (DIECKERT, id. ibidem 1978:11).

Alguns autores como HILDEBRANDT & LAGING (ibid 1986:2), afirmam também, que a Educação Física deveria influenciar o modo de vida da juventude para que, no futuro, esses jovens possam até compensar o caráter insuficiente de certos movimentos durante o trabalho e sentir o prazer do preenchimento do tempo livre, devendo para isso se voltar para uma Educação Física Continuada.

Considerando que a escola deve preparar as crianças para a "não-escola", as aulas de Educação deveriam contribuir para a orientação das suas futuras horas de lazer e o seu currículo deveria ser dotado de conteúdos e métodos que as preparem e as motivem neste sentido.

Por se entender que tal só será possível, após conhecer a opinião dos indivíduos ligados ao processo educacional, tais como o professor, o aluno e os membros da comunidade, será feita oportunamente uma reflexão sobre a Educação Física que é oferecida pela escola e da sua relação com as instituições que oferecem as diferentes formas de atividades físicas, esportivas e recreativas à comunidade.

Espera-se, a partir dos dados coletados e da síntese dos principais resultados, poder apresentar algumas perspectivas para a **atuação da escola como conscientizadora de uma mentalidade voltada para a prática esportiva continuada da comunidade.**

3.2.4 - A comunidade e a prática esportiva continuada

Segundo CANTARINO (ibid 1976:56), a comunidade é uma unidade feita pela integração ou participação de muitos em atividades comuns. Os estudos realizados sobre as atividades desenvolvidas pela comunidade mostram que as práticas físico-motoras são ocasionadas pelos mais diferentes motivos que, como a moda, evoluem ou regridem.

Esta premissa talvez tenha levado ROSIN a criar na Suécia, em 1913/14, o citado movimento denominado "Ginástica para Todos" (LANGLADE, ibid 1976:12).

A segunda guerra mundial e as suas conseqüências incentivaram diversos pesquisadores, em diferentes países, a interessarem-se por outras vantagens da prática esportiva, surgindo daí, diversos estudos sobre a sua influência nos aspectos cognitivos, afetivos, psicomotores e sociais.

Estes e outros motivos foram básicos para que a Educação Física e os esportes fossem considerados como pilares importantes da necessária reconstrução dos patrimônios cívicos, morais e de saúde da população. Isto foi possível porque o movimento e os jogos são conteúdos que fazem parte de quase todas as fases da vida, tornando-se importantes para as pessoas nos diferentes momentos da sua existência.

Estas atividades contribuíram, não só para o revigoramento físico da população como também, para melhorar os aspectos psicológico e social que, em conseqüência daquele conflito, estava por refazer.

Analizando o porque desta prática angariar tantos adeptos, LAMS (1977), aponta quatro elementos que motivam a prática das atividades físico-motoras pela população:

- Antídoto para a falta de movimento;
- sociabilidade
- o brincar, pois todo o ser humano é um "homo ludens";
- competição.

Na sociedade em que vive, o homem utiliza os jogos, os esportes, as danças e outras manifestações como formas de suprir os movimentos exigidos pelo seu organismo e, ao mesmo tempo, integrá-lo na comunidade.

Estudando essas manifestações, PALM (id. ibid 1984:175), cita, por exemplo, o "Pencack Silat", tradicional método de autodefesa da Indonésia, cujo programa é transmitido pelo rádio; a travessia do lago de Genezareth, em Israel, com a invocação de fatos históricos e transformada numa festa de natação de massa; a corrida de sky, em Vasa, na Suécia, onde milhares de adeptos relembram a arte esportiva de um rei do passado, ou o "Undokai", no Japão, onde todos os membros de uma família participam de atividades físico-motoras adaptadas à sua faixa etária. Estes exemplos

salientam a importância de uma prática esportiva após a escola, tanto no ambiente da cultura e do trabalho como em qualquer setor da sua vida.

Para CAGIGAL (1976), GERDING (1982), MATTOS (ibid 1982), NUNES (1986), e outros, para que o homem pratique atividades físico-motoras durante toda a sua vida, é necessário que, na infância, adquira o hábito de fazê-lo.

Para ESTEVES (1975), é na escola que a criança adquire a maioria dos hábitos que vai utilizar mais tarde, pela vida.

Muito embora, se preconize a importância desta prática, CLAEYS (1986), num estudo sobre o fenômeno da participação/não participação esportiva, afirma que 20% da população entre os quatorze e os sessenta e cinco anos de idade **não sentem necessidade de participar em qualquer atividade física, esportiva ou recreativa e, provavelmente, nunca o farão.**

As razões que cita para isso, são semelhantes às que se encontram nos estudos realizados no Brasil por MARTINS JUNIOR (ibid 1982; 1984), e que apontam a falta de vontade, a falta de tempo e problemas de saúde, no conjunto das principais causas para a não prática dessas atividades.

Questiona-se então o porque tão pouca participação da comunidade na prática de atividades físico-motoras? Se a prática esportiva comunitária pode representar, basicamente, uma atividade social, podendo ser praticada nos mais diferentes locais, aproveitando o tempo livre de cada um? O problema maior que se coloca para a prática esportiva continuada é o fato de que o tempo livre é diferente de um indivíduo para outro e pela dependência de uma série de fatores, dos quais o mais importante é, sem dúvidas, o sócio-econômico, o que pode facilitar esta prática para uns e inviabilizá-la totalmente para outros.

Evidencia-se assim, a necessidade de uma integração entre a escola e a comunidade em programas comuns a ambas, para que os alunos não sintam a diferença entre a prática ministrada na escola com aquela desenvolvida na comunidade.

3.2.5 - O relacionamento escola/comunidade e a prática esportiva continuada

Muitas atividades podem ser desenvolvidas na escola a partir sua aceitação de que as atividades esportivas comunitárias constituem uma força que deve ser levado em consideração no estabelecimento dos currículos escolares. Para isso, podem ser englobadas nas seguintes manifestações:

- Saúde e aptidão física
- Lazer e bem-estar psicossocial
- Desenvolvimento intelectual e criativo
- Arte e cultura
- Esporte de competição
- Reabilitação física e mental
- Prática esportiva como fator de segurança
- Socialização

Estas manifestações podem ser assim analisadas:

3.2.5.1 - Saúde e condição física

Segundo BARBANTI (1991:7), até a década de setenta, a aptidão física tinha como sinônimos, alguns termos como agilidade, potência, velocidade etc. Daí em diante, muitos conceitos vieram a se somar a estes, destacando-se: capacidade física, aptidão motora, capacidade motora geral, condição física e "fitness".

Concordando com o trabalho de BOUCHARD et alli (1990), BARBANTI (op. cit.), ressalta na figura 2, a relação existente entre a atividade física habitual, a aptidão física e a saúde.

Neste pressuposto, demonstra que, para isto, muito contribui alguns fatores inerentes ao próprio homem, dos quais destaca: a hereditariedade, o estilo de vida, o meio ambiente e alguns atributos pessoais.

É mostrado ainda, que a prática de uma atividade física pela comunidade, levada por motivos de saúde, é hoje influenciada também, pela necessidade que se tem de relaxar do trabalho e dos estudos.

A condição física é assim, uma necessidade que se procura para compensar o desgaste da vida agitada que quotidianamente se leva, bem como pela inatividade que a cada dia se torna mais evidente na população.

A aptidão física constitui porém, uma melhoria fisiológica do corpo humano que, assim, passa a funcionar melhor, evitando as doenças causadas pelo stress. Com esta prática, o homem tende a se distanciar do estado de risco e a evitar a morte prematura.

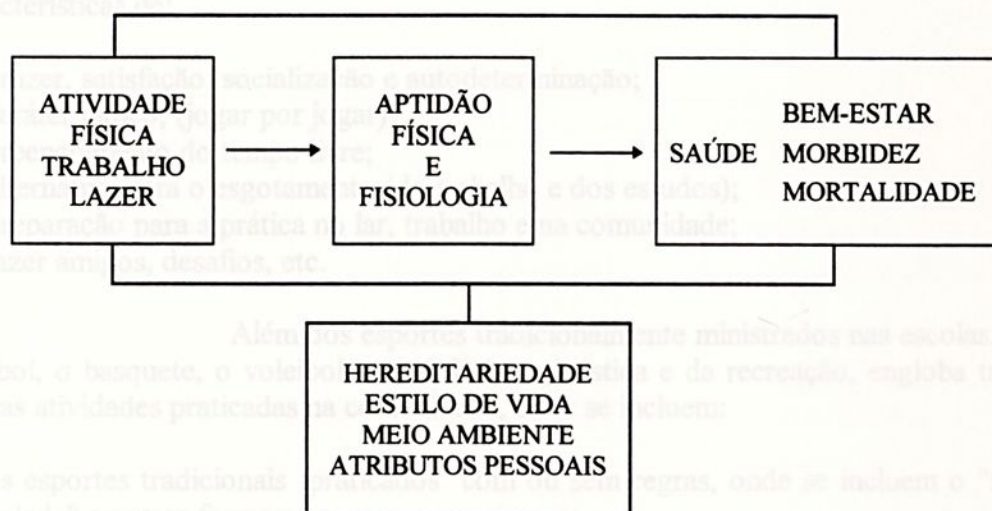


FIGURA 2. RELAÇÃO ENTRE A ATIVIDADE FÍSICA HABITUAL, APTIDÃO E SAÚDE Adaptado de BARBANTI, V. (1991, p. 7)

Porém, a prática de atividades físicas por si só, não constitui um seguro de vida para o praticante, que deve levar em consideração os outros aspectos citados, tais como a hereditariedade, pois, se os pais tiveram determinadas doenças, os seus descendentes podem ter herdado o problema.

O condicionamento e a aptidão física leva, e muito, em conta os hábitos de vida. Assim sendo, a dieta alimentar, o sono e outras variáveis são fatores que o praticante deve considerar na busca dessas qualidades físicas.

Finalmente, os atributos pessoais que as pessoas são portadoras constituem pré-requisitos importantes para se adquirir e manter a forma física, dos quais se destacam, entre outros, a motivação, a força de vontade, a necessidade e o interesse por essa prática.

Depreende-se então, que uma prática arraigada na escola terá reflexos na comunidade, uma vez que os seus objetivos são comuns. Destacam-se, dentre esses, a prática de atividades físico-motoras com objetivos de lazer e de bem estar psicossocial.

3.2.5.2 - Lazer e bem-estar psicossocial

O aproveitamento do tempo de lazer com as mais diferentes finalidades e a sua importância numa sociedade cada vez mais voltada para o capital, para o consumo, para o trabalho, para o estudo e para outras vertentes, tem sido analisado por diversos autores em todo o mundo, tais como DUMAZEDIER (1976; 1979; 1984), DIECKERT (id. ibidem 1984), REQUIXA (1977; 1980), GAELZER (ibid 1979), PEREIRA DA COSTA (id ibidem 1982; 1983; 1988), CLAEYS (ibid 1986; 1987) e muitos outros.

Nesta perspectiva, a prática das atividades físico-motoras revela características de:

- prazer, satisfação, socialização e autodeterminação;
- caráter lúdico, (jogar por jogar);
- preenchimento do tempo livre;
- alternativa para o esgotamento (do trabalho e dos estudos);
- preparação para a prática no lar, trabalho e na comunidade;
- fazer amigos, desafios, etc.

Além dos esportes tradicionalmente ministrados nas escolas, como futebol, o basquete, o voleibol, o andebol, a ginástica e da recreação, engloba também outras atividades praticadas na comunidade, onde se incluem:

- os esportes tradicionais praticados com ou sem regras, onde se incluem o "futebol pelada" e outras formas;
- alguns esportes pouco praticados na escola, incluindo os não olímpicos, os jogos tradicionais e ainda, os esportes novos, que surgem por todo o mundo, com regras definidas e/ou simplificadas;
- esportes na natureza ou estimulados pelo sentimento ecológico, incluindo: o alpinismo, as caminhadas, a corrida de orientação, entre outros:

Evidencia-se portanto, que a prática de atividades físico-motoras pela comunidade diverge, muitas vezes, da Educação Física Escolar, por buscar sempre novas alternativas que venham ao encontro dos seus interesses e das suas necessidades pessoais, ao contrário do conteúdo ministrado na escola, que é desenvolvido muito mais

em função das instalações, do material esportivo, da vontade e do interesse dos professores do que das necessidades e do interesse dos alunos e da comunidade.

A prática dessas atividades torna-se também interessante à população, na medida em que contribui para o seu desenvolvimento intelectual e criativo.

3.2.5.3 - Desenvolvimento intelectual e criativo

A prática de atividades físico-motoras pela comunidade tem suscitado não só a atenção dos educadores e dos esportistas como também dos indivíduos ligados à indústria e ao comércio da Educação Física que com ela mantém uma relação nem sempre harmoniosa (é o chamado fenômeno do marketing, como novo investimento na área).

Conforme a visão que se tem deste fato, diversas ilações podem ser retiradas desta relação, tais como o desenvolvimento do domínio cognitivo e da criatividade que o praticante obtém por seu intermédio.

Um cenário para o desenvolvimento dessas atividades na escola, pode ser visualizar através do seguinte organograma:



FIGURA 3. DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E CRIATIVO

Estas manifestações podem ser assim sintetizadas:

- Informação em Educação Física
- Esportes com formas e padrões modificados
- Bricolage e improvisação

- Projetos de incentivo
- Alfabetização e prontidão para a Educação Física
- Atividades conjuntas com a comunidade

Uma análise sucinta destes abordagens permitem efetuar as seguintes considerações:

* Informações em Educação Física

Segundo CARNEIRO (1987:20), há uma série de instituições que contribuem para a educação da comunidade, dentre as quais, destaca: as culturais, as esportivas, as de bairro, as políticas, as profissionais, as de proteção à família, as religiosas, as econômicas, as cívicas e outras.

Para este autor, a escola não ocupa mais do que 15% do tempo útil de um adolescente e que os jovens demoram na escola apenas 1/6 do dia, durante 2/3 do ano, permanecendo o resto do tempo em casa ou na comunidade com outros programas onde, continuamente, recebem novas informações.

A comunidade tem recebida uma gama muito grande de informações sobre as atividades físico-motoras por meio de publicações específicas, cujo número cresce dia a dia. Os manuais de Educação Física adotados pelas escolas são publicados em números insignificantes, se comparados aos livros técnicos, de regras ou outras publicações destinadas aos esportes de alta competição que são colocados à disposição da comunidade.

Para ZIESCHANG (1982), esses manuais, além de cadernos informativos e outros textos, poderiam contribuir para o desenvolvimento de aspectos importantes para o estudante, tais como a percepção, os pré-requisitos, a imaginação, a fala, o aprender a pensar e ainda, para o reconhecimento dos objetivos afetivos e sociais do esporte.

Nesse contexto, a escola necessita um relacionamento permanentemente com a comunidade, a fim de conhecer os seus interesses e necessidades e, a partir daí, desenvolvê-los também com os seus alunos, sob pena de, ao contrário, fornecer à sua população, conteúdos obsoletos.

* Esportes com formas e/ou padrões modificados

A comunidade costuma adaptar os esportes mais conhecidos tornando-os mais fáceis de praticar. Para isso, praticam-nos com qualquer número de jogadores, com equipes mistas, com regras simplificadas ou ainda, com materiais que adapta para esta prática, tais como bolas de meia, latas, tampinhas de garrafa e outros.

* Bricolage e improvisação

É uma tecnologia popular, utilizada pela comunidade, para a construção de equipamentos e de materiais que necessita quotidianamente (GALVANO, 1976).

Na prática de atividades físico-motoras, esta técnica é largamente difundida entre a população na construção de instalações esportivas utilizando materiais velhos ou reaproveitando materiais que transforma para este fim, tais como pneus, madeiras, árvores, galhos, serragem, sacos de farinha ou de açúcar, meias usadas, areia e outros materiais.

Algumas cidades tais como Sorocaba, no Estado de São Paulo, têm incentivado o desenvolvimento da bricolage por meio de projetos especiais (DAVASTO, 1986).

As escolas, geralmente carentes de verbas, nem sempre pode adquiri-los em número e qualidade como se desejaria. Assim sendo, o desenvolvimento de conteúdos com a utilização de uma metodologia para a improvisação de instalações e de materiais, muito contribuiria para auxiliar as escolas a adquirir os recursos materiais que necessita para as suas aulas, bem como dotar a comunidade de uma "fábrica" de idéias que poderia aproveitar quotidianamente.

*** Projetos de incentivo**

Segundo WOPP (1989), os elementos alternativos tais como os jogos e outras formas são importantes para a cultura de movimentos. Por isso, a prática de atividades físico-motoras pela comunidade tem sido alvo de muitos projetos de incentivo em diversos países.

Neste sentido, alguns autores tais como DIECKERT (Id. ibidem 1985:10), têm sugerido temas que podem usados para projetos em aulas de Educação Física, incluído aniversários, festas comemorativas, espaços culturais e outros.

*** Alfabetização a partir de formas lúdicas e esportivas**

A utilização de formas lúdicas e esportivas como auxiliar do processo educacional tem sido demonstrado por um número cada vez maior de autores. Analisando a integração dos imigrantes que vivem em comunidades estrangeiras, GUEDES (1991), demonstrou que utilizando jogos cantados, lengalengas e brincadeiras tradicionais, é possível ensinar aos seus filhos a aprender a língua materna.

Segundo as idéias de autores como MUTH (ibid 1983), FROSTIG e MASLOW (ibid 1984), além de outros pesquisadores, sobre a utilização de atividades físicas e esportivas na educação, SILVA, SILVA e WROBEL (1985), propuseram métodos para ler, escrever e contar, por intermédio de formas lúdicas. Uma premissa semelhante é também evidenciada por MOREIRA (1986:37), demonstrar crianças pré-escolares teriam uma melhor prontidão para a alfabetização partir dessas formas de trabalho.

*** Atividades conjuntas**

É comum, hoje em dia, atividades conjuntas entre os organismos escolares e outros da comunidade, envolvendo aspectos educacionais, culturais e esportivos.

Para a Educação Física, este intercâmbio tem proporcionado a divulgação, o aprendizado e a conseqüente prática de novas atividades físico-motoras. É, no entanto, atribuída maior ênfase ao esporte de competição, às atividades exploradas comercialmente, para fins políticos e/ou ideológicos, em detrimento de uma visão educacional.

3.5.4.2 - A arte e a cultura na Educação Física

A arte e a cultura na Educação Física é um aspecto que tem sido salientado por muitos autores, tais como TOSCANO (1974:159), SANTIN (ibid 1987), LIMA (1981), e outros.

Segundo PLATÃO, apud SANTIN (1987), a Educação Física é ginástica para o corpo e música para a alma". Para MERLEAU PONTY, é arte enquanto atividade expressiva e criativa, quando a repetição do gesto não cansa pois não exprime simples repetição, mas sempre um movimento novo, diferente, original (p.23)

É cultura, segundo CHEFFERS e ZAICHKOWSKI (1978:161), quando serve para auxiliar as pessoas a se adequar ao ambiente onde vivem, ou quando objetiva os valores humanos e sociais que se transmitem por intermédio dos costumes, das danças, dos jogos populares, das festas locais e religiosas e se integram nos objetivos educacionais a desenvolver.

Um exemplo da arte envolvendo aspectos da Educação Física é o quadro pintado por Pieter Bruegel, em 1560 (Kinderspielen), onde são retratados cerca de oitenta alternativas de formas lúdicas e agonísticas para crianças, num contexto de participação grupal, envolvendo adultos, jovens e crianças (RENSON e DE VROEDE 1988:3) e onde se pode verificar que, muitas das atividades físicas ali representadas, se assemelham aos jogos e brincadeiras que ainda hoje, são desenvolvidos pela população.

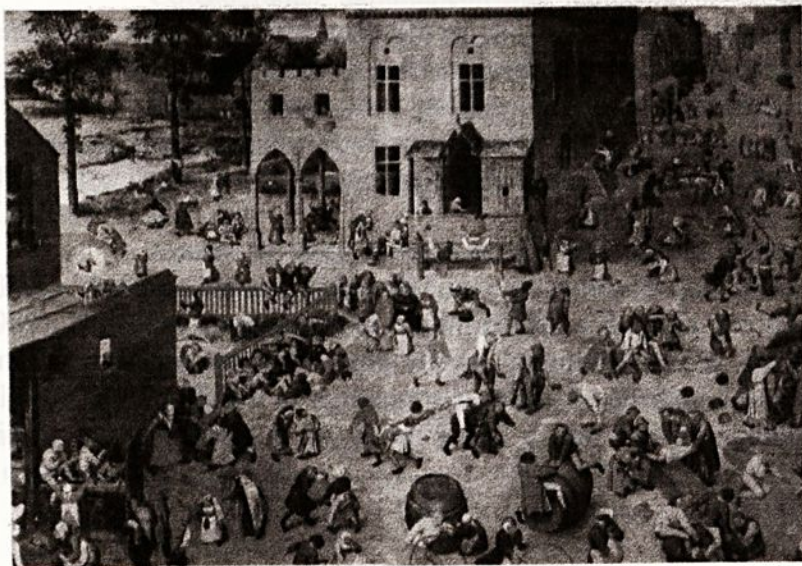


FIGURA 4. Jogos e brincadeiras do Século XVI. Adaptado de RENSON e De VROEDE (1988:3)

A Educação Física é portanto, uma prática milenar, portadora de uma forte carga cultural que, com o correr dos séculos, foi incorporando determinados aspectos da vida comunitária, tais como as lutas, as atividades acrobáticas, as danças, o circo, o teatro e os jogos tradicionais. A reunião de alguns desses aspectos, estão presentes na seguinte figura.



FIGURA 5. A ARTE E A CULTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Os aspectos acima assinalados podem ser assim sintetizados:

Artes marciais e lutas

Consideradas simultaneamente como arte, esporte, filosofia e atividade educativa, além de outras atribuições, as lutas e as artes marciais têm sido, nos últimos anos, muito difundidas entre as práticas preferidas pela comunidade.

Estes pressupostos podem ser observados na simbiose mente-corpo, expressa em determinadas atividades vindas do oriente, tais como o Yoga, o Karatê, o Judô etc., onde se manifestam as componentes do homem total (FERRANTI-BOCOLINI, 1988:14).

Apesar de nem sempre serem bem aceitas pelos professores de Educação Física dadas as características de luta e de violência que inicialmente suscitam (MAIA, 1989), bem como pela sua falta de formação, a filosofia que transmitem auxilia o praticante a melhorar aspectos educativos importantes, tais como a noção de responsabilidade, a disciplina e o autocontrole, além de auxiliar o incentivo ao debate sobre a violência no esporte e na comunidade e das formas a utilizar para a sua prevenção e limitação.

Circo

Para FRAZÃO (1990), as atividades circenses podem contribuir para uma cultura do corpo e de movimentos, ao interligarem os aspectos de criatividade com o domínio do corpo e da mente e proporcionarem noções de segurança, de

coragem, de companheirismo e de comunidade, podendo ser desenvolvidos nos estabelecimentos sociais e esportivos como também nos escolares.

Esta atividade que povoou a imaginação de todas as pessoas quando crianças, é ensinada, em diversos países, em escolas especializadas para tal. Na Alemanha, em alguns cursos de Educação Física, já é oferecida como atividade de extensão universitária, com uma alternativa às atividades escolares (UNIVERSITÄT OLDENBURG, 1989).

Os jogos tradicionais

Os jogos tradicionais são atividades que a comunidade pratica e que transmite aos seus descendentes, tornando-se uma tradição regional ou nacional.

Segundo GUEDES (1989), estes jogos representam cultura, movimento, competição saudável e festa popular. Constituem-se por isso, em atividades cultivadas por todos os países do mundo. Disputados com formas e regras próprias, respeitam as tradições, pois foram transmitidos dos pais para os filhos, de geração à geração. É ainda, importante no desenvolvimento motor, intelectual, afetivo, psico e sociomotor do ser humano. Muitos desses jogos têm sido incentivados por intermédio de programas especiais de televisão, tais como os "Jogos sem Fronteiras", transmitidos para diversos países europeus.

MELO DE CARVALHO (ibid 1987:25), afirma que, talvez pela falta de conhecimento acerca da sua importância, pelo monopólio do esporte escolar, por julgarem que os alunos "já os conhecem" ou por não acreditarem nos seus conteúdos como pertencentes à Educação Física, mas sim à cultura popular, os professores não os costumam ensinar nas escolas. Numa Educação Física como agente da cultura esportiva popular, esses jogos deveriam ser aproveitados pela escola, devido à sua alta componente lúdica, pela movimentação que suscita e por ser uma alternativa cultural que não deve ser desprezada.

Teatro

O teatro é uma das formas mais antigas de transmissão da cultura que se conhece. Na Educação, alguns autores têm aproveitado os gestos e os movimentos básicos desta atividade nas suas aulas. Destaca-se GONÇALVES (1988), que demonstrou em alunos do ensino secundário que, após as aulas de teatro, houve uma melhoria significativa da motivação para uma prática física regular e para as relações interpessoais.

Dança

Qualquer forma de movimento que exprima sentimentos, expressão, sensação ou pensamentos, poderá ser considerado dança. As danças são praticadas pelos membros da comunidade por uma série de razões, das quais destacam-se a estética, a graciosidade e a elegância, para além de outras tais como a postura, a perda de peso, a obesidade, o contato social, a condição física etc. A dança representa um misto de técnica e alegria de praticar, além de contribuir para melhorar os fatores físicos, psicológicos e sociais do praticante (SPILTHORN, 1982).

As modificações das formas de dançar e a preferência popular têm acontecido em função das mudanças da própria sociedade. As suas diferentes formas de expressão, subdividiram-na em clássica, folclórica, moderna e de salão.

A dança clássica é desenvolvida em academias próprias com os objetivos de opção artístico-cultural dos alunos, como auxiliar da preparação física de algum esporte como a Ginástica Rítmica Desportiva, a Ginástica Artística, o Atletismo, a Patinação Artística e outros, no estudo do gesto dos diferentes tipos de dança ou de atividades rítmicas e expressivas ou ainda, na correção da postura e nas atividades coordenativas.

A dança moderna que, para JOLIBOIS (id. ibid 1976:65), é uma verdadeira modalidade esportiva de base, tem sido praticada em academias e em universidades, em cursos de Educação Física ou outros, oferecidos à acadêmicos ou à comunidade, embora pouco observada nas escolas do ensino secundário.

Além desses dois tipos de danças, outras duas formas são desenvolvidas neste nível de ensino, embora com menor ênfase. É o caso das danças folclóricas que, possuindo uma elevada componente lúdica, aliada aos aspectos pedagógicos, musical, corporal e social, costumam ser ministradas somente por ocasião dos acontecimentos festivos ou das datas comemorativas das escolas. Por sua vez, as danças de salão, embora acompanhando as tradições, o modismo e as mudanças que ocorrem na civilização, são pouco exploradas nas escolas, sendo porém, ministradas em academias e escolas de dança.

A oferta e a procura da dança em escolas de qualquer nível é pequena ou rara na literatura pesquisada. Para MIRANDA (1991), alguns problemas, tais como a falta de definição de conteúdos e o nível de aprofundamento; ausência de formulação clara de objetivos; deficiente formação acadêmica dos professores de Educação Física, além do preconceito sobre a arte da dança e das suas funções educativas por parte de outros educadores, tem impedido o ensino da dança nas escolas.

Não sendo considerados danças, mas sim atividades rítmicas ou outra denominação, a comunidade costuma praticar uma série de jogos, brinquedos folclóricos e cantados (TOSCANO, ibid 1974) e cantigas de roda e lengalengas (GUEDES, 1977:70), que paulatinamente vêm desaparecendo do conjunto de atividades oferecidas pelas escolas.

3.2.5.5 - O esporte de competição

O esporte de competição é uma das atividades mais preferidas pela população, desenvolvendo-se tanto nas escolas como em outras instituições ou simplesmente nas vias e nos logradouros públicos. Após a sua iniciação, o praticante tende a desenvolver uma vocação para ser principalmente atleta, técnico, árbitro ou dirigente esportivo.

As duas primeiras se manifestam já durante o tempo que o indivíduo passa na escola, fato que teria levado CLAEYS (1987), a afirmar que quem pratica esportes aos dezoito anos continuará a fazê-lo por bastante tempo.

Outros, manifestam essas tendências mais tarde, quando passam da prática do lazer para o esporte de competição, sendo que muitos dos atletas passam a técnicos esportivos pela vocação ou pela necessidade econômica. Nem todos porém, fazem da carreira de técnico ou de árbitro a sua carreira principal, exercendo-as muitas vezes por prazer ou para complementar os seus rendimentos.

A prática esportiva envolve diferentes aspectos, dos quais, a seguinte figura mostra os principais:



FIGURA 6. O ESPORTE DE COMPETIÇÃO

Muito embora os atletas e os técnicos esportivos sejam oriundos do próprio esporte, os árbitros e os dirigentes esportivos são oriundos de diversas profissões, das quais destacam-se o comércio, a indústria, as profissões liberais e o funcionalismo público (MARTINS JUNIOR, *ibid* 1984).

Uma pesquisa realizada com dirigentes de trinta diferentes modalidades esportivas, demonstrou que descobriram esta vocação antes dos 17/18 anos de idade, pelo que, tal função poderia ser considerada uma alternativa para os jovens sem vocação de atleta de competição (MALLET, 1988).

O desenvolvimento dos esportes de competição originou o aparecimento de especializações paralelas que o acompanham, tais como o funcionário especializado, o médico, o massagista, o fisioterapeuta, o psicólogo, o dentista, o roupeiro, o sapateiro, o jornalista, os comunicadores do rádio e da televisão etc. Outros, levados pelo interesse econômico, passam a explorar o esporte como um negócio, abrindo academias ou escolinhas, fabricando ou comercializando roupas, materiais ou equipamentos, envolvendo-se assim, num rol delimitado pelo marketing esportivo.

Infere-se assim, que o esporte de competição exige uma estrutura onde, além de um grande número de atletas, são também importantes outras funções que a auxiliam ou que a parasitam. E que, muito embora o processo de descobrimento e de preparação de atletas de alto nível envolva muitos participantes, é necessária a formação de uma estrutura onde a base seja formada por uma cultura esportiva solidamente arraigada.

Tal premissa é analisada por GERDINDG (*ibid* 1982) que, parodiando as citações de Pierre de Coubertin efetuadas no início deste século, afirma que, para que cinco sejam capazes de proezas extraordinárias, é necessário que vinte se especializem e, para que vinte se especializem, é necessário que cinquenta pratiquem esportes e, para que cinquenta pratiquem esportes, requer-se que cem se dediquem à

cultura física, o que viria a ser corroborado mais tarde por MANACORDA (ibid 1986), quando formulou a sua dialética da quantidade/qualidade, ao demonstrar que da quantidade brota a qualidade.

3.2.5.6 - Reabilitação física e mental

A Educação Física tem sido sempre vista como formadora de um corpo belo, harmônico e perfeito. Porém, uma parcela significativa da população é portadora de deficiências, das quais as mais conhecidas são as físicas, as mentais, as auditivas e as visuais, que são atendidas em instituições especialmente destinadas a elas

Sabe-se que uma parte considerável da população (cerca de 10%) é portadora de deficiências sensoriais, motoras e mentais (APAE, 1988).

Até 1974, calculava-se que existiam cerca de 400 milhões de deficientes no mundo, número que equivalia na época, às populações dos EUA e da URSS somadas. Este número tende a aumentar numa proporção de 3 a 10% ao ano, devido "aos progressos obtidos na medicina ou às condições econômicas, a indústria e o automóvel" (POTTER, 1986:4).

A prática de atividades físico-motoras pelos deficientes pode ser assim visualizada:

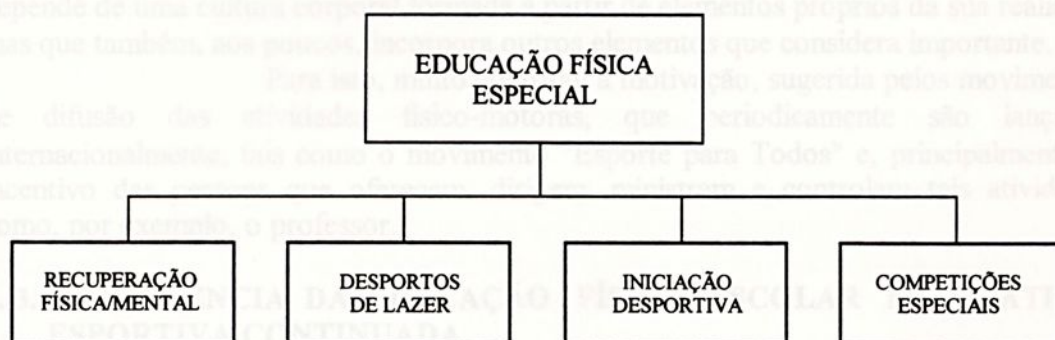


FIGURA 7. A EDUCAÇÃO FÍSICA ESPECIAL

JOLIBOIS (id.ibidem 1976), refere que, tanto os deficientes motores periféricos como os psicomotores, têm amplas hipóteses de desenvolverem as suas capacidades esportivas a partir de processos especiais. O atendimento a esta população é realizado em instituições especializadas, observando-se porém, a sua participação nas turmas escolares, quando portadores de problemas mais simples. Os deficientes com melhores condições podem participar em: esportes de lazer ou em competições especiais.

A sua participação nas atividades escolares normais tem sido defendida por alguns autores, tais como BELTZIG (1988), a partir da construção de locais adequados para a sua prática, de uma metodologia e de atividades reforçadoras.

3.2.5.7 - A prática esportiva como fator de segurança

A prática de atividades físico-motora com uma outra finalidade vem sendo desenvolvida pela comunidade nos últimos anos: é a prática visando a segurança pessoal e da família. Por este motivo, observa-se que, hoje em dia, indivíduos de ambos os sexos e das mais diferentes faixas etárias, têm praticado as atividades dirigidas à condição física tais como o halterofilismo e as lutas. É também comum o objetivo de defesa pessoal em esportes, tais como o Judô, o Karatê, o tiro ou outras.

Deduz-se assim, que estas e outras abordagens sobre a prática esportiva comunitária, demonstram a existência de uma diversidade de necessidades e de interesses que se manifestam na escolha da atividade a praticar e que, neste processo, o tempo livre de cada um é utilizado diferenciadamente. Na criança, por exemplo, o tempo livre exerce um papel preponderante, sendo normalmente distribuído em cinco aspectos: higiênico, recreativo, cultural e artístico, social e espiritual (ALBA, 1980).

Segundo LÜDTKE (1984:42), nesta escolha, há uma predominância da expressão individual, das suas experiências, da liberdade de escolha e da alternância da atividade, da variedade no emprego do tempo e da oportunidade de integração na atividade praticada, onde o que vale é o jogo em si e não a categoria social de quem o pratica.

Pode-se concluir então, que a prática esportiva pela comunidade depende de uma cultura corporal formada a partir de elementos próprios da sua realidade mas que também, aos poucos, incorpora outros elementos que considera importante.

Para isto, muito contribui a motivação, sugerida pelos movimentos de difusão das atividades físico-motoras, que periodicamente são lançados internacionalmente, tais como o movimento "Esporte para Todos" e, principalmente, o incentivo das pessoas que oferecem, dirigem, ministram e controlam tais atividades como, por exemplo, o professor.

3.3. A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA

3.3.1 - Existe esta influência?

O holandês HUIZINGA (ibid 1971), preconizou em 1983, uma divisão em que, no mundo do trabalho, o homem seria chamado: "Homo Faber" e no mundo do brinquedo, "Homo Ludens". O termo brincar passaria então, a significar a atividade lúdica, criativa e a se desenvolver um pouco em toda a atividade humana. O jogo significaria uma preparação do jovem para as tarefas a exercer por toda a vida.

Neste sentido, a extensão do brinquedo apresentar-se-ia no esporte; não no esporte-espetáculo, mas no esporte-prazer, praticado como meio e não como fim da educação. Ainda, na prática pela satisfação e não pelo temor da reprovação (JOSUÁ, ibid, 1987).

Segundo SANTIN (id. ibidem, 1990), a Educação Física tem vivido diversas fases de desenvolvimento e atualmente estaria dividida em: ciência, processo educacional ou formadora de uma profissão. Enquanto isso, o homem, na sua individualidade, é um construtor de idéias e de ideais, desenvolvendo e se interessando

por uma série de atividades que lhe dê prazer e que constitua uma alternativa para o trabalho, para o estudo e para as tensões do cotidiano.

Por este motivo, torna-se necessário manter o corpo em atividade em todas as fases da vida, propiciando assim o aparecimento constante da criatividade, do trabalho e da fantasia, que em síntese, constituem a razão de viver (MOSQUERA e STOBAS, *ibid*, 1984).

Após ter sido introduzido no Brasil, o esporte e, sobretudo o de alto nível, constitui o conteúdo preferido pelos professores de Educação Física e, conseqüentemente, pelos alunos das escolas do primeiro e segundo graus. Alguns autores tais como OLIVEIRA LIMA (1971:8), entendem porém, que a escola não tem desempenhado o seu papel de motivar para uma prática comunitária. Afirmam que a criança poderia aprender muito mais no mundo exterior do que no espaço escolar, razão pela qual os alunos do ensino secundário preferem praticar as atividades físico-motoras preferencialmente nos clubes, na vizinhança e em associações esportivas do que nas escolas.

Este fato tem levado alguns autores tais como JOSUÁ (*id. ibidem*, 1987:176), a afirmar que "é pouco provável que as crianças não gostem das atividades físicas, porém não é raro encontrar-se alunos que não gostem de Educação Física. A razão não estaria mais na forma do que no conteúdo das aulas?".

O movimento "Esporte para Todos" suscitou uma série de discussões e de reflexões entre os professores de Educação Física acerca da necessidade de proporcionar na escola conteúdos ecléticos e diferentes, a fim de melhor motivar os alunos para a prática esportiva. O grande valor deste movimento foi sobretudo o de transmitir os princípios de uma prática diversificada, a ser desenvolvida de uma forma regular e continuada.

Ao organizar as atividades que predisponham para esta prática, a escola poderia estimular o desenvolvimento de uma série de esportes, de atividades ou de formas esportivas (a serem praticados durante toda a vida), pois trata-se do local onde desde muito cedo são cultivados sistematicamente os hábitos que poderão ser enraizados.

Esta premissa não é porém, novidade pois, já em 1926, Pierre de Coubertin dizia que o papel essencial e quase exclusivo da escola consiste em permitir que cada cidadão ou morador adulto dedique-se individualmente, no mínimo de tempo e com uma despesa mínima, aos exercícios esportivos de sua escolha, de acordo com a sua conveniência, sem ter de comprometer-se com qualquer grupos e nem sofrer a sua intervenção (DIEN, 1978:9).

Assim sendo, a diversidade de opções oferecidas por tais práticas permite ao praticante a preservação da sua individualidade, uma vez que não terá que se submeter às pressões, chantagens ou outra influência de pessoas ou dos grupos mais poderosos.

Inspirando-se nas proposições do movimento "Esporte para Todos", diversos autores têm demonstrado a necessidade da sua implantação nas escolas, sugerindo novas metodologias para viabilizar esse processo e apresentando para isso, inúmeras vantagens.

É o caso de DIECKERT (*id. ibidem* 1985:9), que propõe um processo de mudanças centrado numa antropologia da Educação Física Escolar, onde o homem é o

centro das decisões e em que são consideradas as manifestações culturais de cada país e sugerindo para isso, três pontos que considera fundamentais:

- o desenvolvimento de novos padrões, metodologias, sistemas e processos, além dos oriundos do esporte de alto nível, visando uma prática alternativa para as diferentes faixas etárias e sexos.
- a integração da cultura corporal no currículo escolar, desenvolvendo os jogos tradicionais e outras características típicas de cada país.
- a utilização, não só do esporte mas também do fenômeno do corpo, do movimento e do jogo, com formas alternativas e individuais e que proporcione a cada pessoa a possibilidade de se expressar e de interpretar.

É também o caso de SEYBOLD (1980:69), para quem a escola deveria capacitar o jovem para a vida na comunidade, na medida em que ela constituiria o único meio de ascensão social ao alcance das populações carentes, premissa que hoje é bastante discutível mas que é atual no sentido de se promover uma prática comunitária com a escola e a partir da escola.

No entanto, a escola de hoje, parece muito distante desta realidade. A Educação Física escolar deixou, há muito, de ter como alvo a formação corporal e a aprendizagem de diferentes práticas, tendendo quase que exclusivamente para as "performances", que desmotivam a prática continuada, interessando só uma pequena parcela da população escolar, os possíveis futuros atletas, deixando escassas oportunidades à grande maioria.

Até a entrada na escola, a criança passa por diversos estágios de desenvolvimento nos quais o jogo constitui uma atividade privilegiada, para, de repente se encontrar encerrada numa escola durante grande parte do dia, ficando então presa a uma imobilidade que a incomoda e a uma série de obrigações escolares nem sempre interessantes.

O estudo da influência da escola na prática de atividades físico-motoras na comunidade, tem sido desenvolvido por diversos autores, a saber: DUMAZEDIER (ibid 1984:25), ao afirmar que, enquanto na comunidade esta prática se expande voluntariamente, na escola, ao contrário, tende a decrescer. Exemplifica com uma pesquisa realizada na França onde, de todos os estudantes praticantes da Educação Física Escolar em 1983, só 20% o faziam como opção voluntária. Apenas 10% continuava a sua prática após concluírem os seus estudos; enquanto isso, o número dos que praticavam na comunidade durante as horas livres aumentou de 24% em 1973, para 38% em 1981.

Tal fato é reforçado por ROSS et alii (1985), ao demonstrarem que quase 80% do tempo despendido pelos estudantes em atividades físico-motoras é passado fora das escolas.

LAPIERRE e AUCOUTURIER (1986:84), afirmam inclusive que a criança aprende 60% dos seus conhecimentos fora da escola, porque os conteúdos extra-classe correspondem aos seus desejos e não às suas obrigações. Na comunidade não necessita ser motivada com meios artificiais porque aprende o que realmente quer aprender.

A conclusão a que PEREIRA DA COSTA (id. ibidem 1986), chegou acerca desta problemática, foi a de que a juventude não estaria encontrando na escola a

motivação para as práticas físico-motoras, apesar do esforço dos professores para encontrar os métodos e materiais adequados.

Estes e outros fatos têm motivado a que, autores, tais como OLIVEIRA (1989:33), analisem a participação adulta na atividade física e questionem o processo de motivação do seguinte modo:

- os professores refletem com os alunos, sobre a prática da atividade física?
- existe na atual Educação Física oportunidades amplas de movimento?
- os alunos estarão de fato praticando com a devida intensidade?
- podemos eliminar a obrigatoriedade da Educação Física antes dos professores se convencerem da necessidade de conscientizar os jovens para a atividade física?

Essas questões evidenciam a necessidade de que novas perspectivas sejam estudadas e desenvolvidas, a fim de que a Educação Física Escolar não se limite aos esportes de alto nível, mas possa tornar-se um importante elemento motivador da prática esportiva regular da comunidade. Deveria evoluir então, para um modelo alternativo, baseado na educação continuada, para proporcionar uma igualdade de oportunidades a todos os praticantes.

Segundo BRESSANE (ibid 1983:128), um novo modelo deveria proporcionar uma diversificação de oportunidades educacionais, com uma base não institucional e que promova um intercâmbio com as entidades da comunidade, tais como os clubes e associações comunitárias, moderando a ambição da "performance" e levando o aluno a adquirir um espírito comunitário, orientado-o sobretudo, para exercer também um papel dinamizador das ações não convencionais.

Para COSTA PEREIRA (ibid 1984), a escola não deveria mais reproduzir conteúdos obsoletos mas transformar o ensino no sentido das necessidades do aluno. Assim sendo, este poderia deixar de ser mero participante e tornar-se no sujeito da educação.

A escola deveria ser portanto, ativa, utilizando a natureza como laboratório de experiências e com programas fomentadores de novas atividades, fora do ambiente escolar ou da família, propiciando o desenvolvimento da capacidade de iniciativa e, consequentemente, dinamizando a colaboração e a criatividade (GAELZER, ibid 1979; TAFFAREL, ibid 1985).

CALDERON-GARCIA (ibid 1986:14), afirma no entanto que, para que a Educação Física Escolar represente um veículo para a futura integração do aluno na comunidade, tanto do ponto de vista educacional como de prática permanente, torna-se necessário uma formação escolar adequada. Formação esta que só será possível, através de uma série de mudanças no currículo das Escolas de Educação Física, das escolas primárias e secundárias, na metodologia utilizada na formação dos professores e no comportamento do próprio professor.

Entende-se assim, que é o professor o principal responsável por criar as condições de uma prática educativa estimulante que atenda aos interesses e necessidades do aluno. É ele também o maior culpado pelo "mau ensino". Um ensino vivo, diversificado e personalizado, é talvez o caminho para recuperar a prática da Educação Física Escolar e criar as bases para uma Educação Física Continuada que extrapole os bancos escolares.

Alguns estados brasileiros têm proposto atividades visando motivar para a prática esportiva, por intermédio das secretarias de esporte e raramente pelas de educação. Apresentam quase sempre, objetivos muito mais políticos do que esportivos ou educativos e, nem sempre, são alicerçados nas atividades escolares. Destinados a um público heterogêneo e sem uma participação ativa da Educação Física Escolar, esses projetos, embora com objetivos relevantes de oferta esportiva à população, tornam-se atividades efêmeras e destituídas de continuidade quando cessa a fonte de estímulo que os criou ou que lhes deu suporte.

Uma exceção, parece ser o Estado de Pernambuco, cujo projeto de "oficinas pedagógicas" consiste numa tentativa da reorganização do conhecimento do aluno e visa possibilitar a idealização de formas, de materiais e da atividade, pelos próprios alunos; É um programa da sua Secretaria de Educação (SANTOS e SILVA, 1991; BRASILEIRO, 1991).

Para CAGIGAL (1979a), o esporte seria tanto mais educativo quanto mais conservar a sua qualidade lúdica, a sua espontaneidade e o seu poder de iniciativa. Daí porque o esporte de rendimento, levado a extremos pelo tecnicismo, modelado e estereotipado não é mais educativo.

Este fato teria talvez motivado alguns autores, tais como CRUM (ibid 1988); TREBELS (ibid 1988); BRACHT (1988), KUNZ (ibid 1989) e BETTI (ibid 1991), a discutirem em diferentes países, acerca da excessiva ênfase que é proporcionado ao esporte no currículo da Educação Física Escolar, ou mesmo, nos currículos dos próprios cursos de graduação em Educação Física (CARREIRO DA COSTA, 1991).

Para outros, destacando-se LOY, MCPHERSON e KENYON (1978), a Educação Física Escolar, além dos esportes, deveria também desenvolver outros programas que promovessem os valores dominantes da comunidade, bem como os estilos de vida que poderiam proporcionar aos alunos, oportunidades para se manifestarem sobre as formas ministradas e que eventualmente possam experimentar novos modelos de atividades.

Esta orientação da Educação Física Escolar motiva a necessidade de repensá-la, do ponto de vista da conscientização do aluno para uma prática regular e continuada de atividades físicas (mesmo depois de sair da escola) e que poderá ser implementada se, durante e após o tempo que passa pela escola, percebe-las como subjetivamente importantes (PEREIRA DA COSTA, id. ibidem 1988; DIECKERT, id. ibidem, 1989).

A este respeito, um seminário sobre o tema "Os jovens que deixam a escola e o esporte" (FIEP, 1978), indicou que a sua participação em atividades físico-motoras não é mais garantida; têm menos atividades físicas durante o seu lazer do que aqueles que prosseguem os seus estudos; se interessam por atividades diferentes daquelas que praticavam na escola; têm menos interesses exteriores (inclusive nas atividades de lazer), sendo diferentes até o estilo de vida e o julgamento de valor.

Estes e outros fatos evidenciam que a escola está distanciada da maioria das instituições que oferecem a prática esportiva à população e que nem sempre mantém com elas uma relação constante. A escola forma os corpos mas não procura formar uma mentalidade direcionada para a prática esportiva regular e continuada. Necessitará portanto de se relacionar permanentemente com a comunidade a fim de conhecer os seus interesses e necessidades sob pena de fornecer aos jovens conteúdos obsoletos.

Ao organizar as atividades que predisponham para esta prática, a Educação Física estimularia o desenvolvimento de uma série de atividades físico-motoras que poderiam ser praticados durante toda a vida. Deveria preparar as crianças para a "não-escola" e contribuir, além de outras finalidades, para a orientação das suas futuras horas de lazer, pelo que os currículos deveriam possuir conteúdos e métodos que as preparem para essa ação e missão.

A "esportivação" da Educação Física Escolar, observada na maioria das escolas brasileiras, leva a sugerir que as idéias do movimento "Esporte para Todos", que contribuiu para uma evolução nos processos de massificação esportiva e de prática comunitária (com os seus princípios de diversificação da prática de atividades físicas, esportivas e recreativas, quer como conteúdo, quer como atividade extra-classe ou extra-escolar), não foi adotada na escola.

Várias constatações deste tipo parecem ter influenciado VAN LIERDE (ibid 1988), a afirmar que nos anos 90, a conscientização para a prática esportiva regular exigirá dos responsáveis pelo esporte, tanto da comunidade como do meio escolar, muita criatividade, continuidade e qualidade do seu planejamento e das suas ações.

A educação continuada envolve conceitos de que deve ser realizada durante toda a vida e por toda a comunidade. Assim sendo, participar com qualquer idade, nas atividades físicas, esportivas e recreativas deve ser um ato livre e voluntário, para que os praticantes se possam sentir protagonistas das suas próprias atuações.

As mudanças e as transformações que a sociedade permanentemente sofre, fazem com que no futuro, mais do que uma diversão, profissão ou espetáculo, a prática das atividades físicas se transformará numa cultura de lazer, que permitirá aos homens viver sem traumas os dias e as horas que não são ocupados pelo trabalho (COSTA, ibid 1988).

Para que haja uma maior conscientização da comunidade para a prática esportiva continuada, será muito importante partir-se da própria Escola, por intermédio dos convênios com todas as organizações comunitárias que proporcionam a prática esportiva, do intercâmbio com a população que a cerca e de professores que acreditem numa educação física para todos.

Estas conclusões evidenciam a necessidade de se repensar a atual Educação Física Escolar, para motivar os alunos rumo a uma prática esportiva regular e continuada. Prática esta que leve em conta o perfil físico do aluno para que se possa indicar-lhe uma adequada atividade física, que não desenvolva só os esportes de competição, mas todas as formas e atividades que incentivem o movimento, o lazer e a prática esportiva voltada para a vida; que não objetive apenas a prática do aluno enquanto na escola, mas também quando deixá-la; que não se estabeleçam limites, mas sim uma abertura para a população que a rodeia e que com ela venha a conviver mais efetivamente.

Para isso, a Educação Física não deverá ser nunca sinônimo de padronização, mas de uma prática massificada, nunca idêntica. Só assim se poderá pensar numa dialética da quantidade e da qualidade, que dê oportunidade a todos, preservando porém, a integridade e o interesse de cada um. A prática diferenciada é assim, o contraponto necessário à uma prática geral (para todos). Sem compreender esta dialética, o professor de Educação Física pouco progredirá na sua prática diuturna.

A Educação Física Escolar deverá portanto, estar preparada para este futuro, buscando os meios para uma nova organização, propondo outros procedimentos

e conteúdos, bem como novas formas de motivação. Neste contexto, para além de tudo o que já foi dito, torna-se necessário o conhecimento das teorias da motivação, dos processos que a animam e que o professor se constitua efetivamente num dos agentes deste processo.

3.3.2 - Existe uma Educação Física Popular?

As investigações mais remotas indicam que a denominação Educação Física teria sido citada pela primeira vez em 1693 por LOCKE, para diferenciá-la da educação intelectual (DGD., id. ibidem 1988:73) e generalizou-se com HERBERT, ao designar uma educação que tinha por objeto o corpo (MARINHO, apud TRÍCOLI, 1993:16).

Sabe-se porém, que essa idéia veio a se fortalecer somente neste século, após a sua efetiva implantação nas escolas secundárias. É também nessa época que, ao se incorporar aos aspectos educacionais e/ou culturais de inúmeros países, esta prática foi denominada de cultura de movimentos, ao identificar a prática popular como verdadeira cultura, que atinge o ponto culminante com o aparecimento e o desenvolvimento dos esportes.

GAYA (1994:28), baseando-se na idéia das teorias-tentativas (POPPER), reuniu uma série de conceitos sobre a Educação Física, dentre as quais, destaca-se a psicocinética, (devido à LE BOULCH), ciência da ação motriz (PARLEBAS), ciência da Educação Física (CAGIGALI), cinesiologia (NEWELL), ciência do movimento (HIGGINS, BROOKE e WHITING), ciência do exercício (KATCH), cineantropometria (RENSON), ciência do esporte (SABO; SAGE; GLASSEFORD; GRUPPE), lazer e recreação (PEREIRA DA COSTA), Esporte para Todos (DIECKERT), filosofia da corporeidade (SANTIN), além de outras.

A Educação Física é também caracterizada como prática por intermédio dos currículos dos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus e dos cursos universitários. Por sua vez, PEREIRA DA COSTA (1988:46), define a prática esportiva comunitária, como sendo uma atividade desenvolvida "formal, não formal e informalmente" pela população, sem no entanto, colocá-la no rol das práticas curriculares das escolas.

Neste mesmo sentido, autores como BENTO, CONSTANTINO e MARQUES têm sugerido que "a Educação Física é uma disciplina curricular enquanto que o esporte é um fenômeno cultural, embora também seja um conteúdo da Educação Física (GAYA, op cit.:29).

A questão que se põe então, é a seguinte: se a Educação Física é a disciplina que engloba todas as formas de manifestações físicas do corpo humano, como as esportivas, as recreativas, as sociais, as de lazer, as de tempos livres, as estéticas, posturais, corretivas, de compensação, utilitária e outras, não poderia ir além de uma disciplina curricular, para se constituir numa verdadeira Educação Física Popular?

O QUE É UMA PRÁTICA POPULAR?

Os homens e os animais sempre praticaram movimentos e atividades que imitam o seu quotidiano, seja para se defender ou para se preparar para o confronto com

os seus semelhantes. Com o surgimento da sociedade industrial, apareceram os clubes e, com eles, uma atividade que seria desenvolvida nos tempos livres, inicialmente pela classe burguesa e, mais tarde, devido às características de alegria e prazer que proporciona, por todos os segmentos da população: o esporte.

Desenvolvendo-se nos mais diferentes segmentos da população e em quase todo o mundo, dando origem a uma prática popular que vê-se desenvolvendo na população de diferentes maneiras, ao longo dos anos e principalmente após a sua efetiva integração à Educação Física Escolar. Qual é a causa desse interesse pelo esporte?

Talvez pelo próprio significado da palavra esporte, que, no idioma alemão, surgiu pela primeira vez em 1928, "como sinônimo de prazer, cavalheirismo, respeito e disciplina (BENACH, S/D:42).

Essa atividade, que aos poucos foi se disseminando por intermédio de entidades e associações comunitárias é organizado em ligas e federações, em muitos países, deixou aos poucos, de ser privilégio da nobreza e dos mais ricos.

Para DIEN (1977:9), "praticamente desde que nasce, o homem pratica algum tipo de esporte". Para isto lhe basta algum tipo de objeto que, rapidamente, transforma em material esportivo. Só ou com algum companheiro, a sua imaginação e criatividade aproveita momentos, locais e materiais, para desenvolver uma prática que lhe dê prazer, alegria, diversão, companheirismo, amizade etc.

O desenvolvimento das atividades esportivas, com o tempo, atraiu também a atenção de outras pessoas que, por inúmeros motivos, passaram a se auto-intitular "esportistas", não só com a intenção de praticá-las como também, exercendo diferentes funções, tais como: organizadores, promotores, os que nelas trabalham direta ou indiretamente, os que somente assistem, a imprensa, a indústria e o comércio de artigos esportivos, os que trabalham na sua segurança, os patrocinadores, os que o apoiam e muitos outros.

A partir daí, acontece então, uma nova caracterização do esporte: com o processo de comercialização a sua prática não mais se constitui só numa atividade física agradável, praticada pela saúde ou pela alegria, mas um espetáculo que não mais se oferece, mas que se vende à população.

Para SOUZA (1992:308), "com essa nova caracterização, o esporte foi sendo difundido por todo o mundo e o seu estatuto de mercadoria acabou superando os outros objetivos potencialmente existentes".

O trabalho constitui porém, um obstáculo para a prática esportiva. A parte mais abastada da população, com o correr dos anos, retorna a praticar quando a inatividade e as conseqüentes doenças posturais o impele de volta às ruas, às quadras, aos campos, às piscinas e a outros locais. O segmento economicamente mais pobre fica alijado desta prática, por não encontrar tempo para praticar (os que trabalham), por não ter condições financeiras (a maioria) para adquirir o equipamento ou por falta de apoio do governo à prática esportiva.

Nas últimas décadas, praticar esportes passou a constituir um importante modismo para os mais diferentes segmentos da população, atraindo também o interesse do comércio, da indústria, dos meios de comunicação e de outros setores, que viram na sua difusão, uma importante fonte de lucros.

Este fato leva alguns autores como NORONHA FEIO (1989:6), a afirmar que "o fator econômico influencia de tal forma o universo esportivo que, no final do

século XX, a prática esportiva, ultrapassou as suas características especiais, se transformando em sinônimo de marca, agência, indústria, contrato, marketing, gestão e outras”.

O praticante de uma atividade física, além da Educação Física Escolar, tem hoje na comunidade uma gama muito grande de locais para a sua prática, onde pode desenvolver as mais diferentes atividades físicas sob a forma de uma prática que pode ser "permanente, regular, eventual, especial, pedagógica, recreativa ou esportiva e outras (MARTINS JUNIOR, 1990:104).

Todos esses locais constituem centros de lazer e de prática popular, que fazem parte de um microcosmo representativo de uma sociedade global em que o governo deveria se constituir num elemento fomentador. Observa-se no entanto que, neste âmbito, pouco ou nada ocorre. A invasão da indústria e do comércio no mundo esportivo, ocasionou aos poucos, o descaso das autoridades esportivas e educacionais do país que, ao invés de promover o interesse esportivo nos nossos jovens, repassa essa função às empresas e á outras instituições.

Este e outros fatos, levou a que, pelos mais diferentes motivos, a prática esportiva incorporasse ao universo dos esportistas, muitos personagens a quem foram conferidas funções específicas, tais como: técnico, árbitro, preparador físico, fisioterapeuta, segurança, médico, dentista, massagista, psicólogo, sociólogo, nutricionista, roupeiro, sapateiro, administrador, gerente, monitor, dirigente esportivo e outras.

Assim sendo, um simples praticante que realiza a sua atividade num determinado local, tem, por trás de si, uma enorme gama de pessoas que sobrevive graças aos seus esforços mas que ele nem sempre vê e que, muitas vezes, norteia os seus passos ao sabor de um modismo que o incomoda ou de um formalismo e de um direcionamento que nem sempre é aquele que ele pretendia nesta prática.

A Educação Física Escolar incorpora também, de tempos em tempos, outras manifestações físicas como o esporte, a recreação, a ginástica, a fisioterapia, a reabilitação e outras manifestações comunitárias, que passaram a ser usadas como seus sinônimos.

Apesar disto, o esporte popular não é porém, o mesmo praticado nas escolas e nas universidades. É uma prática informal, desenvolvido pelo povo, em qualquer lugar, a qualquer hora, com qualquer roupa e em qualquer número de pessoas, com ou sem regras ou com a sua adaptação (DIECKERT, apud MARTINS JUNIOR 1982:43).

Questiona-se então, o porquê da Educação Física Escolar não aproveitar as manifestações físicas que se desenvolvem na comunidade a todo o momento, e insistindo nuns poucos esportes e jogos, que oferecem aos seus alunos?

Por sua vez, o governo federal, os estaduais e os municipais, desejando colher os dividendos políticos de uma prática massificada, constroem ruas, praças e pistas de corridas, direcionando assim, os passos dos praticantes, que se vêem, de repente, condicionados a praticarem quando, onde e como desejam as autoridades. Essas construções carecem, quase sempre, de uma infra-estrutura física, equipamentos, materiais e recursos humanos para o seu funcionamento.

Enquanto isto acontece, as academias, as escolinhas e as outras instituições comunitárias, são construídas com o intuito de lucro fácil e de oferecem as atividades

físicas para construir, corrigir, modelar os corpos ávidos pelos movimentos e que lhes realcem ou lhes dêem vida, finalidades que não prevista pela Educação Física Escolar.

Desta maneira, a motivação para esta prática, que antes era exercida apenas nas escolas e pelos professores de educação física, hoje é estimulada também pelos meios de comunicação e difundida em diferentes locais alternativos pelos membros da comunidade, na maioria das vezes leigos e desconhecedores da pedagogia necessária para a sua concretização.

Esta transferência de estimulação, como já foi dito, é incentivada pelas autoridades, que vêm na figura do empresário patrocinador, uma fonte de recursos da qual não necessitaria dispor.

Assim sendo, a prática esportiva realizada fora da escola tem prevalecido sobre a ministrada pela Educação Física Escolar e que o conteúdo ministrado na escola tem pouca influência sobre os esportes praticados na comunidade (PEREIRA DA COSTA, 1989:119).

Um problema advindo desta prática extracurricular é que, desenvolvido muitas vezes sem a presença de um profissional formado em Educação Física, tem provocado acidentes, agressões, violência e motivando a intervenção de organismos governamentais da área da saúde (Vigilância sanitária) e da Justiça, e pouco, da área da Educação Física e dos esportes (PARANÁ, 1995).

E porque isto ocorre? A ausência de um responsável técnico (professor, licenciado ou bacharel em Educação Física) por essas atividades, impossibilita o controle e a responsabilização por quaisquer problemas que venha a ocorrer com este praticante.

Os projetos criados nos últimos anos para motivar a prática físico-esportiva da população, como os do Paraná (Projeto Tempo de Criança; Viva com Saúde; Frutos da Terra; Paraná Olímpico; Corpo Expressão; Motor 89 e Corra para a Saúde), Santa Catarina (Recriança) Pernambuco (Oficinas Esportivas) (MARTINS JUNIOR, 1990:471), têm constituído exceção a uma regra que é, em geral, desestimulada pelo descaso das autoridades, que se escondem atrás da falta de verbas, recurso usado para se negar a reconhecer o problema. Assim, nascem durante um gestão política para serem extintos na seguinte ou, às vezes, antes disso.

Infere-se assim, que a falta de uma política esportiva e educacional do governo federal, que leve à massificação desta prática por parte da população brasileira, impede-a de contribuir para a melhoria da sua própria condição física e para a descoberta de novas vocações para a prática esportiva.

Um dos muitos argumentos usados pelo governo para justificar o descaso à prática esportiva à população é a prioridade a setores mais carentes de recursos e de projetos públicos, o que terá levado alguns autores a afirmar que "brincadeira de criança é coisa séria (FERREIRA (1990:8), que "torna a criança mais segura (RUSSO, 1990:6) ou que "melhora o seu aprendizado (SYLVA, 1990:6).

Esses argumentos fizeram com que, muitos projetos, que além das funções pedagógicas, conduziam a uma prática esportiva popular, como no caso do Projeto Rondon, do MOBREAL, do Esporte para Todos, dos CIEPs e outros, fossem, com o tempo, desativados pelo governo.

Observa-se então, a incoerência do governo: por um lado, o Decreto 69.450/7 torna obrigatória a prática da Educação Física em todos os níveis de ensino do país; cria os projetos acima, estimulando sem querer, a prática esportiva popular, e os

extingue posteriormente, desativando assim (e talvez também sem querer), uma importante fonte de estímulo a educação física popular.

A extinção da Secretaria de Educação Física do Ministério da Educação, a falta de apoio ao Projeto Zico e a ausência de uma definição por parte do atual Ministro Extraordinário dos Desportos, são exemplos da falta de uma vontade política para o desenvolvimento de uma educação física popular.

Autores como HUYZINGA (1980:53), MAGNAME (1988:32) e outros, têm dito que o esporte, como qualquer atividade lúdica, é um meio de acesso à atitude cultural. Assim sendo, ao desestimular a prática esportiva popular, o governo está também diminuindo o acesso a uma cultura esportiva, que é também parte da cultura popular.

Por isto, se o ensino público deveria ser gratuito, universal e obrigatório (CARDOSO, 1989; SAVIANI, 1991), também o esporte deveria ser uma prática estimulada pelo governo para complementar a educação popular.

Não é porém, o que se observa hoje no Brasil. No afã de melhorar a qualidade dos praticantes, investem-se milhões de reais nuns poucos atletas, esquecendo-se de que não pode existir qualidade sem quantidade, ou qualidade sem quantidade (GRAMSCI, apud VALE, 1995:3), constituindo-se assim, um quadro elitista, contrário a uma Educação Física popular. Evidencia-se portanto, o privilégio à burguesia em detrimento do proletariado.

De conformidade com VALE (op. Cit.:7), a Educação Popular vive as contradições de uma sociedade desigual"; igualmente a prática esportiva sofre do mesmo mal, ao não se considerar as necessidades das camadas populares.

Um fato que se observa nos dias atuais é que, enquanto vai sendo aumentada a oferta da prática esportiva a uma camada cada vez maior da população, a educação Física escolar não caminha em paralelo ao avanço da sociedade. Se se deseja uma Educação Física efetivamente popular, dever-se-ia partir das suas bases.

Assim sendo, "se o processo de cultura de um povo passa pelo aumento da difusão da cultura (MANACORDA, 1986:64), o processo de formação de uma cultura esportiva popular deveria passar também, com certeza, pelas atividades físicas, esportivas e recreativas praticadas pela comunidade, fato que, na maioria das vezes, não é levado em conta pelas autoridades educacionais, pelas esportivas ou pelos responsáveis pela Educação Física Escolar.

A persistir esta situação, poderemos incorrer num grande perigo, que já ocorre em alguns países: uma cultura esportiva que separa os que praticam (minoría) daqueles que somente assistem (maioria). Ou então, "a rejeição por parte da maioria dos alunos à Educação Física "strictu-sensu em relação à preferência dos jovens por atividades casuais, físicas ou culturais, e não propriamente à disciplina em si (MCINTOSH e CHARLTON, apud PEREIRA Da COSTA, 1988:30).

O problema é então, aliar a estrutura da escola para um ensino que considere a necessidade que todos temos de alegria, de brincadeiras, músicas, cantos, esporte e outras formas de socialização, que podem ser encontradas, e em grande escala, na cultura física popular.

Ao analisar esta questão, observa-se que um dos problemas advém do fato dos professores de Educação Física adotarem sempre uma postura pedagógica coerente com o regime político vigente na época, esquecendo-se da prática comunitária.

Tal situação foi evidenciada nos anos setenta/oitenta, quando aconteceram no país, algumas mudanças no sistema educacional que, no campo da Educação Física foi consubstanciado por uma "preocupação por uma Educação Física Popular. Esse direcionamento ocorreu somente durante o desenvolvimento do movimento Esporte para Todos no Brasil e que, como foi dito, serviu para legitimar o governo militar, esvaindo-se porém, quando se encerrou o ciclo deste regime.

Tal fato é realçado por BETTI (1991:7), ao afirmar que, "nem sempre uma mudança na política educacional e nos objetivos do sistema escolar do país levaram á mudanças nos objetivos educacionais da Educação Física". E também, que a categoria profissional dos professores desta disciplina aderiu sempre aos discursos oficiais, mesmo os impostos de "cima para baixo". Para este autor, aconteceu assim também, quando do processo de "esportivação da Educação Física, ocorrida a partir de 1970, que contou com o apoio total dos seus professores.

Para autores como BRACHT, CASTELLANI, CAVALCANTI, COSTA, MEDINA e outros, a atual Educação Física seria unicamente reprodutora de conteúdos militaristas e tecnicistas, praticados desde há muitos anos pelas classes sociais dominantes. Defendem uma linha progressista para a Educação Física brasileira, na qual não é possível dissociar qualquer atividade física de uma consciência social.

Outros, como MELO DE CARVALHO, DUMAZEDIER, BENTO, DIECKERT, CRUM, TREBELS, SANTIN etc., demonstram porém, que as manifestações físicas, partindo da influência que exercem na comunidade, constituem as bases de uma nova cultura: a cultura corporal.

Porém, (ao relacionar o esporte ao trabalho), o Ministério da Educação abriu espaço à crítica social do esporte. Assim sendo, "a negligência evidenciada pelo governo para com os setores sociais constitui uma hipoteca que será cobrada no futuro (BRAMANTE, 1990:114).

Evidencia-se então, que "a prática esportiva comunitária desenvolvida sob as formas de condicionamento físico, esportivas, recreativas ou de lazer, abrange aspectos da relação trabalho-tempo livre não somente o descanso, divertimento e o desenvolvimento (DUMAZEDIER, 1973:32), fato que não pode passar despercebido pelos responsáveis pela Educação Física em qualquer nível de abordagem ou de estudo desta especialidade.

Entende-se assim que, se cabe à escola preparar o cidadão para a vida pós-escola (DIECKERT, 1984:5), é dever da Educação Física Escolar, prepará-lo para desenvolver uma prática corporal (sob qualquer forma) para toda a vida.

O QUE FAZER?

Torna-se necessário o despertar de uma consciência crítica em relação a este problema por parte de todos os envolvidos na "prática esportiva popular".

Uma Educação Física realmente popular deve começar pela conscientização dos seus professores sobre esta necessidade já nos cursos de graduação, que proporiam uma Educação Física Continuada, a ser praticada por todos e ao longo das suas vidas.

Serão necessários diagnósticos científicos sobre a situação atual, seguidos de ações concretas junto à comunidade. Novos projetos devem ser criados pelos organismos governamentais, pelos professores de Educação Física, com as verbas

públicas contemplando, após minuciosos exames, aqueles que realmente possam promover uma prática popular.

Sabe-se que o processo de formação de uma prática esportiva popular passa por um processo de massificação esportiva. Não se pode porém, esperar que a simples prática por parte de uma maioria da população, incorra na formação de uma elite esportiva e tão-pouco, que somente da quantidade advenham praticantes de qualidade. Importa portanto, reestudar a dialética da quantidade e da qualidade na Educação Física, onde uma não pode ser analisada sem a presença da outra.

Não se deve desprezar a colaboração das entidades particulares, uma vez que esta faz parte do universo popular. Não se pode porém, esperar que a comunidade se responsabilize por ações para as quais existem organismos governamentais responsáveis, tais como o Ministério da Educação e dos Desportos, as secretarias estaduais e municipais de educação, esportes, lazer e recreação, além de outras.

Uma Educação Física Popular seria então, a reunião das práticas escolares e das comunitárias. Para isso, não mais se concebe que os muros escolares escondam uma prática dissociada daquela desenvolvida pela população.

Uma prática popular deve ser desenvolvida a partir das instituições e das escolas públicas, numa atuação conjunta da escola com a comunidade. Entende-se que, somente assim, será possível, no futuro, dizer que existe realmente uma Educação Física Popular.

Nas investigações sobre a relação motivação-Educação Física, depara-se frequentemente com as seguintes questões: qual a diferença entre motivo e motivação e se se deve motivar para os aulas de Educação Física ou para a prática de atividades físicas e esportivas na comunidade?

Assim, procura-se aqui analisar estes conceitos para posteriormente, estudar as suas implicações na Educação Física Escolar.

A diferença entre motivo e motivação tem sido estudada por diversos autores, tais como HUNTER (1976), ANTONELLI e SALVINI (1978), THOMAS (1981), CARRON (1984) e outros, que afirmam tratar-se de uma construção hipotética, isto é, um fenômeno que não pode ser medido diretamente, mas que se supõe efetivo, baseado nas observações e nas teorias do comportamento.

Motivos seriam então, os impulsos, necessidades, causas, razões, propósitos etc., que impulsionam o indivíduo a executar uma ação enquanto que motivação é o interesse espontâneo do indivíduo na execução de determinada tarefa ou atividade. Assim sendo, a motivação por uma atividade só se tornará um hábito se constituir em algo cuja realização seja importante para si. Neotrófica, o conceito motivação parece alinhar-se melhor a este conceito.

O conceito "motivação" será portanto utilizado para expressar o conjunto de conhecimentos e atitudes que permitem à Educação Física e ao professor, chamar, interessar e levar o aluno a tornar as suas práticas em atividades regulares e permanentes.

4.1. AS TEORIAS DA MOTIVAÇÃO

A motivação tem sido analisada de muitas maneiras pelos investigadores das diferentes ciências. Sabe-se que, nos últimos anos, um terço da literatura refere-se a

CAPÍTULO 4

EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTIVAÇÃO

A Educação compreende um campo de vivências práticas, onde estão contidos elementos de natureza intrínseca e extrínseca, abarcando variáveis oriundas das diferentes ciências desenvolvidas e que podem estender-se indefinidamente por toda a vida do praticante.

A prática de atividades físico-motoras, como um hábito incorporado ao seu cotidiano, é um dos objetivos que deveria ser alcançado pela Educação Física Escolar e seria uma das metas a alcançar durante a passagem do aluno pela escola.

Diversas questões devem portanto ser consideradas, isoladamente ou em grupos, tais como: que motivos são conducentes a esta prática? quais os benefícios que dela emanam? que estratégias poderiam ser adotadas pela Educação Física Escolar para se atingir este fim?

Sabe-se que o interesse é um elemento a ser despertado no aluno através de atividades cujo conteúdo lhe cause prazer e satisfação. Assim sendo, neste capítulo pretende-se estudar a motivação, do ponto de vista da relação entre as principais teorias da motivação com a Educação Física que é atualmente desenvolvida pelas escolas.

Nas investigações sobre a relação motivação /Educação Física, depara-se freqüentemente com as seguintes questões: qual a diferença entre motivo e motivação e se se deve motivar para as aulas de Educação Física ou para a prática de atividades físicas e esportivas na comunidade?

Assim, procurar-se-á analisar estes conceitos para posteriormente, estudar as suas implicações na Educação Física Escolar.

A diferença entre motivo e motivação tem sido estudada por diversos autores, tais como HUNTER (1976), ANTONELLI e SALVINI (1978), THOMAS (1983), CARRON (1984) e outros, que afirmam tratar-se de uma construção hipotética, isto é, um fenômeno que não pode ser medido diretamente, mas que se supõe efetivo, baseado nas observações e nas teorias do comportamento.

Motivos seriam então, os impulsos, necessidades, causas, razões, propósitos etc., que impelem o indivíduo a executar uma ação enquanto que motivação é o interesse espontâneo do indivíduo na execução de determinada tarefa ou atividade. Assim sendo, a motivação por uma atividade só se tornará num hábito se constituir em algo cuja realização seja importante para só. Nesta ótica, o conceito motivação parece adequar-se melhor a este estudo.

O conceito "motivação" será portanto utilizado para expressar o conjunto de conhecimentos e atitudes que permitem à Educação Física e ao professor, animar, interessar e levar o aluno a tornar as suas práticas em atividades regulares e permanentes.

4.1. AS TEORIAS DA MOTIVAÇÃO

A motivação tem sido analisada de muitas maneiras pelos investigadores das diferentes ciências. Sabe-se que, nos últimos anos, um terço da literatura referente à

psicologia experimental tem sido dedicada ao estudo deste tema (FERNANDES, 1986:75).

Segundo MADSEN, apud TODT (ibid 1982), pode-se distinguir três tendências principais na evolução da psicologia da motivação:

- teorias sobre o instinto, onde destacam-se autores tais como DARWIN, MACDOUGALL e WOODWORTH, que estudam a disposição inata que predispõe o organismo a perceber com preferência, determinados objetos, a experimentar uma determinada reação emocional ante esses objetos e a operar de acordo com eles ou ter intenção o de fazê-lo;
- teorias no campo da investigação da personalidade, destacando-se a teoria psicanalítica, de FREUD e as teorias da necessidade, de MURRAY, de MASLOW, de ALLPORT e de CASTELL;
- teorias no campo da investigação da aprendizagem, que se inicia com WOODWORTH (teoria do "drive" e são complementadas por TOLMAN, HULL (teoria da Conduta/behaviorismo), SPENCER MILLER, BROWN e outros.

Ao abordarem a motivação para a prática das atividades físicas e esportivas, alguns autores costumam diferenciar motivo de motivação.

Para uns, tais como HARRIS (1976:157), motivo é o móbil de ordem intelectual que impele uma ação, enquanto que a motivação é um processo multidimensional formado por várias classes de motivos.

Para outros, tais como PEPER (1982), motivo é uma prontidão latente, porém relativamente duradoura para o alcance de um determinado objetivo, como, por exemplo: motivo 1: agressão -- objetivo: vingança ofensas ou, motivo 2: rendimento - - objetivo: obtenção de rendimento esportivo. Por seu lado, a motivação engloba os desejos e os impulsos de todos os movimentos e atividades do homem.

HECKHAUSEN, apud THOMAS (ibid 1983:65), afirma que denomina-se motivo às diferenças entre as peculiaridades individuais duradouras que se formaram no decorrer do tempo de desenvolvimento (ontogênese), numa determinada situação básica enquanto que a motivação dependeria da situação e de uma ocorrência a curto prazo. Assim sendo, os fatores do motivo representam apenas uma parte da ocorrência da motivação o.

Analisando o conceito estabelecido por HECKHAUSEN, que define motivo como sendo aspirações repetitivas que acompanham o homem durante toda a sua vida, THOMAS (ibid 1983:65), esclarece que:

"Os motivos não são inatos e sim aprendidos; são resíduos de experiência a longo prazo e, por isto, compõem-se de imagens de objetivos e expectativas de ação altamente generalizados. Os motivos jamais conduzem à ação, eles têm que ser despertados e estimulados; influenciam a motivação momentânea e esta dirige o comportamento. Os motivos começam a se formar já durante o início do processo de desenvolvimento; fortalecem-se

gradativamente, transformando-se assim, num sistema relativamente duradouro, que governa o comportamento de cada um."

DORIN (1968:75), usa o termo motivo para designar os impulsos, as necessidades, os interesses e os propósitos do organismo quando eles são responsáveis pela conduta e motivação para o conjunto de fatores que respondem pela conduta e que constituem as razões que explicam o comportamento de uma pessoa.

HUNTER (ibid 1976), define motivação como um estado de necessidade ou desejo que leva a pessoa a fazer algo que satisfaça esse desejo ou necessidade. Assim sendo, não se pode motivar uma pessoa, mas manipular as diversas variáveis que poderão resultar num aumento ou numa diminuição da motivação, do conjunto das quais, cita: o grau de ansiedade ou tensão, a emoção, o interesse, o sucesso, o conhecimento de resultados e o relacionamento da atividade com a recompensa.

Conforme PEPPER (ibid 1982), a motivação nem sempre é relacionada com o querer mas com a emoção que suscita na pessoa, tais como: querer, estimular, desejar, sentir-se satisfeito com, além de outras. Sobre as teorias da motivação, Lobos, apud NOGUEIRA (1978:11), afirma que:

"uma das teorias mais antigas e populares entre os psicólogos é a teoria do acionamento, derivada da Lei do Efeito, de THORNDIKE. O conceito de acionamento foi usado primeiramente por WOODWORTH, em 1918, como uma alternativa ao do instinto. Em 1935, expandiu-se mais com HULL que sugeriu que a conduta é determinada pelo produto entre a força do acionamento e a força do hábito. A teoria da expectativa tem seu início com KURT LEWIN e TOLMAN, nos anos 30."

NOGUEIRA (op. cit.), acrescenta ainda, que um grande avanço no campo da motivação foi dado por MCLELLAND, ATKINSON, CLARK e LOWELL, em 1953 que, ao criarem a "chave dos escores", possibilitaram determinar se as histórias eram orientadas para a auto-realização ou não; ou ainda, por MCLELLAND e APICELLA, quando notaram que as pessoas em relação à motivação podem estar em situação originadas por "esperança de sucesso", "medo de fracasso" e "assunção de riscos", onde o fracasso é seguido por uma experiência de conflito numa perspectiva temporal passada.

Estudando as teorias que têm influenciado os educadores, OLIVEIRA e CHADWICK (1988), destacam as teorias de BRUNER, AUSUBEL, PIAGET, SKINNER, GAGNÉ e BANDURA, que dedicam parte dos seus conteúdos ao estudo dos conceitos da motivação.

Assim sendo, BRUNER (1960), propôs "a aprendizagem por descoberta", em cujo processo é importante induzir o aprendiz a uma participação ativa. Nesta teoria, é importante a criação de uma situação ambiental que apresente um desafio à inteligência do aluno, levando-o a resolver problemas e a promover também a transferência de aprendizagem. Diversas variáveis intervêm no processo de aprendizagem, tais como a "representação enativa", que consiste na representação de eventos passados através de

respostas motoras apropriadas; a "representação icônica", onde a criança percebe o ambiente e o transforma em imagens e a "representação simbólica", onde ela percebe o ambiente mas não necessariamente numa ordem ou num espaço de tempo definido. A criança aprende através de determinadas regras a resolver os problemas que forem surgindo.

Na Educação Física, a compreensão dessas regras é, por vezes, básico para que o aprendiz possa resolver certas situações que ocorrem num jogo ou noutra atividade física, esportiva ou recreativa e que "os materiais de aprendizagem são suficientes para motivar o estudante; a aprendizagem motivante; a aprendizagem à motivação." Assim sendo, não há necessidade de reforços secundários para motivar o estudante, pois esses distraem e falseiam os objetivos reais e a satisfação do ato de aprender.

Para AUSUBEL (1968), o papel e a importância relativa de diferentes tipos de motivação variam dependendo do tipo de aprendizado envolvido, do tipo de participação que o indivíduo tem no grupo e do nível de desenvolvimento do aprendiz. Para ele, a motivação não seria portanto, indispensável para a aprendizagem de matérias escolares, mas sim, causa e/ou efeito da aprendizagem. Propõe então a utilização da motivação extrínseca, sem exageros.

A sua teoria preocupa-se com a aprendizagem das matérias escolares a partir da aquisição e da retenção dos conhecimentos de maneira significativa. Entende por matéria significativa aquela que não é decorada ou aprendida mecanicamente. O professor estabelece a matéria a ser aprendida e a aprendizagem não é individualizada mas comum e leva em conta os pré-requisitos que os alunos trazem consigo ao adentrar a escola. Por este motivo, as variáveis de "input" serão programadas de acordo com os conhecimentos anteriores dos alunos e serão básicas para que as respostas ("outputs") sejam significativas.

Na Educação Física é traduzida através dos testes de habilidades, que dão uma idéia do avanço técnico do aprendiz e, baseado no nível evolutivo que apresenta ao chegar na escola, o professor programa os conteúdos visando alcançar os resultados desejados.

PIAGET (1970), se refere a três motivações fundamentais: fome, equilíbrio e independência em relação ao ambiente. Estas duas últimas são provavelmente os fatores determinantes da motivação. Sugere então o ensino por conflito onde a criança vai descobrir incompatibilidade entre as suas crenças atuais e os novos conteúdos. Ela procura então descobrir por si mesma o que é certo e o que é errado, passando do período de egocentrismo para o de sociocentrismo por meio da confrontação com o seu ambiente. A necessidade de equilíbrio seria, para este autor, um dos elementos mais motivantes para a criança, tanto na sala de aula como no seu ambiente natural.

Na teoria de SKINNER (1968), a motivação baseia-se no reforço, para ele, o elemento fundamental da aprendizagem. Propõe a utilização de uma tecnologia capaz de explicar ao estudante como fazê-lo estudar. Para isso, ao se definir os comportamentos desejados, traça-se um programa de modificação (ou modelagem) do comportamento. Para ele, a motivação trata do problema de manter o estudante ativo, respondendo e participando do processo da aprendizagem.

Na Educação Física a sua teoria tem sido empregue principalmente pelo esporte de competição e pelos professores que utilizam os estilos de ensino baseado no comando.

GAGNÉ (1977), utiliza três tipos de motivação: o primeiro é a motivação baseada no reforço, considerando o incentivo importante para o resultado final da aprendizagem. O segundo é a motivação proveniente da tarefa, referindo-se a ela como sendo a necessidade ou o desejo de realizar determinada tarefa. A terceira é o estabelecimento de expectativas, quando se antecipa a recompensa que seria obtida quando atingisse o objetivo. Todos estes tipos são, de uma forma diferenciada, empregues pelos professores de Educação Física.

BANDURA (1977), propôs uma modelagem social, onde os fenômenos de aprendizagem que resultam de experiências diretas podem ocorrer de forma vicária, ou seja, através de observações do comportamento de outras pessoas. Esses modelos podem ser transferidos para o aprendiz. Propôs também um determinismo recíproco, em que os fatores pessoais, comportamentais e ambientais operam como fatores determinantes entre si. Sugere como variáveis de "input" a utilização de modelos, cujos processos seriam a atenção, a retenção, a reprodução e a motivação, e como "output", os comportamentos de imitação ou de repetição.

A Educação Física usa constantemente o processo por modelagem, quer nas aulas ou nos esportes de competição, em que o exemplo de um praticante de sucesso assume a conotação de mostrar aos iniciantes a execução ideal ou, psicologicamente, como um estágio a ser alcançado. Para o autor acima citado, os reforços são elementos importantes para o aprendizado pois a motivação não é um mecanismo inato, mas adquirido. Por isso, o reforço externo é uma das formas mais poderosas para influenciar o comportamento. Quando a criança aprende habilidades verbais, cognitivas ou manuais e sabe lidar bem com o seu ambiente, não necessita mais de reforços externos.

No trabalho desenvolvido no Estado do Paraná, tem-se observado (embora não empiricamente) que estas e outras teorias têm sido aproveitadas pelos professores de Educação Física, aplicando-as nas mais diferentes situações de ensino/aprendizagem, quer nos processos de iniciação esportiva ou nos de treinamento, por envolverem situações que ocorrem frequentemente nas atividades propostas.

CRATTY (1984:36), refere que é, entretanto, muito difícil mensurar a motivação justamente porque esta depende quase sempre do humor, dos sentimentos ou da verbalização momentânea do sujeito, cujos pensamentos fluem numa velocidade de oito a doze pensamentos por segundo ou aproximadamente duzentos e cinquenta milhões durante a vida inteira.

Estudando a motivação para a prática esportiva, SOBRAL (1981:15), afirma que há diversos tipos de motivação, tais como: normais, físicas, patológicas, éticas etc., mas que esta é sempre uma projeção do indivíduo do interior para o exterior, voltada para a realização de um determinado destino ou finalidade da vida. Assim sendo, a auto-imagem e o nível de aspiração que estabelece para a sua vida determinam o caráter positivo ou negativo da sua base motivacional.

Este autor destaca então, a teoria da necessidade de êxito, defendida por MCLELLAND, onde esta necessidade seria o motor de todas as condutas, que resulta numa interpretação competitiva da vida e da conduta dos indivíduos. A situação econômica do País, por um lado, e os interesses comerciais que rodeiam esta prática, por outro, são fatores que interferem, sem dúvidas, nesta teoria, ao exercer uma hegemonia sobre as ações a serem desenvolvidas na área esportiva. Há portanto, uma relação entre a competição esportiva e o sistema econômico vigente no País, onde a necessidade de

êxito tem hoje a ver muito mais com o fator econômico do que para satisfazer o ego do praticante. Ao analisar as teorias do jogo, destaca as seguintes:

- **Teoria do excesso de energia**, exprimida por SCHILLER e retomada por SPENCER, na qual o excesso de energia seria o principal móbil do jogo.
- **Teoria do exercício preparatório**, defendida por KARL GROOS, e segundo a qual caberia ao jogo preparar tanto os animais como os homens para a vida real. Esta teoria teria sido, posteriormente, conceituada como: o jogo corresponde a um instinto educativo que visa preparar os jovens para a idade madura;
- **Teoria da catarse**, onde o jogo representa um escape aos impulsos agressivos.

HARRIS (ibid 1976:157), cita ainda, diversas outras teorias, destacando-se:

- A necessidade de recreação
- O excesso de energia
- A preparação para a vida
- O controle da catarsis
- O relaxamento ou diversão
- A sublimação
- O domínio na competição
- A imitação
- A realização pessoal
- O enriquecimento da vida
- O meio ambiente
- O desejo da satisfação

Observa-se nestas teorias, que o indivíduo, ao praticar uma atividade física ou esportiva, busca satisfazer certas necessidades psicossociais, tais como a fuga ao tédio, a libertação das tensões diárias, o autocontrole e a disciplina, a reprodução das experiências da vida real, a satisfação de determinados interesses pessoais e a necessidade de ser um vencedor, que não consegue na vida real mas que o jogo possibilita, bem como a convivência com pessoas de outro nível social, além de outros aspectos.

Assim sendo, ao praticar uma atividade física ou esportiva, o indivíduo tenta transferir para esta atividade as suas necessidades, as suas aspirações e as suas frustrações.

Estudando esta premissa, PAPPA (1980), destaca a teoria da auto-realização, defendida por MASLOW e proposta anteriormente por CARL JUNG e KAREN HORNEY, que estabelece cinco níveis ou categorias de necessidades humanas básicas, mutuamente dependentes, que, organizadas numa ordem hierárquicas, são:

- 1) fisiológicas
- 2) as relacionadas com a segurança
- 3) afetivas
- 4) as relacionadas com o "status social"
- 5) as de auto-realização.

É então possível apontar as relações entre algumas destas necessidades e o apelo para a prática esportiva (SOBRAL, *ibid* 1981).

SINGER (1984), analisando as condicionantes fisiológicas, psicológicas e sociais, propôs que, no processo de motivação para a prática esportiva são importantes os seguintes suportes de motivação:

- **prontidão para a aprendizagem**, envolvendo uma série de variáveis, tais como as aptidões, as emoções, as atitudes e os graus de envolvimento e de desenvolvimento na atividade
- **motivos intrínsecos**, que a predispõe para essa prática,
- **motivações externas**, que a leva a interessar-se pela atividade;

A motivação para a prática das atividades físico-motoras é portanto, algo que o homem deve entender como subjetivamente importante e necessário para si, por uma série de razões e algo que deveria ser um fim a ser alcançado pela Educação Física Escolar.

4.1.1 - A motivação em Educação Física

Segundo SOUZA CAMPOS (*ibid* 1986), a palavra motivo vem do latim "movere, motum" e significa aquilo que faz mover. Em consequência, motivar significa etimologicamente provocar movimento ou uma atividade no indivíduo.

ROYER (S/D:17), afirma que a motivação dos alunos para a Educação Física foi iniciada provavelmente, com a introdução dos jogos com bola na Educação Física Escolar, realizada em meados do Século XIX, por THOMAZ ARNOLD, no Colégio de Rugby, na Inglaterra, fato que teria provocado uma mudança no processo educativo de então e inspirado o aparecimento do esporte escolar. Outra importante contribuição para este processo foi a utilização dos alunos na condução do treinamento das suas equipes e na organização dos jogos e das competição esportivas.

Esta nova tendência teve porém, um desenvolvimento diferenciado em diversos países. Muitos continuaram a ministrar aulas baseadas sobretudo na ginástica. Para alterar a monotonia do dia escolar, alguns professores começaram a introduzir novas idéias e novos jogos. É o caso de JAMES NAISMITH que, em 1891, desenvolveu o Basquetebol e WILLIAN MORGAN que, em 1895, criou o Voleibol (OBERTEUFFER e ULRICH, *ibid* 1977).

No início deste século, os jovens jogavam partidas de beisebol, de basquetebol, de futebol, de voleibol e de outros esportes, atividades que estavam excluídas dos currículos de Educação Física e relegadas aos clubes ou às praias. A Educação Física Escolar seguia as escolas alemã, sueca e francesa, dando grande destaque às finalidades orgânicas. As atividades mais ministradas, ligadas à ginástica e com métodos bastante rígidos, incentivavam o exercício e o desempenho mecânico, num ambiente formal e com pouca **participação** do aluno no processo da aprendizagem.

MCINTOSH (1975), afirma que outras formas de movimentos e de atividades, como por exemplo os esportes, diferentes tipos de jogos e de danças, foram lentamente introduzidas na educação global do educando.

Assim sendo, e com diferentes fins, entre as quais a motivação é, sem dúvidas, uma das mais importantes, a Educação Física Escolar tem incorporado, ao longo dos anos, diversos esportes oriundos de muitos países, tais como o judô, do Japão, a pelota basca, da Espanha, o ciclismo, da França e o esqui, da Escandinávia, além de outros.

Com o tempo, e para além dos esportes, a Educação Física Escolar incorporou também a recreação e a Psicomotricidade.

Na sua evolução, a Educação Física Escolar adotou as competições inter e intra-escolares como conteúdo das suas atividades extra-classe e, conseqüentemente, dos métodos de treinamento, oriundos dos esportes de alta competição. Este fato motivou que alguns países, nomeadamente o Brasil, gradualmente modificassem a denominação Educação Física, adotando então a expressão: Educação Física e Esportes.

Esta divisão é aceita por alguns autores, enquanto outros, tais como BENTO (1987), defendem, para cada uma delas, um desdobramento dos seus temas, a fim de que os alunos possam participar, crítica e construtivamente, na cultura motora (com este autor querendo expressar que a prática dos esportes ou de qualquer atividade físico-motora, faz parte de uma nova cultura que vem dia a dia mais se enraizando na população urbana: a cultura motora).

TODT (ibid 1982), analisando a motivação na escola, afirma que não existe uniformidade de critérios sobre como se controla internamente (motivos) ou externamente (variáveis de situação) a motivação, quais são as variáveis internas e externas e como se pode influir sobre elas, muito embora tenha havido diversas tentativas para se esboçar uma metodologia para despertar o interesse.

A falta de instalações ou de materiais adequados, por exemplo, têm sido apontadas por muitos professores como fatores impeditivos da motivação para a Educação Física Escolar, o que tem levado diversos autores, tais como PASCHEN (1974), a refutarem esta premissa, afirmando que a falta de espaço ou de equipamentos não deve ser desculpa para se suprimir ou se descuidar a prática da Educação Física.

BENTO (1989:41), afirma inclusive, que para se motivar as crianças e os jovens para a prática esportiva, não é preciso nada de novo ou de espetacular. É preciso apenas utilizar melhor as possibilidades da escola e exercer influência educativa com tato, com intuição e com responsabilidade.

Analisando a importância da motivação para a aprendizagem, SINGER (1977), diz existir um nível ideal de motivação para cada tarefa a executar e para cada executor algumas habilidades são muito mais difícil e complexas do que outras. Assim sendo, o desempenho numa atividade pode exigir um maior grau de motivação do que em outra. Por isso, existe um nível ideal de motivação que deve estar presente em qualquer atividade, que depende da sua natureza, tanto quanto do praticante.

Observa-se porém que, muito embora a Educação Física seja uma disciplina altamente motivadora para o aluno, diversos estudos, em diferentes países, mostram que esta disciplina não estaria levando os escolares a uma prática esportiva regular como seria desejável.

É o que diz, por exemplo: SACK (1986), ao revelar que 21% dos rapazes e 40% das moças com menos de 21 anos, deixam de praticar anualmente o seu esporte favorito, porque nem todos têm vocação para campeões. É cada vez mais claro que muitos fazem dessa prática uma forma de ocupar o seu tempo livre, assegurar o seu

bem estar e preservar a sua saúde. Os estudantes desejam assim, que a Educação Física aborde também outros aspectos, tais como as relações, a amizade e a camaradagem.

Ou RACHEV (1988), ao afirmar que, com a idade, as contingências para as atividades físicas do estudante decrescem continuamente. As razões para isso são diferentes: desconsideração do efeito destas atividades no seu desenvolvimento, insuficiência de novas ofertas esportivas e outras.

CLAEYS (ibid 1987:6), concluiu que a prática esportiva parece diminuir com o aumento da idade; que entre os 14 e os 20 anos cerca de 15% dos indivíduos abandonam o esporte enquanto que os restantes, na sua maioria, praticam com menor intensidade. E que, aos dezoito anos de idade, a prática dos esportes constitui-se num hábito que está ou não incorporado num padrão de utilização dos tempos livres. E porque? Refere que grande parte do que se aprende na escola (inclusive o esporte), nem sempre se aplica fora dela. Por isso, só uma educação esportiva na escola, mais alargada e integrada na sociedade, pode permitir aos que deixam a escola, de elaborar um padrão esportivo próprio.

Tal fato pôde ser constatado por MCINTOSH e CHARLTON (1985:25), ao revelarem que, na Inglaterra, entre 1966 e 1984, a Educação Física se referia mais a uma expansão do currículo escolar do que às necessidades reais dos alunos, que preferiam as práticas recreativas na comunidade.

Sobre as razões destas mudanças, PEREIRA DA COSTA (1987), afirma que os principais elementos motivadores para prática esportiva dos alunos são os amigos e a família, estando assim a Educação Física Escolar sendo superada pelas relações de interesse social extra-escolar.

PREISING (1988), refere ainda, que muitos jovens abandonam cedo essa prática quando na atividade não há este espírito. Segundo ele, um quadro estatístico acerca dos motivos que levam as pessoas a praticar esportes, revela que:

- 81% fazem-no para encontrar as pessoas;
- 57% praticam pelo prazer de praticar;
- 24% para manter a forma física.

Assim sendo, para autores tais como GIRALDES (1978), a escola não conscientiza o aluno para a necessidade de movimento como expressão de saúde e de vida.

Para outros, tais como PIOTROWSKA (1989:90), teria uma limitada participação na preparação dos esportes do tempo livre, o que leva a crer que, ao concluir o curso escolar, poucos jovens se mantêm fisicamente ativos e que ao praticar uma atividade física ou esportiva na comunidade o farão mais por razões estatísticas ou para seguir a moda corrente, do que influenciados pela Educação Física Escolar.

ANTONELLI e SALVINI (id ibid 1987), estudando as capacidades inatas do aluno, do ponto de vista da psicologia, afirmam que os fatores inconscientes tendem para os componentes psico-biológicos, psico-patológicos e psicológicos, enquanto que os conscientes tendem mais para os sócio-culturais. Assim sendo, o aluno só é conscientizado para uma prática regular, quando intrinsecamente considera esta atividade importante para si.

Estes e outros exemplos, demonstram que a falta de motivação do aluno para uma prática regular, durante e após o seu curso secundário, poderia influenciar a

sua prática após deixar a escola. Demonstram também que, além de uma infra-estrutura adequada relativamente às instalações, aos equipamentos, aos materiais e à oferta pura e simples, a Educação Física Escolar necessita de processos que façam com que os alunos adquiram o gosto pela prática de atividades físicas ou esportivas, tornando-a um hábito a manter durante toda a vida.

A Educação Física Escolar deve portanto despertar em todas as crianças o prazer pelo movimento, de modo a que se converta numa necessidade natural e indispensável, mesmo após terem concluído o seu período escolar, pelo que deveria ser fomentada para se tornar num hábito permanente, premissa que nem sempre acontece e que pode levar o aluno a um desinteresse por esta disciplina.

Cabe então, ao professor de Educação Física, observar cada um dos seus alunos, não só do ponto de vista do seu biótipo como também do seu interesse e da sua vocação, a fim de verificar em que modalidade esportiva ele teria uma real possibilidade de sucesso. Este caminho deve ser procurado com todos os alunos pois, como diz FREINET (1990), é a pedagogia do sucesso a principal via a ser tentada para se vislumbrar as chances de cada um deles.

4.1.2 - A motivação e a criação de hábitos esportivos

Para TEODORESCU (1984), o esporte é um fenômeno social, que apareceu e se desenvolveu simultaneamente com a civilização. O seu conhecimento e a sua prática constituem atos de uma cultura esportiva que representam domínios da cultura material, espiritual e universal. Ele está profundamente enraizado no homem, ao lado de outras atividades fundamentais, tais como o trabalho e os estudos e constitui uma alternativa para as mesmas.

Segundo CRESPO (1986), o esporte não é um produto da natureza mas uma criação do homem, que é definido por uma multiplicidade de valores. É, por isso, uma das dimensões da cultura humana, não podendo ser isolado do conjunto de prática sociais e culturais a que se encontra associado. Assim sendo, numa mesma sociedade, enquanto alguns indivíduos ou grupos escolhem as práticas que lhes proporcionam uma imagem de força e de agressividade, outros preferem aqueles cuja harmonia de movimentos mais se adaptam aos seus valores.

O crescente interesse pela prática das atividades físicas, esportivas e recreativas, verificado principalmente nas últimas décadas em todos os setores da comunidade, deve-se em grande parte aos movimentos que diversos países realizam em prol da PARTICIPAÇÃO esportiva com a promoção do chamado esporte-espetáculo e com a crescente comercialização do esporte.

LIMA (1988), considera uma série de manifestações que influenciam o interesse pela prática do esporte, classificando-o em: esporte-prática, esporte-espetáculo, esporte-técnica, esporte-lazer, esporte-profissão, esporte-investimento, esporte-instituição, esporte-educação, esporte-ciência e esporte-arte.

No estudo da motivação para a criação dos hábitos esportivos, a definição de CRATTY (ibid 1984): "A motivação implica o exame das razões pelas quais se escolhe fazer algo ou executar algumas tarefas com maior empenho do que outras ou ainda, persistir numa atividade durante um longo período de tempo", indica que uma atividade pode ser mais ou menos interessante para o seu praticante e levar-lo a

transformá-la numa prática regular desde que o motivo que o impele seja mais ou menos forte.

Esta afirmação é reforçada pela classificação das diversas fontes de onde provêm as motivações ao esporte, em: externas, tais como as recompensas sociais manifestadas ou latentes (ex: o elogio) e os sinais de sucesso (dinheiro e presentes); as originadas na estrutura psicológica do indivíduo (necessidades de sucesso, reconhecimento etc.), e as que provêm da própria tarefa ou atividade.

Muitos outros autores têm também indicado quais os fatores que influenciam no indivíduo o aumento do interesse pela prática regular dos esportes. Entre estes, COELHO (1985:37), aponta os seguintes:

- influência de familiares, amigos, colegas, esportistas etc.;
- influência dos meios de comunicação e das promoções esportivas oficiais ou amadoras.
- influência do meio ambiente e de condições favoráveis à essa prática;
- a posse de determinadas condições físicas e de capacidades em determinado nível técnico..

Outro fator de motivação para a prática de atividades físico-motoras seria a teoria da imagem corporal, defendida por autores tais como MALTZ, apud HARRIS (ibid 1976), autor da Psico-Cibernética, que afirma que as mudanças que ocorrem no corpo de um indivíduo podem alterar a sua personalidade, os seus padrão de conduta e as suas habilidades e talentos básicos, e que uma imagem negativa de si próprio pode trazer-lhe frustrações.

Esta idéia é reforçada por DIECKERT e outros (ibid 1985), que afirmam que o homem é definido pelo seu corpo; que não apenas tem, mas que ele é o seu corpo; que toda a sua existência é expressa pelo corpo, em diferentes situações tais como a alegria, a tristeza, o trabalho, a comunicação etc. Mantê-lo em forma influencia a sua vida, sobretudo quando começar a perceber que o seu bom funcionamento melhorará o seu humor e a sua relação com os outros.

Para HARRIS (ibid 1976), a possibilidade de participar com êxito nas atividades físicas pode influenciar decisivamente na imagem corporal dos praticantes que, satisfeitos com ela, estarão motivados para participar continuamente em atividades físicas e/ou esportivas.

Desta forma, a Educação Física Escolar, quando disciplina bem explorada, poderá criar no praticante um hábito. Esta é uma premissa que nos últimos anos tem sido discutida por muitos autores, principalmente após o advento do movimento "Esporte para Todos.

Para que alcance tal objetivo, deve haver um processo que o conscientize neste sentido. Deve haver uma revolução não só pedagógica como também cultural, muito dependente da ação conjunta de todos quantos participem da cultura esportiva na escola e na comunidade em constante relação (HOWE, 1986:1).

Esta disciplina e os seus professores poderão então, ser considerados como agentes deste processo. Importa porém determinar quais os estímulos devem ser empregados para que o aluno se conscientize desta necessidade. Ao trabalhar em escolas, clubes e outros locais e envolvidos com indivíduo das mais diversas faixas etárias, terão

mais possibilidades e responsabilidades para atuar e dar bons exemplos, no sentido da criação da mentalização do aluno, dos jogadores e dos pais relativamente aos valores desta prática.

Este processo só será viável, quando as pessoas reconhecerem voluntariamente o valor desta prática. A escola, sendo o local propício para formar hábitos e reunir indivíduos das diferentes faixas etárias, influenciar-los-á sempre, durante ou após a sua escolaridade, quando confrontar diferentes formas de prática esportiva, no seu tempo livre, para a sua manutenção física ou no esporte de competição.

Para avaliar se esta prática é motivante para os alunos e até que ponto é conducente a uma atividade física e esportiva continuada pela comunidade, devem ser consideradas diversas variáveis, do conjunto das quais o professor é o elemento mais importante.

A Educação Física compreende um campo de vivências práticas onde estão contidos elementos de natureza intrínseca e extrínseca, abarcando variáveis oriundas de diferentes.

4.2. O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A MOTIVAÇÃO

Segundo WEINERT, apud TODT (1982), as teorias da motivação para o professor não podem ser mais do que pontos de orientação que facilitam a tomada de decisões em situações práticas.

A investigação da motivação pode auxiliar mais na preparação anterior ou posterior do que na aplicação o do ensino, pois o planejamento de ensino não somente pressupõe conhecimento como também a prática em grupos de treino ou de auto-experimentação.

O professor de Educação Física é um dos responsáveis pela motivação do aluno e da comunidade para a prática das atividades físicas, esportivas e recreativas, podendo também desempenhar funções diversas em diferentes campos de trabalho e sempre com um alto grau de motivação em todas elas.

Para FARIA JUNIOR (1974), os requisitos básicos do professor de Educação Física, são:

- Cultura geral;
- reparo especializado e habilitação em Educação Física;
- vocação;
- aptidões específicas para o trabalho docente.

O "ecletismo" e a facilidade em motivar a sua disciplina tem suscitado uma questão aos investigadores: existem diferenças entre os professores das outras disciplinas e os de Educação Física?

SACK (1975), afirma que, de dez pesquisas que efetuou, em oito delas os professores de Educação Física revelaram comportamentos diferentes: emocionalmente mais estáveis, dominantes, mais extrovertidos, entusiastas e com tendência para um sentimento de culpa, revelando ainda, um aventureirismo maior.

Estas diferenças dão condições especiais para desempenharem um papel motivador, não só das atividades físicas e esportivas desenvolvidas na aula, como também de uma prática regular e continuada na escola ou na comunidade.

Uma pesquisa realizada por MIALARET (1981:56), revelou que o professor desta disciplina pode desempenhar, entre outros, os seguintes papéis:

- **Mestre** - ou transmissor de conhecimentos.
- **Treinador** - que transmite um mínimo de conhecimentos mas leva o aluno exercitar-se nesses conteúdos.
- **Guia** - que transmite um mínimo de conhecimentos mas que sugere os métodos para aumentar esses conhecimentos.
- **Supervisor** - que propõe trabalhos e supervisiona a sua realização.
- **Centro de Documentação** - que deixa o aluno trabalhar à vontade, fornecendo subsídios quando é solicitado.

Estes e outros pré-requisitos capacitam-no a fortalecer o interesse do aluno pela sua disciplina e, através dela, para uma futura prática na escola e no meio onde vive, bem como de poder desempenhar um papel importante como animador na sua comunidade.

Analisando o professor de Educação Física do ponto de vista da Educação Física Escolar, MEINBERG (1988), sugere que deveria ter uma formação direcionada às seguintes competências:

- **Transmissor** - As suas funções não se devem restringir ao ensino de técnicas grosseiras dos esportes mais conhecidos, mas ensinar a aprender: que após o período escolar, o aluno saiba organizar o seu esporte e também o dos seus parentes, vizinhos e amigos.
- **Educador** - O professor deveria não só transmitir, mas também ser um protetor, advogado e procurador da criança e, para tal, a sua personalidade deveria estar adequada ao seu ensino, sobressaindo-se pela alegria, justiça, amor ao trabalho e aos alunos.
- **Avaliador** - Ao ter de atribuir uma classificação ao aluno, o professor assume-se como um juiz do rendimento das outras pessoas, função que lhe ocupa mais tempo e lhe traz mais problemas.
- **Orientador** - O professor deve assumir um papel de conselheiro, tanto do esporte como da própria carreira escolar e profissional do aluno, não devendo porém assumir-se como substituto do pai, mas o de um seu companheiro.
- **Inovador** - Esta característica não consiste só em introduzir coisas novas mas também em discutir, refletir e modificar o que já existe. Não deve permanecer sempre na mesma rotina, mas estar atento às transformações da sociedade. Se o aluno mudou, também o professor deve mudar.

Por outro lado, na Educação Física atual, é cada vez mais evidente a importância de um professor com características específicas para as diferentes atribuições que frequentemente são criadas na comunidade. O campo de trabalho do professor de Educação Física tem crescido em função das constantes inovações que se vêm

processando nas atividades físico/motoras praticadas pela população em instituições escolares, públicas ou particulares, por razões educativas, de saúde ou de lazer.

Por esta razão, autores tais como DELGADO NOGUERA et alii (1987), afirmam que os cursos de Educação Física deveriam estar preparados para formarem professores especializados em diferentes funções tais como educadores, técnicos, administradores esportivos e especialistas em reabilitação.

Para estabelecer uma filosofia de ensino, o professor de Educação Física deveria interessar-se pelos diferentes aspectos que compõem o seu campo de trabalho, dos quais se destacam os biológicos, os comportamentais, os religiosos, os culturais, os políticos, os legais, os industriais, os tecnológicos, os filosóficos etc. (CORBIN, 1980).

DIECKERT (id. ibid 1985), salienta ainda, que os professores devem compreender que as habilidades motoras podem ser aprendidas em qualquer idade; as pessoas nunca param de se desenvolver e de aprender. Assim sendo, a Educação Física deve formar não só para o conhecimento; deve ser orientada para um melhor nível de vida, por intermédio do movimento, do jogo e de outras formas.

Assim como o homem, a Educação Física deve ser um processo constante de ação e de interação. Alerta porém que, nas inúmeras vertentes em que se divide a Educação Física e os esportes, o saber tem evoluído de tal forma, que os conhecimentos que se possuiu ao deixar a Universidade devem ser reciclados bianualmente sob pena de ficarem completamente desatualizados.

Estes e outros fatores levam-nos a afirmar que a Educação Física atual necessita mais do que nunca de um professor eclético, de um professor educador.

4.2.1 - O professor educador

Nos últimos anos tem havido muitos questionamentos sobre a excessiva ênfase atribuída pelo professor de Educação Física Escolar aos treinos esportivos utilizando os alunos da escola. Como porém a sua formação nem sempre é voltada para esse objetivo, questiona-se a sua atuação na escola com essa finalidade.

Para FARIA JUNIOR (id. ibid 1974), o educador é um elemento incentivador, orientador e controlador das atividades formativas e informativas dos alunos, auxiliando-os nos seus programas de ensino e também (1978:15), que a implantação no curso de Educação Física de disciplinas pedagógicas, como: didática, prática de ensino, psicologia e outras, evidenciou a divisão do professor de Educação Física nas vertentes de técnico, especializado e instrutor, fato que até hoje ainda se verifica.

Analisando esses três tipos, observa-se que:

- **Professor Técnico** - é aquele mais dirigido para o produto final da aprendizagem do que para processo de ensino. A sua preocupação principal é a de utilizar as aulas de Educação Física para a formação de novos atletas para as equipes escolares, dos clubes ou do município. Inscreve-se(ou não) em cursos de formação de técnicos esportivos para completar a sua formação no esporte que escolheu.

- **Professor especializado** - inserido no processo da educação do aluno, participa nas ações escolares e atualiza-se participando em cursos de aperfeiçoamento e de especialização em técnicas de ensino.
- **Professor instrutor** - é aquele que não se interessa, nem pelo treino esportivo, nem pelo processo educacional do aluno, limitando-se a utilizar, no seu ensino, os conhecimentos adquiridos na sua formação ou na sua vida esportiva anterior.

DIECKERT (id. ibid 1984:162), demonstra que a qualidade profissional de muitos professores de Educação Física é atualmente deficiente, por um conjunto de razões, tais como:

- Deixaram de praticar esportes. Nunca fizeram qualquer curso para se atualizarem.
- Não lêem revistas especializadas, literaturas recentes, periódicos ou livros.
- Durante as suas horas livres, não se empenham pela Educação Física na escola, nos clubes ou na comunidade.

Para FRALEIGH apud SINGER (ibid 1977:88), esporte e realização devem ser compatíveis com a personalidade da pessoa que, no esporte, segue o seguinte processo:

Participa em atividades normais de jogos $\Rightarrow$ ganha auto-avaliação favorável e "status" no grupo $\Rightarrow$ obtém sucesso e satisfação com a participação $\Rightarrow$ procura participar mais $\Rightarrow$ desenvolve mais habilidade $\Rightarrow$ obtém avaliação favorável e "status" $\Rightarrow$ alcança mais sucesso e satisfação com a participação $\Rightarrow$ procura participar ainda mais $\Rightarrow$ alcança alto nível de habilidade.

Assim sendo, na sua atuação como educador, conforme OBERTEUFFER e ULRICH (id. ibid 1977), o professor de Educação Física deverá preocupar-se não só com a habilidade física do aluno, como também, até que ponto os seus próprios hábitos o influenciaria. É fundamental que saiba reconhecer a personalidade do aluno.

O professor deve pois, saber identificar as diferenças individuais dos alunos para adotar uma atitude motivadora de acordo com as características de cada um. Esta capacidade é a que define a sua maior ou menor predisposição para que os alunos se interessem pela atividade física.

Neste sentido, uma pesquisa realizada por NEVES (1982), entre estudantes universitários, com a finalidade de caracterizar o melhor e o pior professor que tiveram durante a sua vida escolar, do ponto de vista da capacidade de motivá-los, demonstrou que o **melhor professor é aquele que revela competência, sensibilidade, interesse, amizade, amor comunicabilidade, maturidade e outros itens menos destacados.**

Por sua vez, o **pior professor demonstra incompetência, agressividade, inacessibilidade, prepotência, desinteresse, imaturidade e outros.**

Assim sendo, dos principais efeitos que o professor exerce nos alunos destacam-se a necessidade que o aluno tem de amor, compreensão e amizade, enquanto que atitudes tais como a agressividade e a prepotência são consideradas como frustrados

para o aluno; a necessidade de competência é perturbada pela incompetência, pela imaturidade e pela inacessibilidade, o que constitui um fechamento à comunicação; a necessidade de maturidade emocional e de comunicabilidade na relação professor-aluno é frustrada pela imaturidade do professor como pessoa e pela sua dificuldade em se comunicar com os alunos; a necessidade de interesse e do envolvimento positivo do professor na tarefa de aprendizagem do aluno, onde tanto o desinteresse é frustrado como aparece junto com a incompetência, não se podendo porém, inferir se o desinteresse gera incompetência ou vice-versa.

Analisando a necessidade de motivação nas aulas de Educação Física, PIERON (1988), sugere que o professor deve, para tal:

- Elogiar de forma simples e direta, utilizando reforços adequados em quantidade e qualidade, em função da ação do aluno que se quer realizar.
- Variar as formas de intervenção, evitando a rotina.
- Quando falar ao aluno, empregar frases completas, diretas e pessoais, que demonstrem o seu interesse por ele; deve fazer coincidir uma palavra amiga com gestos que revelem essa intenção.
- Evitar os reforços negativos.
- Expressar a sua satisfação de uma forma privada e pessoal, para que o aluno não se sinta manipulado.

Para outros autores tais como KRING (1975:23), a tarefa de motivação do escolar nunca deve ser subestimada. Não se deve nunca ter medo de elogiar os alunos e na transmissão de um conteúdo de ensino, o segredo do sucesso do professor é o emprego de 85% de inspiração e 15% de técnica.

As atitudes do professor são importantes sobretudo porque a Educação Física faz parte de um currículo visando a Educação porque as experiências adquiridas pelo aluno nos seus anos de escolaridade, são hoje muito mais marcantes do que antigamente e porque, devido às deficientes condições de habitação e de uma atividade física na natureza, a sua cultura física pode exprimir os seus anseios mentais, espirituais, culturais e artísticos, independente do seu destino quando sair da escola (NIXON e JEWETT, 1974:114).

Assim sendo, o professor motiva também os alunos quando a porta da sala de aula ou de qualquer outra instalação desportiva não constitui uma barreira para aquilo que caracteriza a sua vida fora da aula e da escola (BENTO, 1987a:86).

Para que possa melhor compreender o ambiente em que vive o aluno, o professor educador deveria portanto estar preparado para exercer diferentes funções na escola e na comunidade, pelo que deveriam ser melhor preparados durante os cursos de formação como também em cursos periódicos de reciclagem.

MEDINA (ibid 1983:88), afirma que os cursos de Educação Física deveriam proporcionar, além das informações técnicas sobre os diversos esportes, conteúdos esclarecedores das dimensões intelectuais, senhoriais, afetivas, gestuais e expressivas.

Em suma, que proporcionem aos futuros professores os requisitos necessários para serem democráticos, autênticos e promoverem uma educação integral e permanente.

A Educação Física Escolar pode ainda, ser melhor motivada através das satisfações e das recompensas inerentes à própria atividade. Porém, sobre as formas com que são utilizadas, algumas questões podem ser colocadas, tais como:

- Deve-se utilizá-las?
- Deve-se discuti-las com os alunos?
- Deve-se escolher o tipo de recompensa?

Quando a recompensa é utilizada para auxiliar o aluno a encarar a realidade da vida, a conquistar alguma coisa, a organizar e a integrar valores, são instrumentos positivos. Porém, quando ensinam falsas idéias, desvirtuam os valores e dissipam as energias, são negativos.

No processo de motivação para a prática esportiva intervém portanto, uma série de fatores, no conjunto dos quais se destaca o ato de educar através da prática de atividades físicas.

Na escola, falta muitas vezes, ensinar o desenvolvimento da Educação Física enquanto se ensina o esporte. Falta ensinar o porquê, o para que e os benefícios que se obtém com esta prática, além de uma pedagogia e de uma técnica necessária à preparação do aluno para compreender as suas múltiplas facetas (MESTRE et alli, 1982:146).

Estes fatos têm levado alguns autores a se preocupar com as características do um professor educador e com a eficiência do seu ensino.

Segundo ESTRELA e ESTRELA (1977:68), um professor eficaz costuma apresentar as seguintes qualidades: saber, rigor científico, atenção às necessidades e dificuldades dos alunos, conhecimento da psicologia do adolescente, humor, espírito crítico, entusiasmo, dinamismo, imaginação e criatividade, abertura, facilidade de expressão, capacidade de organização, domínio dos métodos e técnicas de ensino, compreensão e aceitação dos outros, disponibilidade, autenticidade, autoridade natural, amizade e humildade em aceitar os seus próprios erros.

Com o objetivo de motivar todos os alunos e estabelecer um clima de prazer e de alegria nas atividades que proporciona, e criando assim um clima favorável a que o aluno prossiga a sua prática, o professor deve assumir uma atitude saudável perante a vitória e a derrota e desenvolver nos alunos esse espírito para evitar o "stress" provocado pela necessidade de ganhar a todo custo.

DAUGHTREY e LEWIS (1979:20), desenvolveram uma classificação, onde indicam que as principais características do professor deveriam ser: o bom desempenho em todas as tarefas na escola, na comunidade bem como uma perfeita interrelação com os alunos; procurar uma maior eficiência no seu ensino e com objetivos voltados para o engrandecimento da sua profissão, além de um alto sentido de responsabilidade. Essas e outras características foram por eles assim definidas:

Para que os resultados acima sejam obtidos, COELHO e LIMA (1988), sugerem:

- acentuar o caráter agradável da prática esportiva;
- controlar a ansiedade e as pressões naturais dessa prática;
- estabelecer objetivos realistas, alcançáveis pelos alunos;
- encorajar e elogiar o esforço, os progressos individuais e a tarefa cumprida, ao

invés de pedir resultados;

- proporcionar reforços positivos e estimular o pensamento positivo;
- ser paciente e tolerante para com as dificuldades de aprendizagem;
- atender a todos os alunos e não só os mais dotados.

Outros fatores podem ainda desempenhar um papel importante na atuação do professor motivador.

Analisando a motivação para a prática esportiva, SERPA (1990), afirma que motivação é o construto teórico que permite compreender o comportamento esportivo do indivíduo e, somente após conhecer as razões pelas quais os indivíduos escolhem determinadas atividades e nelas persistem com grande intensidade, poderá o professor escolher eficazmente as técnicas capazes de influenciar a persistência dos indivíduos nas atividades e na intensidade que a elas se dedicam.

Para HILDEBRANDT e LAGING (1986:40), o professor deve estar preparado para mudar o ensino em função das necessidades do aluno. DUMAZEDIER (1979:64), complementa que, mais do que a formação da mentalidade e da educação intelectual, deveria ser inspirador de um método de formação do espírito.

Estes e outros aspectos permite-nos concluir que o professor educador, eclético, bem informado, bem preparado e motivado é o elemento mais importante para que a Educação Física Escolar desenvolva um ensino voltado não só para as atividades escolares como também seja um agente conscientizador para a prática esportiva continuada da comunidade.

4.2.2 - O professor e a prática esportiva continuada

A diversidade de funções que exerce o professor de Educação Física faz com que, na escola, seja o orientador das atividades e exerça as funções de técnico esportivo, proporcionando a iniciação esportiva ou formando as equipes escolares.

Mas deveria ser também a de conscientizador para a necessidade de praticar as atividades físicas e esportivas de uma forma regular e permanente, integrada nos hábitos de vida do indivíduo.

Diversos autores têm demonstrado a importância do professor como agente desta prática. Porém alguns afirmam que não se pode esperar um ambiente na escola capaz de motivar o aluno para a necessidade de uma educação continuada, quando os próprios professores não estão inseridos num processo de desenvolvimento (ESTRELA e ESTRELA, ibid 1977).

Para GARCIA et alii (1987), cabe ao professor de Educação Física um importante papel para que o indivíduo incorpore a prática de atividades físicas na sua escala de valores. Questiona porém, se para este fim:

- poderá alcançar este objetivo, sem que o professor considere também importante a prática destas atividades? um professor que não pratica exercícios físicos é capaz de transmitir interesse na sua classe por essas atividades?
- aquele que pratica, transmite a motivação sempre, ou na hora da aula se defronta com problemas tais como controle, sistema de ensino, organização, carga horária, conteúdo etc.?

Esta premissa é defendida também por THOMAS (ibid 1983), ao afirmar que, para o professor motivar o aluno a praticar uma atividade física dentro ou fora da escola, dependerá não só dos seus conhecimentos dos processos de motivação, da sua capacidade de aplicá-los nas aulas de Educação Física, como também, que possua interesse por essas atividades, que demonstre e justifique esse interesse perante os seus alunos.

Assim sendo, a missão do professor não se deverá limitar ao período normal de escolaridade do aluno. Na sua tarefa docente é importante existir uma constante preocupação visando a prática esportiva continuada, o que implica numa formação adequada a fim de poder desenvolver atividades esportivas não só na escola como também na vizinhança a ou a nível comunitário.

Evidencia-se assim, que a melhor maneira de conseguir que os indivíduos pratiquem exercícios físicos ao longo das suas vidas, é fazer com que adquiram este hábito na idade escolar, quando ainda não sofreram a influência do sedentarismo da vida moderna, pelo que, deveria se atribuir uma maior importância às aulas de Educação Física (GARCIA et alii, op. cit.).

Estes e outros fatos levam autores tais como GIRALDES (ibid 1978), a afirmar que o professor deve assessorar o seu aluno nas normas de uma vida sadia, uma das quais é a aquisição do hábito de realizar uma atividade física ou esportiva (esporte social) após deixar a escola. Esta atividade não deveria estar limitada pela idade, mas continuar durante toda a vida. E porque? **A especialização num ou dois esportes, embora responda ao entusiasmo do momento, não prepara o aluno para uma fase mais adulta, quando lhe faltará a vitalidade necessária para uma prática que exija uma maior condição física.**

Porém, diversos outros autores, destacando-se DANTAS (1987:34), afirmam que a escola já não é hoje, o grande campo de atuação do professor de Educação Física, mas que a prática esportiva comunitária tem crescido de tal forma que as academias e outros locais para a prática das atividades físicas e esportivas conseguem mobilizar a maioria dos professores. Assim sendo, muitas vezes o professor deve optar entre uma atuação na escola, na comunidade ou em ambos os locais.

O professor é pois, o elo de ligação entre a escola e a comunidade e esta relação constitui um importante laboratório para as suas pesquisas visando um melhor ensino. Se souber fortalecer este vínculo, poderá obter resultados positivos não só para o seu trabalho, como para a própria Educação Física Escolar.

Analisou-se a seguir, a Educação Física Escolar, do ponto de vista do seu papel como motivador para o esporte comunitário e finalmente, a participação nesse processo.

Com o intuito de conhecer melhor a prática esportiva que é atualmente desenvolvida nas escolas e nas instituições que a oferecem à comunidade, realizou-se no Estado do Paraná, uma pesquisa empírica nas escolas pertencentes à rede oficial de ensino e também em diferentes instituições da comunidade.

A pesquisa, realizada com professores e alunos de escolas de 1ª e 2ª graus da rede estadual de ensino e com dirigentes esportivos de instituições da comunidade, completou

CAPÍTULO 5

ESCOLA E COMUNIDADE: MOTIVAÇÃO E NECESSIDADES PARA A PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA

Este estudo teve como suporte uma pesquisa de campo cuja coleta de dados foi realizada nos anos de 1988 e 1993 e cuja metodologia e resultados são aqui relatados.

5.1. METODOLOGIA

Para a obtenção das informações necessárias, foram utilizados dois tipos de procedimentos: uma análise bibliográfica e um estudo empírico.

Foi feita inicialmente, uma análise da bibliografia e de outros documentos para se diagnosticar a evolução e a instituição da Educação Física Escolar no Brasil, da relação Educação Física Escolar e a motivação e evolução da Educação Física e do esporte comunitário no Brasil.

Nos estudos bibliográficos, foram utilizados livros, revistas, apostilas, jornais, além de outros documentos não publicados (literatura cinza), tais como folhetos, teses, monografias, regulamentos e outros, igualmente importantes para a coleta das informações necessárias ao estudo.

As escolas foram escolhidas por serem os locais onde as crianças em idade escolar devem iniciar-se na prática das atividades físicas, esportivas e recreativas, de uma forma regular e sistemática e sob a coordenação de um professor. Supõe-se que este conjunto de pressupostos constituem um importante ponto de partida para o despertar de vocações e de uma prática continuada.

A prática esportiva continuada foi estudada por se constituir no objetivo principal do trabalho. A sua oferta pelas instituições da comunidade contribui para incrementar a prática numa grande parcela da população brasileira e para onde normalmente se dirigem os alunos da escola para praticar esportes, influenciados ou não pela Educação Física Escolar.

Analisou-se inicialmente, o esporte comunitário e a influência que recebeu do movimento "Esporte para Todos". Este estudo mostra a evolução da Educação Física e do esporte comunitário no Brasil desde o século passado até as últimas propostas de mudanças ocorridas em 1990, e faz uma análise sucinta do sistema esportivo e da prática esportiva comunitária brasileira.

Analisou-se a seguir, a Educação Física Escolar, do ponto de vista do seu papel como motivador para o esporte comunitário e finalmente, a motivação como elemento fundamental neste processo.

Com o intuito de conhecer melhor a prática esportiva que é atualmente desenvolvida nas escolas e nas instituições que a oferecem à comunidade, realizou-se no Estado do Paraná uma pesquisa empírica nas escolas pertencentes à rede oficial de ensino e também em diferentes instituições da comunidade.

A pesquisa, realizada com professores e alunos de escolas de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino e com dirigentes esportivos de instituições da comunidade, completou

as informações que visavam traçar um quadro real da Educação Física Escolar, da sua relação e da influência na prática esportiva desenvolvida na comunidade.

5.1.1 - Contexto espacial, histórico e abrangência da coleta de dados

A área de abrangência delimitada para esta pesquisa é a Educação Física Escolar e a influência que exerce na prática esportiva que é desenvolvida pela comunidade.

Compreende no Estado do Paraná, os professores de Educação Física que lecionam em escolas do ensino secundário da sua rede estadual de ensino, estudantes da terceira série do segundo grau da cidade de Maringá e dirigentes esportivos, pertencentes aos clubes, centros esportivos, academias, escolinhas esportivas, serviços sociais da indústria e do comércio, empresas, centros esportivos universitários e outras entidades e instituições que oferecem atividades físicas, esportivas, recreativas, de lazer e de tempos livres da comunidade.

Em 1988, a sua população escolar era de cerca de um milhão de alunos, distribuídos pelos setores pré-escolar, 1º e 2º graus e o ensino superior, número este que, em 1993, foi elevado para 1.971.450 estudantes.

Em 1995, este número se manteve estável, devido ao contínuo ciclo de emigração para outros estados ocorrido na primeira metade desta década, principalmente para os estados de Rondônia e Paraná.

Conforme a Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED, em 1988, funcionavam no Estado cerca de 13.248 escolas do 1º e 2º graus, número que, em 1993, foi aumentado para 14.659, assim distribuídas (SEED/PR, 1988;1993):

TABELA 1. NÚMERO DE ESCOLAS DE 1º E 2º GRAUS DO ESTADO DO PARANÁ EM 1988 E EM 1993

TIPO DE ESCOLAS	1988 Nº	1993 Nº
- Federais	40	44
- Estaduais	2853	3611
- Municipais	9496	9831
- Particulares	859	1173
	13.248	14.659
TOTAL	3356	3242

O sistema escolar de ensino é atualmente administrado por intermédio de trinta núcleos regionais de educação (NRE), de acordo com as regiões geográficas do Estado, sendo outorgado a eles a função de administrar o ensino de primeiro e de segundo grau. Esses núcleos são hoje assim constituídos:

TABELA 2. NÚCLEOS REGIONAIS DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ
COM AS SEDES, NÚMERO DE MUNICÍPIOS E DE ESCOLAS

Nº	Sede	Cidades	ESCOLAS				
			Nº	FED	EST	MUN	PAR TOTAL
01	Apucarana	15	02	81	368	29	480
02	Capital - área norte	13	09	373	709	53	1144
03	Capital - área sul	14	00	67	462	55	584
04	Assis Chateaubriand	09	00	34	109	14	157
05	Campo Mourão	16	03	120	682	82	887
06	Cascavel	18	06	93	642	38	779
07	Cianorte	13	02	63	178	12	255
08	Cornélio Procopio	19	02	137	320	27	486
09	Curitiba	01	05	171	89	367	632
10	Dois Vizinhos	08	00	45	203	12	260
11	Foz do Iguaçu	10	01	48	232	35	316
12	Francisco Beltrão	17	01	175	924	17	1117
13	Goio-Erê	08	00	31	155	15	201
14	Guarapuava	09	04	86	815	36	941
15	Irati	09	03	122	347	15	487
16	Ivaiporã	11	03	77	424	09	513
17	Jacarezinho	13	11	251	441	34	737
18	Londrina	20	05	146	463	108	722
19	Maringá	24	00	156	212	50	418
20	Nova Londrina	13	00	31	75	14	120
21	Paranaguá	06	04	58	155	18	235
22	Paranavaí	21	02	105	277	26	410
23	Pato Branco	14	03	129	582	24	738
24	Pitanga	06	00	24	246	07	277
25	Ponta Grossa	09	15	18	710	106	1014
26	Telêmaco Borba	07	00	42	312	20	374
27	Toledo	15	04	109	470	61	644
28	Umuarama	16	04	113	457	24	598
29	União da Vitória	09	03	206	275	10	394
30	Venceslau Braz	14	00	66	325	26	417
TOTAL		356	92	3242	11659	1344	16337

A escolha da cidade de Maringá, deve-se ao fato de ser uma cidade com um nível médio de habitantes relativamente às cidades brasileiras (entre os 100 e 500 mil habitantes), de pertencer ao Estado em estudo, além de ser o local de trabalho do pesquisador, o que de certa forma facilitou a coleta dos dados dos alunos.

Em 1993, cerca de 68.323 alunos freqüentavam as suas 85 escolas de 1º e 2º graus, sendo este número composto por 40 escolas estaduais, além de 17 escolas particulares e 28 municipais (SEED/PR, ibid 1993).

O índice de alfabetização é um dos melhores do Estado (83%), e, além das escolas de grau médio citadas, a cidade possuía em 1988, uma Universidade (a Universidade Estadual de Maringá, com mais de 5.000 alunos), quarenta bibliotecas, 63 associações ou clubes, sendo 31 deles esportivos, dois jornais, cinco estações de rádio AM e 4 de FM e ainda, um canal de televisão. Em 1982, 95,4% da sua população, viviam na zona urbana, contra 4,6% na zona rural (O JORNAL, 1989). Em 1993, foram adicionados às cifras acima, outra unidade de ensino superior (o CESUMAR), novos clubes e um total de sete canais de televisão, dois jornais, oito rádios FM e três AM.

Finalmente, a escolha dos dirigentes esportivos de todo o Estado do Paraná, visa dar uma maior abrangência à pesquisa por intermédio da opinião recolhida nas diferentes populações, portanto, das diferentes realidades.

5.1.1.1 - População

A população, é composta por professores e alunos das escolas da zona urbana dos municípios e por dirigentes esportivos das instituições e organismos do Estado do Paraná, assim discriminados.

a) Professores de Educação Física da rede escolar de ensino

A escolha dos professores de Educação Física da rede oficial de ensino é devida ao fato de lecionarem nas escolas freqüentadas pelas diferentes faixas etárias, sexos e níveis sócio-econômicos, que recebem auxílio oficial, que mantêm ou não convênios com instituições comunitárias, que organizam as promoções esportivas nas escolas e na comunidade e que lecionam em turmas da primeira série do 1º Grau até a terceira série do 2º Grau. E ainda, **por serem os elementos mais importantes do desenvolvimento do esporte na escola e na comunidade.**

Foi dada preferência às escolas que possuem turmas do 1º e do 2º graus, de forma a que os seus professores tenham diferentes características e atendam às diversas faixas etárias de alunos, e do seu conjunto, às que possuam os endereços corretos, afim de evitar a mortalidade dos sujeitos da amostra.

b) Alunos da 3ª série do 2º grau

Os alunos estudados pertencem às terceiras séries do segundo grau, freqüentando regularmente as aulas de Educação Física. **A escolha dos alunos das séries acima descritas deve-se ao fato de pertencerem à última série de escolaridade do ensino médio, praticando a Educação Física integrada no sistema escolar de ensino.**

Crê-se que esses alunos terão recebido aulas de Educação Física durante os últimos dez anos desde a fase escolar e sido motivados ou não para a prática esportiva continuada, uma parte dos quais não continuará a estudar, não tendo

portanto, aulas obrigatórias de Educação Física, integrando-se à comunidade em diferentes ocupações.

c) Dirigentes esportivos

Pertencem a esta população os professores de Educação Física, os técnicos esportivos, os dirigentes e outros educadores de escolas, universidades, clubes, associações, entidades e outros organismos civis e militares, que desenvolvem atividades esportivas para as diferentes populações do Estado do Paraná. A escolha dos dirigentes que atuam nas instituições esportivas da comunidade, deve-se ao fato de serem os animadores de diferentes populações e a quem se deve grande parte do atual desenvolvimento da prática esportiva continuada na comunidade. Convivem permanentemente com as escolas e com os seus professores de Educação Física, pertencendo muitas vezes aos seus quadros de professores.

A pesquisa realizada por intermédio de processos descritivos foi desenvolvida em três momentos, cujas amostras foram delimitadas segundo os seguintes critérios:

5.1.1.2 - Amostra

a) Amostra das escolas e dos professores de Educação Física

Tanto na pesquisa realizada em 1988 como na de 1993, os professores receberam pelo correio sessenta e quatro questionários, sendo trinta e dois para cada sexo. O número de questionários devolvidos revelou-se porém, desigual, tanto na coleta de 1988 (trinta e cinco femininos e vinte e nove masculinos) como na de 1993 (trinta e nove masculinos e vinte e sete femininos). O número de sujeitos foi superior na segunda pesquisa devido ao aumento da quantidade de escolas nos municípios que em 1988 não completaram o número de escolas suficientes.

- Para compor a amostra dos professores, foram inicialmente consideradas as quatro maiores cidades do interior do Estado do Paraná, relativamente ao número de habitantes, todas caracterizadas por um nível médio de população (entre os cem e os quinhentos mil habitantes);
- dos Núcleos Regionais de Educação (NRE) do Estado do Paraná (22 em 1988 e 30 em 1993), foram abandonados o de Curitiba, por ser a capital e estar fora das características desejadas para o estudo (mais de um milhão de habitantes) e também os pertencentes às quatro maiores cidades do interior, por fazerem parte da amostra, sorteando-se então, quatro dos núcleos restantes;
- em cada NRE, foi analisada a cidade sede e sorteadas mais duas, sendo uma superior a vinte mil habitantes e outra, inferior;
- para esta escolha foi utilizado o critério de, no Estado, uma cidade com mais de vinte mil habitantes ser considerada de porte médio (dos vinte aos cem mil habitantes) e

outra, com um número inferior, considerada de porte pequeno. Chegou-se assim, ao número planejado de dezesseis cidades.

TABELA 3. RELAÇÃO DOS NÚCLEOS E DAS CIDADES QUE CONSTITUEM A AMOSTRA DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

Nº NRE	CIDADE SEDE	CIDADE C/ + 20 MIL HAB.	CIDADE C/ - 20 MIL HAB.	AS 4 MAIORES CID. DO PR	TOTAL
5º	Cianorte	São Tome Rondon	Cidade Gaúcha Tapira		5
9º	Francisco Beltrão	Realeza	Marmeleiro		3
11º	Irati	Mallet	Prudentópolis		3
21º	Umuarama	Cruz. do Oeste	Francisco Alves		3
		Maior cidade do interior do Estado	Londrina		1
		Segunda maior cidade do interior	Maringá		1
		Terceira maior cidade do interior	Ponta Grossa		1
		Quarta maior cidade do interior	Cascavel		1
TOTAL	4	5	5	4	18

- Durante a coleta de dados realizada em 1988, verificou-se que as cidades de Rondon e Tapira, pertencentes ao então 5º NRE, possuíam somente uma escola, de acordo com os critérios pré-estabelecidos; foram então escolhidas aleatoriamente nesse mesmo núcleo, outras duas cidades com características semelhantes às anteriormente sorteadas - São Tomé, (com mais de vinte mil habitantes) e Cidade Gaúcha (com menos de vinte mil habitantes); o número de cidades pesquisadas foi então, elevado para dezoito (Tabela 3).
- em cada uma das quatorze primeiras cidades foram sorteadas duas escolas, enquanto que nas duas que não completaram o número desejado e nas outras duas, escolhidas posteriormente, foram sorteada apenas uma, obtendo-se assim, um total de trinta e duas escolas (ANEXO 1). Na pesquisa de 1993, foram obedecidos os mesmos critérios para a delimitação desta e das demais amostras.

b) Amostra dos alunos

Para a pesquisa com os alunos, foram escolhidos sujeitos das sete escolas da cidade de Maringá, pertencentes à rede escolar estadual de ensino e das turmas da terceira série do segundo grau de escolaridade. Em cada uma das escolas, foram analisadas turmas fechadas, de ambos os sexos, que estudavam nos períodos da manhã, da tarde e da noite e que freqüentavam regularmente as aulas de Educação Física.

Em 1988, a amostra final foi de quatorze turmas, com um total de duzentos e sessenta e quatro alunos: cento e setenta e quatro do sexo feminino e noventa do masculino. Em 1993, a pesquisa foi realizada com igual número de turmas, tendo porém, o número de sujeitos caído para cento e noventa e três, sendo cento e trinta e nove alunas e cinquenta e quatro alunos.

TABELA 4. AMOSTRA DE ALUNOS PESQUISADOS, POR SEXO, EM 1988 E 1993

ANO	ESCOLAS Nº	TURMAS Nº	ALUNOS		TOTAL Nº
			M	F	
1988	07	14	90	174	264
1993	07	14	54	139	193

O número total de alunos diminuiu de uma pesquisa para outra devido à diminuição de alunos por turma, menor em 1993 (14 alunos por turma), em relação a 1988 (19 alunos), fato que pode ser atribuído à época da coleta de dados, pois em 1988, a coleta foi realizada em Março enquanto que em 1993, foi realizada no final do ano, momento em que ocorre grande evasão de alunos.

c) Amostra dos dirigentes esportivos

A escolha dos dirigentes das instituições entrevistadas, conforme consta na a seguir, foi feita de forma aleatória, englobando: Professores de Educação Física, educadores, dirigentes esportivos pertencentes aos clubes, às entidades comunitárias, às universidades, aos centros sociais urbanos, às secretarias de esportes estaduais e municipais e a outras associações do Estado do Paraná.

TABELA 5. INSTITUIÇÕES QUE COMPÕEM AS AMOSTRAS DOS DIRIGENTES

ANO		1988	1993
ORGANIZAÇÕES	CIDADE	Nº	Nº
- Universidade Federal do Paraná	Curitiba	1	1
- Universidade Estadual	Maringá	1	1
- Centro Social Urbano	Arapongas	1	1
- SESC	Curitiba	1	1
- SESI	Maringá	1	1
- Fundação de Esportes do Paraná	Curitiba	1	1
- Responsáveis p/ Educação Física no 1º e 2º Grau da SEED/PR	Curitiba	-	2
- Responsável p/ Educação Física no 1º e 2º Grau	Londrina	-	1
- Responsáveis p/ Educação Física do NRE	Curiúva	-	1
- SecretariadeEsporteseBemEstar	Curitiba	1	-
- Secretaria de Esportes	Maringá	1	1
- Centro Esp. do Jardim Alvorada	Maringá	1	1
- ComissãoMunicipaldeEsportes	Rio Negro	1	-
- Fundação Municipal de Esportes	Paranavaí	-	1
- Clube Teuto Brasileiro	Maringá	1	-
- Country Clube de Maringá	Maringá	-	1
- Academia Gimno-Esportiva	Maringá	1	1
- Agente Municipal do EPT	Jacarezinho	1	-
- Gerente. Esportivo Cooperativa	Maringá	-	1
- Diretor de Escola de 1º Grau	Rolandia	-	1
TOTAL		13	17

Em todas as amostras apresentadas, o procedimento metodológico adotado para a sua constituição, foi o das amostras intencionais, de acordo com SELLTIZ et alli (1975), uma vez que se desejava conhecer a opinião dos entrevistados.

A escolha das amostras dos professores, dos alunos e dos dirigentes esportivos deve-se ao tempo necessário para uma maior abrangência entre a população investigada e que, considerando a natureza da pesquisa, são suficientes para a caracterização das opiniões emitidas acerca da relação da Educação Física Escolar com a prática esportiva da comunidade.

5.1.2 - Coleta e análise dos dados

A coleta dos dados, realizada por processos descritivos, segundo os procedimentos preconizados por VAN DALEN e MEYER (1971) e RUDIO (1980), obedeceu aos seguintes procedimentos.

a) Instrumentos

Tomando como base a literatura e apoiando-se nas consultas com especialistas relativamente ao conteúdo e à metodologia da investigação, foram adotados questionários (Anexos 2 e 3 e roteiros de entrevistas (Anexo 4).

- A partir de questionários e de entrevistas, obteve-se respectivamente, a opinião dos professores e dos alunos sobre as aulas de Educação Física e as atividades extra-classe e extra-escolares que são praticadas na escola e da sua relação com as instituições e com os membros da comunidade.
- Através de entrevistas com os dirigentes esportivos, procurou-se saber a sua opinião sobre a prática que é desenvolvida nas instituições que dirigem, da relação que mantém com as escolas e acerca do desenvolvimento de uma prática esportiva continuada na sociedade atual.

Para a elaboração dos instrumentos de investigação, o autor baseou-se na literatura, na sua experiência anterior como professor de Metodologia da Investigação e nos instrumentos que utilizou na sua já referida dissertação de mestrado, que por sua vez tinham sido construídos a partir dos estudos de NOGUEIRA, da Universidade Federal de Santa Maria, RS (1978;1982) e dos alemães TIMM (1977) e SCHLAGENHAUF (1977), todos eles devidamente adaptados aos objetivos propostos pelo presente trabalho.

A forma adaptada dos instrumentos da pesquisa, com o aproveitamento de todas estas experiências, foram ainda criteriosamente analisados tanto na forma como no conteúdo, por especialistas da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa e da Sporthochschule da Universidade Karl Ossietzky, de Oldenburg, RFA.

O seu conteúdo está dividido em três partes. A primeira é destinada a investigar o ensino da Educação Física ministrado nas escolas de primeiro e segundo graus. A segunda, visa verificar a motivação para as atividades da aula e as extra-classe e extra-escolar. E a última, destinava-se a investigar o aspecto da motivação pessoal para a prática esportiva continuada e da influência da Educação Física Escolar visando esta finalidade.

Tendo passado por sucessivas reformulações, os instrumentos foram se transformando com a adesão de novos aperfeiçoamentos. A redação da forma final foi testada num estudo preliminar em Portugal (MARTINS JUNIOR, 1990) com populações semelhantes para se determinar a sua fidedignidade. Desta pesquisa piloto e de novas reformulações, resultaram os instrumentos que foram aplicados no Estado do Paraná e que ficaram assim constituídos:

* Questionário destinado aos professores de Educação Física

Constou de quatorze questões referentes aos seguintes aspectos:

- objetivos, conteúdos e metodologia da Educação Física que é desenvolvida nas aulas de Educação Física nas escolas estudadas;
- as atividades extra-classe e extra-escolar proporcionadas aos alunos;
- relacionamento com as entidades da comunidade, conhecimento e motivação para a prática esportiva continuada e o seu desenvolvimento na escola e na comunidade.

* Roteiro das entrevistas com os alunos

Constou de treze questões, englobando:

- objetivos, conteúdos e metodologia da Educação Física e do esporte desenvolvidos nas aulas de Educação Física;
- as atividades extra-classe e extra-escolares a eles proporcionadas;
- interesse e participação nas atividades físicas e esportivas extra-classe e extra-escolares e motivação para uma prática esportiva continuada e o seu desenvolvimento na escola e na comunidade.

* Roteiro das entrevistas com os dirigentes esportivos

Este instrumento constou de doze questões, com as seguintes abordagens:

- Objetivos, conteúdos e metodologia das atividades oferecidas pela instituição ou pela organização;
- população que participa nas atividades; relacionamento da instituição com as escolas da comunidade;
- perspectivas para o desenvolvimento de uma prática esportiva continuada na escola e na comunidade.

Todos os instrumentos constaram de questões abertas e fechadas, tendo sido dado um espaço aos inquiridos para expressarem as suas opiniões sobre qualquer assunto não questionado ou não suficientemente esclarecido.

Cada um deles foi acompanhado de um ofício do pesquisador e outro do orientador, dirigido ao diretor da escola (ANEXOS 5 e 6), reforçando o pedido de apoio à pesquisa, bem como de um ofício do pesquisador aos sujeitos da pesquisa (ANEXO 7) e ainda, das instruções para o seu preenchimento (ANEXO 8).

b) Pesquisa piloto para a avaliação dos instrumentos

Para testar a confiabilidade dos instrumentos foi efetuada uma pesquisa piloto, realizada em Portugal, com professores das cidades de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Caminha e Gondomar e com alunos pertencentes ao décimo primeiro ano de escolaridade das escolas secundárias de Gondomar e com dirigentes esportivos de Lisboa e do Porto.

Após este pré-teste, foram verificadas as questões que suscitaram dúvidas nas respostas das diversas amostras. Reformulados, os instrumentos foram novamente enviados aos professores especialistas, que finalmente os consideraram aptos para aplicar na pesquisa a desenvolver no Brasil.

c) Aplicação

* Com os professores

Na primeira pesquisa, de um total de sessenta e quatro questionários enviados anteriormente pelo correio, só vinte e oito tinham sido devolvidos e preenchidos corretamente decorridos trinta dias. Num segundo envio de questionários aos professores que não devolveram os anteriores (ANEXO 9), verificou-se ainda, a falta de cerca de vinte e oito questionários. Os restantes instrumentos foram coletados aproveitando-se as viagens para as entrevistas com os dirigentes esportivos.

Verificou-se ainda, nesta ocasião que, das escolas delimitadas (através do relatório fornecido pela Secretaria Estadual de Educação), algumas não possuíam as características exigidas pela pesquisa. Estas escolas foram substituídas por outras da mesma cidade, com as características ideais para o estudo. No segundo estudo tal fato não ocorreu, tendo a coleta dos dados sido efetuada sem maiores problemas.

* Com os alunos

A aplicação dos questionários aos alunos em 1988 só pode ser realizada, após o encerramento de uma greve dos professores e, devido ao pesquisador se encontrar em Portugal, contou com o auxílio do Professor Mestre Celso Souza, da Universidade Estadual de Maringá, a quem foi dado conhecimento de todas as questões do instrumento de pesquisa, de todas as estratégias a utilizar e das formas de contato e de tratamento com os alunos. Em 1993, foram utilizadas entrevistas com os alunos, sendo a coleta realizada pelo próprio pesquisador.

A fim de se obter a autorização para a realização das entrevistas nas escolas delimitadas, na primeira coleta de dados, foi feito um contato verbal com as suas direções e, simultaneamente, através de um ofício esclarecedor (ANEXO 10), procedimento que não foi necessário utilizar na segunda.

* Com os dirigentes esportivos

Em ambas as ocasiões, os dirigentes foram visitados nos seus locais de trabalho, durante o expediente comercial; as entrevistas foram realizadas pelo próprio

pesquisador, que se encarregou de esclarecer as possíveis dúvidas; as respostas foram registradas no roteiro da entrevista que não ficou com os entrevistados para evitar interferências estranhas nas respostas; cada entrevista durou em média uma hora.

d) Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada através do método descritivo, preconizado por VAN DALEN & MEYER (ibid 1971) e RUDIO (ibid 1980). Na interpretação dos resultados utilizou-se apenas percentagens, médias e desvios padrão entre as populações investigadas. Os cálculos estatísticos foram desenvolvidos por intermédio de um programa Dbase III plus.

O relatório final dos resultados foi realizado utilizando-se um IBM Aptiva, com uma linguagem computacional MS-DOS e com o auxílio do programa World for Windows.

5.2. RESULTADOS

A análise dos dados coletados entre os professores de Educação Física, alunos das terceiras séries do 2º Grau e dirigentes esportivos do Estado do Paraná, permitem efetuar as seguintes constatações:

5.2.1 - Os professores de Educação Física

Professores de ambos os sexos, de diferentes regiões do Estado do Paraná, em duas oportunidades (1988 e 1993), responderam a um questionário acerca da Educação Física Escolar e da sua influência na prática esportiva da comunidade.

Em 1988, a amostra foi constituída por sessenta e quatro professores, sendo trinta e cinco pertencentes ao sexo masculino (55%) e vinte e nove ao sexo feminino (45%), enquanto que em 1993, este número foi respectivamente de trinta e nove (59.09%) e vinte e sete (40.91), num total de sessenta e seis sujeitos. O número desigual de sujeitos masculinos e femininos em ambas as oportunidades, ocorreu devido a não haver nas escolas pesquisadas uma distribuição eqüitativa de professores por sexo.

Na primeira pesquisa, tanto os professores como as professoras, tinham-se formado em média, há nove anos, enquanto na segunda, os professores exerciam esta função há onze anos enquanto as professoras o faziam há nove anos. Houve portanto, de uma pesquisa para outra, um "envelhecimento" da população masculina em dois anos, cujas causas não foram aqui pesquisadas.

Em ambas as ocasiões, verificou-se que, devido a uma série de fatores, tais como a falta de professores legalmente habilitados, problemas políticos, impossibilidade momentânea de contratação, falta de professores habilitados na região e outras, nem todas as escolas possuem professores licenciados em Educação Física. Assim sendo, o sistema escolar brasileiro vigente possibilita que os estudantes de Educação Física e, em último caso, professores sem habilitação específica nesta área, lecionem essa disciplina nas escolas do ensino médio.

Os professores após obterem a sua habilitação específica, ingressam no sistema escolar de ensino por intermédio de um concurso público, passando a partir daí a pertencer à escola que escolheu ou para a qual foi designado. Ocorre que, devido aos problemas econômicos, nos últimos anos os professores nem sempre lecionam numa só escola, distribuindo-se por uma ou mais escolas além da sua. Na pesquisa realizada em 1988 verificou-se que 50% dos mesmos lecionavam em duas, três e, muitas vezes, até em quatro escolas, o que diminuía sensivelmente o tempo disponível para pesquisas e prejudicava a melhoria das aulas. Em 1993, já se notava uma maior fixação dos professores em uma só escola, havendo ainda, professores com aulas em duas escolas.

Na distribuição dos professores de Educação Física nas escolas da rede escolar de ensino do Estado do Paraná, observa-se que, se em 1988 havia uma clara predominância de professores do sexo masculino nos períodos da manhã e da noite e do sexo feminino no período da tarde, pelo fato de ser normal em muitas escolas oferecerem-se mais turmas no período da manhã aos alunos e no período da tarde às alunas, em 1993 tal fato não mais ocorria, havendo uma distribuição uniforme dos professores de ambos os sexos por turno.

Existem porém, ainda hoje, escolas cujos professores lecionam sem ter passado por concurso público, professores contratados temporariamente, acadêmicos cursando Educação Física ou ainda, professores sem habilitação, que obtêm a permissão de lecionar para suprir a falta de professores em determinadas regiões do País.

Em Educação Física, é permitido ao professor, além das aulas, ser treinador de equipes esportivas da escola, quando leciona cerca de quatorze horas e completa a sua carga horária ministrando seis horas de treinamento à essas equipes. Desta forma, leciona só em um local, o que lhe possibilita maior dedicação. Os que possuem cursos de especialização em alguma área esportiva ou que são técnicos esportivos, costumam lecionar em clubes, centros esportivos, prefeituras, universidades ou outro local, além das suas aulas nas escolas.

Verificou-se que há ainda, a necessidade do professor trabalhar em mais de uma instituição ou em mais de uma função na escola, por motivos basicamente econômicos, o que influi efetivamente na sua atuação. Assim sendo, fica também prejudicada a sua atuação como motivador do aluno para a prática esportiva na comunidade, devido a falta de uma maior dedicação no desenvolvimento e no controle desse processo.

Muitos mestres, possuem somente um "padrão" (no Estado do Paraná um padrão equivale a 20 horas/aulas semanais) e/ou ainda, atuam como técnicos esportivos o que lhes permite inclusive praticar esportes regularmente. Por este motivo foi questionada a sua prática esportiva pessoal, visando estabelecer uma relação entre esta e a sua atividade como professor.

Se na pesquisa realizada em 1988, os professores afirmaram praticar esportes em número relativamente expressivo, no intervalo entre as duas pesquisas, verificou-se uma diminuição de 10% no número de professores que afirmaram praticar regularmente algum tipo de atividade física ou esportiva (81.00% e 71.21%, respectivamente), além das aulas que ministram nas escolas.

Foi porém constatado que, em 1993, cerca de 28.79% dos professores não mais praticavam qualquer atividade física, decorridos dez anos após a sua formatura. Alguns, por outro lado, afirmaram que costumavam praticar regularmente mais do que um esporte.

O futebol e o voleibol, foram as atividades mais indicados pelos professores do sexo masculino, tanto em 1988 como em 1993. Constatou-se porém que, em 1988, o basquete aparecia como terceira opção, perdendo esta posição em 1993, para o atletismo. Entre as professoras, o voleibol foi o principal esporte apontado em ambas as pesquisas, sendo que a ginástica, que ocupava então a segunda posição em 1988, nesta oportunidade, foi citada em primeiro lugar ao lado do voleibol.

Observa-se assim, uma ascensão do voleibol em relação ao futebol, em consequência talvez dos inúmeros títulos que esta modalidade vem conquistando nos últimos anos, tanto no masculino como no feminino. Constata-se também uma influência dessas conquistas na preferência da população, com tal fato ocorrendo tanto entre os professores como nos alunos.

Separadamente por sexo, as atividades praticadas e o número de vezes por semana, foram os seguintes:

TABELA 6. ATIVIDADES FÍSICO-ESPORTIVAS PRATICADAS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ATIVIDADES	1988						1993					
	PROF.		PROF ^a .		GERAL		PROF.		PROF ^a .		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Futebol	11	35.49	-	-	11	21.15	12	38.71	-	-	12	24.50
- Voleibol	6	19.35	11	52.38	17	32.70	4	12.90	4	22.22	8	16.33
- Basquetebol	4	12.90	1	4.76	5	9.62	2	6.45	-	-	2	4.08
- Atletismo	2	12.90	-	-	4	7.69	5	16.13	2	11.11	7	14.29
- Futsal	2	6.45	-	-	2	3.85	5	16.13	-	-	5	10.20
- Futebol Suíço	1	6.45	-	-	2	3.85	-	-	-	-	-	-
- Tênis	1	3.23	-	-	1	1.92	-	-	-	-	-	-
- Tênis de Mesa	-	3.23	-	-	1	1.92	-	-	-	-	-	-
- Ginástica	-	-	4	19.05	4	7.69	1	3.23	4	22.22	5	10.20
- Andebol	-	-	3	14.29	3	5.00	1	3.23	2	11.11	3	6.12
- Natação	-	-	1	4.76	1	1.92	-	-	3	16.66	3	6.12
- Ginástica Jazz	-	-	1	4.76	1	1.92	-	-	-	-	-	-
- Karatê	-	-	-	-	-	-	1	3.23	-	-	1	2.04
- Caminhadas	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5.56	1	2.04
- Biribol	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5.56	1	2.04
- Ciclismo	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5.56	1	2.04
TOTAL	31	100	21	100	52	100	31	100	18	100	49	100

Relativamente ao número de vezes que praticavam, os professores de ambos os sexos disseram, nas duas ocasiões, que o faziam em média duas vezes por semana. Apesar da maioria dos inquiridos ter afirmado praticar regularmente, procurou-

se saber quais razões os levaram a continuar esta prática além das aulas de Educação Física que lecionavam.

Verificou-se que, entre os principais fatores que os motivavam para continuarem a praticar regularmente esportes, além da necessidade de lazer e de saúde pessoal, era também o fato de alguns deles serem ainda atletas e outros, técnicos.

Notou-se claramente porém, na pesquisa efetuada em 1993, relativamente a de 1988, uma maior predisposição para as necessidades desta prática por motivos de lazer e de uma maior regularidade nestas atividades. Este fato talvez explique a ascensão do atletismo (corridas e caminhadas) na preferência da população, de uma forma geral.

Entre os professores que afirmaram não mais praticar, a falta de tempo parece ser o principal motivo impeditivo de uma prática esportiva regular. Devido a necessidade de ministrar aulas em diversos locais da cidade, ou mesmo noutra cidade, a fim de cumprir o número de aulas que lhes foram distribuídas.

As atribuições paralelas do professor, tais como testes, provas, avaliações e outras, são realizadas noutros horários, além das aulas, são também razões fortes. Excetuando as atividades que são coincidentes com as suas atribuições, dificilmente lhes resta tempo para praticar as atividades físico-motoras que gostariam.

Questiona-se então, ao final, o que essa prática pessoal interfere na sua atuação como professor da escola e principalmente, no relacionamento desta com a comunidade?

Diversos professores, ao comentar a sua prática pessoal, afirmaram que, ao praticar uma atividade física regularmente ficam mais sensíveis às necessidades de uma prática pessoal, transferindo então ao aluno, a motivação que trazem consigo naquele momento.

Ao realizarem esta prática na comunidade, ascultam as suas necessidades e aspirações e passam, muitas vezes, a trabalhar de acordo com elas, passando então, aos alunos conteúdos que normalmente não trabalhariam nas suas aulas.

Os objetivos que formulam

Procurou-se conhecer inicialmente o seu trabalho como professor de Educação Física, os objetivos que adotam em suas escolas e, posteriormente, sobre as aulas, as atividades extras e a motivação do aluno visando uma prática continuada de atividades físicas, esportivas e recreativas, na escola fora dela.

Devido aos professores terem mencionado os diversos objetivos que formulam nas suas escolas, e por este motivo aparecerem mais respostas do que o número de sujeitos, foram computados o número de respostas (n) em relação ao número de sujeitos (64 e 66, em 1988 e 1993, respectivamente).

Assim sendo, os objetivos mais freqüentemente apontados nas duas pesquisas, foram os constantes da seguinte tabela.

A análise desses objetivos permite-nos constatar inicialmente que os principais são os do domínio psicomotor, sendo os demais minimamente preconizados, ou então, totalmente suprimidos.

TABELA 7. OBJETIVOS FORMULADOS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ANO OBJETIVOS	1988		1993	
	f	%	f	%
- Formação corporal dos praticantes	43	67.19	32	48.48
- Despertar vocações esportivas	25	39.06	37	56.06
- Ensinar novos esportes	23	35.94	18	27.27
- Formar atletas	10	15.62	11	16.67
- Formação integral do aluno	7	10.94	4	6.06
- Contribuir p/a socialização do aluno	4	6.25	1	1.52
- Desenvolver os aspectos psico-físico sociais do praticante	3	4.69	-	-
- Educação	1	1.56	4	6.06
- Criatividade e humanidade	1	1.56	-	-
- Prática esportiva continuada	1	1.56	1	1.52
- Lazer, Recreação, bem estar	-	-	1	1.52
- Cultivar os aspectos culturais	1	1.56	-	-
- Liderança	-	-	2	3.03
- Ministrar aulas p/o magistério	-	-	1	1.52

Estes dados permitem também, as seguintes reflexões:

- **Formação corporal do praticante:** Este objetivo pode ser observado na maioria das escolas pesquisadas, não só nas turmas pesquisadas como também nas demais séries e níveis de escolaridade.
- **Despertar novas vocações esportivas:** Embora tenha sido o segundo mais citado, é talvez o principal objetivo de todo professor de Educação Física, em qualquer série do 1º ou do 2º grau.
- **Ensinar novos esportes:** Foi um dos objetivos mais citados pelos professores. Observa-se no entanto, um certo conservadorismo na escolha dos esportes que propõem aos alunos. Em qualquer Estado do País, há, com raras exceções, uma clara predominância do "quarteto": futebol, basquetebol, voleibol e andebol, no grupo masculino e, substituindo o futebol pela ginástica (nas suas múltiplas divisões), no feminino.

- Formar atletas: Não sendo o objetivo mais citado, sabe-se que aparece disfarçadamente em todas os estabelecimentos de ensino, instituições, locais ou ocasiões em que se praticam esportes e em todos os níveis de escolaridade.
- Formação integral do aluno: Sabe-se que este objetivo é um dos "preferidos" por grande parte dos professores de Educação Física das escolas do 1º e 2º graus, talvez por considerarem que as escolas "devem" incentivar os aspectos bio-psico-sociais.
- Socialização do praticante: é o objetivo mais freqüente nos adeptos de uma "nova" Educação Física. É preconizada pelas modernas correntes que são atualmente difundidas no país. O aspecto social constitui um dos grandes problemas de todas as instituições públicas e, por isso, costumam ser ultimamente bastante preconizados pelas autoridades escolares, preocupadas não só com a prática esportiva, mas também com a própria sociedade brasileira. Talvez tenha sido esta a razão principal para a criação dos clubes escolares em alguns estados.
- Desenvolver os aspectos psico-físico-sociais: Os professores de Educação Física têm preconizado, como aspectos importantes a desenvolver, a atuação nas três séries acima referenciadas.

Esses aspectos, a partir dos trabalhos de BLOOM et alii (1972) sobre os domínios cognitivos e afetivos; HARROW (1983), sobre o psicomotor e de SINGER e DICK (1980), sobre o social, foram bastante citados pelos professores, em 1988, não sendo porém, citados em 1993. Se na primeira pesquisa tinha-se dúvidas se os professores buscavam alcançar tais objetivos, o fato de não mais serem constados demonstram provavelmente que, no passado, constavam só no papel, não sendo colocados em prática.

Dos restantes objetivos citados, destacam-se a criatividade e o desenvolvimento cultural, que podem ser agrupados como "educacionais", pois estão entre os aspectos que se procura alcançar na educação.

Embora não tenha sido citado explicitamente em 1993, sabe-se que nos últimos anos os professores do Estado do Paraná têm enfatizado bastante o aspecto educação nas aulas de Educação Física em relação aos aspectos esportivos e principalmente aos do esporte de competição. É de se ressaltar também, que o aspecto educação cresceu de uma pesquisa para a outra.

Um dos objetivos não citado nas duas coletas de dados foi a pesquisa em Educação Física. Espera-se no entanto que, a partir do atual governo (Jayme Lerner), este aspecto seja marcante entre os professores até porque foi lançado pela SEED/PR um projeto denominado "Vale Saber", que permite uma ajuda de custo aos professores que desenvolverem algum projeto visando a melhoria de ensino no Estado (SEED/PR, 1995).

Observou-se, finalmente, que a **educação continuada**, sendo um dos objetivos mais importantes preconizado pelos modernos conceitos de educação e da Educação Física, só foi mencionado por um sujeito, tanto em 1988 como em 1993, o que demonstra a pouca preocupação dos professores por este aspecto.

Uma reflexão sobre os objetivos mais comumente citados, tornou evidente, que só uma minoria se preocupa com uma prática esportiva continuada ou da prática por

motivos de lazer, recreação ou bem estar pessoal; o aspecto esportivo predomina sobre os outros, como por exemplo, a ginástica, a dança, a recreação, as artes e a cultura, sendo estas atividades, por este motivo, oferecidas pelas entidades comunitárias para suprir uma lacuna que deveria ser preenchida pelas escolas, como entidades sócio-culturais que são.

Visando porém, conhecer melhor o conteúdo ministrado para confrontar com os objetivos que declararam, questionou-se aos professores quais eram os tipo de aulas de Educação Física que ministravam regularmente. Assim sendo, os dados sobre as aulas e as atividades extras que ministravam nas suas escolas, foram assim analisados.

As aulas

Observando o critério de que as aulas poderiam ser ministrada diferenciadamente, os professores foram questionados separadamente por sexo.

No sexo masculino, as atividades mais citadas nas duas pesquisas, foram:

- * iniciação esportiva
- * ginástica

As suas respostas permite julgar que a iniciação esportiva e a manutenção física ainda caracterizam marcadamente as sua aulas.

Por outro lado, as respostas das professoras, indicam que a iniciação esportiva ainda é o grande objetivo das suas aulas, mas, por outro lado, a recreação aparece no lugar da ginástica como a sua segunda opção. Admite-se porém, que os professores de ambos os sexos utilizam freqüentemente a ginástica como "aquecimento" e não como conteúdo principal da aula, apesar de negarem tal evidência.

Entre as professoras, as respostas diferiram muito pouco das proferidas pelos professores, como nos mostram os dados abaixo:

TABELA 8. TIPOS DE AULA MINISTRADOS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TIPO DE AULA	1988						1993					
	PROF.		PROF ^a .		GERAL		PROF.		PROF ^a .		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Iniciação esp.	15	42.86	11	37.93	26	40.63	16	41.04	15	55.56	31	46.97
- Ginástica	13	37.14	11	37.93	24	37.50	12	30.77	4	14.81	16	24.24
- Recreação	3	8.57	4	13.79	7	10.94	8	20.51	7	25.93	15	27.72
- Várias opções	1	2.86	2	6.90	3	4.69	2	5.12	-	-	2	3.03
- Treinamento	2	5.71	-	-	2	3.12	1	2.56	-	-	1	1.52
- O aluno decide	1	2.86	1	3.45	2	3.12	1	3.70	-	-	1	1.52
TOTAL	35	100	29	100	64	100	39	100	26	100	66	100

A iniciação esportiva, a ginástica e a recreação são as atividades mais citadas no conjunto das que mais freqüentemente ministram nas suas escolas. Se as duas primeiras aparecem como sendo as opções mais numerosas, a recreação, anteriormente ministrada mais pelas professoras, é hoje bem ministradas pelos professores de ambos os sexos.

A preferência pela recreação e pelas danças folclóricas talvez seja explicada por se tratar de atividades leves, graciosas e femininas, sendo que, ao contrário das respostas dos professores, o treino esportivo visando a participação em competições, continuaram a ser atividades pouco evidenciadas pelas professoras.

Comparando as respostas apresentadas pelos professores de ambos os sexos, observa-se uma certa semelhança nos tipos de aulas ministrados. Verifica-se uma preferência pelas atividades esportivas que, embora mais freqüente entre os professores na primeira pesquisa, é praticamente igual na segunda. Em ambos os casos, a iniciação esportiva e a ginástica foram os tipos de aula mais freqüentes. No caso feminino, há porém uma quase ausência de interesse pelas aulas de treino esportivo, o que, pelo contrário, é ainda bastante difundido entre os professores.

Observando as respostas citadas, verifica-se que há uma igualdade no percentual de professores e um aumento no das professoras que ministram a iniciação esportiva. Com respeito às aulas de ginástica, houve uma sensível diminuição no seu desenvolvimento (37.93 para 14.81%) por parte das professoras, mantendo-se porém o percentual dos professores.

Supõe-se que, para isso, tenha concorrido uma diminuição no interesse das aulas de treinamento esportivo, em que a ginástica era ministrada sob a forma de aquecimento e ainda, da modalidade Ginástica Rítmica Desportiva, que, em 1988, era bastante difundida entre as professoras. Por sua vez, e como consequência da diminuição do interesse dos professores pelas aulas de treinamento esportivo, bem como pelo incremento das aulas no período noturno, houve um aumento significativo das aulas de recreação, fato que se observa em ambos os sexos.

Relativamente às aulas de caráter cultural e às de danças folclóricas, nenhum professor declarou que as tem lecionado. Sabe-se porém, que os professores não as utilizam como primeira opção, preterindo-as em favor da iniciação esportiva ou da recreação. Foram também pouco mencionadas as aulas em que o aluno pode escolher o conteúdo a ser ministrado.

As professoras mencionaram ainda, entre os "outros tipos" de aulas que lecionam: aulas rítmicas, Educação Física Infantil para turmas do magistério e danças modernas e folclóricas, porém como segunda ou terceira opção na ordem de preferência.

O primeiro tipo diz respeito às formas rítmicas muito utilizadas nas aulas da primeira à quarta série do primeiro grau, sendo porém pouco utilizadas a partir das quintas séries. Utilizam gravadores e instrumentos rítmicos lá existentes ou criados pelos próprios alunos e, a partir dos ritmos elaborados, criam movimentos alternativos.

O segundo caso, diz respeito às aulas ministradas para alunos do magistério. Para esses alunos, costumam ministrar dois tipos de aulas: aulas para a sua condição física e outras para o treino dos conteúdos que irão lecionar na sua futura carreira do magistério infantil.

O último tipo de aula citado, visa ministrar movimentos ginásticos, dança jazz, danças folclóricas e outros tipos de danças, onde são utilizados o ritmo e a música como elementos motivadores. São mais freqüentemente ministradas em cidades que

possuem cursos de Educação Física, escolas de música ou escolinhas de iniciação em dança clássica, moderna e outras e raramente nas demais cidades.

Sabe-se que no relacionamento com a comunidade, as atividades extra-classe concorrem muitas vezes, para o início de um hábito que se prolongará por toda a vida do escolar.

Na pesquisa realizada em 1988, 75.00% dos professores de ambos os sexos, afirmaram realizar atividades extra-classe, não se observando uma predominância entre as respostas dos professores em relação as das professoras. Por este motivo, em 1993, excluiu-se esta questão, inquirindo-se aos mesmos somente quais eram as atividades extra-classe que desenvolviam com os seus alunos.

As atividades extra-classe

Em ambas as pesquisas, as principais respostas emitidas sobre estas atividades foram as seguintes.

TABELA 9. ATIVIDADES EXTRA-CLASSE QUE DESENVOLVEM

ATIVIDADES	1988						1993					
	PROF.		PROF ^a .		GERAL		PROF.		PROF ^a .		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Jogos inter-classes	15	57.68	12	54.55	27	56.25	18	46.16	17	62.97	35	53.02
- Festivais de jogos internos	6	23.08	5	22.73	11	22.92	18	46.16	6	22.23	24	36.36
- Jogos com participação de alunos e não alunos	2	7.69	-	-	2	4.17	-	-	1	3.70	1	1.52
- Gincanas	1	3.85	2	9.09	3	6.25	-	-	2	7.40	2	3.03
- Recreio dirigido	1	3.85	2	9.09	3	6.25	1	2.56	-	-	1	1.52
- Danças folclóricas	-	-	1	4.54	1	2.08	-	-	1	3.70	1	1.52
- Torneios e jogos na região	1	3.85	-	-	1	2.08	-	5.12	-	-	-	-
- Nenhuma	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2	3.03
TOTAL	26	100	22	100	48	100	39	100	27	100	66	100

Estes dados evidenciam como a principal atividade extra-classe, os jogos e as competições inter-classes e os festivais de jogos, assim caracterizados:

- Jogos e competições inter-classes: são as atividades extra-classe preferidas pelos professores de Educação Física. Realizadas regularmente em qualquer escola da rede oficial de ensino, servem de preparação para os jogos escolares da cidade ou da região ou como atividade para preencher o ano ou o bimestre letivo. Estas atividades são utilizadas por alguns professores para descobrir novos atletas para as suas equipes de competição ou nas festas e nas comemorações escolares. Contem, não raro, os mesmos conteúdos desenvolvidos nas aulas normais do bimestre.

- Festivais de jogos internos ou com a participação de alunos e não alunos: Durante o desenvolvimento do movimento "Esporte para Todos" no Brasil, muitas escolas encaminhavam os seus alunos para essas ou para outras atividades com muitos jogos e com a participação aberta aos alunos e não alunos das escolas e principalmente, aos membros da comunidade, mas poucas escolas as organizavam, preferindo antes participar noutros locais. Hoje, este tipo de atividade não mais acontece, com os professores preferindo realizar torneios esportivos para os quais convidam as equipes de outras escolas. Costumavam ser realizados nos finais de bimestre ou do ano letivo ou ainda, durante as semanas culturais, ocasiões em que as gincanas eram um dos conteúdos desenvolvidos.

As restantes respostas mencionadas pelos professores, podem ser assim analisadas:

- Recreios dirigidos: são normalmente ministrados às turmas da 1ª a 4ª séries de escolaridade e raramente ocorrem nas demais séries do 1º grau.
- Danças folclóricas: são desenvolvidas principalmente pelas turmas femininas de Educação Física. A inibição natural dos rapazes e o pouco conhecimento dos professores contribuem para a desmotivação destas atividades nas turmas masculinas. Mesmo as professoras, citaram pouco este tipo de atividade.

Foram também, citadas outras atividades, tais como as caminhadas e os passeios (professores) e festivais culturais, de danças e de teatro (professoras), demonstrando-se assim, que a prática regular de atividades físicas não faz ainda, parte do rol de atividades dos professores, sendo necessária uma maior estimulação para que se motivem e, conseqüentemente, estimulem os alunos neste sentido.

Ocorre porém, e como já foi demonstrado em capítulos anteriores, que a falta de material esportivo e de tempo, levam os professores de Educação Física a deixarem de lecionar determinadas atividades.

Analisando porém, as causas apontadas, julga-se que alguns problemas internos das escolas, tais como: diretores autoritários, pouco pessoal de apoio, falta de local adequado, influenciam os professores à não oferta de aulas e de atividades extra-classe.

Uma reflexão acerca destas respostas nos mostra que a falta de material esportivo suficiente é um problema que houve e que sempre haverá com o professor de Educação Física, fato existente em todos países do mundo, inclusive nos mais ricos. Talvez por esse motivo, na Alemanha, por exemplo, algumas Escolas de Educação Física (DIECKERT, 1982), visando talvez mostrar aos seus alunos como funcionar com a falta de instalações e de material esportivo, lecionam disciplinas do tipo "Educação Física Improvisada".

A pesquisa visava verificar também, a relação escola/comunidade, por ser esta uma das metas a atingir pelas escolas em praticamente todos os estados brasileiros, sendo a Educação Física, pela motivação constante que desperta, uma das principais atividades utilizadas para a concretização desta finalidade. Objetivava também, verificar quais as atividades que promoviam e qual o grau de envolvimento com as demais

atividades desenvolvidas na comunidade, para se poder estabelecer se havia esta relação também no campo das atividades físicas, esportivas e recreativas e assim, responder a um dos objetivos do presente trabalho.

Por este motivo, questionou-se dos professores se e quais atividades extra-escolares desenvolviam.

As atividades extra-escolares

Cerca de 83.00% dos professores em 1988 e 87.88%, em 1993, responderam afirmativamente. Destes totais, 57.00%, em 1988 e 87.18%, em 1993%, pertenciam ao sexo masculino enquanto que entre as professoras esses percentuais eram de respectivamente, 43 e 88.89%.

TABELA 10. ATIVIDADES EXTRA-ESCOLARES QUE DESENVOLVEM OU QUE PARTICIPAM COM OS SEUS ALUNOS

ATIVIDADES	1988						1993					
	PROF.		PROF ^a .		GERAL		PROF.		PROF ^a .		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Jogos e campeonatos	17	56.67	18	78.26	35	66.04	22	64.71	16	66.67	38	65.52
- Amistosos	8	26.67	3	13.04	11	20.75	6	17.65	5	20.83	11	18.97
- Excursões	3	10.00	-	-	3	5.66	5	14.70	2	8.33	7	12.07
- Ativ. Recreat.	1	3.33	1	4.35	2	3.77	1	2.94	1	4.17	2	3.44
- Acampamentos	1	3.33	-	-	1	1.89	-	-	-	-	-	-
- Convênios	-	-	1	4.35	1	1.89	-	-	-	-	-	-
TOTAL	30	100	23	100	53	100	34	100	24	100	58	100

Nota-se então que, de uma pesquisa para outra, houve um crescimento significativo do percentual das principais atividades citadas por ambos os sexos. Os dados obtidos, mostram-nos claramente que os jogos amistosos, a participação nos jogos escolares e as atividades esportivas desenvolvidas com finalidades de atuar, porém não em esportes de alto nível, têm sido as principais formas que, fora da escola, solicitam os professores de Educação Física; as restantes estão num plano claramente inferior.

Observa-se que as atividades voltadas para os objetivos de lazer e de tempos livres são as menos direcionadas pelos professores. Quando inscrevem os seus alunos, o fazem só no período de aulas e raramente promovem outras atividades, salvo as competições esportivas, nos finais de semana ou nas férias, ocasiões em que excursionam com as suas equipes competitivas. Este fato nos leva a supor que se voltam

mais para objetivos imediatos, não se preocupando com a mentalização para uma prática regular ou na comunidade.

As atividades recreativas orientadas foram também pouco citadas, tanto pelos professores como pelas professoras. Costumam geralmente ser realizadas com turmas da primeira à quarta série de escolaridade, pois, a partir da quinta série, os professores preferem ministrar as atividades esportivas, oferecendo raramente opções de recreação e lazer aos seus alunos.

Poucos são os que procuram celebrar convênios com clubes ou instituições da comunidade a fim de aí ministrarem as suas aulas ou atividades extra-classe. Isto só acontece quando ficam totalmente impossibilitados de utilizarem as suas escolas ou quando as suas equipes competitivas se destacam a nível escolar, ocasiões em que procuram outros locais com melhores instalações ou equipamentos esportivos onde possam realizar treinos extras com os seus alunos.

Nenhum professor citou a realização ou a participação em acampamentos ou passeios fora da escola e somente uma professora mencionou a participação do grupo de danças folclóricas da escola na sua região. Alguns professores, partidários dos esporte de alto nível, chegam a criticar os colegas que ministram outros tipos de conteúdos, além do esporte competitivo, acusando-os de estarem "matando aula" "passando o tempo" ou outro termo mais pejorativo.

Dos professores que afirmaram não oferecer qualquer atividade extra-escolar aos seus alunos (17% da amostra da pesquisa de 1988), questionou-se quais eram as principais causas. Analisando-as, verificou-se as seguintes:

- A direção não permite: Em muitas das escolas brasileiras a direção nem sempre permite que os professores levem os alunos para fora das instalações. As principais razões apresentadas, são: a falta de segurança em termos de trânsito, os problemas com alguns pais e a falta de um planejamento adequado do professor. Nesta pesquisa, este fato só foi apontado pelas professoras.
- A comunidade não colabora: Em raríssimos casos, essas atividades são mal aceitas pela população, que reage negativamente à passagem destas turmas. Alguns pais proíbem eventualmente a participação de seus filhos. As escolas nem sempre são convidadas para as promoções realizadas no município; ao pedirem a colaboração financeira da comunidade para participar em algum acontecimento esportivo fora da cidade, nem sempre são atendidas.
- Falta de recursos financeiros da escola: Os principais motivos normalmente apresentados para justificar a não participação em qualquer evento esportivo são a falta de tempo e a falta de recursos financeiros. Nesta pesquisa, nenhum professor em ambos os sexos alegou a falta de tempo e somente as professoras citaram a falta de recursos financeiros para a sua não participação nas atividades extra-escolares.
- Os alunos não gostam: Esta justificativa aparece como uma das causas primeiras e segundas, essas atividades entre as professoras e como terceira entre os professores, para não as realizar.

Uma questão que não obteve resposta, foi acerca da razões pela qual os alunos não gostam de uma atividade ministrada pela escola e que pode ser devida à falta de motivação. A questão foi: falta motivação? de quem? Das respostas possíveis, citam-se:

- * dos professores;
- * dos próprios alunos;
- * da escola;
- * dos pais;
- * da comunidade;
- * do sistema escolar vigente;
- * do sistema esportivo vigente;
- * e outras.

Não há promoções na cidade ou na região: Inversamente ao ocorrido no item anterior, esta causa aparece como primeira ou segunda nos professores e como terceira, nas professoras. Efetivamente, a falta de promoções na cidade ou na região, pode diminuir a participação nas atividades extra-escolares. Sendo entidade pública e incentivadora do esporte na cidade, não caberia à própria escola promover tais ações?

As restantes causas apresentadas, apesar de terem pequena representatividade, foram: o curso é noturno, não sou técnica de equipes competitivas e, prefiro incentivar os aspectos lúdicos da aula. No primeiro caso, as aulas durante período noturno seria a causa impeditiva. Observando porém, as escolas que se fazem representar em jogos e noutras atividades escolares, nota-se que grande parte das suas delegações são constituídas por alunos que estudam no período noturno. As respostas aparecem então, como uma defesa daqueles professores que ministram outras atividades nas suas escolas, além das esportivas e das competitivas.

A questão seguinte era relativa ao relacionamento escola/comunidade e visava saber se as escolas costumavam abrir as suas instalações esportivas, nos fins de semana, para a prática esportiva dos moradores vizinhos.

Nesses dias as escolas costumam permanecer ociosas, pelo que as instalações esportivas poderiam ser cedidas aos membros da comunidade para a sua prática esportiva, seja individual, em grupos ou com a família. Verificou-se que 62.50% dos sujeitos em 1988 e 50.00% em 1993, deram respostas afirmativas a esta questão, havendo portanto, neste espaço de tempo, uma diminuição do percentual dos professores favoráveis a esta cedência.

Analisando as principais justificativas para a cedência das instalações esportivas da escola, aos vizinhos e aos membros da comunidade, principalmente nos fins de semana, feriados e noutros momentos em que se encontram ociosas, observa-se que a resposta: "A escola deve atender a comunidade" revela que muitos professores estão conscientes do papel da escola como instalação pública e acreditam que deveriam atender aos anseios da comunidade, nos seus múltiplos aspectos, principalmente educativo, cultural e esportivo.

TABELA 11. RAZÕES PARA A CEDÊNCIA DAS INSTALAÇÕES ESPORTIVAS DAS ESCOLAS

PRINCIPAIS RAZÕES	1988						1993					
	PROF.		PROF ^a .		GERAL		PROF.		PROF ^a .		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Deve-se atender a comunidade	12	50.00	5	31.25	17	42.50	4	16.00	-	-	4	12.12
- Opção de lazer da comunidade	1	4.17	3	18.75	4	10.02	-	-	-	-	-	-
- faltam locais para a sua prática	5	20.83	2	12.50	7	17.50	5	20.00	3	37.50	8	24.25
- Motivar os próprios alunos	1	4.17	1	6.25	2	5.00	-	-	1	12.50	1	3.03
- Serve para aprimorar a forma	1	4.17	-	-	1	2.50	-	-	-	-	-	-
- Os alunos são vizinhos	1	4.17	1	6.25	2	5.00	-	-	-	-	-	-
- Instalações de fácil acesso	1	4.17	-	-	1	2.50	3	12.00	-	-	3	9.09
- Na cidade é cobrado aluguel	1	4.17	-	-	1	2.50	-	-	-	-	-	-
- Atender o ex-aluno	-	-	-	-	-	-	2	8.00	-	-	2	6.06
- Entrosar c/a comunidade	1	4.17	4	25.00	5	12.50	11	44.00	4	50.00	15	45.45
- Atender o ex-aluno	-	-	-	-	-	-	2	8.00	-	-	2	6.06
TOTAL	24	100	16	100	40	100	25	100	8	100	33	100

Outros porém, ressentem-se de uma maior conscientização para os valores sócio-culturais que a escola representa para a população, o que nos leva a supor que as instalações esportivas das escolas são pouco cedidas à população circunvizinha. As outras opções citadas podem ser assim descritas:

- É uma opção de lazer da comunidade: Embora existam no Brasil dezenas de instituições que oferecem opções de lazer e de prática esportiva, muitas porém não atraem a população, principalmente a camada mais pobre. E por quê? Embora grande parte delas ofereçam opções de lazer gratuitas à população, muitas pessoas ao defrontar os porteiros, as instalações modernas e a necessidade de obter um cartão de frequência(mesmo gratuito), inibem-se e deixam de participar.

A escola representa então, um local real e adequado para o seu lazer e para a sua prática esportiva, porque é ali que estudam, conhecem ou possuem os seus amigos. Constitui assim, uma das maiores opções de lazer da comunidade, devendo portanto ser melhor aproveitada pela população.

Por outro lado, para os educadores em geral, a cessão das instalações esportivas da escola para a prática das atividades físicas e esportivas, é a melhor forma de aproximar a escola da comunidade, estreitando assim, as relações entre os professores e a "sociedade civil" (VALE, ibid 1995).

- Faltam quadras na vizinhança: Muito embora exista uma diversidade de oferta esportiva à população, faltam ainda locais para a sua prática. A explosão demográfica, o "boom" imobiliário e o afastamento da população pobre para cada vez

para mais longe do centro das cidades, a extinção dos "campinhos" de futebol nos terrenos baldios, discrimina a prática esportiva dessas populações.

A necessidade de se "associar" a uma entidade social para se praticar esportes e a sua localização nem sempre próxima às residências dos interessados, faz com que procurem opções mais próximas das suas casas. As escolas constituir-se-iam assim, opções alternativas de locais para a sua prática pessoal.

As restantes respostas fornecidas pelos professores, embora em menor número, merecem as seguintes considerações.

- Atender os alunos da escola: Nas escolas, o tempo de duração das aulas de Educação Física é de cinquenta minutos, o que tem sido contestado pelos professores interessados em aperfeiçoar os alunos num determinado esporte. Procuram então, horários extra-classe para melhorar a aprendizagem ou para um maior tempo de prática. Esta prática, realizada na própria escola, serviria para motivar o aluno para o seu aperfeiçoamento esportivo e para favorecer o seu interesse pelos esportes.
- Melhoria técnica: é a principal razão mencionada pelos professores para permitir a utilização das instalações esportivas da escola nos horários extra-classe. Essa utilização pela comunidade visa atrair os próprios alunos para o treino das suas equipes competitivas, com vista à participação nos jogos escolares.
- A maioria dos alunos são vizinhos: Alguns professores acreditam que a participação da comunidade vizinha seria, para muitos praticantes, uma extensão das suas próprias aulas, uma vez que pertencem a essa vizinhança.

Para muitos alunos constitui também a única alternativa para a prática esportiva, quer pela falta de campos de jogos nas proximidades da sua residência ou devido à falta dos terrenos baldios, hoje em dia cada vez mais escassos, o que diminui a sua possibilidade de uma prática alternativa.

- As outras instalações esportivas cobram uma taxa de utilização: Em muitas das instituições brasileiras é vulgar cobrar uma taxa de utilização das instalações para a prática esportiva da população, tais como em clubes, em campos de jogos particulares e em determinadas entidades da comunidade e até em muitas escolas.

Julga-se que as escolas, sendo entidades públicas e constituindo uma alternativa para a prática esportiva da população vizinha, deveriam permitir a utilização dos seus campos esportivos, sem cobrar qualquer pagamento.

- Maior relação escola/comunidade: Sendo uma das preocupações das direções das escolas interessadas pela promoção de um maior intercâmbio com a comunidade, a cedência das suas instalações esportivas constituiria uma das formas de obter essa aproximação.

Constatou-se porém que, na pesquisa de 1988, 24 professores, ou seja, 37.5% da amostra, sendo onze pertencente ao sexo masculino (17.2%) e treze, ao sexo

feminino (20%), afirmaram que a escola não cede as suas instalações para a prática esportiva da comunidade. Em 1993, este percentual subiu para 33 sujeitos (51.56% da amostra), sendo 14 do sexo masculino (35.90%) e 19 do feminino (70.37%), que alegaram para isso, em ambas as oportunidades, razões tais como: problemas com a segurança das instalações, a falta de material suficiente e de um responsável pelas atividades e outras (tabela 12).

Analisando separadamente cada uma das respostas, temos:

- Não há respeito pelas instalações: Quando qualquer instalação pública não possui um responsável, é geralmente degradada pela população menos esclarecida. O principal problema com que se defrontam as direções e os professores de Educação Física das escolas da rede pública de ensino é o receio de que os vizinhos estraguem as instalações esportivas da escola, fazendo com que estas não sejam emprestadas regularmente à comunidade.
- Falta um responsável pelas atividades: A cedência das instalações nos horários extras, considerando os problemas citados, implicaria na necessidade da presença de alguém da escola. Surge então a questão: quem, naqueles horários, poderia ser o responsável pelas instalações escolares?

TABELA 12. RAZÕES PARA A NÃO CEDÊNCIA

PRINCIPAIS RAZÕES	1988						1993					
	PROF.		PROF ^a .		GERAL		PROF.		PROF ^a .		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Os vizinhos estragam a escola	3	27.28	4	30.77	7	29.17	-	-	-	-	-	-
- Falta quem organize ou cuide	1	9.09	2	15.38	3	12.50	4	28.57	5	26.32	9	27.27
- falta poder aquisitivo	1	9.09	-	-	1	4.17	-	-	-	-	-	-
- Os alunos preferem outro local	1	9.09	-	-	1	4.17	-	-	2	10.52	2	6.05
- Instalações inadequadas	1	9.09	-	-	1	4.17	-	-	-	-	-	-
- Há outras quadras mais próximas	-	-	-	-	-	-	-	-	2	10.52	2	6.05
- Desinteresse da comunidade	1	3.85	-	-	1	2.08	-	5.12	-	-	-	-
- O uso é só dos alunos	-	-	-	-	-	-	3	41.43	3	15.79	6	18.18
- Não citaram a razão	-	-	-	-	-	-	5	35.71	6	31.59	11	33.33
TOTAL	11	100	13	100	24	100	14	100	19	100	33	100

Considerando que o governo não paga horas extras aos professores e que essas atividades exigem um tempo extra além das aulas, poucos professores se dispõem, voluntariamente, a realizar esse trabalho; entregar as chaves da escola a um membro da comunidade, nem sempre é uma alternativa bem aceita pelos seus responsáveis.

Assim sendo, o medo da depredação e a falta de pessoal responsável (professores, zeladores, membros da A.P.M. ou da comunidade), faz com que as direções relutem em ceder as instalações da escola para a prática da comunidade.

- Faltam materiais esportivos: Na maioria das escolas públicas, o material esportivo recebido do Estado é insuficiente até mesmo para as suas próprias aulas e para atender ao esporte escolar. Este fato é muitas vezes alegado como um fator impeditivo da cedência das suas instalações, muito embora os praticantes da comunidade se proponham levar os seus próprios materiais.

Alguns professores não souberam indicar o motivo que leva as suas escolas a não permitirem a utilização das suas instalações esportivas pela comunidade durante os horários ociosos.

As restantes respostas podem ser assim agrupadas:

- Falta de poder aquisitivo: Esta resposta deixou algumas dúvidas sobre a sua interpretação, levando-nos às seguintes suposições: os vizinhos não possuem recursos para praticar noutro local, sendo a escola o único local possível; não têm recursos para pagar o aluguel das instalações esportivas exigidas noutras instituições, ou na própria escola; a escola não tem recursos financeiros para custear o funcionamento dessas sessões.
- Os alunos preferem praticar noutro local: Ocorre com os alunos que pertencem às equipas competitivas da escola ou da comunidade ou com aqueles que desejam praticar uma atividade não oferecida pela escola, quando, não sendo oferecidas na escola as atividades que desejam, necessitam ou que gostariam de praticar, procuram noutros locais uma oportunidade de praticar ou de se aperfeiçoar. Muitos porém, preferem praticar nas suas próprias escolas, devido à proximidade das suas residências, aos seus amigos, às namoradas e a outros fatores.
- Desinteresse da comunidade: A escola nem sempre é solicitada pela comunidade, fato que ocorre com maior frequência quando, nas proximidades, já existe um outro local de fácil acesso para a sua prática. Alguns professores acreditam ser a falta de interesse, de organização ou de motivação dos alunos ou da própria comunidade.
- As instalações esportivas são inadequadas: Nem todas as escolas possuem instalações esportivas adequadas às suas aulas de Educação Física. Embora a maioria possua no mínimo uma quadra esportiva, polivalente e demarcada, existem muitas escolas que possuem somente um espaço aberto, gramado ou não. Sendo assim, ficam impossibilitadas de realizar promoções esportivas extra-classe ou de ceder as suas instalações à comunidade.
- A diretoria da escola não permite: Muitas escolas são fechadas após os horários de aula porque as diretorias não permitem a utilização extra, invocando como justificativa a falta de pessoal de apoio, de limpeza, falta de segurança e outros motivos que pouco variam de estabelecimento para estabelecimento.

Essas constatações bem como o fato da maioria dos professores afirmar que incentivavam os alunos para uma prática extra-classe, levaram a questioná-los com a finalidade de se conhecerem os locais ou as atividades que mais lhes costumavam sugerir.

As respostas citadas na tabela 13, mostram que na pesquisa realizada há cinco anos, os professores se preocupavam em incentivar os seus alunos para a prática de esportes, não se importando com o local que escolhiam. Muitos, por outro lado, encaminhava-os para uma escolinha esportiva visando se especializarem e assim, aumentar o nível das suas equipes competitivas; os incentivam também a participar em jogos e torneios das escolas. Deixava-os, quase sempre porém, escolher esse local, sem interferirem. A maioria, contudo, promoviam torneios e competições na própria escola, visando consigo incentivar a prática dos esportes de competição e ainda, descobrir novos valores em outros esportes.

Na segunda pesquisa, houve uma inversão, com os professores encaminhando os alunos para algum local visando selecionar os talentos para as suas equipes. Quando indicam um local ou uma atividade fora da escola, estes são, quase sempre, uma escolinha de aperfeiçoamento esportivo ou uma equipe competitiva, que tanto pode pertencer a um clube ou a uma associação, como aos organismos esportivos do município.

Outros ainda, costumam indicar os próprios locais onde trabalham ou onde praticam, além das escolas.

Este tipo de incentivo começa sempre pela escola, onde promovem torneios e competições visando essa seleção. Afirmaram porém, que costumam incentivar também os alunos para uma prática extra-escolar.

TABELA 13. LOCAIS E/OU ATIVIDADES SUGERIDOS PELOS PROFESSORES PARA A PRÁTICA EXTRA-CLASSE

LOCAIS/ATIVIDADES	1988						1993					
	PROF.		PROF ^a .		GERAL		PROF.		PROF ^a .		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Simplesmente incentiva	9	27.27	11	37.93	20	32.26	3	8.57	3	12.50	6	10.17
- Torneios na própria escola	8	24.24	7	24.14	15	24.19	8	22.86	6	25.00	14	23.73
- Escolinhas esportivas	10	30.31	6	20.69	16	25.81	16	45.72	9	37.50	25	42.38
- Deixa-os escolher livremente	4	12.12	4	13.79	8	12.90	2	5.71	-	-	2	3.39
- Clubes e associações	1	3.03	-	-	1	1.61	4	11.43	3	12.50	7	11.86
- Equipes competitivas	1	3.03	1	3.45	2	3.23	2	5.71	3	12.50	5	8.47
TOTAL	33	100	29	100	62	100	35	100	24	100	59	100

Observa-se assim que, de uma forma geral, os professores costumam motivar os seus alunos a praticar nos locais onde acreditam que possam dar continuidade às atividades que ministram na escola, obtendo melhor especialização, ou ainda, nos

quais possam praticar alguma atividade que, por algum motivo, não possuem condições de oferecer na escola.

E também que não há uma diversificidade desses locais, uma vez que a pesquisa demonstrou que os locais citados nas duas ocasiões, e pelos professores de ambos os sexos, eram, predominantemente, as escolinhas, os clubes, as equipes de esportes de competição, quando os deixam escolherem livremente e pouco influenciando nessa escolha

Motivação para uma prática esportiva continuada

Procurou-se, saber se, na sua opinião, a Educação Física Escolar incentivava os alunos para uma prática continuada de atividades físicas e esportivas. A maioria dos professores inquiridos em 1988 (80.95%) disse que costumava motivar o aluno para continuar a praticar esportes, mesmo após deixarem a escola.

TABELA14. OPINIÃO SE A EDUCAÇÃO FÍSICA MOTIVA OS ALUNOS PARA A PRÁTICA EXTRA-ESCOLAR

ATIVIDADES	1988						1993					
	PROF.		PROF ^a .		GERAL		PROF.		PROF ^a .		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Sim, todos os alunos	26	76.48	25	86.20	51	80.95	14	35.90	11	40.74	25	37.88
- Só os com vocação p/atleta	4	11.76	2	6.90	6	9.52	10	25.64	10	37.04	20	30.30
- A decisão deve ser do aluno	4	11.76	1	3.45	5	7.94	6	15.38	5	18.52	11	16.67
- Só os interessados	-	-	1	3.45	1	1.59	-	-	-	-	-	-
- A motivação vem com o tempo	-	-	-	-	-	-	5	12.82	1	3.70	6	9.09
- A motivação depende do professor	-	-	-	-	-	-	4	10.26	-	-	4	6.06
TOTAL	34	100	29	100	63	100	39	100	27	100	66	100

Em 1988, poucos professores (9.52%) afirmaram motivar só os com vocação para se tornarem futuros atletas ou só aqueles que demonstrassem interesse nas aulas. Outros (7.94%), disseram que esta decisão deve ser do aluno. Cinco anos depois, essa situação foi alterada, com somente 37.88% dos professores afirmando que incentivavam indistintamente a todos os alunos para a prática de alguma atividade física ou esportiva. Um terço deles (30.30%) disse que incentivavam somente os com vocação para atleta, demonstrando claramente que buscavam a formação de atletas.

Por outro lado, observou-se o dobro do percentual daqueles que eram indiferentes e que deixavam esta decisão ao aluno. Na última pesquisa, houve determinados professores (6.06%) que julgaram que a motivação do aluno para a prática esportiva depende em parte dos professores.

Finalmente, a última questão abordada referia-se diretamente à motivação da Educação Física Escolar nos alunos visando a sua prática esportiva na comunidade em que vivem. Com essa questão, procurava-se saber o que falta à Educação Física Escolar para que os alunos sejam motivados nesse sentido, tanto durante o período escolar como após a saída da escola. O número de respostas de cada sujeito não foi limitado visando obter-se um quadro, o mais real possível sobre o que falta à escola para tal finalidade. As suas principais respostas foram:

TABELA 15. OPINIÕES SOBRE O QUE FALTA Á EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA MOTIVAR O ALUNO PARA UMA PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA

OPINIÕES	1988						1993					
	PROF.		PROF ^a .		GERAL		PROF.		PROF ^a .		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Motivar todos os alunos e não só os destaques	24	68.57	19	65.52	43	67.19	23	58.97	17	62.96	40	60.61
- Atividades com a comunidade	13	37.14	13	44.83	26	40.63	12	30.77	8	29.63	20	30.30
- Criar clubes escolares	13	37.14	13	44.83	26	40.63	16	41.03	3	11.11	19	28.79
- Organizar palestras	13	37.14	13	44.83	26	40.63	21	53.85	15	55.56	36	54.55
- Mais opções esportivas	10	28.57	7	24.14	17	26.56	14	35.90	5	18.52	19	28.79
- Convênio com a comunidade	10	28.57	6	20.69	16	25.00	9	23.08	7	25.93	16	24.24
- Atividades extra-classe	7	20.00	8	27.69	15	23.44	10	25.64	2	7.41	12	18.18
- Jogos e competições internas	6	17.14	6	20.69	12	18.75	6	15.38	3	11.11	9	13.64
- Instalações e materiais	2	5.71	2	6.90	4	6.25	1	2.56	1	3.70	2	3.03
- Reciclar os professores	-	-	-	-	-	-	3	7.69	3	11.11	6	9.09
- Livro texto p/ Educação Física	-	-	-	-	-	-	1	2.56	1	3.70	2	3.03
TOTAL	26	100	22	100	48	100	39	100	27	100	66	100

As opiniões emitidas pelos professores nas duas pesquisas, proporcionalmente ao seu sexo, revelam que a resposta mais freqüente, em ambos os sexos, sugere que, para que haja uma maior motivação para a prática esportiva na comunidade, se deveria proporcionar a todos os alunos uma motivação para praticar ou continuar a praticar esportes, independentemente do nível técnico ou da aptidão esportiva e que o maior problema das escolas seria o grande incentivo que é proporcionado aos alunos com vocação para os esportes de alta competição em detrimento dos outros, o que ocorre devido a diversos fatores, dos quais se destacam:

- * a vocação inata do povo brasileiro para os esportes de competição;
- * a motivação do professor para descobrir, formar e treinar novos atletas;
- * o desejo dos alunos em se tornarem atletas;

- * o desejo das diretorias das escolas e, por vezes, dos próprios pais dos alunos para que obtenham bons resultados esportivos;
- * o incentivo do governo que proporciona horas/aula especiais para o treino esportivo.
- * a atração proporcionada pelos órgãos de comunicação.

As restantes respostas que foram bastante citadas pelos professores de ambos os sexos e que merecem considerações especiais, são:

Propor atividades conjuntas com a comunidade: Pouco acontecem nas escolas brasileiras. Em raras ocasiões, a comunidade é convidada para participar em atividades esportivas que organizam. Este intercâmbio costuma ocorrer em jogos amistosos ou em torneios e campeonatos realizados pela escola.

- Criar clubes escolares: Embora estimulada pelos governos estaduais, pouco têm sido desenvolvidos nas escolas públicas, que costumam permanecer fechadas nos dias e nos horários não letivos, tais como nos fins de semana, nos dias santos e feriados, quando as instalações esportivas estão ociosas.
- Organizar palestras e conferências acerca da importância da prática esportiva para a vida do praticante: Raras vezes são proporcionadas aos alunos. O motivo talvez seja o desinteresse dos professores de Educação Física e o excessivo caráter prático das suas aulas, quase todas voltadas para a "praxis", bem como a sua pouca vocação para os assuntos que consideram "teóricos", além da atração que sentem pela alta competição.
- Proporcionar mais opções esportivas: Boa parte dos professores inquiridos, em ambas as oportunidades, sugeriu que se deveriam oferecer novos esportes e atividades esportivas, além das que são normalmente ministradas.

A pesquisa demonstrou que muitos professores costumam ministrar os mesmos esportes que praticam, que praticavam na sua juventude ou os que estão na moda; que nas suas aulas visam principalmente, a iniciação esportiva, o treino e a Educação Física de base.

O conteúdo oferecido nas escolas e salvo raras exceções, não consideram os aspectos culturais das regiões a que pertencem. As causas para esta resposta são várias. Supõe-se que são devidas em parte, à falta de instalações esportivas adequadas e suficientes ou, por outro lado, à falta de vocação e de conhecimentos dos professores de Educação Física para um trabalho comunitário.

No final do inquérito realizado com os professores de Educação Física, no ano de 1988, pôde-se admitir que os mesmos ministravam um conteúdo pouco generalizado, onde o esporte predominava significativamente sobre as demais atividades realizadas. Embora preconizando a necessidade de motivar o aluno para uma prática esportiva continuada, os conteúdos que ministravam, quase que totalmente práticos, bem como a falta de alternativas que atraíssem os alunos para as atividades escolares, não se direcionavam para esta premissa. Em 1993 tais opiniões se repetiram, com os professores evidenciando praticamente as mesmas opiniões anteriores.

5.2.2 - Os alunos

Duzentos e sessenta e quatro estudantes, em 1988 e cento e noventa e três, em 1993, pertencentes a turmas da terceira série do segundo grau das escolas da rede estadual de ensino da cidade de Maringá no Estado do Paraná, foram submetidos a uma investigação para poder-se detectar uma opinião acerca da Educação Física que atualmente lhes é ministrada, do relacionamento das suas escolas com as instituições esportivas da comunidade, bem como das necessidades de uma prática esportiva continuada, na escola ou na comunidade.

Da aplicação dos questionários, verificou-se que os estudantes pesquisados pertenciam à turmas dos três períodos de funcionamento das escolas estaduais: manhã, tarde e noite. O fato do número de estudantes do sexo feminino predominar sobre o do masculino já era esperado, uma vez que as escolas brasileiras costumam apresentar um maior percentual de estudantes do sexo feminino relativamente ao masculino, diferença que costuma aumentar na medida em que avançam na sua escolaridade. Na pesquisa de 1988, os dados das turmas pesquisadas, e que constituem o último ano de escolaridade do ensino secundário, revelaram também:

- que o número de sujeitos do período noturno era igual ao do período diurno (137/137); que apesar da escolha das turmas ser aleatória, houve uma paridade de sujeitos entre o ensino diurno e o noturno;
- uma predominância de alunos do sexo feminino sobre os do masculino (174/90), cuja amostra demonstrou a tendência de que no ensino secundário brasileiro há uma maior percentagem de estudantes do sexo feminino do que do sexo masculino, fato que talvez se deva à necessidade de trabalhar, mais vincada (na cultura brasileira) entre os elementos do sexo masculino do que no feminino, talvez uma das principais causas da evasão escolar do País, neste nível de ensino;
- uma predominância do número de alunos do período noturno (137 alunos) sobre os do período da manhã (76 alunos) e os da tarde (51 alunos); a necessidade de trabalho seria talvez, a principal razão pela preferência dos alunos desta série por turmas noturnas;
- uma predominância de alunos do sexo feminino, nos períodos da manhã (64/12) e tarde (50/1) e dos alunos do sexo masculino no noturno (77/60);
- que as turmas pesquisadas eram todas mistas com uma média de 22 alunos em cada uma; nas aulas de Educação Física e em todos os períodos, dividiam-se em turmas masculinas ou femininas. (Em 1993 porém, as aulas de Educação Física eram realizadas com turmas mistas).
- que a maioria das turmas pesquisadas pertencia ao período noturno (8/4) e contavam com um baixo número de alunos, devido à evasão escolar, maior no segundo semestre do ano letivo (na época desta pesquisa), ao contrário das turmas do período diurno, fato que se repetiu na segunda coleta;

- que, enquanto nas turmas noturnas predominava o ensino propedêutico (formação geral, voltada para o ingresso no ensino superior), nas turmas diurnas predominava o Ensino Normal ou Preparação para o magistério (praticamente destinado às turmas femininas) e o ensino propedêutico para as restantes. Em 1993, observou-se uma diminuição das turmas de magistério, com os alunos alegando ter diminuído a vocação para esta profissão, devido aos baixos salários pagos aos professores no Estado do Paraná. Até há alguns anos atrás, a estrutura do ensino secundário preconizava para o segundo grau um ensino profissionalizante, tendência que se tem modificado para atualmente quase só existir turmas de ensino propedêutico.
- Da segunda coleta de dados com os alunos, através de entrevistas, soube-se que, muitos dos estudantes ao atingir o segundo grau de escolaridade, matriculam-se em escolas noturnas, onde, simultaneamente estudam e trabalham. Por isso, o ensino do 2º Grau no Estado do Paraná é oferecido, em grande parte, no período noturno.

A pesquisa demonstrou que, se em 1988 haviam poucas turmas diurnas na 3ª série do 2º Grau e que no período da tarde, praticamente só haviam turmas de magistério, em que a maioria dos alunos é do sexo feminino, em 1993, aumentaram a oferta de turmas no período da manhã e se mantendo as turmas mais voltadas para o sexo feminino no período da tarde.

A fim de se ter uma maior visão acerca dos conteúdos ministrados na Educação Física Escolar, questionou-se aos alunos quais eram os principais objetivos formulados pelos seus professores. Na formulação desta questão, procurou-se deixar em aberto o número de respostas, afim de que os alunos pudessem referir-se aos objetivos mais preconizados pelos seus professores.

TABELA16. OBJETIVOS MAIS PRECONIZADOS PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

OBJETIVOS	1988						1993					
	ALUNOS		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Despertar vocações	37	35.92	69	27.06	106	29.61	24	41.39	66	39.77	90	40.18
- Ensinar novos esp.	20	19.42	51	20.00	71	19.83	15	25.86	46	27.71	61	27.23
- Formação corporal	11	12.62	39	15.29	52	14.53	11	20.37	38	27.33	49	17.95
- Formação de atletas	12	11.65	27	10.59	39	10.89	6	10.34	27	16.27	33	14.73
- Recreação e lazer	12	11.65	32	12.55	44	12.29	11	18.97	14	8.43	25	11.16
- Cumprir o currículo	3	2.91	2	0.78	5	1.40	-	-	-	-	-	-
- Educação geral	2	1.94	1	0.39	3	0.84	1	1.72	2	1.20	3	1.34
- Socialização	1	0.97	2	0.78	3	0.84	-	-	-	-	-	-
- Educ. Física Infantil	-	-	29	11.37	29	8.10	-	-	6	3.61	6	2.68
- Nenhum	3	2.91	3	1.18	6	1.68	1	1.72	5	3.01	6	2.68

Os objetivos citados por eles, motivaram as seguintes reflexões:

- **Despertar novas vocações esportivas:** Foi a mais freqüente, em ambos os sexos. As aulas são ministradas de forma a que os alunos conheçam diversos esportes. Assim sendo, em muitas escolas o planejamento anual preconiza o ensino de um novo esporte em cada bimestre do ano letivo. A tendência inata do brasileiro para a prática de esportes de competição, leva a que os professores de Educação Física procurem sensibilizar o aluno para esta ou para aquela modalidade esportiva, visando a competição em jogos escolares, ou encaminhando-o para as equipes competitivas das suas cidades.
- **Ensinar novos esportes:** Foi o segundo mais citado pelos professores. Sabe-se porém, que tendem para os esportes coletivos e principalmente para aqueles que utilizam bolas. Observou-se ainda, que essa finalidade ocorre muito mais para cumprir com a obrigatoriedade de se atribuir uma nota a cada bimestre do que propriamente para se diversificar o ensino esportivo, continuando esta oferta, cinco anos após a primeira coleta, a ser constituída, com raras exceções, pelos esportes coletivos.

Geralmente as instalações esportivas das escolas, seja oficial ou particular, cobertas ou descobertas, contêm as marcações para o basquete, o handebol, o futebol de salão e o voleibol. Talvez pela facilidade de aplicação, esta ordem seja a mais freqüente nas modalidades propostas; poucos se interessam pelos esportes individuais, pela carência de instalações e de equipamentos para esses esportes ou pela motivação natural que os esportes coletivos proporcionam.

- **Formação corporal:** Muitos professores preocupam-se com a formação corporal dos seus alunos, ministrando a Educação Física de base, principalmente nas 5ª e 6ª série de escolaridade. Nas restantes séries, em turmas masculinas e com raras exceções, são utilizadas somente como aquecimento muscular. Nas turmas femininas, esses objetivos podem ou não ser observados em todas as série, desde a 5ª série do 1º grau até a 3ª do 2º grau, dependendo da formação ou da vocação do professor para o esporte de alto nível.
- **Formação de atletas:** é uma das grandes polêmicas da Educação Física Escolar, com um grande número de professores dedicando-se quase que exclusivamente à formação de atletas, seja para equipes escolares, dos clubes ou das seleções municipais, estaduais ou nacionais. Desde muito cedo, os alunos são dirigidos para alguma modalidade esportiva.

Com essa finalidade, no início do ano letivo, os professores submetem os alunos à escolha de um esporte, após a qual, só praticam esse esporte durante todo o ano. Essa "escolha" depende muito da especialização do professor e pouco da vontade ou da vocação do aluno, o que leva muitos alunos a praticar esse mesmo esporte durante todo o tempo de permanência nessa escola, mesmo sem o desejar.

- **Recreação:** Muitas turmas, principalmente as masculinas do período noturno e as femininas nos três períodos, costumam ter aulas recreativas, devido à falta de instalações, quadras ou de outras instalações adequadas, que impede a prática dos mesmos esportes que são oferecidos nos períodos diurnos. Essas aulas são também ministradas às alunas das turmas de preparação para o magistério infantil, mas poucas com o objetivo a que realmente se destinam. A causa é, mais uma vez, a vocação para os esportes de alto nível.
- **Aprender e aplicar a Educação Física Infantil:** Destinada exclusivamente às turmas de magistério, a Educação Física ali ministrada visa proporcionar aos futuros professores que irão lecionar em escolas primárias, creches, e pré-escolas, o conhecimento teórico e a vivência prática das técnicas específicas, normalmente teóricas e pouco práticas.

Dos restantes, citam-se: "educação geral" e "socialização", que foram pouco citados pois raramente são difundidos pelos professores de Educação Física e "nenhum, lazer, passar tempo", o que será talvez uma crítica aos professores que pouco se interessam pelas aulas ou em proporcionar o diálogo com os seus alunos; por isso, as suas aulas são desinteressantes e não motivam os alunos.

Um dos objetivos deste inquérito era o de conhecer melhor os conteúdos que atualmente são ministrados aos alunos das escolas da rede oficial de ensino, razão pela qual, foram questionados acerca dos principais tipos de aulas e de atividades extras que recebem.

As aulas de Educação Física

Os resultados mostram que, entre os rapazes, o treino esportivo, visando a competição num ou mais esportes, que constituía o mais freqüente tipo de aula que lhes era ministrado em 1988, cedeu o lugar em 1993, para a recreação. O treino esportivo, que era o tipo de aula mais lecionado nas turmas do período diurno, não o era todavia, nas do período noturno, sendo também substituído pela recreação, que foi a segunda opção mais citada pelos rapazes, talvez devido às respostas dos alunos do período noturno. Em 1993, a recreação foi a opção mais citada por ambos os sexos.

É de ressaltar que a iniciação esportiva costuma ser o tipo de aula mais freqüente entre os alunos de todas as turmas do 1º e 2º graus, em ambos os sexos. Porém, entre os alunos das 3ª série do 2º Grau, foi somente a terceira opção mais citada nas duas coletas de dados, deduzindo-se então, que muitos professores desenvolvem a iniciação esportiva em todas as turmas do 1º e do 2º graus mas sem continuidade, que, se acontecesse, originaria a formação de um esporte escolar forte nas escolas.

As opções: "várias atividades para o aluno escolher" e, "o aluno decide o que deve ser praticado", ocorrem com relativa freqüência nas turmas do período noturno, onde, devido à falta de locais para a prática dos esportes "tradicionais" (os quatro citados anteriormente: basquete, voleibol, handebol e futebol de salão), os professores oferecem, muitas vezes, um conjunto de esportes e de formas esportivas recreativas para o aluno escolher e decidir qual praticar. Porém, quase nunca é o da sua verdadeira preferência, mas a escolhida do conjunto oferecido pelo professor.

Para as alunas, os principais tipos de aulas a elas ministradas em 1988, que eram, a recreação, a ginástica e a iniciação esportiva, foram alterados em 1993 para: recreação, treinamento e iniciação esportiva, revelando uma ascensão para os aspectos do treinamento esportivo. Os dados revelados, levam-nos a crer que as professoras não se dedicavam tanto à prática dos esportes de competição, preferindo as formas recreativas, a condição Física e também a iniciação esportiva, mas que hoje tendem um pouco mais para este aspecto. O fato de grande parte das alunas inquiridas pertencerem ao período noturno ou a turmas diurnas de formação para o magistério de 1ª a 4ª série do primeiro grau, deixa a dúvida sobre a real tendência das aulas que são destinadas ao sexo feminino.

Todavia, os dados demonstram que havia, em 1988, uma preferência por atividades mais voltadas para esse sexo, tais como a ginástica, que é pouco freqüente nos rapazes e que foi então, a segunda opção mais citada. Nota-se também, que para as alunas deste nível de escolaridade, a iniciação esportiva se manteve entre as atividades mais desenvolvidas na escola.

O treinamento foi, em ambas as ocasiões, a segunda atividade mais citada, deduzindo-se ter havido uma maior progressão no processo específico de ensino, apesar da participação em competições não ser o principal motivo das suas aulas.

As opções seguintes: **Educação Física Infantil para turmas de formação para o magistério e danças folclóricas**, foram citadas praticamente só pelas alunas das turmas de formação para o magistério. No primeiro caso, por ser específica daquela especialidade e no segundo, pela pouca aceitação dos professores de Educação Física Escolar noutras atividades, além do esporte. As restantes opções: **diversos esportes para o aluno escolher e o aluno decide o que deve ser lecionado**, tal como ocorreu nas turmas masculinas, foram opções das alunas do período noturno, pelas razões já citadas, pouco ocorrendo com as alunas do período diurno.

TABELA17. TIPOS DE AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUE RECEBEM

TIPOS DE ALUNOS	1988						1993					
	ALUNOS		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Recreação	29	32.22	98	56.33	127	48.11	20	37.04	33	23.75	53	27.46
- Treino esportivo	35	38.89	10	5.75	45	17.05	12	22.22	31	22.30	43	22.28
- Iniciação esportiva	15	16.67	19	10.92	34	12.88	13	24.08	27	19.42	40	20.73
- Ginástica	-	-	30	17.24	30	11.36	1	1.85	12	8.63	13	6.74
- Diversos esportes	7	7.78	4	2.30	11	4.17	3	5.55	19	13.67	22	11.40
- Educação Física Infantil	-	-	10	5.74	10	3.79	-	-	-	-	-	-
- O aluno decide	4	4.44	3	1.72	7	2.64	5	9.26	13	9.35	18	9.33
- Danças folclóricas	-	-	-	-	-	-	-	-	4	2.88	4	2.06
TOTAL	90	100	174	100	264	100	54	100	139	100	193	100

A comparação entre as respostas dos alunos e das alunas, permite-nos concluir o seguinte:

- As aulas do sexo masculino nas turmas diurnas, que eram mais voltadas para a competição e, no período noturno, para as atividades recreativas, têm hoje igual realce nos dois períodos;
- As aulas do sexo feminino, que eram mais dirigidas para a estética, para a condição Física e para a recreação e pouco para as competições, dão mais ênfase para o treinamento, embora se voltando bastante para o aspecto recreativo;
- Para estas séries, e em ambos os sexos, as aulas de Educação Física eram, e continuam sendo, pouco freqüentadas no período noturno, devido sobretudo à necessidade dos alunos trabalharem.
- Neste nível de escolaridade, as turmas diurnas femininas são pouco freqüentes, e as existentes são, na sua maioria, direcionadas para o magistério, onde os alunos recebem uma formação para a sua futura ação como professores primários.
- Nas turmas noturnas, a Educação Física é regular, embora nem todas as escolas possuam quadras iluminadas ou outras instalações adequadas. Sendo assim, muitas aulas são realizadas nas salas de aulas, às escuras ou em ruas ou praças vizinhas da escolas, podendo também ocorrer em clubes, praças esportivas, centros esportivos, centros sociais urbanos ou noutra entidade esportiva ou social próxima. Podem ainda, ser ministradas nos sábados ou aos domingos. Em algumas escolas, pela falta de instalações adequadas ou devido à carga horária das suas grades curriculares, não são oferecidas aulas de Educação Física.
- No período noturno, as aulas de Educação Física nem sempre são intercaladas com as outras disciplinas. Devido a não haver quadras iluminadas suficientes, muitas vezes são propostas atividades ou jogos recreativos onde o aluno faz a sua opção.
- Nas escolas brasileiras é pouco freqüente haver atividades, tais como: jogos populares, danças folclóricas, artes marciais, esporte de ataque e defesa, atividades típicas de academias, musculação, ginástica estética, jazz e outras.
- Essas atividades, embora fazendo parte do cotidiano de grande parte da população escolar, não se realizam nas escolas onde os professores, com uma formação voltada sobretudo para os esportes e principalmente para os esportes de alto nível, não só não as propõem, como são totalmente contra essas "novidades".
- Não são consideradas as preferências dos alunos por determinados esportes, atividades ou formas esportivas. Geralmente a atividade esportiva baseia-se nas instalações ou no material disponível. Há pouca criatividade e pouca motivação dos professores para procurar soluções alternativas; há pouca disposição para, juntamente com os alunos, procurar a atividade que está mais de acordo com as suas necessidades e com as suas preferências.

- As aulas são muitas vezes, monótonas, repetitivas e pouco interessantes, pelo que, em muitos casos, não provocam a menor motivação nos alunos.
- Há pouco ou nenhum diálogo entre os professores e os alunos, salvo em raras exceções, nas turmas voltadas para o treino esportivo.
- São raras as aulas teóricas que proporcionem um diálogo sobre os assuntos da aula e da vida e onde lhes seja transmitida a necessidade de criar hábitos regulares de atividades físicas, recreativas e esportivas.

Sabe-se que o interesse por uma determinada atividade varia de indivíduo para indivíduo, dependendo da motivação que trazem dentro de si.

Por este motivo, questionou-se aos alunos como se situava o seu interesse pelas aulas de Educação Física.

Como já era esperado, o interesse pelas aulas de Educação Física estava situado acima da média, sendo mais acentuado nos alunos do que nas alunas. A causa deste alto interesse estava na prática durante as aulas, aliado ao gosto natural dos adolescentes pela prática de atividades físicas.

TABELA 18. INTERESSE DOS ALUNOS PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

INTERESSE	1988						1993					
	ALUNOS		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Muito forte	19	21.11	22	12.64	41	15.53	5	9.26	19	13.67	24	12.43
- Forte	28	31.11	41	23.56	69	26.14	22	40.75	38	27.34	60	31.09
- Regular	26	28.89	61	35.07	87	32.95	21	38.89	52	37.42	73	37.82
- Fraco	2	2.22	39	22.41	41	15.53	4	7.40	20	14.38	24	12.45
- Muito fraco	15	16.67	11	6.32	26	9.85	2	3.70	10	7.19	12	6.21
TOTAL	90	100	174	100	264	100	54	100	139	100	193	100

A incidência das respostas "fraco" e "muito fraco", levou a que se indagasse dos mesmos sobre o que os teria levado a revelar tal desinteresse por essas aulas, obtendo-se estas opiniões:

TABELA 19. MOTIVOS DO DESINTERESSE DOS ALUNOS PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MOTIVOS	1988						1993					
	ALUNO		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Não se oferecem os esp. que gosto	4	23.53	17	34.00	21	31.34	2	22.22	9	19.15	11	19.64
- Faltam materiais esportivos	4	23.53	6	12.00	10	14.93	3	33.33	6	12.77	9	16.07
- O professor não me incentiva	3	17.65	18	36.00	21	31.34	1	11.11	6	12.77	7	12.49
- Não gosto, mesmo sendo importando	1	5.88	4	8.00	5	7.46	-	-	7	14.89	7	12.49
- As instalações são inadequadas	6	35.29	11	22.00	17	25.37	1	11.11	5	10.64	6	10.71
- Problemas de saúde, trabalho etc.	-	-	-	-	-	-	1	11.11	2	4.26	3	5.36
- Falta didática ao professor	-	-	-	-	-	-	1	11.11	2	4.26	3	5.36
- Prático fora da escola	-	-	5	10.00	5	7.46	3	6.37	3	5.36	6	10.71
- Escola não valoriza a Ed. Física	4	23.53	11	22.22	15	22.39	-	-	3	6.37	3	5.36
- Não posso escolher o que gosto	-	-	2	4.00	2	2.90	-	-	1	2.13	1	1.79
- Não consta do vestibular	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2.13	1	1.79
- O professor se ausenta das aulas	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2.13	1	1.79

- A maioria das escolas de ensino público é desprovida de outras instalações além das quadras polivalentes, raras possuem um campo de futebol, uma pista de atletismo ou uma sala de ginástica. O poder público quase sempre constrói novas salas de aulas nos pátios e outros espaços livres das escolas.
- Além disso, os professores não dispõem de material esportivo adequado e/ou suficiente, optando por ministrar aqueles esportes que não exigem instalações e/ou materiais sofisticados. Desta forma, muitos alunos deixam de praticar determinadas atividades físico/esportiva que necessitam ou que gostariam.
- Nem sempre o professor incentiva os alunos para uma prática esportiva regular ou permanente, além das suas aulas de Educação Física. Isto ocorre porque teve uma deficiente formação neste sentido, se formou sem a necessária vocação, faltando-lhe então, didática, tende a se ausentar das aulas, ou, com o tempo, deixou de gostar de ministrar aulas, levados por uma série de razões não estudadas nesta pesquisa. Isto leva a que os alunos não se sintam incentivados, que a escola deixe de valorizar as aulas de Educação Física e os alunos apresentem razões para não praticar, tais como saúde, trabalho, estudos e outras.
- As razões apresentadas pelos alunos para não gostar de praticar, podem, por outro lado, serem calcadas em motivos realmente sérios, como a saúde, o trabalho, a preparação para o vestibular e outras. Existem porém os alunos que realmente não gostam e outros que, como praticam fora da escola, tendem a desvalorizar a prática desenvolvida nas suas aulas, por achá-la desmotivante e insuficiente.

A seguir formulou-se mais uma questão no sentido de conhecer a sua opinião sobre a prática esportiva continuada: as aulas de Educação Física ministradas nas escolas incentivam no aluno o gosto pela prática esportiva continuada? As respostas constam da seguinte tabela:

TABELA 20. OPINIÕES SE AS AULAS MOTIVAM PARA UMA PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA

ANO OPINIÕES	ALUNOS		1988 ALUNAS		GERAL		ALUNOS		1993 ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Não	56	62.22	125	71.84	181	68.56	17	31.48	82	58.99	99	51.30
- Sim	34	37.78	49	28.16	83	31.44	37	68.52	57	41.01	94	48.70
TOTAL	90	100	174	100	264	100	54	100	139	100	193	100

Como era divergente o percentual das respostas positivas em relação às negativas, na análise das duas pesquisas, solicitou-se então, que eles justificassem as suas respostas.

Das justificativas para as suas respostas negativas, pode-se concluir que ao chegar a esta série de escolaridade, o aluno se defronta com uma série de situações que influem para que os mesmos não continuem a praticar uma atividade físico-motora e que, nesta altura da sua vida, se já não estiver convencido da necessidade da prática continuada, a deixará de lado para se dedicar às atividades que julga mais prementes.

Assim sendo, as respostas: **não tenho tempo, não gosto, não possuo interesse e, não levo jeito, não me atraem as aulas de Educação Física e, o professor não me ensinou**, revelam a falta de interesse pela prática das atividades físico-motoras ou porque perdeu o seu interesse devido às aulas pouco motivantes ou porque não foi motivado para tal.

Por outro lado, as respostas: **o professor não me incentiva e, as aulas são mal ministradas**, revelam uma insuficiência de motivação do professor e que passa ao aluno.

E finalmente, a falta de atualização dos conteúdos ministrados nas escolas que, salvo raras exceções, se resumem à prática dos poucos esportes já citados, concorrem para o desinteresse do aluno que deseja praticar na escola alguma atividade diferente dessas.

TABELA 21. JUSTIFICATIVAS PARA AS RESPOSTAS NEGATIVAS

JUSTIFICATIVAS	1988						1993					
	ALUNOS.		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- O professor não me incentiva	8	14.29	20	16.00	28	15.47	3	17.65	14	17.07	17	17.17
- Aulas p/ turmas de magistério	-	-	27	21.60	27	14.92	-	-	2	2.44	2	2.02
- O professor não orienta	11	19.64	4	3.20	15	8.29	-	-	-	-	-	-
- O professor não tem interesse	7	12.50	20	16.00	27	14.92	-	-	-	-	-	-
- Aulas mal ministradas	4	7.14	13	10.40	17	9.39	3	17.65	9	10.98	12	12.12
- Não sobra tempo	-	-	7	5.60	7	3.87	6	3.53	17	20.73	23	23.24
- Falta gosto ou interesse	-	-	7	5.60	7	3.87	1	6.25	17	20.53	18	18.18
- As aulas são desmotivantes	2	3.57	5	4.00	7	3.87	-	-	8	9.76	8	8.08
- Interesse anterior à escola	4	7.14	1	0.80	5	2.76	-	-	-	-	-	-
- Não há os esportes que gosto	2	3.57	2	1.60	4	2.21	-	-	-	-	-	-
- Faltam condições para ser atleta	1	1.79	3	2.40	4	2.21	-	-	-	-	-	-
- Falta interesse aos alunos	4	7.14	6	4.80	10	5.52	-	-	-	-	-	-
- Desinteresse professor/aluno	1	1.79	2	1.60	3	1.66	-	-	-	-	-	-
- Problemas de saúde	2	3.57	1	0.80	3	1.66	1	5.88	3	3.66	4	4.04
- O professor pouco me ensinou	1	1.79	1	0.80	2	1.10	-	-	4	4.88	4	4.04
- Não pretendo seguir carreira	2	3.57	-	-	2	1.10	-	-	-	-	-	-
- Esportes diferentes dos praticados na comunidade	-	-	-	-	-	-	3	17.65	5	6.10	8	9.08
- Outras respostas	7	12.50	6	4.80	13	7.18	-	-	-	-	-	-
- Não levo jeito	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3.66	3	3.03

Verificou-se porém, um acréscimo das respostas positivas entre as duas pesquisas. Se em 1988, 28.88% dos alunos e 38.00% das alunas disseram que a Educação Física Escolar os motivava para uma prática esportiva continuada, em 1993, esse número foi de 68.52% dos alunos e 41.01% das alunas, respectivamente.

Observou-se então que, para cerca de um terço dos alunos, a prática esportiva continuada constitui já uma das suas preocupações.

Alguns afirmaram que foram sempre incentivados pelos esportes, pelas aulas e pelos professores, outros disseram que praticavam porque gostavam de praticar, não sendo influenciados para isso.

As demais respostas revelam uma preocupação pelos esportes de competição ou pelo esporte como fator de educação.

Algumas alunas, motivadas por esta disciplina, gostariam de se especializarem na mesma. Questiona-se se, para isso, houve, efetivamente, uma influência das aulas de Educação Física.

As respostas mencionadas pelos alunos até aqui, leva a evidência de que, ao lado de outras variáveis, a motivação desenvolvida pelos professores nas aulas de Educação Física das escolas, constituía uma das questões básicas para se poder averiguar até que ponto os alunos eram direcionados para uma prática esportiva regular e continuada.

Partindo do pressuposto que o professor de Educação Física teria a maior parcela de responsabilidade na maior ou menor motivação do aluno pela prática esportiva regular na escola, na comunidade e durante toda a vida, e visando sanar esta dúvida, é que se colocou aos alunos da amostra a questão: os seus professores de Educação Física ou as aulas desta disciplina incentivaram-nos para continuar a praticar esportes, continuamente, mesmo após a conclusão dos seus estudos.

TABELA 22. JUSTIFICATIVAS PARA AS RESPOSTAS POSITIVAS

JUSTIFICATIVAS	1988						1993					
	ALUNOS		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- A prática é importante	6	17.65	13	27.08	19	23.17	13	35.14	18	31.58	31	32.98
- Gosto de praticar	6	17.65	8	16.67	14	17.07	11	29.73	17	29.82	28	29.79
- Fui incentivado	6	17.65	13	27.08	19	23.17	8	21.62	11	19.30	19	20.21
- Pode criar atletas	5	14.71	-	-	5	6.10	3	8.11	4	7.02	7	7.45
- É complemento moral	-	-	-	-	-	-	2	5.40	3	5.26	5	5.32
- Vou estudar EF	3	8.82	3	6.25	6	7.32	-	-	4	7.02	4	4.25
- O esp.é important	3	8.82	10	20.83	13	15.85	-	-	-	-	-	-
- Decidi continuar	3	8.82	-	-	3	3.66	-	-	-	-	-	-
- Seguir carreira	1	2.94	-	-	1	1.22	-	-	-	-	-	-
- Pode-se aplicar os conhecimentos	1	2.94	1	2.08	2	2.44	-	-	-	-	-	-
TOTAL	34	100	48	100	82	100	37	100	57	100	94	100

Na entrevista, os alunos repetiram diversas vezes que muitos professores ministram as suas aulas de uma forma diretiva, sem diálogo, às vezes aos gritos ou utilizando apitos; desatualizados e pouco democráticos, afastam os alunos e desmotivam-os para uma futura prática esportiva continuada.

Nas aulas ministradas no período noturno, o professor não tendo instalações iluminadas para ministrar os esportes de alto nível, vê-se obrigado a optar por outros esportes ou atividades físicas e recreativas, que nem sempre gosta ou está preparado, razão pela qual as suas aulas tornam-se desmotivantes para si próprios e mais ainda para o aluno. Neste período, as aulas de Educação Física são de curta duração, com quarenta ou quarenta e cinco minutos e são ministradas em dois dias da semana. As aulas do período diurno, três vezes por semana, são ministradas em horários intercalados com as restantes disciplinas e, tendem também, a serem curtas.

A alguns alunos desta série de escolaridade falta tempo para o esporte, devido geralmente à necessidade de trabalhar e de estudar simultaneamente, bem como a aqueles que estão se preparando para as provas de ingresso na Universidade (vestibular) e que necessitam portanto, estudar praticamente todo o dia. Nesta investigação, esta última justificativa só foi citada pelas alunas, observando-se também que não estavam motivadas para a prática esportiva continuada pelo fato de não gostarem de Educação Física.

Uma das questões que não foi colocada e que ficou por ser respondida, foi: porque razão não gostavam desta disciplina? Esta resposta está porém contida um pouco em cada uma das respostas apresentadas.

Diversos alunos de ambos os sexos afirmaram que o seu interesse pela Educação Física era anterior ao ingresso nessa escola, justificativa que vem demonstrar que, ao passar de uma escola para outra, o aluno sente a diferença dos conteúdos, do planejamento, dos métodos de trabalho e também da maior ou menor motivação dos professores.

Nas escolas brasileiras, é comum o aluno passar, durante a sua vida escolar, por diversos professores de Educação Física, até chegar à 3ª série do 2º Grau. Nos onze anos de escolaridade no ensino médio, poderá então, passar por três, quatro ou mais professores. Na passagem de um professor para outro, e dependendo da maior ou menor motivação que recebe, o aluno pode, por vezes, aumentar ou perder o interesse adquirido anteriormente.

A especialização dos alunos, visando integrar uma seleção da escola para participar em jogos e em campeonatos escolares, faz, por vezes, com que o professor leccione durante o ano todo, ou até durante anos seguidos, um mesmo esporte, que nem sempre é do agrado de todos. Este problema, aliado ainda à marginalização dos alunos menos dotados para participar nesta escolha, desmotiva-os para uma prática esportiva continuada. Todos quanto foram escolhidos e que participam nessas seleções, ao verificar que as suas equipes nem sempre conseguem sagrar-se vencedoras, sentem que falta à sua escola condição de competir com outras pertencentes à rede particular de ensino e, por este motivo, desejam por vezes sair das escolas públicas para ingressarem naquelas.

Observa-se também, que os alunos mais dotados esportivamente, costumam procurar as escolas que possuem seleções mais fortes. É também comum as escolas do ensino particular utilizar as suas seleções esportivas como publicidade dos seus cursos, fato que desagrada aos alunos que não possuem condições financeiras para aí ingressar. Ao verificar que as equipes das suas escolas não conseguem vencer, ano após ano, podem desmotivar-se para a prática da Educação Física Escolar e principalmente para a prática de esportes de alto nível.

Sobre o interesse pela prática esportiva continuada, alguns afirmaram que a motivação deve ser própria; outros, que falta interesse ao aluno e outros ainda, que há falta de interesse em ambas as partes. Estas respostas revelam que a motivação para a prática da Educação Física deve ser procurada tanto pelo aluno como pelo professor e também que o professor nem sempre promove a motivação do aluno, o que o predispõe para um desinteresse pela atividade esportiva na escola. Pode-se então, afirmar que a motivação para a prática esportiva continuada deve ser desenvolvida pelo professor, desde o momento em que o aluno ingressa na escola.

Alguns alunos relataram porém, que este trabalho faltou quando cursavam os primeiros anos da escola, razão pela qual lhes faltaria a motivação necessária quando completassem o ensino secundário.

Outros, apontaram uma ausência de objetivos nas aulas de Educação Física, que, repetitivas e desprovidas de atividades alternativas, são ministradas como que cumprindo um ritual ou uma obrigação para cumprir o calendário escolar. Outros, finalmente, assinalaram que as aulas de Educação Física eram planejadas para que o aluno se tornasse um atleta de alta competição e, como não tinham interesse em se tornarem profissionais do esporte, mas sim em seguir uma carreira para qual estavam mais vocacionados, desinteressavam-se até da sua própria prática esportiva.

Estas respostas evidenciam os diferentes fatores condicionantes da desmotivação do aluno para uma prática esportiva continuada e também, que a desmotivação pode acontecer no início dos seus estudos, durante a sua formação, ou a partir das sucessivas mudanças de professores de Educação Física.

Pode ocorrer devido ao conteúdo, ao planejamento e à forma como as aulas, as atividades extra-classe e as atividades extra-escolares são desenvolvidas; ocorre igualmente, devido a determinados professores, a quem muitas vezes falta o diálogo, o interesse e a motivação própria, além de uma formação adequada para motivar o aluno para a prática na comunidade.

Em síntese, as respostas dos alunos parecem evidenciar que a Educação Física atual não os consegue motivar para as atividades que oferece por carecer de novas alternativas que a torne interessante e motivadora. Entende-se porém, que para se criar o hábito da prática continuada de atividades físicas, é necessária uma série de ações por parte do professor de Educação Física. Com este objetivo, questionou-se aos alunos se os seus professores costumavam organizar alguma atividade extra, além das suas aulas.

Na pesquisa de 1988, 40.00% dos alunos e 56.00% das alunas responderam positivamente. Em 1993, este número subiu para 59.26% entre os alunos e 56.12%

As atividades extras

Sobre os tipos de atividades extras que lhes são proporcionadas, as respostas dos alunos foram distribuídas separadamente em: atividades extra-classe e atividades extra-escolares.

Os professores de Educação Física para motivarem as suas aulas, costumam utilizar outros processos que são diferentes dos que normalmente são ministrados aos alunos nas aulas normais. Levam-nos a outros locais para aí organizar aulas ou atividades, cujos objetivos e procedimentos, normais ou diferentes das aulas habituais, visam fugir à rotina e motivar os alunos.

Colocada depois nova questão, e separadamente por sexo, para os que responderam afirmativamente visando saber quais eram essas outras formas que são ministradas, foram indicadas as seguintes:

a) Atividades extra-classe

Sobre a oferta dessas atividades na escola, os alunos assim responderam:

Sobre a oferta dessas atividades na escola, os alunos assim responderam:

TABELA 23. ATIVIDADES EXTRA-CLASSE MINISTRADAS AOS ALUNOS

ATIVIDADES	1988						1993					
	ALUNOS		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Jogos inter-classe	23	37.42	15	15.46	38	28.57	24	75.00	41	52.57	65	59.11
- Festivais de jogos	9	25.00	13	13.40	22	15.54	6	18.74	18	23.08	24	21.82
- Jogos para alunos												
- e não alunos	3	8.33	3	3.09	6	4.51	-	-	2	2.56	2	1.80
- Recreio dirigido	1	2.78	11	11.11	12	9.02	1	3.13	-	-	1	0.90
- Gincanas	-	-	44	45.37	44	33.09	1	3.13	12	15.38	13	11.82
- Danças folclóricas	-	-	7	7.22	7	5.26	-	-	5	6.41	5	4.55
- Caminhadas	-	-	4	4.12	4	3.01	-	-	-	-	-	-
TOTAL	36	100	97	100	133	100	32	100	78	100	110	100

Os jogos e as competições inter-classes são as atividades mais ministradas pelos professores, na opinião dos rapazes. Ocorrem sob a forma de torneios, ou de campeonatos, predominando os esportes de competição, com regras semelhantes às das competições nacionais ou internacionais.

Os festivais de jogos são geralmente realizados nas aulas dos finais de bimestre, destinadas à recuperação dos alunos que não tiveram notas ou frequência mínimas nas aulas ministradas neste período. Talvez por serem atividades praticamente obrigatórias, foi citada pelos rapazes como sendo a segunda mais freqüente. As restantes atividades ocorrem esporadicamente nesta ou naquela escola, tais como acontece com os festivais de jogos com a presença de alunos das outras escolas, que por serem pouco freqüentes, só foram citados em terceiro lugar.

Das atividades extra-classe lecionadas às alunas, as gincanas são as mais freqüentes, constatando-se também, em número significativo, os recreios dirigidos. As gincanas são atividades altamente exploradas pelas professoras durante os festivais de jogos que ocorrem nos finais de bimestre, sendo também bastante organizados pelas professoras das escolas normais visando uma futura aplicação no magistério infantil. Os recreios dirigidos ocorrem mais freqüentemente nestas turmas ou nas turmas da 1ª à 4ª série de escolaridade.

Como acontece com os rapazes, as competições inter-classes e os festivais de jogos são atividades onde predominam os esportes de competição. Realizados nos finais do período, são disputados pelas turmas de Educação Física ou por turmas de uma determinada série de escolaridade ou ainda pelas seleções dessas série.

As danças folclóricas são atividades incentivadas pelas Secretarias de Educação de todos os Estados do Brasil. Durante todo o mês de Agosto e coincidindo com o dia do folclore, as escolas costumam organizar ou participar nos festivais de folclore desenvolvidos pelos organismos educacionais e culturais dos Estados e dos

Esta é talvez a razão pela qual são relativamente bem citadas entre as atividades extra-classe desenvolvidas pelas professoras; sendo raramente ministradas pelos professores, constituem mais uma das atividades femininas, onde ocasionalmente participam os rapazes. Não se constituem numa atividade regular, ocorrendo somente nas épocas referidas.

Nos últimos anos tem ocorrido no Estado do Paraná, a formação de grupos folclóricos de inúmeras etnias, fato que tem colaborado para o incremento dessas danças entre as atividades extra-classe ministradas pelos professores, principalmente no ensino da 1ª à 4ª série do primeiro grau.

O item caminhada só foi citado pelas alunas das turmas de formação para o magistério e somente numa das escolas, onde a sua professora costuma organizar passeios a pé ou ciclísticos pelas proximidades. Os festivais de jogos para alunos e não alunos da escola são organizados em forma de competição entre as escolas do município e acontecem geralmente em períodos especiais, nos finais de ano letivo.

A comparação entre os dados destas duas tabelas, mostra que existem atividades típicas femininas, o que não acontece com os rapazes. Em ambos os casos, há festivais de jogos do tipo "Esporte para Todos", desenvolvidas a partir de convênios com as escolas de Educação Física locais, ou com as secretarias municipais de esportes.

Outra questão colocada, foi a de saber se os alunos costumam praticar algum esporte ou atividade Física na escola, além das suas aulas normais de Educação Física, à qual só 23% dos rapazes e 6% das moças responderam afirmativamente, citando para tal os seguintes motivos:

Para os alunos, a presença dos amigos, o gosto pessoal pelo esporte e a fato de já praticarem nas aulas, foram os motivos mais marcantes em relação à influência do professor. Alguns afirmaram também, que essa prática se devia ao fato de já praticarem anteriormente naquela escola ou noutra aonde estudaram, ou por vontade pessoal.

Nas alunas, nota-se porém, uma influência marcante do professor, direta ou indiretamente. Devido ao componente afetivo, ou à falta de oportunidades para a prática esportiva, motivada ainda por um sentimento de proteção dos pais em relação às meninas, é comum que a motivação do professor as incentive para iniciarem-se numa carreira esportiva que, devido ao que já foi dito, pode ser de curta ou longa duração. Todavia, a maioria disse praticar em horários extra-classe também o mesmo esporte que praticam nas aulas de Educação Física. Somente uma aluna justificou fazê-lo por já ter praticado anteriormente; outra, para vir a ser atleta e outra ainda, por ter sido atleta.

Os motivos que os levam a esta prática divergem muito de aluno para aluno e o professor pode ou não influenciar nessa decisão, como o demonstra a tabela 24.

Dos alunos que responderam afirmativamente, os dados apresentados demonstram que os esportes e as atividades físicas ou recreativas que os alunos praticam na escola em horários extra-classe, são os mesmos que desenvolvem nas suas aulas e que, com raras exceções, coincidem com os ministrados regularmente pelos professores de Educação Física na maioria das escolas brasileiras, ou seja, o basquetebol, o voleibol, o andebol e o futebol, cuja ordem se altera em alguns Estados, mas mantém a predominância deste "quarteto".

Os principais motivos apontados são mostrados na seguinte tabela:

TABELA 24. FATORES QUE MOTIVAM PARA A PRÁTICA EXTRA-CLASSE NA ESCOLA

MOTIVOS	1988						1993					
	ALUNOS		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Já praticava nas aulas	6	28.57	8	72.73	14	43.75	1	12.50	1	12.50	2	12.50
- Para acompanhar os amigos	5	23.81	-	-	5	15.64	3	37.50	2	25.00	5	31.25
- O gosto pelo esporte	4	19.06	-	-	4	12.50	4	50.00	4	50.00	8	50.00
- Já praticava antes da escola	2	9.52	1	9.09	3	9.38	-	-	-	-	-	-
- Por influência do professor	2	9.52	-	-	2	6.25	-	-	1	12.50	1	6.25
- Por vontade própria	1	4.76	-	-	1	3.12	-	-	-	-	-	-
- Por ser bom para a saúde	1	4.76	-	-	1	3.12	-	-	-	-	-	-
- Por ter sido atleta	-	-	1	9.09	1	3.12	-	-	-	-	-	-
- Para ser um atleta	-	-	1	9.09	1	3.12	-	-	-	-	-	-
TOTAL	21	100	11	100	32	100	8	100	8	100	16	100

Revelam também uma clara predominância dos esportes praticados nas quadras sobre os praticados noutras instalações e dos esportes coletivos sobre os individuais.

Um dos aspectos mais marcantes da Educação Física Escolar é a sua contribuição para a melhoria da relação da escola com a comunidade, daí porque a motivação do aluno para a prática esportiva continuada, passa pela sua participação nas atividades extra-escolares, pela influência direta da escola ou pelo seu interesse pessoal.

b) atividades extra-escolares

Para conhecer mais sobre o que desenvolvem além das suas aulas e das atividades esportivas promovidas na escola, motivo que os levam a praticar esportes ou outra atividade Física ou recreativa fora da escola, em horários extra-classe, além do que ou quem os motivava para tal, foi então perguntado se costumavam praticar alguma atividade Física ou esportiva fora da escola.

Em 1988, tinha-se verificado que, enquanto mais da metade dos rapazes (52%) responderam afirmativamente, a maioria das moças (79%), pelo contrário, afirmaram nada praticar.

Em 1993, mais uma vez as respostas negativas sobrepujaram as positivas, pois enquanto o percentual dos alunos que responderam positivamente baixou para 40.74%, o das alunas foi de 23.02%.

Em ambos os sexos, esta prática acontecia em média duas vezes por semana, principalmente nas academias, nos clubes e nos centros esportivos.

Os principais locais apontados são mostrados na seguinte tabela:

TABELA 25. LOCAIS ONDE OS ALUNOS PRATICAM ATIVIDADES FÍSICO-MOTORAS FORA DA ESCOLA

LOCAIS	1988						1993					
	ALUNOS		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Ruas	1	2.13	4	11.11	5	6.03	6	27.26	7	21.88	13	24.07
- Escolinhas nat	-	-	2	5.56	2	2.41	2	9.09	5	15.63	7	12.96
- Academias	11	23.40	8	22.22	19	22.89	-	-	6	18.75	6	11.11
- Clubes	6	12.76	8	22.22	14	16.88	1	4.55	2	6.25	3	5.56
- Centro Esport.	8	17.02	5	13.87	13	15.66	2	9.09	2	6.25	4	7.41
- Praça pública	3	6.38	-	-	3	3.61	3	13.64	3	9.37	6	11.11
- Universidades	1	2.13	2	5.56	3	3.61	2	9.09	2	6.25	4	7.41
- Local trabalho	1	2.13	2	5.56	3	3.61	3	13.64	-	-	3	5.56
- Campo de Fut.	5	10.64	-	-	5	6.03	-	-	-	-	-	-
- Clube Futebol	3	6.38	-	-	3	3.61	2	9.09	-	-	2	3.70
- CSU	2	4.26	2	5.56	4	4.82	-	-	-	-	-	-
- Ginásio Esport.	1	2.13	2	5.56	3	6.03	-	-	-	-	-	-
- SESC	2	4.26	-	-	2	2.41	-	-	1	3.12	1	1.85
- Outros locais	3	6.38	1	2.78	4	4.82	1	4.55	4	12.50	5	12.96
TOTAL	47	100	36	100	83	100	22	100	32	100	54	100

As respostas, dada a sua diversidade, mereceram as seguintes considerações:

- **Ruas:** Em muitas cidades do Estado do Paraná, é hoje normal cercar-se parte de uma determinada rua para a prática de esportes. Pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, jogam aí o futebol, o voleibol, a queimada, a amarelinha, a bocha, a peteca e muitas outras formas esportivas. Nesses encontros, que são mais freqüentes nos finais de semana e também nos dias feriados ou datas de festejos populares, os alunos reúnem-se com os vizinhos e com os amigos. Além dos esportes, organizam-se festas, quermesses e outras promoções, com a inclusão de programas de manutenção Física e, muitas vezes, do canto e da dança.

- **Escolinhas esportivas:** A prática nesses locais talvez seja devido à falta de piscinas na maioria das escolas brasileiras, ou por não ministrarem os esportes oferecidos nas academias, além de que, na maioria dos casos, não celebram convênios com as entidades da comunidade para tal fim. Os alunos que podem pagar, procuram-nas para aprenderem a nadar, para pertencerem a alguma equipe competitiva ou para simplesmente praticar o seu esporte favorito.

- **Academias:** Desenvolvem diferentes formas de ginástica, de musculação, de condição física, esportes de ataque e defesa, além de outras atividades.

- **Praças públicas:** Em diversos pontos do país, as cidades têm, cada vez mais, aproveitado as praças públicas para as atividades do esporte e de lazer, onde, nas quadras ou noutras instalações esportivas aí construídas os alunos praticam atividades esportivas e recreativas.

- **Clubes:** Nesses locais, praticam esportes sob uma forma recreativa ou de treino, nas suas equipes competitivas; podem também praticar ginástica de manutenção ou ingressar nas escolinhas de iniciação esportiva. Nos **centros esportivos** e nos **centros sociais urbanos**, desenvolvem a iniciação em modalidades esportivas iguais ou diferentes dos que praticam nas escolas, visando aperfeiçoar-se ou participar das suas equipes competitivas.

- **Centros esportivos:** Nesses locais, muitas vezes, além do seu interesse esportivo, participam também nas atividades culturais e/ou sociais que são lá oferecidas.

Os outros locais que mencionaram para essa prática, foram os seguintes:

- **Campos de futebol de pelada:** São os principais locais para a prática dos alunos em atividades extra-escolares. Qualquer local, terreno baldio, quintal, etc., é aproveitado ou improvisado. Qualquer objeto, de qualquer altura, serve para se construir uma trave e se praticar o futebol. Qualquer bola, de qualquer tamanho, forma ou material é utilizada nas peladas. E joga-se até sem bola, substituindo-a por qualquer objeto, semelhante ou não. Algumas cidades brasileiras têm incentivado a construção de instalações esportivas rústicas em quintais e de equipamentos e materiais alternativos, visando estimular a prática esportiva da população. (COMUNIDADE ESPORTIVA, 1982; 1984)

- **Ginásios de esportes:** Podendo ser públicos ou pertencentes a qualquer clube da cidade, são locais para onde são geralmente enviados os alunos do esporte de alto nível, quase sempre por iniciativa dos seus professores, que os indicam aos treinadores que aí preparam as equipes competitivas dos próprios clubes ou das seleções municipais. Esse treinador muitas vezes é o próprio professor da escola. O aluno é visto por pessoas ligados àquelas equipes que os convidam para nelas ingressar.

- **Campos de futebol:** Podendo ser mantidos pelos órgãos esportivos do município ou pertencer a alguma entidade particular, tais como os clubes, as associações ou outras entidades, os alunos procuram-nos, não para serem futuros jogadores de futebol, mas, quase sempre, para o seu lazer, para passar tempo ou pelo prazer pessoal.

- **Centros esportivos universitários:** As universidades brasileiras costumam abrir as suas instalações esportivas à população das cidades aonde estão instaladas para atividades sob a forma de extensão universitária dos cursos de Educação Física. Em escolinhas esportivas, ou celebrando convênios com as escolas circunvizinhas, clubes e organismos esportivos municipais ou colocando as suas instalações esportivas à disposição da comunidade, quer individualmente ou então através das entidades comunitárias, os alunos das escolas vão aí praticar esportes ou outra atividade Física.

• **Locais de trabalho:** As empresas de comércio, da indústria, de transportes, da construção civil e outras, estão cada vez mais construindo clubes, sedes campestres, locais e instalações para a prática esportiva dos seus funcionários, aproveitando os horários de folga ou de lazer, para o que recebem, freqüentemente, incentivos governamentais, tais como: isenção de parte do imposto de renda e outros. Muitos alunos, complementam ou substituem assim a Educação Física Escolar, praticando esportes nos seus próprios locais de trabalho.

• **Serviços sociais:** Tanto no SESC, como no SESI ou noutro tipo de instituição criada com fins sociais, os alunos procuram nas atividades que aí são oferecidas, a alternativa ou o complemento para a Educação Física Escolar.

• **Outros locais:** Entre os rapazes, os restantes locais que mencionaram para a sua prática esportiva extra-escolar, foram: quadras, pistas de atletismo ou a pista municipal de condição Física (circuito de manutenção). Pela sua própria natureza, esses locais são logradouros públicos que permitem a prática de toda a população, pelo que são procurados pelos alunos das escolas de todas as categorias sociais. Só uma das alunas disse praticar numa quadra particular.

Poucos alunos (13.33% dos rapazes e 1.72% das moças, em 1988 e 12.96% e 5.04%, respectivamente em 1993) afirmaram praticar atividades físico-motoras em mais de um local além da escola, prática que em ambos os sexos era efetuada em média, uma vez por semana, em locais semelhantes dos já mencionados.

Após estas considerações, pode-se julgar que são inúmeras as possibilidades da prática esportiva e/ou físico-motora extra-escolar dos alunos das escolas estaduais de ensino.

Apesar de muitos deles possuírem um tempo reduzido para essa prática devido à necessidade de trabalhar além de estudar, a variedade da oferta pressupõe que a pouca disposição não é devida à falta de locais ou de oferta esportiva, mas à falta de hábitos ou de aprendizagem de uma cultura esportiva. Presume-se que a escola é então, a grande culpada pela falta de motivação para esta prática.

Como em muitas profissões e habilitações, a cultura esportiva é um dos pressupostos essenciais à vida, pelo que poderia e deveria ser cultivada pelo aluno desde a mais tenra idade, sendo a escola um dos terrenos mais férteis para atingir esse objetivo.

Torna-se pois necessário que se proporcione a motivação necessária para que o aluno faça da prática esportiva um hábito e para que o desenvolva, na escola e na comunidade. A Educação Física Escolar deve então, estar preparada para ser o agente desta prática na comunidade, sendo o seu principal motivador.

A Educação Física como fator de motivação para a prática esportiva continuada

Para atender a este objetivo, solicitou-se inicialmente que indicassem, separadamente por sexo, os principais motivos para continuar a praticar esportes regularmente, inclusive após a conclusão dos seus cursos escolares.

TABELA 26. MOTIVOS PARA UMA PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA

MOTIVOS	1988						1993					
	ALUNOS		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- É bom para a saúde	55	61.11	107	61.50	162	61.37	34	62.97	85	61.15	119	61.66
- Relax para o estudo/trabalho	16	17.78	32	18.39	48	18.18	15	27.78	31	22.30	46	23.83
- Descobre-se novos atletas	6	6.67	18	10.34	24	9.09	2	3.70	9	6.47	11	5.70
- Fazem-se novos amigos	5	5.56	1	0.60	6	2.27	2	3.70	5	3.60	7	3.63
- Massificação esportiva	3	3.33	3	1.72	6	2.27	-	-	2	1.44	2	1.04
- Novas vocações esportivas	2	2.22	6	3.45	8	3.03	1	1.85	5	3.60	6	3.10
- Bom nos momentos ociosos	1	1.11	4	2.30	5	1.89	-	-	2	1.44	2	1.04
- A sua prática dá prazer	1	1.11	1	0.60	2	0.76	-	-	-	-	-	-
- Auxilia a nossa formação	1	1.11	1	0.60	2	0.76	-	-	-	-	-	-
- Dá realização pessoal	-	-	1	0.60	1	0.38	-	-	-	-	-	-
TOTAL	90	100	174	100	264	100	54	100	139	100	193	100

As respostas dos alunos de ambos os sexos, e em ambas as ocasiões, revelaram que a saúde e o relaxamento para os estudos e para o trabalho, são as vantagens mais importantes para esta prática. Nota-se nas mesmas, que a prática por motivos de saúde e, especificamente, no cuidado com o corpo constitui a grande preocupação daqueles que desenvolvem uma atividade Física.

As demais respostas, com um menor percentual, indicaram que essa prática auxiliaria a fazer novos amigos e a descobrir novos atletas. Afirmaram ainda, que serviria para o desenvolvimento de um processo de massificação esportiva, concorrendo também para a descoberta de novas vocações para o esporte.

Alguns, referindo-se talvez a um aspecto mais educacional, disseram que contribuiria para a formação e para o desenvolvimento da criança bem como para a manutenção do condicionamento físico das pessoas de todas as idades. Alguns, ressaltaram também o aspecto social que essa atividade proporciona aos praticantes. Outros ainda, referindo-se à prática esportiva do ponto de vista desta atividade praticada por recreação, disseram que a mesma constituía uma alternativa para os momentos ociosos (dos tempos livres), cuja prática lhes daria prazer, alegria e/ou realização pessoal, devido às características lúdicas.

Notou-se então, ao contrário do que se esperava, que a prática por motivos de competição, no sentido dos esportes de alto nível, foi substituída principalmente pelos motivos de saúde e de lazer. Estas e outras conclusões que, em maior ou menor percentual, repetiram-se nas duas ocasiões em que foram efetuadas, levaram-nos a procurar conhecer a opinião dos alunos sobre o que faltaria à Educação Física Escolar para conseguir tal objetivo.

A última questão colocada aos alunos, sobre o que estaria faltando à Educação Física Escolar para os motivar para uma prática esportiva continuada, visava proporcionar uma melhor visão da realidade; conhecer se os conteúdos oferecidos pela

Educação Física Escolar estavam coerentes com os seus interesses, necessidades e desejos, poderia nos levar a obter uma perspectiva sobre as contradições entre o que recebiam e aquilo que realmente desejavam desta atividade escolar.

As suas respostas, ordenadas separadamente por sexo, evidenciam que a massificação da oferta esportiva à população no sentido da quantidade pode resultar na prática não só dos indivíduos mais dotados como também de uma outra parcela expressiva da população que anseiam ou que necessitam desta prática, sem contudo direcionarem-se para uma prática competitiva até por não ter qualidades físicas ou técnicas para isso.

Assim sendo, as opiniões apontaram para a necessidade de se ofertar novos esportes, horários adequados à todos, novos locais ou o aproveitamento total dos locais já existentes, com estas atividades sendo oferecidas pelas próprias entidades ou sob a forma de convênios com outros locais da comunidade, como se observa na tabela 27.

Uma comparação entre os resultados apresentados pelos alunos de ambos os sexos, mostra que a resposta mais freqüente entre as citadas pelos rapazes e a segunda pelas moças: **faltam mais opções esportivas**, em 1988, e com uma inversão em 1993, revela que a falta de alternativas, além das ministradas nas aulas de Educação Física, constitui um dos principais obstáculos para a prática esportiva continuada.

Afirmam que os seus professores costumam proporcionar pouco além de alguns esportes coletivos, da ginástica rítmica e do atletismo, entre as atividades individuais. Esses fatores, aliados aos planejamentos, que prevêem uma, duas ou no máximo quatro atividades por ano, muitas vezes repetidas anos seguidos, desmotivam a maioria dos alunos do gosto por uma prática regular.

TABELA 27. OPINIÃO SOBRE O QUE FALTA À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA OS MOTIVAR PARA UMA PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA

OPINIÕES	1988						1993					
	ALUNOS		ALUNAS		GERAL		ALUNOS		ALUNAS		GERAL	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
- Motivar todos os alunos	21	23.33	62	35.64	83	37.42	18	33.34	42	30.22	60	31.09
- Mais opções esportivas	31	34.05	43	24.71	74	28.03	14	25.93	44	31.65	58	30.05
- Jogos internos	15	16.67	21	12.07	36	14.39	6	11.11	17	12.23	23	11.92
- Atividades extra-classe	6	6.67	16	9.20	22	7.95	8	14.81	13	9.35	21	10.88
- Clubes escolares	3	3.33	15	8.62	18	6.82	4	7.41	7	5.04	11	5.70
- Convênios	7	7.78	2	1.15	9	3.41	2	3.70	9	6.47	11	5.70
- Palestras s/a Ed. Física	4	4.44	5	2.87	9	3.41	-	-	-	-	-	-
- Atividades	1	1.11	5	2.87	6	2.27	-	-	4	2.88	4	2.07
- Motivação dos professores	-	-	3	1.72	3	1.14	-	-	3	2.16	3	1.55
- Horários mais adequados	1	1.11	2	1.15	3	1.14	-	-	-	-	-	-
- Mais recursos	1	1.11	-	-	1	0.38	1	1.85	-	-	1	0.52
- Exigir mais dos alunos	-	-	-	-	-	-	1	1.85	-	-	1	0.52
TOTAL	26	100	22	100	48	100	39	100	27	100	66	100

Muito freqüente também nos alunos de ambos os sexos, a resposta **motivar todos os alunos e não só os que se destacam nas aulas e/ou nas atividades extras**, constitui um problema que é um dos mais relevantes na atual Educação Física Escolar brasileira. A tendência para os esportes de alto nível, faz com que se procurem os destaques para as equipes que participarão dos Jogos Escolares. Quando o professor ministra as aulas e, simultaneamente, treina as equipes competitivas da escola, acaba fatalmente por dar mais atenção às suas equipes e menos aos alunos que só participam das aulas, o que desagrada à maioria dos alunos, pois só uma pequena parte pertence à essas equipes.

A reflexão sobre as outras opiniões apresentadas pelos alunos de ambos os sexos, conduz-nos às seguinte síntese:

- * **Jogos e competições internas:** Constituindo a terceira falta mais citada pelos alunos de ambos os sexos, percebe-se nas respostas a existência de uma deficiente proposta por este tipo de atividade. Este fato revela o paradoxo da atual Educação Física Escolar: por um lado, uma acentuada tendência dos professores e dos alunos para os esportes de competição e, por outro, a falta de um número satisfatório dessas atividades nas escolas.

Analisando estas respostas mais profundamente, verifica-se que as atividades extra-classe costumam ser propostas por professores mais motivados para os esportes de alto nível, ou então, durante os períodos de recuperação escolar, nos finais dos bimestres ou do ano letivo. Por não constituir uma das atividades "obrigatórias" da escola, isto é, que não constam do seu calendário oficial, dependem muito da maior ou menor motivação do professor de Educação Física.

- * **Convênios com instituições esportivas da cidade:** Apesar da maioria das escolas públicas possuir instalações para a prática da Educação Física, a maioria delas não serve para a prática dos esportes de alto nível que, exigindo medidas padrões e outros requisitos técnicos, só podem ser praticados em determinados locais, quase sempre inexistentes nas escolas.

Para que os seus alunos possam praticar ao lado de atletas de alta competição e assim motivá-los, aperfeiçoá-los ou ganhar experiência, muitos professores costumam celebrar convênios com as entidades esportivas da cidade, visando assim, a sua melhor participação nas competições estudantis. Porém, a maioria dos professores só trabalham nas suas escolas, pelo que os alunos mais voltados para esse tipo de trabalho e cujas escolas não possuem as condições referidas, costumam ressentir-se.

Além dos esportes de competição, muitos alunos gostariam de praticar um esporte para o qual a escola não possui instalações, como, por exemplo, a natação e o judô. Neste caso, o convênio proporcionaria esta prática. Tendo sido bem citado pelos rapazes, não o foi porém pelas moças, talvez por não estarem tão direcionadas para a competição, embora igualmente gostassem que lhes fossem oferecidas mais opções esportivas.

- * **Mais atividades extra-classe e extra-escolares:** Segundo os alunos de ambos os sexos, os professores não lhes têm proporcionado suficientes atividades extra-classe e extra-escolares, cuja causa talvez seja o reduzido horário das aulas de Educação Física, devido ao pouco tempo disponível para elas e pelo fato do professor quase sempre lecionar em mais de uma escola.

Para que o aluno se motive para a prática esportiva, necessita porém de diferentes experiências e não só as que lhes são proporcionadas na sala de aula. Sentem a falta dessas atividades, principalmente vendo-as ser realizadas noutras escolas semelhantes às suas.

Questiona-se então: "porque razão alguns professores as oferecem e outros não?" Julga-se que se trata da falta de um adequado planeamento das aulas, aliado a falta de motivação pessoal do professor.

- * **Organizar palestras e conferências, dirigidas aos alunos, sobre a importância da Educação Física** - Uma das "lendas" que ainda existe na Educação Física Escolar é a de que os alunos não apreciam as aulas teóricas, só gostando de efetuar aulas práticas. A criança e o jovem, são seres reconhecidamente mais predispostos para as atividades psicomotores do que para qualquer outra. Porém, para que passem a gostar de uma atividade e a faça um hábito, necessitam de ser convencidos das suas vantagens. E, para que tal aconteça, necessita de um diálogo constante acerca desse assunto.

Este diálogo, que deveria ser incentivado pelo seu professor de Educação Física e reforçado através de palestras, de conferências, de filmes e de projeções periódicas, constitui uma das faltas apontadas por grande parte dos alunos.

- * **Criar clubes escolares:** Visando a prática dos alunos e dos seus familiares, nos fins de semana, foi uma opinião mais citada pelas alunas do que pelos alunos. É uma solução para a necessidade esportiva de uma série de alunos que não praticam esportes fora das suas escolas. Muitos deles não possuem condições para se filiarem em clubes ou noutra instituição para a prática esportiva, ou por serem longe das suas residências, ou por exigirem uma jóia ou mensalidade ou ainda, por não terem a autorização dos seus pais.

Embora sejam amparados pelas autoridades escolares, a falta destes projetos na maioria das escolas, constitui, segundo os alunos, uma das faltas, para que, juntamente com os seus familiares, colegas e outros membros da comunidade ligada a escola, pudessem praticar mais regularmente e assim, encontrar a motivação necessária para que essa prática se torne numa futura atividade regular.

- * **Atividades esportivas com a participação dos alunos da escola, de outras escolas e dos membros da comunidade:** Outro grande problema das escolas, é, em qualquer parte do mundo, a segurança das suas instalações. Por este motivo, muitas escolas fecham as suas portas a todos que não são seus alunos. Assim sendo, ou não se organizam atividades com a participação da comunidade, ou se limita esta

participação aos seus alunos e principalmente, nos horários das aulas. Julga-se que a causa da não proposta de atividades conjuntas, seria mais devida aos aspectos de planejamento, à falta de tempo, de calendário, de motivação pessoal e de outros, do que ao aspecto supra citado. A falta da oferta dessas ações bem como as escolas sempre fechadas, além das suas aulas " normais ", constituem um óbice para o aluno e uma falta para a escola, que deveria promover ao máximo o intercâmbio com a sua comunidade.

- * **Horários adequados aos alunos que trabalham:** é uma falta apontada por um aluno e uma aluna que desejavam que fosse estudado um horário adequado para os que gostariam de praticar, mas num horário diferente ao das outras aulas. Muitas escolas prevêem esses horários, que nem sempre são aproveitados pelos seus alunos, pelo que não se tornam uma atividade regular.

Além dos aspectos referidos, e que foram os mais citados pelos alunos, acrescentaram ainda, a falta de mais recursos à Educação Física Escolar, não mencionando porém, de que tipo e nem de como poderiam contribuir para o aumento do seu interesse pela prática esportiva continuada.

As moças disseram, no final, que uma das causas para esse desinteresse, seria o de faltar maior motivação, incentivo e interesse não ao aluno mas ao professor. Em suma, que o professor é o problema!

5.2.3 - A opinião dos dirigentes esportivos

Procurando conhecer a opinião dos dirigentes esportivos dos diferentes organismos e instituições paranaenses que proporcionam a prática físico-motora à população sobre a atuação da Educação Física Escolar na motivação dos seus alunos para desenvolverem esta prática na comunidade, entrevistou-se respectivamente treze sujeitos em 1988 e dezessete em 1993.

Estas entrevistas destinaram-se aos dirigentes ou funcionários dos organismos que oferecem uma prática diversificada, tais como: o esporte, o lazer, a recreação e/ou outras formas. Independente da sua função ou sexo, procurou-se entrevistar os principais responsáveis, como os chefes de divisão, diretores de departamentos, secretários, gerentes ou outra função, que pudessem prestar as informações desejadas.

Questionados acerca da sua prática esportiva pessoal, a fim de se poder verificar a influência que exercem nas atividades proporcionadas aos freqüentadores das suas entidades, a maioria dos entrevistados (86.00% em 1988 e 59.00% em 1993) afirmou que praticava algum tipo de atividade física ou esportiva regularmente, e que essa atividade era realizada, em média, duas vezes por semana. Das atividades que disseram praticar, não se evidenciou o predomínio de um esporte sobre os restantes. Em ambas as amostras pesquisadas, verificou-se que alguns costumavam praticar regularmente mais de um esporte, igualmente duas vezes por semana.

Os principais motivos que levaram os entrevistados a estas práticas eram, por ordem, o lazer, a forma física. o treino esportivo e as atividades praticadas eram

aquelas que já praticavam na sua juventude, então sob a forma de treino ou de arbitragem, aquelas em que atuavam como dirigentes, na Educação Física escolar ou como simples lazer.

Observa-se que, na condição de dirigentes, levam geralmente para a sua instituição as atividades físicas, esportivas ou recreativas da sua preferência, que assistiam como espectadores ou que desenvolviam como atleta, árbitro ou dirigente, influenciando desta forma a prática dos seus frequentadores que não participam dessa escolha e portanto nem sempre praticam a atividade que necessitam ou desejam.

A pesquisa procurava saber quais os objetivos da área esportiva das instituições, conhecer as suas ofertas esportivas, bem como o processo de motivação que levava os seus frequentadores a procurá-las para a sua prática físico-motora e ainda outros aspectos.

Foram pesquisadas as instituições estaduais, municipais e particulares, utilizando-se para essa questão, perguntas abertas, pelo que, os itens citados na tabela 28 ultrapassaram largamente o número dos sujeitos. Desta forma, o percentual foi obtido, computando-se o número de respostas (n) em relação ao número de sujeitos (13 e 17, respectivamente em 1988 e 1993).

TABELA 28. OBJETIVOS ESPORTIVOS MAIS PRECONIZADOS PELAS INSTITUIÇÕES COMUNITÁRIAS

ANO OBJETIVOS	1988		1993	
	f	%	f	%
- Despertar vocações esportivas	8	61.54	9	52.94
- Ensinar novos esportes	7	53.85	9	52.94
- Formar atletas	6	46.15	6	35.29
- Formação corporal	5	38.46	6	35.29
- Preparar fisicamente	3	23.08	5	29.41
- Incentivar os esportes de lazer	6	46.15	1	5.89
- Fomentar a prática esportiva	2	15.38	3	17.65
- Despertar interesse sócio/afetivo	1	7.69	-	-
- Oferecer a preparação física, mental e espiritual do praticante	1	2.95	-	-
- Massificação esportiva	1	7.69	-	-
- Formação de professores	-	-	1	5.89

Os principais objetivos apontados nas duas investigações, e que pela ordem, foram: despertar novas vocações esportivas; ensinar novos esportes e formar atletas, revelam uma clara disposição em incentivar a iniciação esportiva e que os outros

valores do esporte, tais como o lazer, os interesses sociais, afetivos, mentais e espirituais, estavam num plano claramente inferior.

Verificou-se também que os objetivos sugeridos não são direcionados para a prática dos esportes de alta competição, como seria de supor, devido ao gosto do povo brasileiro pelo esporte competitivo. Pelo contrário, as instituições revelaram uma tendência para propor atividades voltadas para o lazer e para o bem estar dos seus freqüentadores. Só aquelas que diretamente são responsáveis pelo treino das equipes e das seleções esportivas, se manifestaram nesse sentido.

Admitia-se então que, para os dirigentes inquiridos, estes valores estavam inseridos na própria prática como reforço para a sua motivação e desenvolvimento. Hoje, nota-se uma maior valorização no aspecto da saúde e da imagem do corpo.

Os resultados encontrados, de certa forma já eram esperados, porque os clubes, as secretarias estaduais e municipais de educação e de esportes, as federações e as confederações, são, no Brasil, os principais organismos responsáveis pela prática dos esportes de alta competição.

Relativamente aos clubes, uma pesquisa realizada anteriormente (MARTINS JUNIOR, 1982:20), revelou que nem todos se inclinam para a faceta esportiva, preferindo as vertentes recreativas, culturais, sociais e outras.

Questionados a seguir, quais os principais tipos de atividades propostas pelos organismos e instituições comunitárias, os dados mostrados na tabela 29 leva-nos a concluir que costumam oferecer preferencialmente a recreação orientada, a iniciação esportiva, o treino e a formação corporal, cuja prática visa a recreação, o lazer e a iniciação esportiva dos seus freqüentadores

TABELA 29. TIPOS DE ATIVIDADE ESPORTIVA QUE DESENVOLVEM, EM ORDEM DE OFERTA

ANO TIPOS	1988		1993	
	f	%	f	%
- Iniciação esportiva	4	30.78	13	76.47
- Recreação orientada	3	23.08	4	23.53
- Formação corporal	2	15.38	-	-
- Treino	1	7.69	-	-
- Vários esportes a escolher	1	7.69	-	-
- Apoio técnico/financeiro	1	7.69	-	-
- Projetos esportivos estaduais	1	7.69	-	-
TOTAL	13	100	17	100

Deduz-se então, que as atividades mais oferecidas pelas diferentes instituições da comunidade, são as ligadas aos aspectos sociais, recreativos e de lazer dos seus freqüentadores. Embora mantenham trabalhos de iniciação esportiva e de treino, não são, na sua maioria, dedicadas ao desenvolvimento dos esportes de alta competição, fazendo parte de um conjunto de opções oferecidas aos que desejam praticar alguma atividade física.

Questionou-se a seguir sobre as causas que explicassem a preferência pela prática esportiva nesta ou naquela instituição. No inquérito feito aos dirigentes procurou-se não delimitar o número de respostas de cada um, deixando-os falar livremente, tendo assim, sido apontado os principais motivos que observam nas suas instituições.

TABELA 30. MOTIVOS QUE LEVAM O FREQUENTADOR À PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICO/MOTORAS NAS INSTITUIÇÕES DA COMUNIDADE

ANO PRINCIPAIS MOTIVOS	1988		1993	
	f	%	f	%
- Melhorar fisicamente	8	61.54	11	64.71
- Ser atleta	8	61.54	10	58.82
- Melhorar a estética corporal	4	30.77	8	47.06
- Fazer novos amigos	4	30.77	8	47.06
- Convênio com as escolas	3	23.08	4	23.53
- Passar tempo	3	23.08	3	17.65
- Por ter sido atleta	2	15.38	3	17.65
- Recreação e lazer	1	7.69	2	11.76
- Prática esportiva universitária	1	7.69	-	-
- Praticar um esporte diferente	1	7.69	1	5.88
- Iniciação esportiva	1	7.69	-	-
- Pelas atividades oferecidas	1	7.69	-	-
- Atraídos p/ tradição da instituição	1	7.69	-	-
- Para ter direito à merenda escolar	1	7.69	-	-
- Preparar-se profissionalmente	-	-	1	5.88

Nas duas oportunidades (1988 e 1993), pode-se observar o destaque de dois itens, entre os demais: **melhorar o condicionamento físico** e, **ser um futuro atleta**. Esses parecem ser os dois principais motivos que, ainda hoje, levam os freqüentadores a procurar as diversas instituições da comunidade para a sua prática esportiva pessoal, quer individualmente ou com as suas famílias.

Os dados mostraram porém, que outros motivos são bastante considerados para esta decisão, como o verificado no sexo feminino, que citaram a melhoria estética, passar tempo e fazer amigos e, em ambos os sexos, nos ligados à atual necessidade de lazer.

Algumas das instituições pesquisadas costumam ser freqüentadas por estudantes de todos os níveis de ensino, com uma prática que não é muito freqüente.

Além dos dados desejados, a pesquisa revelou também, a presença de um fenômeno que se verifica atualmente na comunidade brasileira, sobretudo nas mais necessitadas: em muitos locais, as crianças e os jovens freqüentam as atividades esportivas para poderem ter acesso à alimentação que lhes é servida paralelamente ao programa desenvolvido.

Deve-se ressaltar porém, que a distribuição desta merenda em atividades esportivas não é uma atividade regular do governo, fazendo parte de somente umas poucas instituições, através de convênios com os municípios ou por intermédio de uma regulamentação específica.

Verificou-se também, que as campanhas através dos meios de comunicação parecem ser a forma mais utilizada pelas instituições para atrair os freqüentadores.

TABELA 31. FORMAS DE INCENTIVO UTILIZADAS PELAS INSTITUIÇÕES PARA ATRAIR OS FREQUENTADORES

ANO PRINCIPAIS FORMAS	1988		1993	
	f	%	f	%
- Campanhas	9	69.23	12	70.59
- Convênios com as escolas	8	61.54	2	11.76
- Espontaneamente	6	46.15	11	64.71
- Indicados pelos professores	6	46.15	4	23.53
- Convênios com as empresas	4	30.77	3	17.65
- Divulgação nas escolas	1	7.69	-	-
- Divulgação nos locais atendidos	1	7.69	-	-
- Pela tradição da instituição	1	7.69	2	11.76
- Convênios com instituições	-	-	1	5.88
- Atraídos p/ proposta pedagógica	-	-	1	5.88

Os entrevistados afirmaram porém, que nas suas programações regulares, havia uma grande presença de estudantes dos três graus de ensino (1º e 2º graus e universitário), pelo que eram freqüentes os convênios com as escolas da comunidade, visando receber mais adeptos para as suas atividades regulares. Diversos dirigentes

responderam que o programa de atividades que desenvolviam constituíam, muitas vezes, um prolongamento da Educação Física Escolar.

Os professores das escolas vizinhas procuram as instituições da comunidade por diversas razões, do conjunto das quais, se destacam:

- ministrar as aulas de Educação Física;
- treinar as suas equipes competitivas para participarem nos jogos escolares da cidade, dos regionais e dos estaduais;
- aproveitar determinadas instalações especiais das mesmas, como piscinas, ginásios cobertos, pistas de atletismo, salas para judô e outras, a fim de poderem ministrar outros esportes, que nas suas instalações seriam impossíveis.
- celebrar convênios, visando colocar os alunos nas suas equipes competitivas;
- outras

Ocorre também, que muitas destas instituições, como por exemplo, o Serviço Social do Comércio (SESC), o Serviço Social da Indústria (SESI) e outras, são freqüentadas maioritariamente por empregados desses setores, pelo que, a divulgação das suas atividades é feita diretamente nos locais de trabalho. Outras, costumam atrair os seus praticantes devido à tradição da qualidade dos serviços que prestam à comunidade. Em muitos casos, a freqüência do praticante é, porém, espontânea, como se pode verificar a seguir.

TABELA 32. FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NAS ATIVIDADES ESPORTIVAS DAS INSTITUIÇÕES

ANO PRINCIPAIS FORMAS	1988		1993	
	f	%	f	%
- Espontaneamente	7	53.85	11	64.71
- Campanhas realizadas na escola	6	46.15	7	41.18
- Solicitação da escola	3	23.08	1	5.88
- Influenciada pelos seus professores	3	23.08	4	23.53
- Campanhas através da mídia	1	7.69	-	-
- Por ser associado da instituição	1	7.69	-	-
- Em atividades realizadas neste local p/instituições comunitárias	1	7.69	-	-

Era então importante saber qual a relação existente entre essas instituições e as escolas da comunidade. Assim sendo, as próximas questões abordam esta problemática.

A relação das instituições com as escolas

A maioria dos dirigentes entrevistados (71.00% em 1988 e 76.47, em 1993), afirmou que as suas instituições costumam manter ou promover atividades conjuntas com as escolas da comunidade.

TABELA 33. TIPOS DE RELACIONAMENTO MANTIDOS COM AS ESCOLAS

ANO TIPOS DE RELACIONAMENTO	1988		1993	
	f	%	f	%
- Convidam os alunos	4	30.77	4	23.53
- Cedem árbitros e pessoal	1	7.69	4	23.53
- Cedem as instalações para as aulas	4	30.77	3	17.65
- Co-promovem jogos e competições	1	7.69	3	17.65
- Cedem as instalações para promoções	2	15.38	2	11.76
- Cedem as instalações para treinos	1	7.69	-	-
- Não mantém nenhum relacionamento	-	-	1	5.88
TOTAL	21	100	17	100

Durante as entrevistas, demonstraram haver uma variação no relacionamento que cada entidade mantém com as escolas vizinhas, com umas procurando-as devido ao interesse nos seus alunos por uma ou outra razão, e outras, por outro lado, pouco se importando com as mesmas devido a uma série de fatores, tais como o renome que granjeara, a excelência dos serviços prestados, a sua clientela pertencer a um dado segmento social da população, além de outros. A maioria dos entrevistados foi porém, unânime em afirmar a existência de estudantes das escolas circunvizinhas nas atividades esportivas desenvolvidas nas suas instituições.

Entendia-se ser considerável o número de alunos das escolas que freqüentam as instituições comunitárias. Verificou-se também que, muitas delas costumam realizar campanhas para atrair os estudantes para as suas atividades. Era importante saber o que leva os mesmos a freqüentarem essas organizações.

Questionados acerca das formas como ocorre essa freqüência, citaram diversos modos, dos quais os mais freqüentes são: **a participação espontânea dos estudantes, as campanhas que as suas instituições desenvolvem nas escolas, a influência dos professores de Educação Física ou pela solicitação as escolas interessadas;** as restantes são pouco significativas.

Estes dados demonstram que, apesar da participação significativa de estudantes das escolas vizinhas nas programações esportivas desenvolvidas pelas instituições da comunidade, as escolas não exercem uma influência marcante. Por outro lado, as instituições têm também interesse em relacionarem-se com as escolas devido a uma série de motivos que lhes são peculiares.

A opinião dos dirigentes sobre a relação com as escolas circunvizinhas, foram as seguintes: observou-se que muitas das instituições, sejam elas públicas ou privadas, costumam ceder as suas instalações para as aulas de Educação Física das escolas circunvizinhas, embora imponham determinadas limitações relativamente aos horários, aos locais, à presença ou não dos seus monitores e outras.

Costumam também ceder o seu pessoal para auxiliar nas competições que as escolas promovem, participam conjuntamente nalgumas dessas promoções ou cedem as suas instalações para que as escolas façam aí as suas próprias promoções esportivas.

É verdade, que muitas escolas costumam procurar o auxílio das instituições existentes nos seus bairros ou nas zonas de influência, na tentativa de sanar determinadas deficiências, sobretudo no âmbito das instalações e dos equipamentos esportivos, a fim de poderem aproveitar a sua infra-estrutura esportiva em termos de instalações, de equipamento e de material, visando o desenvolvimento das suas aulas e de outras atividades esportivas.

Nem todas as escolas brasileiras contam com uma infra-estrutura adequada em termos de instalações esportivas e muitas, não possuem sequer um espaço físico suficiente para ministrar as suas aulas de educação física.

Assim sendo, muitas delas recorrem às instituições da comunidade para resolver as suas dificuldades, como por exemplo as de espaço físico. Por outro lado, as instituições têm também interesse em relacionarem-se com as escolas devido a uma série de motivos que lhes são peculiares.

Alguns dos dirigentes procuraram minimizar esta relação, alegando que as suas atividades são suficientes para atrair os praticantes e que as escolas não têm grande influência nesse processo. Nos tipos de relacionamento mencionados, percebe-se porém uma definida aproximação entre as necessidades da escola e as das instituições da comunidade.

Deduz-se então que, se por um lado a escola necessita das instituições devido às suas carências de espaço físico, de instalações e de materiais esportivos, estas necessitam também dos alunos para participarem nas atividades que oferecem e poderem assim, alimentar as suas equipes, integrar os seus quadros esportivos e aumentar os dados estatísticos relativos à utilização das instalações e das atividades esportivas que desenvolvem.

Questionou-se finalmente, até que ponto a frequência às atividades físico-motoras dessas entidades era influenciada pelo conteúdo ministrado nas escolas. A grande maioria dos dirigentes (90.50, em 1988 e 76.47%, em 1993%) respondeu afirmativamente, justificando as respostas com inúmeras razões, cujas mais frequentes, foram, em 1988:

- A Educação Física Escolar é, ou deveria ser, a base da prática esportiva da comunidade.
- A maioria dos freqüentadores das instituições que proporcionam esta prática à comunidade, é constituída por estudantes.

Na segunda pesquisa, as principais justificativas foram:

- A atividade esportiva significa a continuidade da prática escolar
- É uma das principais preocupações dessas entidades
- Os professores estão em contato com os alunos

Estas afirmativas nos leva a concluir que, apesar da maioria das instituições não possuir uma constituição especificamente direcionada para tal fim, auxiliam a suprir as carências esportivas da comunidade, em termos de locais, de instalações, de materiais, de técnicos e outros recursos. As escolas estão inseridas nesta relação.

Das respostas obtidas, pode-se tirar as seguintes ilações:

- As escolas suprem com o seu material humano, os clubes, as equipes de alta competição e as seleções esportivas da cidade, da região, do Estado e até as nacionais.
- As instituições da comunidade auxiliam, sempre que solicitadas, a preparação dos alunos das escolas para as suas competições esportivas escolares. Costumam ser procuradas pelos estudantes, quer individualmente, quer indicados e/ou enviados pelos seus professores de Educação Física, visando melhorar as suas performances esportivas.
- Devido à participação de professores de Educação Física nos seus quadros diretivos e organizadores, por esse motivo, costumam manter um bom relacionamento com as escolas.
- Como as atividades esportivas que mantêm são afins com as ministradas nas escolas, são um grande motivo para atrair os estudantes.

Só um dos entrevistados mencionou que a Educação Física Escolar não canalizaria os alunos para a prática esportiva na comunidade, razão pela qual procuraria essas instituições para suprir as suas necessidades de prática. Os dois dirigentes que responderam negativamente a esta questão em 1988 e os quatro de 1993, alegaram as seguintes razões: **as atividades esportivas são oferecidas aos associados, independente de serem estudantes ou não e, as atividades proporcionadas nas suas instituições possuem motivação própria.**

Analisando estas respostas, verifica-se que o primeiro caso costuma acontecer nos clubes que, freqüentemente estabelecem relações com as escolas de diferentes maneiras, variando de caso a caso. Na tese de Mestrado do autor, realizada em 1982 em Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul, foi verificado que praticamente todos os onze diferentes tipos de clubes pesquisados ofereciam algum tipo de esporte aos seus associados.

Foi também observada uma divergência na relação mantida com as escolas da comunidade. Enquanto alguns abriam as suas instalações esportivas às aulas de Educação Física das escolas vizinhas, outros limitavam-nas aos seus associados; uns autorizavam a realização nas suas instalações de jogos e de competições esportivas da comunidade, mas só a partir de convênios e outros, o treino das equipes escolares, em ocasiões especiais, como por exemplo nas vésperas dos jogos escolares.

O segundo caso mencionado foi justificado devido ao fato de existirem no país instituições esportivas que foram criadas há muitos anos, cujos nomes, por uma

série de sucessos esportivos pela excelência das atividades oferecidas à população, ou também pelos seus dirigentes, professores e técnicos esportivos, constituem por si só, motivos de atração para o praticante.

Opiniões sobre a prática esportiva continuada

Outra preocupação desta entrevista era conhecer a opinião dos dirigentes esportivos acerca da prática esportiva continuada, uma vez que a presente pesquisa é uma tentativa para levar o esporte às mais diferentes camadas da população e sendo as instituições comunitárias agentes dessa premissa.

Questionou-se a seguir sobre o que faltaria à Educação Física Escolar para motivar mais para uma prática esportiva continuada da comunidade.

TABELA 34. O QUE FALTA À EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA MOTIVAR PARA UMA PRÁTICA ESPORTIVA CONTINUADA

ANO OPINIÕES	1988		1993	
	f	%	f	%
- Incentivar todos os alunos e não só os destaques	4	30.77	8	47.06
- Organizar palestras	1	7.69	-	-
- Oferecer esportes à comunidade	1	7.69	3	17.65
- Mais aulas extra-classe	2	15.38	-	-
- Jogos e competições na escola	1	7.69	3	17.65
- Motivar para a prática esportiva continuada	-	-	2	11.76
- Oferecer outros esportes	1	7.69	-	-
- Criar clubes escolares	-	-	1	5.88
- Convênios com a comunidade	-	-	-	-
- Instalações e materiais	1	7.69	-	-
- Formação aos professores	1	7.69	-	-
- Motivação aos professores	1	7.69	-	-
TOTAL	21	100	17	100

A principal opinião, verificada tanto em 1988 como em 1993, é a de que a escola deveria incentivar todos os alunos e não só os que mais se destacam nas aulas ou que possuem condições para vir a ser futuros atletas.

Foram também unânimes ao considerarem que a proposta de mais atividades extra-classe, iria predispor os alunos para uma prática esportiva, além das aulas e além dos muros escolares. Esta predisposição muito contribuiria também para o incremento dos jogos e das competições internas da própria escola.

Embora não tenha sido tão apontada, é importante destacar a opinião de que **falta organizar mais palestras e conferências sobre os valores da prática esportiva para a saúde e para a vida da população e também, organizar atividades esportivas com a participação dos alunos das escolas e com a presença dos alunos das outras escolas.**

As restantes opiniões podem ser assim consideradas:

- **Falta motivação aos professores de Educação Física** - Não muito tempo após a sua formatura, muitos professores perdem a motivação para lecionar aulas de Educação Física; as suas atividades diminuem de qualidade e conseqüentemente desmotivam os seus alunos. A principal causa apontada para este problema foi a falta de uma infraestrutura escolar para a Educação Física, tais como: as instalações, os equipamentos e os materiais esportivos.
- **Faltam mais instalações e materiais esportivos** - A falta de uma infra-estrutura mínima, faz com que os professores de Educação Física encarem com pessimismo as atitudes do governo, tendendo a desistir de solicitar um maior apoio da direção da escola ou do governo ou procurando os recursos para suprir essas deficiências através da organização de bailes, de festas, de quermesses e outras. Nem todos os professores estão porém, preparados para desenvolver um trabalho comunitário, ou para gerir os seus próprios recursos. Os entrevistados julgaram que as escolas de Educação Física deveriam proporcionar uma formação docente adequada.
- **Melhor formação dos professores de Educação Física** - Muitos dirigentes esportivos apontam como a falta principal da Educação Física Escolar, a deficiente formação dos professores de Educação Física. Invocam para isso: os cursos noturnos de Educação Física, o reduzido número de aulas nos currículos e o excessivo número de escolas de Educação Física do País (era de cem, em meados da década de 80), o que, segundo eles, originaria uma diminuição da qualidade do ensino desta disciplina, com reflexos em todas as atividades esportivas dirigidas pelos futuros profissionais.
- **Mais apoio do governo às escolas** - Além do apoio à criação de uma infra-estrutura adequada relativamente às instalações e aos equipamentos, o governo dever-se-ia envolver num programa nacional de apoio à Educação Física, visando a criação de uma mentalidade nacional voltada para a prática esportiva de todos os elementos da comunidade. Este programa não serviria só para a obtenção de medalhas em competições internacionais, mas sobretudo para que, a partir de outros programas semelhantes às áreas sociais e de saúde, permitisse melhorar a qualidade de vida da população.

As respostas apresentadas pelos dirigentes esportivos, levam-nos finalmente à algumas considerações acerca da Educação Física praticada nas escolas e da

problemática envolvendo a motivação que exercem nos alunos para conscientizá-los para uma prática esportiva na comunidade:

Um dos princípios fundamentais que deveria nortear a Educação Física é o de que a prática esportiva deveria ser desenvolvida durante toda a vida do praticante. Assim sendo, como a criança é orientada a freqüentar a escola desde a mais tenra idade, esta deveria motivá-la para uma prática futura, na escola e na comunidade em que vive, mas também, lentamente, incentivando-a, no decorrer da sua vida escolar.

A prática dessas atividades deveria também ser desenvolvida por todas as pessoas, de todas as idade, independente do nível de rendimento que possam alcançar, mas dentro das suas características e limitações, fato que nem sempre ocorre nas escolas, onde muitos professores, levados pelo desejo de revelar atletas, escolhem os alunos para as equipes esportivas, geralmente aqueles que possuem maior aptidão técnica, marginalizando os outros que gostariam também de participar, mas que não possuem suficiente nível técnico para virem a ser atletas.

Estas e outras considerações, baseadas numa reflexão sobre a atual Educação Física ministrada nas escolas brasileiras, leva-nos a concluir que os alunos, ao terminarem o seu curso escolar, não saem preparados para assumir a sua condição de praticante regular e continuada dos esportes na comunidade, devido à falta de uma conscientização neste sentido e também devido à falta de uma maior interrelação da escola com as instituições esportivas da comunidade.

O distanciamento da comunidade faz com que a Educação Física Escolar influa cada vez menos na prática esportiva ministrada nas instituições comunitárias que, assim, se tornam menos dependentes dos "conhecimentos" passados pela escola.

5.3. DISCUSSÃO

Os resultados encontrados, ligados ao estudo teórico, permitem-nos efetuar as seguintes considerações:

Os dados obtidos no segundo capítulo, revelaram a evolução da Educação Física e dos esportes comunitários no Brasil, a partir de uma abordagem histórica dos acontecimentos que contribuíram para a formação do seu sistema esportivo. Analisou-se também, as mudanças ocorridas neste sistema, bem como a oferta esportiva das suas principais instituições.

Verificou-se que o sistema esportivo brasileiro (no momento da realização desta pesquisa) abrange uma estrutura, cuja política para a Educação Física e para os esportes, passa por um processo de reestruturação e que, até o momento, não se vislumbrou um rumo diferente do direcionado há tantos anos. Assim sendo, tanto a oferta das atividades desenvolvidas pela comunidade, bem como os organismos e as instituições que as organizam, são muito diversificados. Faltam pesquisas sobre a relação mantida entre as escolas com as restantes organizações comunitárias.

Justificou-se assim, a necessidade da realização de uma investigação, que confrontando as opiniões dos professores e alunos das escolas com os dirigentes esportivos das instituições comunitárias, se estabelecesse esta relação e fosse possível dar resposta aos objetivos formulados.

No terceiro capítulo, verificou-se que a prática esportiva, motivada pelo fator educação (escola) ou aptidão física (comunidade), parece ser hoje a tônica dominante

entre a população. No primeiro caso, ocorre de fato nas instituições escolares. No segundo, a grande procura pelas academias, escolinhas esportivas, pelas pistas de corridas e por inúmeros outros locais, é atribuída ao aconselhamento médico, a melhoria da condição física, da estética e outras finalidades.

Acompanhando pois estas tendências, a Educação Física Escolar deveria ser um fenômeno social que, no quadro de uma educação continuada, escolar e não escolar, pudesse atender ao nível de aspiração de todos os seres humanos, sem discriminações, tanto no seu sentido formal como no não formal.

Esta premissa é apoiada por diversos autores, tais como NUNES (1988:6), ao afirmar que, a prática do esporte, realizado desde as formas espontâneas, nas ruas e espaços livres ou nas formas cuidadosamente planejadas em aulas e nas competições amadoras e profissionais, contém intrínseco o fator motivação, que é auto-produzido pela atividade. Incorporado ao processo de educação, facilitaria o alcance dos seus objetivos.

Concorda-se com estas idéias, principalmente quando se observa que a mutação do foco de interesse pelas atividades esportivas fez, aparentemente, com que a Educação Física Escolar se distanciasse dos demais acontecimentos que se processam no universo das práticas que são desenvolvidas quotidianamente por todo o mundo e, até a nível da própria comunidade em que está inserida.

Deve-se salientar porém que, no processo de conscientização para a prática regular das atividades físico-motoras, o apelo muito forte para o esporte tem ocasionado a que, uma série de outras formas de atividades físicas, tais como as lúdicas, a ginástica, a recreação, os jogos tradicionais, as brincadeiras de criança, as danças e muitas outras (que, ao longo dos séculos têm-se automotivado), tenha sido lentamente esquecida ou deixada de lado pela Educação Física Escolar.

Esta é talvez uma das causas que levaram autores, tais como MCINTOSH e CHARLTON (ibid, 1985), a constatarem que, em diversos países, a rejeição de uma grande parcela dos alunos pela Educação Física Escolar é causada muito mais pela preferência às atividades culturais em moda na comunidade e não propriamente por esta disciplina.

A constante mutação das necessidades da humanidade para as formas de lazer que dia a dia mais se manifestam, torna necessária a busca de novas formas de motivação para a prática esportiva continuada já a partir da escola. No conjunto dos diferentes agentes motivadores dessa prática, devido às suas características de local onde se formam as personalidades e onde se moldam os hábitos que devem ser cultivados por toda a vida a escola é o principal agente motivador da comunidade.

Por intermédio dos seus professores e com uma infra-estrutura voltada para a formação de uma mentalidade adequada, ela deverá ser o motivo ideal para a concretização desse objetivo, o que nem sempre tem acontecido.

Em muitas escolas, observa-se um antagonismo entre os professores que são favoráveis e os que são contrários às atividades extra-classe, nomeadamente as competições esportivas entre os escolares. Normalmente, os primeiros são aqueles que lecionam nas escolas e trabalham também em clubes ou em associações ou instituições da comunidade, atuando simultaneamente como professor e técnico esportivo; os outros costumam desempenhar as suas atividades somente nas escolas.

Este conflito é freqüentemente abordado por estudiosos, tais como PEREIRA DA COSTA (id. ibidem, 1988), para quem, se as atividades físico-motoras na escolas forem

alargadas, poderão motivar não só para uma maior participação dos escolares e da comunidade, como também propiciar o surgimento de valores em diferentes atividades física e esportivas e nas ocasiões mais inesperadas. Ou por outros, como PROENÇA (1984), ao afirmar que a aprendizagem pode ser promovida ou apoiada pela participação em atividades extra-classes; que não há melhoria apenas pelo fato de se estar presente nas aulas.

KUNZ (1991:104), está certo quando resume as deficiências da Educação Física Escolar em três aspectos: **a falta de uma concepção crítico-progressista na orientação pedagógico-educacional**, que desconsidera o aluno "não talentoso" e os seus pré-requisitos e que prega a concorrência e a competição como elementos fundamentais do processo ensino-aprendizagem; **a desconsideração sobre o mundo em que a criança vive e sobre a sua prática fora do contexto escolar**, que poderia ser mais incentivada com atividades que contribuísse para tal; e **a excessiva especialização dos conteúdos e dos planejamentos de ensino** que, limitando as atividades oferecidas, desmotiva o aluno para a prática físico-motora.

Estes e outros fatos, fazem crer, que a escola necessita motivar o aluno para uma prática não limitada simplesmente às aulas de Educação Física, mas que se prolongue pelas atividades extra-classe, extra-escolares e por toda a sua vida.

Foi possível então concluir que, no seu campo de atividades, a Educação Física deveria ser direcionada para se constituir numa disciplina que motive para a prática esportiva continuada e, o professor de Educação Física, um dos seus agentes principais.

Analisou-se a seguir, como a prática de atividades físico-motoras se desenvolve na comunidade e qual a importância do movimento "Esporte para Todos" e da Educação Física Escolar neste processo.

Na comunidade, a oferta das atividades físicas, esportivas e recreativas é muito diversificada, sendo a sua prática levada pelos mais variados motivos. De há muito, tais atividades deixaram de pertencer exclusivamente às instituições governamentais, às escolas e aos clubes, atingindo uma dimensão tal que, existem nas mais diferentes organizações e constituindo-se mesmo numa verdadeira cultura do corpo e de movimentos.

A prática esportiva continuada é uma premissa que vem sendo implementada desde a década de sessenta e que se solidificou a partir do movimento "Esporte para Todos" que, com diferentes denominações, se propagou por todo o mundo. Abrangendo praticamente todas as manifestações da prática físico-motora e avançando por outras, tais como as culturais, este movimento despertou na população formas já esquecidas, ao mesmo tempo que incentivou as práticas existentes. Desenvolvendo inclusive, as formas de divulgação e de motivação do esporte, propiciou o avanço da Educação Física por áreas até então exclusivas de outros profissionais, entre elas os meios de comunicação e determinadas áreas culturais.

Paralelamente ao surgimento de tendências, tais como o teste e o método de COOPER (1970), o Jogging e outras, este movimento propiciou também a que professores, pesquisadores e estudiosos da Educação Física, questionassem se esta disciplina estaria realmente acompanhando os avanços da prática esportiva comunitária. Ainda, se estaria influenciando os estudantes para uma prática esportiva continuada.

Revelou a grande influência dos esportes de competição nas atividades desenvolvidas nas escolas. Originou também, propostas no sentido da conscientização

para a prática não só na escola, mas também como alternativa para o trabalho, para o estudo e para a vida.

No quarto capítulo, partindo da análise das premissas e das propostas já estudadas anteriormente pelos autores que auxiliaram no desenvolvimento do movimento "Esporte para Todos", demonstrou-se a importância da Educação Física como fator de motivação para tornar a prática de atividades físico-motoras num hábito de vida.

Este estudo tornou evidente que, no processo de conscientização para esta prática, a Educação Física Escolar não pode dissociar-se das teorias e dos processos de motivação, devido aos seus postulados contribuírem para as respostas aos diferentes motivos que levam à prática de tais atividades, facilitando assim a elaboração de um planejamento neste sentido. Assim sendo, o direcionamento das atividades que a constitui, pode levar a que esta disciplina se constitua, ela própria, num elemento conducente à motivação para uma futura atividade regular.

Por sua vez, do conjunto dos elementos motivadores da Educação Física Escolar, os professores constituem-se no fator mais importante, principalmente se estiverem inseridos num processo de automotivação.

Fortaleceu-se então a conclusão de que o professor de Educação Física não é mais um profissional que ensina apenas esportes, jogos e recreação. Ele precisa de novas tarefas, novas funções e novos instrumentos pois, uma nova sociedade exige necessariamente, novas formas de serviços profissionais (BARBANTI, *ibid* 1991).

A análise dos professores, do ponto de vista da sua função de motivador e de conscientizador para uma prática físico-motora na escola e na comunidade mostrou que o maior contributo dos professores para a Educação Física, é a formação de uma mentalidade direcionada para a prática esportiva no lar, na vizinhança, no local de trabalho e em outros momentos da vida do aluno, prática esta que deveria ser desenvolvida de forma regular, constituindo-se num hábito de vida.

As diferentes funções atribuídas aos professores, mostraram ainda, a necessidade de rever certos aspectos que diferenciam o técnico esportivo de um professor educador. Por esta razão, partiu-se de questões, tais como: quais são essas diferenças? O técnico esportivo não proporciona educação aos seus alunos? O fato de, em muitos países, não haver a necessidade de se ser professor de Educação Física para se exercer a função de técnico esportivo, ocasiona também o preconceito de que estes não possuem determinados pré-requisitos para educar enquanto treinam as suas equipes.

Tanto um como o outro têm a responsabilidade de conhecer a comunidade em que a escola ou a sua equipe estão inseridas pois, muitas vezes coordena e/ou dirige os seus departamentos esportivos ou de recreação, conhecem o meio social em que vivem os seus alunos, os seus anseios e os pré-requisitos que trazem do lar e proporcionam-lhes conhecimento e vivências que permitem-lhes uma orientação na sociedade.

Em qualquer atividade ligada à Educação Física, nenhum professor (seja qual for a função que exerça) pode deixar de lado os aspectos educacionais, pois não se pode separar, na escola, tais aspectos dos outros, sob pena do aluno desvalorizar a prática das atividades físico-motoras como atividade importante para a sua vida no futuro.

Os professores necessitam pois, estabelecer uma constante avaliação para conhecer até que ponto o seu trabalho continua a manter o interesse do aluno e qual a qualidade do seu ensino, recorrendo da imagem que os alunos têm de si e da sua própria auto-avaliação.

A pesquisa realizada com os professores e alunos, sobre o ensino desenvolvido pela Educação Física Escolar e com os dirigentes esportivos das diversas instituições comunitárias, sobre as atividades físico-motoras que proporcionam à população, tornou assim possível, verificar a relação existente entre a Educação Física Escolar e a prática de atividades físico-motoras que é desenvolvida na comunidade.

Acompanhando os objetivos, as aulas se constituem de sessões de iniciação esportiva, de ginástica ou de recreação, conforme o nível de ensino a que se destina. Raramente são ministradas aulas de dança, aulas rítmicas, aulas teóricas, palestras ou outras formas didáticas ou culturais. As aulas teóricas, são destinadas às turmas de formação para o magistério e, raramente, com outra finalidade. Não há aulas para os alunos que necessitam recuperar-se fisicamente ou para os deficientes. Para estes, muitas vezes, são solicitados trabalhos de pesquisa ou, simplesmente, assistem as aulas.

As atividades extra-classe são muito mais destinadas a complementar o calendário escolar do que conscientizar para a necessidade de uma prática regular. São geralmente ofertadas nos finais dos anos letivos e em ocasiões esporádicas durante os períodos escolares, nas datas festivas e outras. Constituem-se porém, em elementos valiosos no sentido da motivação do aluno para a prática físico-motora, na escola e na comunidade.

As atividades extra-escolares são geralmente só desenvolvidas pelos professores que lecionam em turmas da primeira à quarta série de escolaridade ou por aqueles que ministram treinamento esportivo. Objetivam, no primeiro caso, levar as crianças a conhecer melhor o mundo que as rodeiam e, no segundo, participar em jogos e competições.

A causa da deficiente participação em atividades externas à escola, pode ser atribuída ao fato destas serem construídas em áreas densamente povoadas e, conseqüentemente, desprovidas de locais adequados para este fim nas suas proximidades. Ou ainda, devido a serem localizadas em locais de trânsito intenso, o que predispõe para a precaução dos seus diretores para com os alunos. O mesmo fato ocorre, no tocante à celebração de convênios com as outras instituições da comunidade.

Apesar da evolução constante das formas e das áreas de atuação, foi possível concluir que os professores ministram um ensino pouco generalista, e reproduzidor dos mesmo conteúdos que têm sido ministrado nas últimas décadas, onde, o esporte continua a ser o conteúdo preferido na formulação dos objetivos e dos planejamentos de ensino, e este, nem sempre é criativo e dotado de novos métodos e procedimentos.

Do ponto de vista da conscientização para uma prática esportiva continuada, demonstram um distanciamento das propostas emitidas pelas instituições comunitárias. Embora sejam indivíduos motivadores por natureza, o seu ensino é desprovido de formas de motivação, que levem o aluno a tomar gosto pela prática de atividades físico-motoras e as tornem num hábito.

Dos alunos, procurou-se conhecer a opinião sobre as mesmas variáveis solicitadas aos professores, para, a partir do seu ponto de vista e do confronto com as informações daqueles, fosse possível estabelecer a realidade do ensino da Educação Física Escolar.

Em ambos os sexos, foi observada a necessidade de, em grande parte, trabalharem enquanto estudam, fato atribuído à conjectura sócio-econômica do país, que leva grande parte dos estudantes a abandonar precocemente os estudos ou a optar pelo ensino noturno.

O gosto pelas atividades físico-motoras, observado na maioria, predispõe para que os estudantes, embora amparados pela legislação, que lhes permitem a dispensa em casos

especiais, raramente a solicitam. Fato que ocorre talvez devido a que, até a sua entrada na escola, passam por diversos estágios de desenvolvimento, nos quais o jogo constitui uma atividade privilegiada, para, de repente, ficarem encerrados numa escola durante grande parte do dia e, portanto, numa imobilidade que incomoda e com uma série de obrigações escolares que nem sempre são interessantes (HARRIS, 1976:157).

Os objetivos citados, foram os mesmos mencionados pelos professores, embora com diferentes percentuais. A predisposição para os esportes, manifestada pelos seus professores, ocasiona que sejam direcionados, a partir da quinta série escolar, para a iniciação esportiva (podendo ocorrer, em alguns casos, desde as primeiras séries), com o objetivo de despertar as vocações para o esporte de competição.

Por este motivo, tem-se observado que, a Educação Física de base que recebem, servirá, mais tarde, de preparação para as outras aulas ou ainda, de aquecimento para as atividades esportivas e raramente fazendo parte de um objetivo específico.

Verificou-se que, para os alunos que não possuem vocação esportiva, pouco é oferecido, para além da recreação. Assim sendo, desmotivam-se para uma prática regular ou continuada porque não foram motivados para tal.

As aulas são quase todas práticas e ministradas nas próprias instalações esportivas das escolas. São raras as aulas teóricas, de danças ou de outra forma não esportiva. São praticamente inexistentes as aulas que se utilizam de filmes, slides e vídeos. Poucas escolas organizam palestras, reuniões e seminários sobre a Educação Física. São praticamente inexistentes as aulas destinadas à conscientizar para a necessidade de uma prática esportiva continuada.

Das atividades extra-classe que recebem, os jogos e os festivais esportivos são os mais frequentes. As outras atividades, tais como as gincanas e as danças, são pouco citadas. Coincidentemente, a preferência por atividades extra-classe, nas escolas ou na comunidade, é maior entre os alunos que costumam realizar tal conteúdo nas aulas regulares. Outros motivos, entretanto, podem levar os estudantes à prática em horários extras, nomeadamente a presença dos amigos e a influência do professor de Educação Física.

Demonstrou-se também, que os alunos conhecem as vantagens de uma prática esportiva continuada e possuem um interesse acima do normal pelas aulas de Educação Física. Os rapazes revelaram porém, um interesse maior, talvez devido a uma maior participação nestas atividades, em relação às moças. Entre as causas da desmotivação em relação à esta prática, verificou-se: a falta de estímulo por parte do professor, não serem propostos os esportes que gostariam de praticar, a falta de instalações adequadas e de materiais esportivos na escola ou por estas não valorizarem as aulas de Educação Física.

Ao se sentirem desmotivados para as aulas desta disciplina, depreende-se que não estarão também motivados para uma atividade física continuada. Este fato é reforçado pela falta de motivação, principalmente durante os primeiros anos escolares, quando se moldam os hábitos que irão perdurar por toda a fase escolar, ou mesmo, no decorrer do seu curso, devido aos conteúdos repetitivos ou às ausência de auto-motivação dos professores.

A pesquisa com os alunos revelou também que, para que a Educação Física Escolar os motive para uma prática continuada, estaria faltando, principalmente: mais opções em termos de atividades físico-motoras, os jogos e as competições internas, o incremento de atividades conjuntas com a comunidade, a celebração de convênios com

as entidades esportivas da comunidade para complementar a sua formação corporal e processos que motivem a todos os estudantes e não só aos mais dotados.

Assim sendo, embora gostem desta disciplina, os alunos nem sempre têm acesso a um conteúdo que desejam ou necessitam, o que leva, parte deles, apoiados ou não pelos professores, a procurar suprir essas deficiências na comunidade.

Evidenciou-se assim, a necessidade de que novas perspectivas sejam implementadas nas escolas, para que essas deficiências sejam supridas e para que os alunos se sintam mais motivados para a prática físico-motora, na escola e na comunidade.

Na pesquisa com os dirigentes, observou-se que as instituições esportivas que, no passado, eram influenciadas sobretudo por elementos da classe médica ou por militares, são hoje, cada vez mais semelhantes às empresas, ocupando profissionais das mais diferentes áreas, muito embora os professores de Educação Física se constituíam ainda, na maioria.

Os esportes predominam entre as atividades físico-motoras que praticam, sob a forma de lazer ou para a manutenção da forma física, e pouco difere daquela que praticavam ou que apreciavam na sua juventude. Talvez por esses motivos, as suas instituições tenham apresentado como principais objetivos, o fomento às atividades esportivas, o incentivo à aptidão física e às atividades de recreação e de lazer. Crê-se porém, que apesar do esporte de competição não se constituir no principal objetivo a alcançar, encontra-se implícito nas atividades físico-motoras que desenvolvem. O fator econômico parece ser, então, o elemento impeditivo de uma maior oferta em termos dos esportes de alto nível.

Algumas destas instituições são constituídas por unidades pertencentes às estruturas maiores, de âmbito federal, estadual ou municipal e, por este motivo, seus planejamentos nem sempre são decididos a nível local.

Nas atividades oferecidas, são levados em conta porém, os aspectos sociais, recreativos e de lazer dos freqüentadores. Na motivação para a prática de atividades físico-motoras, os dirigentes afirmam que o móvel que anima os freqüentadores é a melhoria da aptidão física, ser ou ter sido atleta, a estética corporal, o passar tempo, os convênios que são celebrados com as escolas e com outras instituições, além de outros.

Sendo constituídas para atender a faixa da população que reside nas suas proximidades e pertencentes a uma dada categoria social, que a elas são associadas, que nelas podem praticar por meio de convênios, regulares ou esporádicos, que pertence a um segmento de trabalhadores ou para atender outras finalidades, muitos dos seus freqüentadores são os estudantes das escolas circunvizinhas, que aí participam, atraídos por campanhas internas ou através dos meios de comunicação social, pelos citados convênios com as escolas ou com os seus locais de trabalho, indicados pelos professores de Educação Física ou então, espontaneamente.

Para os dirigentes, os principais tipos de relação que mantêm com as escolas, são:

- a cessão das suas instalações para as aulas de Educação Física, para treinos ou para os jogos que promovem;
- a co-promoção de competições esportivas, cursos, congressos e seminários e outras atividades semelhantes;
- a cessão de árbitros e pessoal de organização;

- convite aos estudantes para participarem ou auxiliarem nas suas promoções, integrarem as suas equipes competitivas ou outros motivos.

Assim sendo, pode-se afirmar que há uma relação direta e indireta entre as instituições comunitárias e as escolas. Direta ao oportunizar às mesmas uma estrutura para a prática de atividades físicas, onde podem contar com instalações, equipamentos, materiais e principalmente, pessoal, que dispõem em número quase sempre insuficiente. Indireta, por ser a Educação Física Escolar, um dos pilares sobre o qual se assenta a base da prática esportiva da comunidade e ainda, devido à maioria dos freqüentadores dessas instituições ser constituída por estudantes. Esta relação é ainda definida, ao se verificar que os próprios dirigentes são oriundos dessas mesmas escolas, o que pode portanto, torná-los sensíveis às suas solicitações.

Do ponto de vista da Educação Física que é atualmente ministrada nas escolas, uma comparação entre as respostas dos professores e dos alunos das escolas pesquisadas, permite-nos as seguintes ilações:

Os objetivos citados pelos professores são sobretudo, orientados às atividades motoras e com pouca incidência nos aspectos educacionais, sociais e culturais. Para os alunos, as aulas, além de raras outras finalidades, visam sobretudo descobrir, criar e treinar atletas para os esportes de alto nível. Assim sendo, baseiam-se em objetivos voltados para a descoberta de novos talentos através da iniciação esportiva, reservando porém, para os alunos com menor vocação, conteúdos relativos à formação corporal ou à recreação.

A maioria dos professores afirma que desenvolvem atividades extra-classe e extra-escolares, porém, os dados de ambas as populações demonstram que, na maioria, voltam-se para os esportes de alto nível. As atividades recreativas, ou outra atividade alternativa, são realizadas quase que só nos fins de períodos letivos, quando o calendário escolar "exige" o desenvolvimento de atividades esportivas e culturais aos alunos. Mesmo nesta altura, os conteúdos, os objetivos e as metodologias da maioria das atividades desenvolvidas são praticamente os mesmos preconizados nas aulas "normais" de Educação Física.

Poucos são os alunos de ambos os sexos que praticam esportes ou outra atividade física na escola ou fora dela, em horários extras. Destes, boa parte prefere praticar nas academias, nos clubes, nos centros esportivos ou noutros locais. Apesar do seu interesse pela prática esportiva, sob qualquer forma ou em qualquer local, esteja situado acima da média, das suas respostas, é possível deduzir que são pouco motivados para tal, quer pelos conteúdos recebidos na Educação Física Escolar, quer pelos professores de Educação Física.

Dos dirigentes esportivos, observou-se que o objetivo principal das suas instituições é a iniciação esportiva e a recreação que, ao contrário do que se supunha, não estão direcionados para os esportes de alto nível, mas para o lazer e o bem estar dos seus freqüentadores.

Concordam com a importância de uma prática continuada para o seu praticante. Visando incentivar a participação da maioria dos seus freqüentadores, procuram, através de processos diferentes de motivação, atraí-los para as atividades regulares que oferecem.

Muito embora revelem uma disposição positiva para a realização de atividades conjuntas com as escolas e que haja uma significativa participação de estudantes nas

atividades da maioria das instituições investigadas, a sua frequência seria pouco influenciada pela Educação Física Escolar.

A investigação, realizada com os professores e alunos das escolas da rede oficial de ensino e com os dirigentes esportivos das instituições comunitárias, proporcionaram uma visão da realidade da Educação Física Escolar, da motivação que exercem nos alunos para conscientizá-los para uma prática esportiva na comunidade e da relação que as escolas mantêm com essas instituições. Permitiram também, as seguintes considerações:

- Um dos princípios fundamentais que deveria nortear a Educação Física Escolar, e que foi por muitos anos defendido pelo movimento "Esporte para Todos", é o de que a prática de atividades físico-motoras deveria ser desenvolvida durante toda a vida do praticante. Assim sendo, como a criança é orientada a frequentar a escola desde a mais tenra idade, esta deveria não só motivá-la para uma prática futura, na escola e na comunidade em que vive, como também incentivá-la neste sentido, pouco a pouco, no decorrer da sua vida escolar.
- Esta prática deveria também ser estendida a todas as pessoas, de todas as idade, independente do nível de rendimento que possam alcançar, mas dentro das suas características e limitações, fato que nem sempre ocorre nas escolas, onde muitos professores levados pelo desejo de revelar atletas, escolhem os alunos para as equipes esportivas dos que possuem maior aptidão técnica, marginalizando os outros, que gostariam também de participar, mas que não possuem suficiente nível técnico para virem a ser atletas.

Estes e outros aspectos, baseadas numa reflexão sobre a atual Educação Física ministrada nas escolas brasileiras, leva-nos a afirmar que os alunos ao terminarem o seu curso escolar, não saem preparados para assumir a condição de praticante regular e permanente das atividades físico-motoras na comunidade, devido a falta de conscientização, de conteúdos e de procedimentos neste sentido, bem como a falta de uma maior interrelação da escola com as instituições comunitárias.

O distanciamento da comunidade, faz com que a Educação Física Escolar influa cada vez menos na prática físico-motora ministrada naquelas instituições que, assim, se tornam menos dependentes dos conhecimentos passados pela escola.

A investigação realizada com os professores e alunos das escolas da rede oficial de ensino e com os dirigentes esportivos das diferentes instituições da comunidade, proporcionaram-nos uma visão da realidade atual da prática esportiva ministrada nas escolas e na comunidade, bem como da relação que as escolas mantêm com as instituições que desenvolvem o esporte comunitário.

Do ponto de vista da Educação Física que é atualmente ministrada nas escolas públicas de primeiro e segundo graus, uma comparação entre as respostas dos professores e dos alunos das escolas pesquisadas permite-nos as seguintes considerações:

Os objetivos citados pelos professores são sobretudo orientados às atividades motoras e com pouca incidência nos aspectos educacionais, sociais e culturais. Os alunos afirmam que as aulas, além de raras outras finalidades, visam sobretudo descobrir, criar e treinar atletas para os esportes de alto nível. Assim sendo, as suas aulas baseiam-se em objetivos voltados para a descoberta de novos talentos através da iniciação esportiva e

reservando-se para os alunos com menor vocação os conteúdos relativos à formação corporal ou à recreação.

Os planejamentos anuais de ensino, de acordo com os professores, dependem do material existente nas escolas, não havendo uma disposição para se conseguir materiais alternativos. Segundo os alunos, não haveria um planejamento uniforme pois os professores optam pelo que lhes é mais conveniente, o que nem sempre é concordante com as necessidades ou com a preferência dos alunos. As suas aulas são voltadas para a iniciação esportiva e para a manutenção física. Entretanto, os alunos acrescentaram a estas o treino esportivo e as alunas, a recreação.

Apesar da maioria dos professores afirmar que desenvolvem atividades extra-classe, os dados de ambas as coletas evidenciaram que, na maioria, voltam-se para os esportes de alto nível. As atividades recreativas, ou outra atividade alternativa, são realizadas quase que só nos fins dos períodos letivos, quando o calendário escolar "exige" o desenvolvimento de atividades esportivas e/ou culturais com os alunos. Mesmo nestas ocasiões, os conteúdos, os objetivos e as metodologias da maioria das atividades desenvolvidas são praticamente os mesmos preconizados nas aulas de Educação Física.

Com respeito aos alunos, verificou-se que **poucos são os que praticam esportes ou outra atividade física na escola ou fora dela, em horários extras**. Muitos preferem porém, praticar nas academias, nos clubes, nos centros esportivos ou em outros locais do que nas escolas. Apesar do seu interesse pela prática esportiva, sob qualquer forma ou em qualquer local, esteja situado acima da média, é possível deduzir das suas respostas que são pouco motivados para tal prática, quer pelos conteúdos recebidos na sua Educação Física Escolar quer pelo seu professor de Educação Física.

Supõe-se então, que a causa do não oferecimento na escola de atividades voltadas para uma prática esportiva continuada se situe principalmente na **falta de motivação dos professores**, no conteúdo pouco diversificado que propõem e da falta de conscientização nesse sentido, problema que talvez provenha ainda, da sua formação como professor, além da falta de cursos de atualização e de reciclagem, do que propriamente na **"falta de apoio"** das autoridades escolares ou de instalações e de material.

Da pesquisa com os dirigentes esportivos, observou-se que o objetivo principal das suas instituições é a iniciação esportiva e a recreação que, ao contrário do que se supunha, não está direcionada para os esportes de alto nível mas para o lazer e o bem estar dos seus associados e freqüentadores. No planejamento das atividades que oferecem, desenvolvem preferencialmente as atividades recreativas orientadas, a iniciação em diferentes esportes, o treinamento e a formação corporal. Concordam com a importância de uma prática continuada para o seu praticante. E visando incentivar a participação da maioria dos seus freqüentadores, procuram, através de diferenciados processos de motivação atraí-los para as atividades regulares que oferecem.

Evidencia-se assim que, embora haja uma disposição positiva para a realização de atividades conjuntas com as escolas e uma significativa participação de estudantes nas atividades da maioria das instituições investigadas, a sua freqüência seria pouco influenciada pela Educação Física Escolar.

CAPÍTULO 6

SÍNTESE E PERSPECTIVAS

6.1. SÍNTESE

Este estudo, que visa estabelecer a relação entre a Educação Física ministrada pela escola e a prática esportiva que é desenvolvida na comunidade, compreendeu as seguintes partes:

- * Um diagnóstico da Educação Física Escolar e das atividades físicas, esportivas e recreativas oferecidas pelas instituições oficiais e pelas diferentes entidades da comunidade.
- * O estudo da motivação para a Educação Física, e desta como motivadora para uma prática esportiva continuada pela comunidade.

O diagnóstico compreendeu uma síntese histórica da evolução no Brasil da Educação Física e da prática esportiva desenvolvida pela população, bem como da oferta das atividades físicas e esportivas pelos organismos institucionais e por outras instituições da comunidade. Ambas realizadas através de métodos bibliográficos. Compreendeu também uma pesquisa de campo com a finalidade de conhecer a opinião de professores, alunos e dirigentes das principais instituições investigadas, acerca das atividades que oferecem, para, através das suas respostas, tentar relacionar os conteúdos ministrados pela escola com a prática desenvolvida pelas instituições comunitárias.

A seguir, e visando estabelecer as bases para uma maior relação entre a Educação Física e a prática esportiva comunitária, estudou-se, a partir das teorias da motivação, a importância da Educação Física Escolar na conscientização para a prática de atividades físicas e esportivas no presente e no futuro, nas escolas e em outros locais.

A resenha histórica efetuada evidenciou que o esporte comunitário se tem desenvolvido no Brasil paralelamente à Educação Física, sendo influenciados por quatro variáveis principais:

- pelas instituições militares, que trouxeram para o país as principais correntes da Educação Física, fundaram as primeiras escolas de Educação Física e adotaram no ensino escolar os métodos que utilizavam em suas corporações;
- pelas correntes imigratórias, que introduziram os esportes coletivos e a cultura esportiva desenvolvida em seus países de origem;
- pelo patrocínio esportivo permitido às empresas da comunidade, ocorrido desde a década de 50, que possibilitou que o esporte comunitário se desenvolvesse de forma autônoma, independente (embora não totalmente) das instituições governamentais.

- pela tomada de consciência das autoridades esportivas brasileiras, ocorrida a partir do diagnóstico realizado em 1971, que apontou algumas falhas no sistema esportivo nacional e que propiciou uma política e um plano visando uma nova organização esportiva. Mostrou também, a importância atribuída aos esportes de competição em relação aos esportes de lazer, fato que ocorreu mais particularmente a partir de 1975, quando o governo lançou no país o movimento "Esporte para Todos", visando, através de uma prática maciça da população, formar uma consciência para a prática esportiva e, a partir daí, formar uma pirâmide em cujo vértice deveria estar a elite esportiva nacional.

Foi possível verificar ainda, que as sucessivas políticas apresentadas pelas autoridades esportivas brasileiras não resultaram numa estrutura que culminasse numa valiosa representação nacional em termos dos esportes de alto nível e tampouco levasse a população brasileira à prática massificada de atividades físicas e esportivas, ou ainda, à conscientização para a necessidade de uma prática esportiva continuada, ao lado de outras necessidades vitais.

Com estas e outras finalidades, e desde então, diversas políticas, planos e propostas têm sido apresentados pelas autoridades políticas e esportivas do país, culminando, a partir de 1990, com uma série de mudanças nos organismos diretivos a nível federal, cujos dirigentes apresentaram uma nova proposta de reestruturação do esporte brasileiro que foi oficializada somente em meados de 1993. Entretanto, a escolha de um secretário de esportes oriundo do esporte de alta competição para dirigir a Educação Física e o esporte brasileiro parece indicar a direção a ser seguida.

Da perspectiva de uma política voltada para o lazer e para uma prática de atividades físicas e esportivas desprovida de objetivos voltados para o esporte de alto nível, só o futuro poderá indicar qual a atitude a tomar. Qualquer que seja ela, demonstrou-se aqui que, a comunidade, paralelamente, continuará a exercer uma cultura esportiva cada vez mais enraizada e mais sólida, acompanhando as tendências mundiais.

Do ponto de vista institucional, verificou-se sempre no Brasil, a existência de uma divisão na organização da Educação Física e dos esportes, com ambos os setores sendo administrados por organismos diferentes. A Educação Física Escolar, que era afeta à SEED/MEC (Secretaria de Educação Física e Desportos do MEC), era porém, pouco privilegiada pelas autoridades federais, enquanto o esporte possuía diversos órgãos responsáveis, nomeadamente a citada SEED, o Conselho Nacional dos Desportos, as confederações esportivas e o Comitê Olímpico Brasileiro.

A partir da década de setenta, a organização esportiva nacional foi dividida em esportes estudantis, comunitários, militares e classistas (sendo este, inicialmente, da alçada do Ministério do Trabalho), ficando a cargo do Ministério da Educação a organização da Educação Física e dos esportes no país, sendo outorgado à Comissão Desportiva das Forças Armadas a organização dos esportes entre os militares.

Apesar do Ministério da Educação possuir uma secretaria responsável pela Educação Física e pelos esportes, verificou-se que, na prática, este organismo era o encarregado de repassar as verbas provenientes da Loteria Esportiva bem como organizar o esporte escolar no país. Embora possuísse uma divisão especial para esse fim, a organização da Educação Física era desenvolvida pelos departamentos de educação física do 1º e 2º graus das secretarias estaduais de educação. Entretanto, o

esporte escolar era claramente privilegiado pelas autoridades com leis, eventos e promoções, visando a descoberta de novos participantes para o esporte de alto nível.

O esporte comunitário, inicialmente à cargo do CND, após 1975 passou a ser organizado pela SEED, culminando em 1981, com a criação de uma subsecretaria especial para esse fim, a SUEPT/SEED/MEC (Subsecretaria de Esportes para Todos da SEED/MEC), passou, a partir de 1990, a fazer parte da SD/PR (Secretaria de Desportos da Presidência da República).

A idéia da prática de atividades físicas e esportivas, de uma forma regular e continuada, independente dos objetivos competitivos em termos dos esportes de alto nível, foi incrementada no país principalmente após o advento do movimento "Esporte para Todos". Esta premissa, bastante incentivada durante o regime militar, quando este buscava a sua legitimação através de programas de massificação esportiva da população, foi quase que completamente abandonada pelas autoridades esportivas a partir de 1985, quando do advento da Nova República.

Apesar das tentativas desenvolvidas por algumas universidades, tais como a Universidade Gama Filho, que a adotou como disciplina do seu curso de graduação e da Universidade Federal de Santa Maria, através de um curso de especialização, além de outras, é hoje difundida somente pelos cursos de Educação Física, pelos departamentos esportivos de algumas cidades brasileiras e principalmente pelos professores de Educação Física, em ações isoladas. Desconhece-se porém, os dados quantitativos acerca desses programas em qualquer nível de ensino do país.

Os dados sobre a oferta esportiva pelas diferentes instituições da comunidade evidenciaram que, a par da organização esportiva nacional, a prática de atividades físicas e esportivas pela população é intensa, manifestada através de muitas formas e promovidas por um sem número de entidades, que acompanham os desejos, as necessidades, as possibilidades e o nível técnico individual e dos grupos, além das tendências e do modismo que surgem quotidianamente.

A pesquisa de campo realizada, demonstrou que, além das instituições educacionais e dos clubes, muitos são os organismos, entidades e instituições que oferecem esta prática às mais diferentes populações e classes sociais brasileiras. Entre estes, relacionou-se o SESC, o SESI, os clubes e as associações, as instituições educacionais de todos os níveis e formas de atendimento, os centros esportivos e sociais, as fundações públicas e privadas, os projetos especiais, as instituições militares e religiosas, as entidades do ensino especial, as academias e as escolinhas esportivas, as organizações para-militares, os hotéis, os balneários e diferentes entidades de turismo, além de muitas outras.

Embora bastante elucidativos, os dados obtidos através dos processos bibliográficos, não demonstraram porém, uma análise quantitativa desta oferta em termos de abrangência da população envolvida e nem se esta oferta era suficiente, se atendia às expectativas da população ou se era influenciada pela Educação Física realizada na Escola.

Assim sendo, e visando atingir os objetivos formulados no início deste estudo, procurou-se conhecer a opinião dos elementos principais desta oferta na escola: os professores e os alunos, além dos agentes desta oferta na comunidade: os dirigentes esportivos. Os dados foram obtidos através de uma pesquisa empírica, com a participação de uma amostragem de cada uma destas populações, que possibilitaram as seguintes conclusões:



A Educação Física ministrada nas escolas do ensino médio desenvolve um conteúdo pouco generalizado, limitando-se ao ensino e à prática de poucos esportes, sobretudo os coletivos, com os objetivos de descoberta e formação de atletas para o esporte de competição predominando sobre quaisquer outros.

Os objetivos preconizados pelos professores de Educação Física são predominantemente direcionados para os aspectos motores e raramente para os educacionais ou os sociais. A não ser na época da preparação das equipes para as competições escolares, não se vislumbram os objetivos a longo prazo e muito menos os voltados para uma conscientização para a necessidade de uma prática de atividades físicas e esportivas de forma regular e sistemática, fato reforçado pela quase ausência de aulas teóricas.

As atividades extra-classe são realizadas predominantemente por intermédio de jogos e competições e quase sempre visando cumprir o calendário escolar que prevê um período destinado à recuperação de alunos faltosos ou com baixo aproveitamento escolar, período que, hoje, é preenchido por atividades "culturais" que, efetivamente, compreendem atividades culturais e esportivas. Nestas oportunidades, ministram-se praticamente as mesmas atividades desenvolvidas durante o ano.

Devido à falta de recursos da escola, a disponibilidade de horários dos professores e, por vezes, dos alunos, fato cada vez mais pronunciados na atualidade, são raras as atividades extra-escolares. Quando o fazem, os professores costumam incentivá-las visando a melhoria das habilidades dos alunos mais dotados esportivamente ou direcioná-los para as equipes esportivas da cidade.

Poucos professores participaram ativamente do movimento "Esporte para Todos", dos cursos visando este fim, ou das atividades que foram promovidas a partir daquele movimento e que visavam basicamente a prática de atividades físicas e esportivas com objetivos de lazer, de massificação esportiva e a prática destas atividades de forma regular e continuada. Estes problemas podem ser atribuídos ao fato de muitos deles terem se formado após o encerramento daquele movimento e, portanto, não terem tomado conhecimento do mesmo; outros, devido à falta de interesse pelas suas atividades, a falta de maior divulgação entre os professores das escolas ou a falta de oferta de cursos destinados especificamente a essa população.

Apesar dos professores de Educação Física serem naturalmente elementos motivadores, a atual conjuntura econômica do país mostra um quadro de desânimo em termos de criatividade visando um ensino diversificado e motivador. Assim sendo, falta a esta disciplina nas escolas, novas alternativas que a torne mais interessante aos alunos e aos demais praticantes da comunidade. Algumas propostas neste sentido serão sugeridas no final deste estudo.

Verificou-se também, que o relacionamento das escolas com as instituições da comunidade ocorrem praticamente só quando lhes faltam locais para as aulas de Educação Física ou para treinar as suas equipes esportivas por ocasião dos jogos escolares, muito embora os dirigentes das entidades comunitárias mostrassem boa receptividade neste sentido.

Os dados obtidos entre os alunos revelaram que o conteúdo ministrado nas escolas estão direcionados para a iniciação esportiva ou para a manutenção da condição física. Poucos são os que praticam qualquer atividade física ou esportiva na escola ou fora dela, em horários extras. A pouca prática na escola talvez se deva ao fato de que os horários vagos são preenchidos com os treinos das equipes competitivas e nos horários ociosos as

escolas permanecem fechadas por motivo de segurança, ausência de uma programação esportiva ou outro problema.

Este fato revela um paradoxo. Se por um lado, há pouca atividade extra-classe espontânea na escola ou fora dela, por outro lado, é cada vez maior o número de alunos que procuram as escolinhas esportiva, as academias, os centros esportivos, os centros sociais urbanos e outros locais, levados pela vontade ou pela necessidade de praticar um esporte novo, diferente, alternativo ou com o qual possua maior afinidade, fato que quase nunca acontece na escola, onde, cada vez mais, são adotados os planejamentos que preconizam a prática de um mesmo esporte durante todo o ano ou todo o semestre que, nem sempre, são os da preferência dos alunos.

Pode-se então, afirmar, que a escola não se revela ágil e nem hábil em capitalizar o interesse do aluno para esse fim, fato que envolve a direção da escola, as associações de pais e mestres, os grêmios estudantis (hoje praticamente inexistentes) bem como os professores de Educação Física e os da demais áreas.

Demonstrou-se assim, que falta à Educação Física Escolar atividades alternativas, realizadas na aula ou em outros horários e que lhes despertem a motivação para uma prática regular, muito embora o seu interesse por essa prática, como se verificou pelas suas respostas, esteja situado acima da média.

E também, que a maioria dos alunos não tem sido motivada para uma prática esportiva continuada, sendo a principal razão a falta de incentivo do professor de Educação Física, evidenciado pela falta de aulas suficientes (as alunas dos cursos de magistério por razões especiais), pela falta de orientação durante as aulas ou pela falta de interesse demonstrada ao ministrar as aulas muito mais como obrigação do que por prazer.

Estes fatos, além de outros fatores não estudados, tais como os problemas econômicos, os sociais, a evasão escolar e outros, fazem com que os alunos não mais sejam tão atraídos pela Educação Física Escolar e conseqüentemente, não façam da prática na comunidade uma extensão da prática realizada na escola, como seria desejável. Assim sendo, a escola perde, dia a dia, além da orientação e da motivação dos alunos para a prática de atividades físicas e esportivas, a condição de um local destinado à conscientização do aluno para uma prática regular e continuada.

As respostas dos dirigentes esportivos demonstraram que, de uma forma geral, as instituições da comunidade proporcionam aos seus usuários a prática de atividades físicas, esportivas e recreativas, direcionando-as para a iniciação esportiva e para os esportes de lazer. Revelaram também que, salvo as instituições especialmente destinadas a este fim, não possuem objetivos voltados para a prática dos esportes de alto nível.

A freqüência às atividades esportivas que oferecem é motivada pelos meios de comunicação, campanhas destinadas especificamente às suas populações, convênios com as escolas ou espontaneamente. Os freqüentadores costumam procurá-las levados principalmente por objetivos direcionados para a condição física, se tornarem atletas ou por motivos de lazer.

A investigação realizada com essa população evidenciou uma relativa independência entre essas instituições e as escolas ou com os organismos institucionais. Quando procurados, mantêm relações com as escolas ou com outras entidades da comunidade. Apesar dos alunos das escolas participarem nas suas atividades físicas e esportivas, a sua oferta não sofre a influência dos conteúdos lá adquiridos.

O relacionamento dessas instituições com as escolas acontecem principalmente, de forma espontânea ou levada por campanhas realizadas nesses estabelecimentos para atrair mais praticantes para as suas atividades, para atrair os alunos mais dotados para os esportes de alto nível, além de outros fins, do que por solicitação da escola ou influenciada pelos professores de Educação Física.

Analizando então, as questões que deram suporte ao problema delimitado, vemos que a primeira dizia respeito à oferta de atividades voltadas para uma futura prática continuada na escola e fora dela, como alternativa às atividades físicas e esportivas lá ministradas. A pesquisa revelou que esta finalidade raramente é preconizada nas escolas e, quando acontece, não consta dos seus programas, visando mais suprir as lacunas do calendário escolar do que para oferecer uma atividade alternativa aos alunos.

Na questão referente à motivação dos alunos para uma prática esportiva continuada, apesar dos professores afirmarem que os sensibilizam neste sentido, as suas respostas bem como as dos alunos, revelam que, embora procurem motivá-los, a falta de aulas teóricas, de atividades extras e de orientação específica, não indica uma conscientização para esta prática.

Nos programas de Educação Física das escolas da rede oficial de ensino não é vulgar constarem esportes diferentes dos tradicionais, atividades recreativas e outras típicas de lazer, atividades extra-classe, extra-escolar, excursões ou atividades na natureza, salvo naquelas que disputam os esportes escolares, e cujas atividades são exclusivamente direcionadas para tal objetivo.

Os convênios com as instituições esportivas da comunidade são celebrados quase sempre com a finalidade de proporcionarem treinos às equipes de competição. Quando visam atender uma deficiência da escola tais como piscinas, salas de judô ou outra instalação esportiva, a procura é, quase sempre, feita isoladamente pelo professor de Educação Física; raramente as direções, que deveriam estar interessadas na melhoria do ensino, se ocupam desta tarefa.

Os contatos com a comunidade no sentido de uma prática esportiva conjunta são igualmente pouco freqüentes e ocorrem somente quando uma equipe escolar se torna bastante forte numa modalidade esportiva. Quando tal acontece, este contato parte quase sempre da comunidade e raramente das escolas.

É quase inexistente nas escolas a oferta de atividades em que participam conjuntamente alunos, professores e seus familiares, além de membros da comunidade. A criação dos citados clubes escolares não supriu esta lacuna pois os poucos que ainda funcionam são destinados quase que exclusivamente à formação de equipes para os esportes de competição.

O estudo da Educação Física como elemento motivador para a prática esportiva continuada foi realizado em três partes. Na primeira analisou-se as variáveis que influem na Educação Física enquanto fator de motivação. A seguir estudou-se as teorias da motivação e a sua importância na Educação Física e, finalmente, o professor como elemento motivador da Educação Física enquanto aula e enquanto prática esportiva continuada da comunidade.

Entre as diversas variáveis que influem na Educação Física, abordou-se o interesse, a co-educação, a metodologia e os conteúdos das aulas e das atividades extras que desenvolve, devido à se constituírem em elementos que atuam diretamente na motivação do aluno para a prática esportiva continuada.

Verificou-se que o interesse por uma atividade é proporcional ao prazer que dela advém. E que ocorre em conseqüências de fatores intrínsecos e extrínsecos ao indivíduo e à própria atividade. E também que deve ser cultivado pelos professores com conteúdos e processos que despertem a necessidade, a vontade e o desejo de praticar.

Demonstrou-se a seguir, que a co-educação é uma variável que contribui para a formação de uma cultura esportiva comum aos dois sexos, em que se integram as atividades, proporcionando o prazer e a alegria de praticar, cujas atividades não visem o rendimento esportivo máximo e sim a integração de todos e que o acontecimento esportivo não seja determinado por leis ou por regras, mas sim pelo próprio ato de praticar.

A metodologia e os conteúdos da Educação Física Escolar foram encarados sob dois aspectos: direcionando-os para as aulas e para a prática esportiva continuada.

As aulas devem ser motivantes e levar ao estabelecimento de um ambiente favorável à prática de quaisquer atividades físicas e/ou esportivas, de acordo com as aspirações, necessidades ou possibilidades do educando. Para isso, devem ser aproveitadas todas as formas, momentos e espaços, destacando-se as aulas teóricas e as aulas criativas e levados em conta outros aspectos tais como a sua duração e a avaliação.

Do ponto de vista da prática continuada, as atividades extras constituem importantes elementos a serem aproveitados como motivadores da aprendizagem. Assim sendo, todas as atividades praticadas na escola (atividades extra-classe) ou fora dela (atividades extra-escolares) podem ser aproveitadas na motivação para a prática de atividades físicas e esportivas por complementarem as atividades ministradas nas aulas e reforçarem a motivação e o interesse do praticante. Entre as principais atividades extras ministradas contam-se os jogos e os esportes, estas últimas, desenvolvidas, como já foi dito, quase sempre sob a forma de competições.

A discussão das atividades extras e da relação entre o jogo, o esporte e os aspectos educativos da Educação Física Escolar nos levaram a questionar sobre os valores positivos e negativos do esporte.

Evidenciou-se assim, que o esporte pode assumir uma destas características de conformidade com o critério de valor com que é encarado. Assim sendo, na escola, é importante que o aspecto educativo esteja presente, tanto nas aulas como no esporte escolar para contribuir, não só para a formação de atletas como para a formação moral do indivíduo.

O esporte escolar é uma das mais importantes variáveis que influenciam a prática de atividades físico-motoras dos alunos com reflexos na sua prática na comunidade.

O estudo realizado mostrou que esta prática recebe o respaldo das autoridades escolares interessadas na formação de atletas para o esporte de competição. E que visando esse fim, criaram-se os Clubes de Esportes. Mostrou também, que este direcionamento, não obstante o apoio governamental, não tem sido alvo da maioria dos professores, que não aderiu a esta proposta talvez por não lhe ser proporcionado o respaldo necessário em termos de condições de trabalho, novas instalações, materiais suficientes e outras variáveis.

Estudou-se a seguir, as teorias da motivação e a sua importância para a Educação Física.

Analisou-se inicialmente, os conceito de motivo e de motivação e as principais teorias que dão suporte ao estudo da Educação Física como atividade motivadora. Este

estudo foi subdividido em: motivação para a aula de Educação Física e motivação para a prática esportiva continuada.

No primeiro caso, demonstrou-se que, se a Educação Física tem incorporado atividades físicas, esportivas e recreativas, a comunidade tem desenvolvido, paralelamente, novas atividades que por uma série de motivos (a falta de formação e de reciclagem dos professores, de instalações esportivas, materiais e outros), raramente chegam às escolas.

Assim sendo, os alunos não têm acesso a essas novidades como desejariam. Esses e outros motivos constituem fatores que inibem o desenvolvimento da conscientização para uma prática continuada já a partir da escola.

No estudo da motivação para a prática continuada de atividades físico/motoras, verificou-se que a formação de um hábito neste sentido deveria ser cultivada durante o período escolar, devido a escola conter alguns dos elementos ideais para este fim, tais como sistema, professor, instalações e materiais. Diversos fatores foram então considerados, tais como o social, a imagem que a pessoa faz de si, a educação, a saúde e principalmente, a possibilidade da prática espontânea em qualquer local, qualquer forma etc.

O estudo desses fatores mostrou que as necessidades e os desejos das pessoas pela prática de atividades físicas e esportivas estão em constante mutação. Para que a Educação Física Escolar acompanhe as tendências emergentes na comunidade é necessário que se adapte às novas realidades e, conseqüentemente, sofra também um processo de transformação.

Analisou-se a seguir, o professor de Educação Física como um elemento motivador para a prática esportiva continuada. Demonstrou-se que, para exercer este papel, necessita ser um educador, um motivador e um conscientizador.

Ao final deste estudo, tornou-se evidente que, conhecendo e levando em conta as teorias da motivação e as variáveis que influenciam este processo, a Educação Física pode ser um fator de incentivo para a prática esportiva continuada da comunidade se os professores de Educação Física efetivamente assumirem a sua função de motivador.

Destas constatações e considerando os objetivos do trabalho, pôde-se chegar às seguintes conclusões:

Sobre o primeiro objetivo, os dados obtidos permitiram concluir que a Educação Física Escolar ministra um conteúdo pouco diversificado, privilegiando as atividades esportivas no sentido da preparação do aluno para a competição em esportes de alto nível, em detrimento das outras e sem considerar as constantes mutações de oferta e de procura da comunidade, tornando-a monótona, repetitiva e desmotivante, em termos de uma prática regular e continuada; entretanto, a prática esportiva que é oferecida nas instituições da comunidade é cada vez mais variada, motivante e menos influenciada pelos conteúdos ministrados na escola.

Em relação ao segundo objetivo, a pesquisa evidenciou que o conhecimento das teorias da motivação, principalmente por parte dos professores de Educação Física, são pilares

importantes no sentido de dar suporte a um processo que dimensione a função da Educação Física Escolar como conscientizadora para a necessidade de uma prática esportiva continuada.

Deve-se porém, levar em conta que as teorias da motivação mostram que se o interesse é a mola propulsora para a prática das atividades físicas, esse interesse pode se modificar em função de uma série de variáveis que influenciam nesse processo devido até ao caráter "polimórfico" da natureza humana.

Concluiu-se também pela favorabilidade, tanto por parte dos professores como dos alunos, da necessidade de incentivar os alunos e a comunidade para uma prática esportiva regular e continuada. Que os professores de Educação Física nem sempre possuem uma formação adequada ou dispõem de um processo de motivação que leve os alunos e os demais membros da comunidade a se interessar por esta prática e a considerar a prática da Educação Física como um hábito de vida a cultivar na escola e na comunidade, no presente e no futuro. Que, segundo os dirigentes esportivos, caberia à escola motivar o aluno para uma prática esportiva na comunidade; desde a mais tenra idade, durante toda a sua vida escolar e para além dela; motivação que é independente da idade e do nível de rendimento que possa alcançar, mas sempre respeitando a sua individualidade. Como tal não tem ocorrido, será talvez a razão básica para o decréscimo da influência que exerce na prática esportiva que é atualmente desenvolvida na comunidade.

Considerando que o último objetivo do trabalho foi o de comparar a opinião das três populações acima sobre a influência da escola para uma prática esportiva continuada, num intervalo de tempo de cinco anos entre uma e outra coleta de informações, será agora possível concluir que:

A opinião dos três segmentos pesquisados à respeito desta premissa não mudou decorridos cinco anos entre as duas coletas de dados; efetivamente, continuam a considerar que as escolas (ao proporcionarem uma Educação Física eclética e motivadora, que atenda às necessidades e aos desejos dos alunos, que considere as suas capacidades e vocações e que os conscientizem para uma prática esportiva regular e continuada, tanto internamente como na comunidade), poderiam se transformar em centros de atividades físicas e de lazer, tendo a Educação Física Escolar como um agente de difusão de uma cultura do corpo e de movimentos.

Julga-se assim, ter obtido a resposta ao problema levantado no início deste estudo e que o motivou.

Com base nos resultados alcançados, sugerem-se novas pesquisas, como por exemplo, com populações de diferentes graus de ensino, em outras instituições que oferecem a prática esportiva à comunidade, com populações das zonas urbana e rural, em outras cidades, estados e países e ainda com os alunos de escolas das redes particular e municipal de ensino. Sugere-se igualmente a comparação dos estudos realizados no Brasil com outros já realizados em outros países, de forma a alcançar uma maior abrangência à investigação e possibilitar maiores generalizações.

Era também propósito deste estudo, propor sugestões no sentido da efetivação da escola como um polo irradiador de hábitos continuados da prática pela comunidade de atividades físicas, esportivas e recreativas. No entanto, devido à extensão e o tempo que um estudo desta natureza acarretaria, por não ser o objetivo principal deste trabalho e por não caber aqui a formulação de uma proposta acabada neste sentido, são levantadas neste capítulo, e com base nas teorias da Educação e da Educação Física, algumas perspectivas conducentes a uma Educação Física Escolar voltada para a conscientização para o hábito da prática esportiva continuada.

A bibliografia e a pesquisa realizada tornaram evidente, que a atual Educação Física desenvolvida nas escolas do ensino médio deveria sofrer um processo de mudanças devido a não estar acompanhando a constante evolução da prática físico-motora da comunidade, tornando-se, por este e por outros motivos, desinteressante e desmotivante para o praticante.

Entende-se porém que, antes de se formular qualquer proposta no sentido de se estabelecer mudanças no quadro revelado pelas investigações efetuadas, deve-se levar em conta que sendo a Educação Física parte importante da Educação, torna-se importante efetuar uma reflexão sobre as teorias da Educação e da Educação Física para dar suporte à qualquer nova teoria a respeito, o que foi efetivamente realizado.

Assim sendo, e levando em conta as citadas teorias como fundamentos importantes a considerar nas atividades desenvolvidas pela Educação Física Escolar, serão a seguir, propostas novas perspectivas visando estabelecer alguns critérios para fortalecer o processo de conscientização para uma prática esportiva continuada.

6.2. PERSPECTIVAS

Em todo o mundo, estudos como o de DIGEL (1984) e o de OPACHOWSKI (1987:39), têm demonstrado que diariamente se nota cada vez mais a divisão da prática esportiva em três grandes contradições, assentes nos modelos esportivos que hoje predominam, destacando-se os esportes de rendimento, o esporte como comércio, os esportes de lazer, os esportes alternativos e ainda, o modelo de esporte como instrumento político. São elas:

- Esporte de alto nível/esportes de lazer;
- Esporte nas associações/esporte em ambientes comercializados;
- Esporte organizado/esporte não organizado.

A partir da década de 60, a prática das atividades físico-motoras tem sido estudada em todo o mundo, não só no sentido do rendimento esportivo, mas também como sendo importante para o cotidiano, para os tempos livres e para a qualidade de vida da

sociedade. Estas premissas são cada vez mais preconizadas pela ciência esportiva, temas que igualmente foram considerados básicos nos últimos congressos internacionais do Esporte para Todos.

Tendo em vista conceber uma nova visão da Educação Física Escolar no Paraná e no Brasil, parte-se da concepção do "cenário" de WELLENDORF (1973) e de KURZ (1985:25), sem esquecer as premissas de PALM (ibid 1988:12), ao mostrar que o esporte não está mais voltado unicamente para o alto nível, mas incorpora o esporte escolar, o esporte comercializado, o esporte praticado nas academias, nas empresas, nos cursos superiores, nas estações de férias, nas estancias termiais, nos centros comerciais, nos programas esportivos da comunidade, da cruz vermelha, dos partidos políticos e ainda, nos dos movimentos da juventude e dos idosos, das instituições religiosas, das universidades, dos clubes e de outras instituições, como formas alternativas de vida.

Algumas instituições escolares, nas diversas partes do mundo, em diferentes níveis, têm procurado as soluções para as constantes necessidades da população. É, por exemplo, o caso da Universidade da Califórnia, ao instituir um novo curso destinado não só a artistas, como também, a todos os interessados que, além de conferir ao participante um "Certificado de Comediante", contribui com certeza para diminuir o seu "stress" e o da comunidade (BAHIANA, 1990:32).

Como agente do desenvolvimento de uma mentalidade visando a prática esportiva na escola e na comunidade, a Educação Física Escolar deveria efetuar modificações na sua atual organização. Sugerem-se as seguintes:

- Não deveria possuir um currículo único mas sim aberto (BRODTMANN, 1985a:53), centrado na cultura esportiva predominante na região de atuação, na realidade observada na comunidade, no ambiente escolar e no aluno.
- As suas finalidades seriam alargadas, possibilitando ao aluno a escolha da atividade que mais gosta, que necessita ou para a qual se sente mais vocacionado.
- O planejamento anual deveria ser adequado às atividades escolhidas pelos alunos. Estas seriam oferecidas de acordo com a preferências da maioria, do ambiente da escola, das instalações e do material disponível. A sua escolha dependeria também dos conhecimentos, da vocação e da motivação do professor, bem como do calendário de promoções fornecido pelas autoridades escolares e esportivas, além de outras variáveis dependentes.
- Os conteúdos deveriam ser direcionados a uma série de áreas de atuação para as quais os professores, os alunos e a comunidade poderiam apresentar sugestões e até desenvolver metodologias alternativas que facilitem a sua aplicação.

Para que possa abranger as diferentes áreas propostas, é necessário que a Educação Física não seja entendida só como atividade física, mas também, como atividade social, educativa e humanística.

Sem ser estanque, deveria incorporar outros aspectos da Educação, tais como as artes, a cultura etc., de forma a promover a autodeterminação, a criatividade e o desenvolvimento da personalidade do aluno.

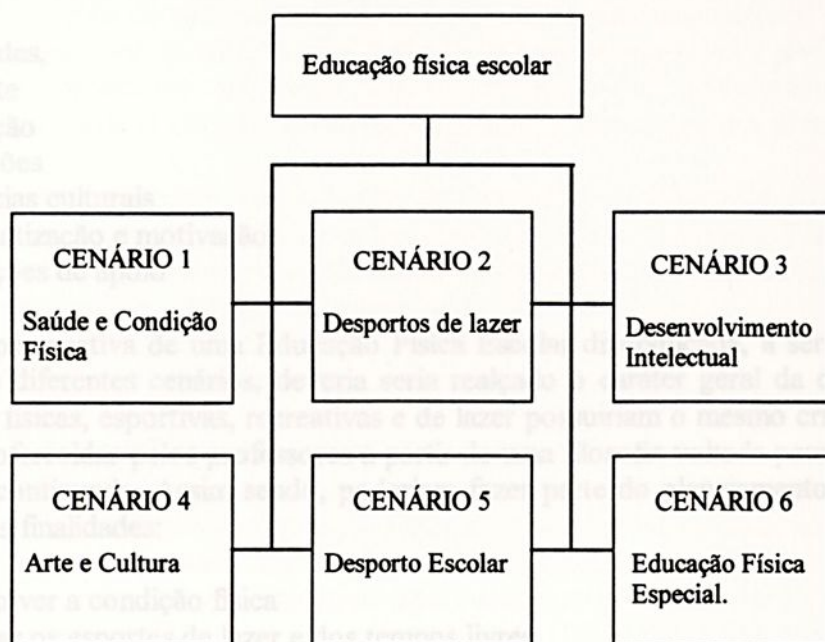


Assim sendo, a Educação Física contribuiria para a absorção pela escola de novas formas de atividade dentro de um conceito educacional e de uma ampla perspectiva interdisciplinar. A escola se constituiria então, num centro de atividades físicas e de lazer, cujos programas, conteúdos, metodologias e atividades seriam estabelecidos em função das preferências e das necessidades atuais e futuras da sua população-alvo.

É de crer que no futuro a escola deverá preparar-se não só para os aspectos "tradicionais" da Educação Física, como também para a difusão de outros aspectos importantes para a vida na comunidade. Sugere-se então a reestruturação da Educação Física Escolar em "cenários", onde, numa mesma área de atuação, estejam agrupados determinados programas, conteúdos e atividades alternativos, onde o aluno encontre o que goste, tenha condições, se interesse ou se sinta realmente vocacionado.

No desenvolvimento de uma "nova" Educação Física, onde se pretenda diversificar a oferta de atividades físico-motoras que atendam aos desejos e necessidades dos alunos e da comunidade, torna-se importante que esta oferta não se restrinja só aos esportes, mas se estenda à outras atividades físicas, tais como as sugeridas no organograma que se segue.

FIGURA 8. ORGANOGRAMA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR SEGUNDO A SUA ORGANIZAÇÃO ATRAVÉS DE CENÁRIOS



Desta organização, derivaria então, a seguinte nomenclatura para os correspondentes cenários:

CENÁRIO 1 - Saúde e condição física

CENÁRIO 2 - Lazer e bem-estar psicossocial

CENÁRIO 3 - Atividades intelectuais e criativas

CENÁRIO 4 - Arte e cultura

CENÁRIO 5 - Esporte de competição

CENÁRIO 6 - Recuperação física e mental

Na elaboração deste e de outros "cenários" que irão compor a Educação Física Escolar, devem-se considerar determinados fatores, variáveis influenciadoras, finalidades, conteúdos e atividades alternativas.

Assim sendo, cada cenário abrangeria uma área de atuação a ser desenvolvida na escola, poderia ser composto por uma ou por mais atividades interligadas, permitindo ainda, a inserção de atividades alternativas.

Cada escola poderia desenvolver um ou mais cenários, dependendo da necessidade, da capacidade e do número de professores. Na escolha dos cenários, cada professor levaria em conta as suas especializações, vocações e interesses. Nas escolas com menor número de alunos, os professores optariam pelos cenários que melhor representassem a realidade da sua escola, a sua formação, os anseios dos alunos e a realidade observada na comunidade.

Uma Educação Física Escolar concebida em função de cenários tais como os acima citados, deveria porém, considerar uma série de variáveis que influenciam o seu desenvolvimento, do conjunto das quais destacam-se:

- finalidades,
- ambiente
- população
- instalações
- tendências culturais
- conscientização e motivação
- instituições de apoio

Na perspectiva de uma Educação Física Escolar diversificada, a ser desenvolvida através de diferentes cenários, deveria ser realçado o caráter geral da disciplina e as atividades físicas, esportivas, recreativas e de lazer possuiriam o mesmo critério de valor e seriam oferecidas pelos professores a partir de uma filosofia voltada para a sua prática regular e continuada. Assim sendo, poderiam fazer parte do planejamento escola, estas e/ou outras finalidades:

- desenvolver a condição física
- estimular os esportes de lazer e dos tempos livres
- revigorar os jogos tradicionais
- praticar as danças folclóricas, modernas e de salão
- auxiliar a alfabetização
- desenvolver as expressões artísticas e culturais
- desenvolver os dotes acrobáticos e expressivos
- promover a criatividade

- estimular o contato com a natureza
- praticar o esporte escolar
- desenvolver a idéia de uma prática esportiva continuada
- promover a prática físico-motora dos deficientes físicos e mentais

Estas finalidades podem ser assim justificadas:

Desenvolver a condição física

Sabe-se que hoje, as pessoas de todas as idades, sexos e categorias sociais procuram praticar uma atividade física visando melhorar a estética, perder peso, engordar ou emagrecer, crescer, muscular-se ou adquirir força para melhorar os resultados esportivos, melhorar a sua resistência orgânica ou com diversos outros objetivos.

A pesquisa e as observações realizadas ao longo do presente trabalho, demonstraram que os alunos das escolas de nível médio procuram cada vez mais na comunidade os locais para este tipo de prática, levados principalmente pelas suas necessidades pessoais, pelo ambiente lúdico e social que lá encontram ou ainda, devido à desmotivação que sentem por lhes faltar na escola as atividades que gostariam de praticar.

Os alunos desconhecem, muitas vezes, os conceitos elementares de condicionamento físico que, se tivessem sido ministrados na escola, facilitariam a escolha e a orientação para uma atividade adequada às suas necessidades e capacidades. A partir de pesquisas de opinião para conhecer as suas necessidades e preferências, essas atividades poderiam ser oferecidas pela escola para suprir essas carências, além de cumprir com um dos principais objetivos da Educação Física que é a formação corporal do aluno.

Para isso, poderiam ser incluídas no currículo da Educação Física Escolar e constituídas a partir de um cenário intitulado **Saúde e Condição Física**", diversas atividades, onde se incluiriam caminhadas, corridas rústicas, orientadas, na natureza, circuitos, musculação, ginástica de academias e outras afins.

Estimular os esportes de lazer e dos tempos livres

Além das atividades tradicionalmente oferecidas, a escola deveria considerar também, outras atividades físico/motoras para fazer face às necessidades atuais da civilização. As finalidades da Educação Física no mundo atual são mais abrangentes, não se restringindo só às aulas nas escolas como também, procurando desenvolver uma consciência do valor desta prática como alternativa para o "stress", para o estudo, para o trabalho e para os problemas da vida na comunidade (BRODTMANN, 1985a).

Para atingir estas metas, a Educação Física Escolar poderia oferecer uma série de opções que considerem estas e outras prioridades e que respeitem as suas preferências. Que não se limitassem aos esportes tradicionalmente praticados, mas também, criando novos jogos e esportes, novas formas de jogar, novos padrões e novas regras para novas e velhas modalidades ou criando formas esportivas visando o prazer, a alegria e a motivação de praticar por praticar.

A partir de um cenário, constituído a partir de atividades de **Lazer e bem-estar psicossocial**, se incluíam todas as atividades recreativas, os esportes disputados sob a forma de lazer, as gincanas, caça ao tesouro, as festa de jogos, os jogos tradicionais, as danças e outras.

Revigorar os jogos tradicionais

Todos os países possuem jogos, brincadeiras, passatempos, diversões, desafios e outras formas de atividades que fazem parte da sua cultura que, nesse estudo, denominamos **Jogos Tradicionais**. Considerando o tipo de motricidade que desenvolvem relativamente aos aspectos intelectuais, afetivos, sociais, sensoriais e motrizes (GUEDES, 1977:70), a escola pode desenvolvê-los, não só no sentido de reviver as tradições como também para oferecer atividades alternativas aos seus alunos.

Os jogos tradicionais podem integrar-se tanto na própria aula como em atividades extra-classe, demonstrações, participações, concursos, jogos, torneios e competições, atividades comemorativas ou qualquer outra forma de convivência. Algumas cidades, como Sorocaba (BRAMANTE, 1984), têm desenvolvido com sucesso essas atividades, dentre as quais, destacam-se: a amarelinha, o pião, as bolinhas de gude, o jogo do beto, o caçador, as pernas de pau, a malha, a bocha e outros, que se incorporaram através dos tempos no quotidiano do nosso país.

Praticar as diferentes formas de dança

A dança é uma das atividades mais populares da cultura de qualquer país. São desenvolvidas pela comunidade nas mais diferentes formas, tais como: as danças folclóricas, as danças de salão, a dança clássica, a dança moderna e outras expressões rítmicas.

O desenvolvimento na escola de todas as formas e expressões da arte da dança atrairá com certeza uma população ávida dos novos movimentos a aprender e a praticar. Além disso, a possibilidade do contato social e também com o sexo oposto, constituirá, provavelmente, um bom motivo de atração, incentivando nos alunos e na comunidade a co-educação e a participação em atividades conjuntas.

Entende-se que para isso, será necessário uma nova tomada de posição dos nossos professores com a participação mais efetiva da dança no currículo dos cursos de graduação em Educação Física. Assim sendo, além da dança folclórica e da dança moderna, poderiam ser incluídas aí, as outras vertentes (dança de salão e dança clássica).

Auxiliar a alfabetização

A justificar a importância na escola de um "cenário" intitulado: **Atividades intelectuais e criativas**, diversas pesquisas têm demonstrado que, por meio dos movimentos, das atividades lúdicas e psicomotoras, a Educação Física pode servir de suporte ao ensino da leitura, da escrita e da matemática elementar.

Assim sendo, atividades tais como os projetos especiais, os concursos, as olimpíadas educacionais e os prêmios a determinados ramos de conhecimento

proporcionarão um reforço ao ensino da língua, da matemática e de outras disciplinas educacionais.

Desenvolver as expressões artísticas e culturais

A comunidade costuma desenvolver uma série de atividades que fazem parte de uma cultura do corpo e dos movimentos e que podem perfeitamente ser aproveitados pela Educação Física para os motivar ainda mais. Deste conjunto, destacam-se: as bandas e as fanfarras, o circo, o teatro, a escultura, a pintura e outras. Os seus conteúdos devem fazer parte da Educação Física Escolar visando desenvolver nos educandos todas as capacidades criativas, interpretativas, dramáticas, etc., que fazem parte de uma educação verdadeiramente integral.

Num "cenário" intitulado **Arte e Cultura**, os professores poderiam desenvolver, além das atividades acima mencionadas, outras como as acrobáticas, expressivas e criativas:

Desenvolver as qualidades acrobáticas, expressivas e criativas

Através dos tempos, a ginástica tem sido utilizada para desenvolver os segmentos corporais e melhorar a sua flexibilidade, agilidade e o tônus muscular. Nas diferentes épocas, tem servido de preparação para as guerras, para o trabalho e para o esporte. Modernamente, tornou-se coadjuvante da Educação Física Escolar, dos esportes de competição ou dos programas alusivos à uma cultura corporal cada vez mais desenvolvida nas academias e nas escolinhas esportivas.

A ginástica é porém, muito mais do que isso, podendo ser fomentada de diferentes formas, tais como: a ginástica rítmica desportiva, a ginástica artística, a ginástica acrobática, a ginástica em trampolins, a ginástica expressiva ou estética, a ginástica de recuperação e a ginástica de demonstração ou de grupo.

Promover a criatividade

As atividades criativas se integram em currículos voltados para a alfabetização dos alunos, para a educação psicomotora e para outros objetivos preconizados pela escola. Uma Educação Física com novos projetos, tais como a semana cultural, uma festa junina com jogos, o aproveitamento de datas comemorativas e muitos outros projetos especiais, contribuiria, através das atividades de movimento, para o desenvolvimento dos objetivos educacionais.

Promover o contato com a natureza

O aproveitamento de ambientes encontrados, construídos ou improvisados a partir da água, da areia, dos bosques e de equipamentos e materiais esportivos, adquiridos e/ou reciclados pelos próprios alunos, permite que toda e qualquer atividade possa ser desenvolvida pela Educação Física Escolar. A natureza poderia oferecer uma alternativa às atividades praticadas intra-escola e esta deixaria de ser o único local de prática físico/motora dos alunos.

Praticar o esporte escolar

Ao propor atividades alternativas para os alunos, a Educação Física Escolar poderia então, adotar uma atitude mais realista em relação ao esporte escolar, voltando-se "oficialmente" para o esporte de alto nível.

Ao promover as mais diferentes atividades físico/motoras, a prática esportiva não necessitaria mais ser um meio termo entre a iniciação esportiva, o aperfeiçoamento e as outras denominações que até aqui têm mascarado a sua tendência para a alta competição.

O "cenário", seria então, intitulado: **Esporte de competição.**

Nesta perspectiva, o esporte escolar seria proposto a partir do entendimento entre as secretarias estaduais dos esportes e da educação. Desta forma, os clubes escolares poderiam finalmente, ser aproveitados nas funções para as quais foram criados, quais sejam: a formação das equipes de competição, estimular a prática físico-motora do aluno e promover uma maior participação da comunidade nas atividades escolares

Promover a atividade dos deficientes físicos e mentais

Com a finalidade de atender a toda a comunidade, a Educação Física poderia programar para esta população, de acordo com a sua deficiência e a sua capacidade, atividades com objetivos de recuperação, de integração na comunidade e de prática esportiva de competição. Esta área visa orientar o aluno para a descoberta do seu corpo e para desenvolver as suas potencialidades físicas, intelectuais e emocionais.

Desenvolver a idéia de uma educação física continuada

Através de ações teóricas e práticas, a Educação Física Escolar encorajaria os alunos a desenvolver dentro e fora da escola, no presente e no futuro, a sós ou em grupo, a criação de situações de atividades físicas e esportivas e a estarem aptos para as resolver. Nesse sentido, são importantes os projetos de massa, tais como as ruas de recreio, os festivais de jogos, as gincanas e outros.

Para implementar esta idéia são também básicos os **manuals de Educação Física** a serem discutidos e refletidos em aulas teóricas, com o auxílio de audiovisuais, de palestras e de outras formas.

Na seqüência das finalidades acima mencionadas, muitas outras formas, novas ou velhas, podem ser aproveitadas para um processo de motivação da prática comunitária a partir da Educação Física Escolar, cabendo ao professor criá-las, modificá-las ou reciclá-las em prol do seu ensino.

Para que seja possível desenvolver os cenários acima, é necessário que seja criado na escola: **a) um ambiente propício b) desenvolver um planejamento adequado c) atividades reforçadoras**

a) O ambiente

Ao optar por um ou outro cenário, o professor deverá criar um ambiente favorável para que as suas propostas sejam alcançadas. Levará em conta, todas as variáveis que

influenciam o desenvolvimento dos programas na escola, tais como: as pessoas que os desenvolveriam e as que participariam nas atividades, as instalações, os equipamentos, os materiais existentes e a cooperação dos pais e da comunidade. Para os alunos, esta transformação do ambiente escolar deve ser feita de modo a que sinta a escola como algo de seu.

Seria importante para si e para as atividades, procurar conquistar a diretoria e os restantes professores da escola, pois sabe-se que muitos deles (mesmo os de Educação Física) não estão abertos às novidades e nem sempre as outras disciplinas cooperam com a Educação Física.

Torna-se então, fundamental que:

- apresente sugestões para a construção, a remodelação ou o aproveitamento das instalações esportivas existentes na escola;
- que elabore propostas para a colaboração com as entidades comunitárias vizinhas de modo a beneficiarem-se mutuamente das atividades;
- que motive os alunos para a atividade para a qual esteja mais apto;
- que favoreça a correta utilização das instalações e dos materiais, bem como a construção e a reciclagem dos seus próprios materiais esportivos, a partir de materiais velhos, usados ou encontrados nas suas casas ou na comunidade.

Além da diretoria da escola, os órgãos governamentais deveriam também serem sensibilizados da importância dos materiais e de adequadas instalações esportivas escolares, no sentido de um melhor aproveitamento do espaço, do bem estar dos praticantes, da sua adequação às atividades pretendidas, como também para criar um ambiente motivador para esta disciplina.

Neste processo, os pais dos alunos constituem peças importantes. A sua informação sobre as atividades programadas e realizadas, bem como uma imagem positiva das promoções, os motivaria para uma participação ativa, quer como praticante, quer na organização das atividades, influenciando também os dirigentes da comunidade.

Na promoção da Educação Física Escolar é muito importante a colaboração de pessoas que possam participar, influenciar, auxiliar, cooperar e apoiar as atividades. Destacam-se: a direção da escola, os professores de Educação Física e das outras disciplinas, os alunos, os funcionários da secretaria, da limpeza e da manutenção, os pais, os membros da comunidade vizinha e os organismos escolares e esportivos do Município e do Estado.

Ao apresentar à direção da escola a proposta da Educação Física incluindo os cenários e os programas que se pretendem desenvolver, procurar-se-ia sensibilizá-la para as finalidades a atingir. A inclusão de atividades conjuntas com outras disciplinas, promoveria a adesão de outros professores além dos da Educação Física e em consequência, um reforço para as iniciativas subsequentes. O bom relacionamento com os funcionários da escola seria básico para a sua cooperação nas atividades.

No desenvolvimento dos programas a desenvolver em cada cenário, os alunos não seriam mais só praticantes ou espectadores das atividades, mas participariam em todas as ocasiões no processo de desenvolvimento de cada atividade como, por exemplo, nas funções de planejamento, de organização, de execução e avaliação. Assim sendo,

aprenderiam a organizar as suas próprias atividades e a auxiliar a promoção de atividades na sua família e entre os seus vizinhos e amigos.

O diálogo constante com a população possibilitaria o estabelecimento de atividades conjuntas e de futuros convênios. A vizinhança e todos os membros da comunidade, constituiriam colaboradores importantes da Educação Física quer como praticantes, quer como organizadores, árbitros, colaboradores, espectadores ou em outras funções. A partir da utilização, da colaboração e da conscientização para a necessidade de zelar dos materiais e das instalações, teriam a sua participação realçada, com reflexos positivos nas futuras ações a promover.

Em muitas escolas existe o conceito (ou o pré-conceito) de que as aulas de Educação Física devem ser ministradas nas instalações esportivas que normalmente ficam num local afastado, que não façam barulho que possa "atrapalhar" as aulas das outras disciplinas e que nem sempre são bem construídas.

Na busca de um ambiente favorável para a prática das atividades físicas, os professores devem procurar convencer a direção da escola, os colegas da sua e das outras disciplinas e, noutro momento, a comunidade e as autoridades escolares e políticas do Município e do Estado, de que, sendo esta disciplina tão importante como as outras para o processo de desenvolvimento do aluno, necessita de instalações pelo menos iguais às das outras disciplinas, relativamente às condições de trabalho.

Para atender aos diferentes aspectos que desenvolve, necessita de outras instalações além das quadras, tais como: um espaço gramado, um salão, um pátio e de preferência coberto, além de material audio-visual, importantes para as aulas teóricas e para o processo de conscientização e de motivação das atividades menos conhecidas e divulgadas.

É de crer que não faltam apoio e nem verbas para o ensino, mas bons projetos e formas imaginativas para os apresentar às autoridades escolares. Para obter o apoio e os recursos necessários às suas promoções, o professor elaboraria um projeto onde constariam os cenários, os programas, as instalações e os materiais para os desenvolver, além de auxiliar a direção no encaminhamento às instâncias superiores, das propostas e do orçamento.

Entretanto, as escolas costumam ser atendidas pelos governos de um modo diferenciado, além do tempo que têm de esperar pelos seus pedidos. Assim sendo, a construção de instalações esportivas alternativas bem como a transformação de locais para a sua utilização com atividades esportivas e a construção e a reciclagem de materiais esportivos, deveriam fazer parte do conteúdo das aulas de Educação Física, como forma de motivar a comunidade para a obtenção dos seus próprios equipamentos.

Para se criar um ambiente favorável à Educação Física Escolar não se pode deixar de reconhecer a importância da relação escola/comunidade. Deve-se levar em conta, que a comunidade é constituída por uma série de manifestações culturais, transmitidas dos pais para os filhos através dos tempos e que são acrescidas e modificadas pelas correntes de imigração que ocorreram em muitas regiões do Brasil. Na cultura regional são encontradas muitas destas atividades que fazem parte do cotidiano e que poderiam ser melhor preservadas quando estimuladas pelos professores. A partir da interrelação com a comunidade, a Educação Física Escolar pode conseguir uma maior credibilidade e um maior apoio às suas iniciativas.

Nesta perspectiva, as danças, os jogos tradicionais, os festejos e outras formas de cultura popular devem ser desenvolvidas e organizadas pela Educação Física para enriquecer o seu conteúdo e facilitar a sua aceitação pela população, de igual modo como as demais atividades.

Não é porém possível, incrementar o relacionamento da escola com a comunidade sem um adequado processo de conscientização dos professores, dos alunos e por extensão, da comunidade.

Nesse sentido, o método criado por PAULO FREIRE (1980; e GADOTTI, 1989:39), propõe que a formação de uma consciência crítica passa por diferentes etapas, entre elas a etapa da investigação, na qual o educador vai até a comunidade, sente as suas preocupações e capta elementos da sua cultura; a etapa da tematização, na qual são decodificados os temas e, da sua leitura, são gerados novos temas a partir da substituição de uma visão mágica por uma visão crítica e social e então, a etapa da problematização, onde o sujeito se liberta da opressão através de uma práxis transformadora.

Por esses motivos, para o estabelecimento de uma cultura corporal, torna-se necessário que o educador conheça, sensibilize e interaja com todas as pessoas e instituições pertencentes à população o envolvida e outras que, de qualquer forma possam auxiliar neste processo, das quais se destacam:

- os alunos;
- os professores;
- a direção da escola;
- os outros professores de Educação Física e das restantes disciplinas da própria escola;
- outros professores da comunidade;
- os pais dos alunos
- os órgãos escolares e esportivos oficiais do município;
- os órgãos de comunicação;
- o sistema estadual de ensino;
- a população vizinha da escola;
- os organismos esportivos da cidade;
- outros membros da comunidade.

Na criação de um cenário, o aluno representa o principal elemento a ser conscientizado, sendo porém um só no conjunto dos muitos elementos que influenciam o trabalho do professor na escola e no seu relacionamento com a comunidade.

O professor deve pois, procurar por toda a parte uma maior representatividade a fim de tornar o seu trabalho conhecido e conseguir o apoio moral, físico e financeiro necessário à realização de qualquer atividade que promova.

O governo e a comunidade muito podem contribuir para a obtenção dos recursos necessários ao seu trabalho. É porém através dos projetos, das ações, dos resultados atingidos e do seu desempenho público que irá provar o merecimento de tudo quanto solicitar à comunidade.

Nesta perspectiva, em toda a atividade que realizar, a comunidade será, simultaneamente, o seu maior colaborador e o seu maior juiz.

O governo, embora seja o mais importante parceiro do professor nas suas atividades na escola e na comunidade, não pode ser sempre responsabilizado pela falta

dos elementos necessários ao trabalho docente, mas sim considerado como um dos tantos fatores, juntamente com outros, tais como os pais, os alunos, a direção e o corpo docente da escola bem como os organismos públicos municipais e a própria comunidade vizinha.

Além da formação de um ambiente propício e da conscientização da população que participa ou apoia as atividades, é necessária a automotivação do próprio professor e, a partir daí, sensibilizar todos os participantes dos diferentes cenários para que esta prática se transforme num hábito consciente.

Neste processo, além da preocupação com o planejamento, com os objetivos, com a metodologia e com os conteúdos a desenvolver, deverá transmitir uma imagem positiva de si e da atividade. É fundamental a comunhão com todas as pessoas que tem à sua volta, desenvolvendo a amizade, o companheirismo, a alegria, o prazer e a vontade de praticar e o espírito de grupo, para além de outros aspectos.

Em cada cenário, em cada programa e em cada atividade, estes e outros aspectos deverão ser incentivados para manter o interesse, criar atitudes favoráveis e formar os hábitos que irão tornar essa prática regular e permanente, na escola e além dela, durante toda a vida do praticante.

b) Planejamento para o desenvolvimento e motivação dos cenários - metodologia

A organização de um plano que vise o desenvolvimento e a motivação dos cenários, deverão ser elaboradas pelas secretarias estaduais de educação conjuntamente com as secretarias estaduais de esporte ou similares e com a cooperação de outros organismos, tais como as secretarias estaduais de saúde, de cultura, de assistência social ou similar, além das federações esportivas, nas suas respectivas áreas.

É de crer que as secretarias estaduais de esportes ou similares possuam maiores condições para supervisionar este projeto devido aos pré-requisitos acumulados na organização do esporte escolar. Sugere-se no entanto, que na equipe diretiva de um projeto escolar, haja um representante de cada um daqueles organismos, devido à diversidade dos cenários e das suas áreas e alternativas.

Para a criação na escola de um ambiente propício ao desenvolvimento de qualquer nova proposta torna-se muito importante a observação de outros fatores, tais como: a divulgação da nova proposta, que poderia ser realizada através dos órgãos de comunicação, de seminários, cursos e convênios com organizações escolares e/ou esportivas nos âmbitos estadual, regional e municipal, escolas de Educação Física, etc.

Os professores poderão escolher o cenário que melhor se adapte às suas características, aos seus conhecimentos e ao ambiente já existente.

Visando esta finalidade, propõe-se o estudo e uma posterior discussão no sentido da adoção de um "Livro Escolar", para cada série, inicialmente a partir da quinta série, onde os conteúdos de cada cenário seriam melhor explicados aos professores e aos alunos, possibilitando a realização de aulas teóricas de Educação Física.

Propõe-se também a elaboração periódica de novos textos (livros, apostilas, folhetos, manuais, etc.) pelas secretarias envolvidas, visando fornecer sistematicamente informações e sugestões aos participantes de cada cenário.



c) Atividades reforçadoras

Sugere-se a organização periódica de promoções que reforcem a motivação para a prática do aluno em cada cenário a desenvolver. Estas podem ser desenvolvidas através de convênios com faculdades ou outras instituições educacionais, culturais, sociais, de saúde e de federações esportivas, além de outros organismos e entidades e/ou pessoal especializados em cada área.

Estas atividades poderiam ser organizadas através de cursos, congressos e de outras atividades teóricas e práticas e fazer parte de um calendário anual da escola, dos núcleos regionais de educação, das secretarias e dos referidos organismos estaduais e municipais e ser implantadas através de um calendário flexível a nível escolar, municipal, regional e estadual.

A nível escolar, as aulas e as atividades reforçadoras em cada cenário não deveriam servir de eliminatórias mas sim de estímulo para a sua prática. A partir das observações, dos testes e da participação nas aulas, seriam escolhidos os alunos participantes em cada promoção a nível escolar municipal, regional e estadual. Os alunos mais destacados em cada cenário poderiam então ser promovidos em quadros murais, jornais escolares e nas cerimônias e festas realizadas na escola.

A nível municipal, as promoções serviriam para se conhecer os destaques individuais, os grupos, as formações e as equipes representativas de cada escola. Destes encontros, os vencedores individuais, os grupos ou as equipes ou formações escolares da cidade, teriam a possibilidade de participar em encontros semelhantes a nível regional.

A nível regional, os melhores alunos, grupos ou formações das escolas, classificados a nível municipal das suas cidades, poderiam participar nos jogos ou nos festivais regionais em cada atividades nas cidades previamente escolhidas da sua região.

A nível estadual, as promoções visariam escolher os melhores alunos nas diferentes atividades desenvolvidas, oportunidade que seriam premiados em cerimônias com a participação das altas autoridades escolares e esportivas estaduais, além dos órgãos de comunicação e aonde seria salientado o seu mérito como esportista estadual.

A participação nas promoções nacionais dependeria dos calendários das diferentes atividades realizadas e que no futuro se espera estarem interligados com as atividades que aqui são sugeridas.

Esses e outros exemplos constantes, que se sucedem a todo momento, fazem parte de uma nova visão da escola como elemento importante da comunidade, numa interrelação de interesses que a Educação Física Escolar deveria considerar, se pretende acompanhar as mutações da Educação e ser um elemento fundamental do futuro que se avizinha.



BIBLIOGRAFIA

- ALBA, Javier de e VAREA, José Luis. Os tempos livres dos filhos. Lisboa: Fomento Família. 1980
- ALBUQUERQUE N. e VISALTERGHI, A. A história da Pedagogia. v. 2. Lisboa: Livros Horizonte. 1982
- ANTONELLI, Ferruccio e SALVINI, Alessandro. Psicologia del deporte. Valladolid: Editorial Minon. 1978
- APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. O que é APAE. Maringá: Gráfica Catarinense. 1988
- AUSUBEL, DAVID. P. Educational Psychology: A cognitive view. New York: Holt, Rinehart and Winston Inc. 1968
- AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física. 3 ed. v.1. São Paulo: Ed. Melhoramentos. 1920
- AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos. 1977
- BAHIANA, Ana Maria. Caderno de Cultura. In: Jornal O Globo. Rio de Janeiro: 21-01-90, p. 2
- BALLUZ FILHO, Eduardo et alii. Proposta. In: Anais do 3º Congresso Brasileiro de Esporte para Todos. Campo Grande: Secretaria de Desenvolvimento do Desporto e Lazer do Mato Grosso do Sul. 1986
- BANDURA, A. Social Learning Theory. New Jersey: Prentice-Hall. 1977
- BANUELOS, Fernando Sanchez. Bases para una didáctica de la educación física y el deporte. 2 ed. Madrid: Gimnos. 1986
- BARBANTI, Valdir. Aptidão física e saúde. In: Revista da Fundação de Esportes e Turismo do Paraná. Ano 3. (1) Curitiba: FESTUR. 1991, p. 5-8
- BASSACO, Stella M. C. A co-educação em aulas de Educação Física na faixa etária de 10 anos. Monografia de Especialização. Maringá: Universidade Estadual de Maringá. 1985
- BATALHA, Ana Paula et alii. Criar um clima positivo na classe: comunicação como interação positiva. In: Didáctica II: elementos de apoio. Lisboa: ISEF. 1988
- BELTZIG, Günter. Vielleicht ein Anfang: Spielplätze und Spielplatzgeräte für behindert. In: Spielraum 6. Hannover: Curt Vincentz Verlag. 1988, s. 140-144
- BENTO, Jorge Olimpio. Jogar não pode substituir a exercitação. In: Revista Horizonte. v. 1 (2). Lisboa: 1984, p. 62-63
- BENTO, Jorge Olimpio. Planeamento e avaliação do Ensino. Lisboa: Livros Horizonte. 1987
- BENTO, Jorge Olimpio. Desporto matéria de ensino. Lisboa: Livros Horizonte. 1987a
- BENTO, Jorge Olimpio. Para uma formação esportivo-corporal na escola. Lisboa: Livros Horizonte. 1989
- BERGELIN, Christian. Les Rythmes de Vie de L'Enfant et le Sport à L'école. Paris: Comité National Olympique et Sportiv Français. 1988.
- BETTI, Mauro. Educação Física e Sociedade. São Paulo: Editora Movimento. 1991
- BILLION, Falk. O Plano dourado: uma estratégia para a previsão de instalações esportivas na R.F.A. In: Políticas Europeias para os equipamentos desportivos. Lisboa: DGD. 1986, p. 51-53

- BLOOM, Benjamin S. Taxionomy of Educational Objectives Domain. New York: Mckay,D. 1956. Ou em português: Taxionomia dos Objetivos Educacionais:v.1. Dominio Cognitivo. Porto Alegre: Globo. 1972
- BLOOM, Benjamin S.; KRATHWOHL, David R. e MASIA, Bertram B. Taxionomy of Educational Objectives Afetive Domain. New York: Mckay, D. 1964. Ou em português: Taxionomia dos Objetivos Educacionais: v. 2. Domínio Afetivo. Porto Alegre: Globo. 1972
- BOAVENTURA, João C. No prefácio de: Desporto para Todos - As actividades físicas e a prevenção de doenças. Lisboa: DGD. 1980
- BOAVENTURA, João C. e MIRANDELA DA COSTA. As actividades físicas na era da 3ª vaga. In: Revista Desporto e Sociedade nº44. Lisboa: DGD. 1987
- BORSARI, José Roberto et alii. Educação Física da Pré-Escola à Universidade. São Paulo:EPU/EDUSP. 1980
- BOUCHARD, C; SHEPHARD, R. J.; STEPHENS, T.; SULTON, J. R. e MCPHERSON, B. D. Exercise, fitness and Helth. Champaign, Illinois: Human Kinetics books. 1990
- BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte aceita as regras do jogo... capitalista. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v.7 (2). São Paulo: 1986, p. 62-68
- BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. Trabalho Mimeografado. Porto: Congresso Mundial da FIEP. 1988
- BRAMANTE, Antonio C. Clube Esporte para Todos. In: Anais do II Congresso Brasileiro de EPT. Brasília: MEC/SEED. 1984, p. 38-39
- BRAMANTE, Antonio C. Esporte, tempo livre, recreação e lazer na América Latina. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte v. 11 (2). Campinas: 1990, p. 114-117
- BRASIL - Ministério da Educação e Cultura. Lei 5.692/71 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Brasília: MEC. 1971.
- BRASIL - Ministério da Educação e Cultura. Decreto-Lei nº 69.450/71. Brasília: MEC. 1971
- BRASIL - Ministério da Educação e Cultura e Departamento de Educação Física e Desportos. Lei nº 6251/75; Política Nacional de Educação Física e Desportos; Plano Nacional de Educação Física e Desportos. Brasília, DED/MEC. 1976
- BRASIL - MEC/DED e MOBREAL Campanha EPT - Documento Básico. Brasília: 1977
- BRASIL - MEC/SEED. Legislação Desportiva. Brasília: 1982
- BRASIL - MEC/SEED. Portaria n.º 001/82. Brasília: 1982
- BRASIL- MEC/SEED e SUEPT (Subsecretaria de Esporte para Todos). Teoria e Prática do Esporte para Todos 1982-1983. Brasília: 1983
- BRASIL - MEC/SEED. A Política Nacional de Educação Física e Desportos 1986-1989. In: Boletim da FIEP, v. 55 (4). Brasília: 1985, p. 4-9
- BRASIL - Secretaria Especial do Esporte do Estado do Paraná e Subsecretaria de Desporto do Estado do Rio Grande do Sul. Carta de Lajes. Lajes: SEESP/PR e SUDESP/RS. 1988
- BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil. 3 ed. São Paulo. Ed. Atica.1989
- BRASIL - SD/PR-Secretaria de Desportos da Presidência da República. Anteprojeto de Lei. Brasília:Diario Oficial de 09/09/89
- BRASIL - SD/PR. Resolução nº 03/90. Brasília: 1990

- BRASILEIRO, Livia Tenório. Estágio supervisionado: uma experiência. In: Anais do VII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Uberlândia: 1991, p. 173
- BRESSANE, Riselaine S. Comparação dos perfis coletivos de ensino de licenciados de Educação Física de duas diferentes instituições do Rio de Janeiro. In: Congresso Mundial da AIESEP. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho. 1981
- BRESSANE, Riselaine S. Uma nova maneira de pensar a Educação Física. In: Revista Comunidade Esportiva nº 23. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1983, p. 7
- BRODTMANN, Dieter. Aprendizagem Social na Educação Física. In: Elementos e princípios da Educação Física: uma antologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1985, p. 93-122
- BRODTMANN, Dieter. Conteúdos de ensino e concepções de ensino. In: Elementos e princípios da Educação Física: uma antologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1985, p. 46-65
- BRODTMANN, D. e KUGELMANN, C. Madchen und jungen im Schulsport. In: Sportpädagogik nº 2. 1981
- BROHM, Jean Marie. Sociologie politique du sport. Paris: Jean-Pierre Delarge. 1976
- BRUHNS, Heloisa T. O Jogo e o Esporte. In: Revista da Fundação de Esporte e Turismo do Paraná Nº1. Curitiba: 1991, p. 9-11
- BRUNER, Jerome S. The process of education. Cambridge: Harward University. 1960
- CAGIGAL, José Maria. El deporte em la 3ª edad. In: Revista Stadium nº 4. Buenos Aires: Ed. Stadium. 1974, p. 12-17
- CAGIGAL, José Maria. Curso Internacional de Educação Física e Esportiva. México: Oaxtepec. 1976
- CAGIGAL, José Maria. Uma Educação Física para uma sociedade realmente desportiva. In: Boletim da FIEP, v.49 (2). Belo Horizonte: 1979, p. 34-38
- CAGIGAL, José Maria. O esporte face à educação. In: Boletim da FIEP. Edição Brasileira. v. 49 (4). Belo Horizonte: 1979a, p. 45-50
- CALDERON-GARCIA, Alberto. Formación escolar para el deporte para todos. In: Revista Comunidade Esportiva nº 40. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1986, p. 14-17
- CANTARINO, M. Comunidade e desporto. In: Revista Brasileira de Educação Física e Desporto nº 29. Brasília: MEC/DED. 1976
- CARDOSO, Fernando Henrique. In: Educação e transição democrática - Prefácio. São Paulo: Cortêz. 1989
- CARMO, Apolônio A. Educação Física e a nova Lei de Diretrizes e Bases: subsídios para uma discussão. In: Revista da Fundação de Esporte e Turismo do Paraná. Curitiba: 1990, p. 6-12
- CARNEIRO, Moaci A. Educação Comunitária - faces e formas. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 1987
- CARREIRO DA COSTA, Francisco. Formação inicial de professores de Educação Física: Problemas e Perspectivas. In: Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física. Nº 1. Lisboa: 1991, p. 21-34
- CARRON, Alberto V. Motivation: Implication for coaching and teaching. Canadá : Pear Creative Ltd. 1984
- CASTELLANI Filho, Lino. Diretrizes gerais para o ensino de 2º Grau núcleo comum de Educação Física. São Paulo: Projeto SESG/MEC- PUC/SP. 1989

- CAVALCANTI, Kathia Brandão. A função cultural do esporte e suas ambiguidades sociais. In: Teoria e prática do esporte comunitário e de massa. Rio de Janeiro: Palestra Edições. 1981: 301-316
- CAVALCANTI, Kathia Brandão. Esporte para Todos - Um discurso ideológico. São Paulo: IBRASA. 1984
- CHEFFERS, J. Concepts of human movements. New Jersey: Prentice Hall Inc. 1988
- CHEFFERS, J. e ZAICHOWSKI, L. Introdução to P.E. - Concepts of human movements. New Jersey: Prentice-Hall Inc. 1978, p. 161
- CLAEYS, Urbain. A evolução do conceito de desporto e o fenómeno da participação/não participação. Lisboa: DGD (Direção Geral de Desportos). 1986
- CLAEYS, Urbain. Juventude e "Fair-Play". In: Revista Desporto e Sociedade N° 76. Lisboa: DGD. 1987
- CLAEYS, Urbain. A evolução do conceito de desporto e o fenómeno da participação/não participação. Lisboa: DGD. S/D, p. 4
- CODO, Wanderley e SENNE, Wilson O que é corpolatria?. 2 ed. São Paulo: Brasiliense. 1986
- COELHO, Olímpio. Actividade física e Desportiva. Lisboa: Livros Horizonte. 1985
- COELHO, Olímpio. Opção desporto: o desporto na escola. Lisboa: Caminho. 1985a
- COELHO, Olímpio. Desporto Escolar e Desporto Federado: algumas reflexões necessárias. In: Revista Horizonte N° 33. Lisboa: 1989, p. 83-88
- COELHO, Olímpio e LIMA, Teotónio. Princípios orientadores para professores e treinadores e monitores. Oeiras: Câmara Municipal. 1988
- COLELLO, Clodoaldo F. e COLELLO, Silvia M. Gasparin. O Princípio do prazer na aula de Educação Física. In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte N° 11 (3). 1990, p. 215-216
- COLOMBO, Alfredo. L'Éducation Physique au Brésil. In: L'Education Physique dans le monde. Bordeaux: Editions Bière. 1961
- COOPER, Kenneth H. Aptidão física em qualquer idade. Rio de Janeiro: Forum. 1970
- CORBIN, Charles. A textbook of motor development. 2 ed. Dubuque, Yowa: W. C. Brown. 1980, p. 306-308
- COSTA, Vera Lúcia M. Prática da Educação Física no 1º Grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação? 2 ed. São Paulo: IBRASA. 1987
- COSTA, Vera Lucia M. Educação Física na Constituinte. In: Boletim da FIEP. Edição brasileira. v. 57(3 e 4). Belo Horizonte: 1988, p. 12-13
- COSTA PEREIRA, Vera Lucia. Prática da Educação Física, reprodução e transformação. In: Boletim da FIEP. v. 54 (1). Brasília: 1984, p. 32-43
- CRATTY, Bryant J. Psicologia no Esporte. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil. 1984
- CRESPO, Jorge. O desporto e a formação da personalidade. In: revista Horizonte v. III (16). Lisboa. 1986, p. 111-116
- CRUM, Bart. Zwischen Anpassung und kritik uber das Verhaltniss des Schule zur Bewegungskultur. In: Freizeit und Breitensport Symposium 1988. Berlin: 1988
- DA SILVA, Mauricio Roberto. Redimensionamento da concepção de recreação no curso de licenciatura em Educação Física da U.F. Sergipe: em busca de novos paradigmas científicos. In: Anais do 43º Congresso Brasileiro do C.B.C.E. Uberlândia: 1991, p. 185

- DANTAS, Estélio H.M. Auto-imagem do professor de Educação Física. In: Fundamentos Pedagógicos: Educação Física. v.2. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1987, p. 34-40
- DAUGHTREY, Greyson and LEWIS, Clifford G. Effective teaching strategies in secondary physical education. 3 ed. Philadelphia: W. B. Saunders Co. 1979
- DAVASTO, Darlene. Uma perspectiva histórica e metodológica de lazer em Sorocaba. In: Revista Comunidade Esportiva nº 36. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1986, p. 2-8
- DELGADO NOGUEIRA, M. A. et alii. Proposal for new guideline for the study programs of the spanish national institute of physical education. In: Anais da 25ª Conferência Mundial de motricidade humana. Lisboa: AIESEP. 1987, p. 26
- DESCARTES, René. Discurso do Método. 3 ed. Lisboa: Publicações Europa-américa Lda. 1986
- DEWEY, John. Vida e Educação. Tradução de Anísio Teixeira. 11 ed. São Paulo: Melhoramentos. 1978
- DGD-Direção-Geral de Desportos. Boletim Informativo. Lisboa: S/D
- DGD-Direção-Geral de Desportos. Boletim Informativo. Lisboa: 1986
- DGD-Direção-Geral de Desportos. In: Desportos anos 90. Lisboa: 1988
- DIDONET, H. Coopere com a sua comunidade. Porto Alegre: Edição do SESI. 1978, 14 p
- DIECKERT, Jürgen et alii. Freizeit Sport - chance und aufgabe für jedermann. Opladen: Westdeutscher Verlag. 1974
- DIECKERT, Jürgen. I Curso de Treinamento de Orientadores do EPT. Artigo Mimeografado. Pelotas: 1978
- DIECKERT, Jürgen. Filosofia e Antropologia da Educação Física. Curso de Mestrado em Educação Física. Notas de aula. Santa Maria. UFSM. 1982
- DIECKERT, Jürgen et alii. Esportes de Lazer - tarefa e chance para todos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1984
- DIECKERT, Jürgen; KURZ, Dietrich e BRODTMANN, Dieter. Elementos e Princípios da Educação Física - Uma antologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1985
- DIECKERT, Jürgen. Ich bin mein Sport. In: Animation. Hannover: Juli/August 1987. p. 185-191
- DIECKERT, Jürgen. Angebotsübersicht. Trabalho não publicado. Oldenburg Universität. 1989, 5 p. 19
- DIEN, LISELOTT. Esportes para crianças: uma abordagem pedagógica. Rio de Janeiro: Beta. 1977
- DIEM, LISELOTTE. Pierre de Coubertin - O "Colégio Modelo" e o "Esporte para Todos". In: Boletim da FIEP. v.48 (1). Belo Horizonte: 1978, p. 53-61
- DIGEL, Helmut. Gesellschaftliche Entwicklung und des Auftrag des Sportvereins. In: kulturminister NRW Köln: Sportentwicklung. 1984
- DORIN, Lannoy. Elementos de psicologia desportiva. Brasília: MEC/DED. 1968
- DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Editora Perspectiva. 1976
- DUMAZEDIER, Joffre. Olhares novos sobre os desportos. Lisboa: Compendium. 1979
- DUMAZEDIER, Joffre. Técnica do corpo e valores do tempo livre. In: Revista Corpo e Movimento nº 2. São Paulo: 1984, p.2
- ESTEVES, José. O Desporto e as estruturas sociais. 3 ed. Lisboa: Prelo. 1975
- ESTRELA, Maria Teresa e ESTRELA, Albano. Perspectivas factuais sobre a formação de professores. Lisboa: Estampa. 1977

- FARIA JUNIOR, Alfredo G. Introdução a Didática da Educação Física. 2 ed. Rio de Janeiro:Forum.1974
- FARIA JUNIOR, Alfredo G. Didática da Educação Física: formulação de objetivos. Rio de Janeiro: Interamericana. 1981
- FARIA JUNIOR, Alfredo G. Aspecto cognitivo da avaliação em Educação Física. In: Fundamentos pedagógicos: Educação Física. v.1. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1986, p. 30-68
- FARIA JUNIOR, Alfredo G. Professor de Educação Física, licenciado generalista. In: Fundamentos pedagógicos: Educação Física. v.2. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1987, p. 15-33
- FARIA JUNIOR, Alfredo G. A produção de conhecimento na Educação Física brasileira: dos cursos de graduação à escola de 1º e 2º graus. Uberlândia: Anais do Congresso Brasileiro do C.B.C.E. 1991, p.45-53
- FERMOSO, Paciano. Teoria de la Educacion: una interpretacion antropologica.. Barcelona: ediciones CEAC. 1982
- FERNANDES, Urbela. Motivações do jovem para as actividades físicas e desportivas. In: Revista Horizonte. v.3 (15). 1986, p. 75-77
- FERRANTI-BOCCOLINI, Gianni. École - Sport - Folklore: Propositions de Travail. In: Revue E.P.S. n° 213. Paris. 1988, p. 14-16
- FERREIRA, Fernando R. Francês mostra o que há de sério nos brinquedos. In: Jornal Folha de São Paulo. Caderno C-8. Edição de 15-07-90
- FESTUR - Fundação de Esportes e turismo do Paraná. Projeto de Diagnóstico da Aptidão Física do Paranaense-Programas populares de desenvolvimento da aptidão física relacionada à saúde. Texto mimeografado. Curitiba: 1988; Projeto "Viva com Saúde". Texto Mimeografado. Apoio da Secretaria de Estado da Saúde e do Ministério da Saúde. Curitiba, 1988; Projeto "Frutos da Terra". Texto Mimeografado. Curitiba: 1988; Projeto Corpo/expressão88. Texto Mimeografado Curitiba. 1988; Projeto Paraná Olímpico. Texto Mimeografado. Curitiba: 1988; Projeto: Atletismo em Bases Motoras. Texto mimeografado. Curitiba: 1989; Projeto Motor 89. Texto mimeografado. Curitiba: 1989
- FESTUR e SEED/PR. Projeto "Corra para a Saúde". Texto mimeografado. Curitiba: 1989
- FIEP - Federação Internacional de Educação Física. A diversidade dos conceitos de Educação Física e a sua influência sobre os seus objetivos. v. 48 (1). Belo Horizonte: 1978, p. 42-46
- FIEP-Federação Internacional de Educação Física. Currículo Mínimo para a Educação Física no 1º Grau. v. 49 (1). 1979, p. 21-25
- FIEP - Federação Internacional de Educação Física. Edição Brasileira. PND-Plano Nacional de Desenvolvimento da Nova República. Brasília: v. 55 (4). 1985, p. 4-9
- FRAZÃO, Silvio. Circo e teatro, atividades extras para depois da escola. Jornal O Globo. Rio de Janeiro: Caderno Jornal da família. Edição de 18/02/90, p. 3
- FREINET, Celestin. Para uma escola do povo-Guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. Lisboa: Presença. 1990
- FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física São Paulo: Ed. Scipione. 1989
- FREIRE, Paulo. Conscientização - Teoria e prática da libertação. São Paulo: Editora Moraes. 1980

- FROSTIG, Marianne e MASLOW, Phyllis. Educación del movimiento: teoría e práctica. Buenos Aires: Panamericana. 1984
- GADOTTI, Moacir. Educação e poder - Introdução à pedagogia do conflito. São Paulo: Cortez Editora. 1980
- GADOTTI, Moacir. Pensamento Pedagógico brasileiro. São Paulo: Atica. 1987
- GADOTTI, Moacir. Convite à leitura de Paulo Freire. São Paulo: Editora Scipione. 1989
- GAELZER, Lênea. Recreação pública em Porto Alegre: evolução histórica. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1975
- GAELZER, Lênea. Lazer - benção ou maldição?. Porto Alegre: Sulina. 1979
- GAGNÉ, Robert N. The Conditions of learning. New York: Holt, Rinehart e Winston. 1977
- GALVANO, Fabio. Jogos, brinquedos e passatempos. Lisboa: Ática. 1976
- GARCIA, Candido Del Castilho et alli. Diferencia en las motivaciones hacia la docencia y la práctica del ejercicio físico de profesores de Educación Física de BUP. In: Revista de Investigación y documentación sobre las ciencias de la Educación Física y del Deportes. nº 5. Madrid: 1987, p. 25-46
- GARRISON, Karl C. e MAGGON, Robert. Educational Psychology: an integration of psychology and Educational practices. Columbus: Charles E. Merrill. 1972
- GAYA, Adroaldo. Mas, afinal, o que é a Educação Física? In: Revista Movimento Nº 1. Porto Alegre: UFRGS. 1994, p. 28-40
- GERDING, Luis A. D. México: a FIEP é um compromisso de honra. In: Boletim da FIEP. v. 52 (1 e 2). Brasília: 1982, p. 43-54
- GHIRALDELLI, P. J. Educação Física Progressista. São Paulo: Edições Loyola. 1988
- GIRALDES, Mariano. Limites y posibilidades del rendimiento escolar. In: Revista Stadium Nº33. Buenos Aires: Editorial Stadium. 1972, p. 29-33
- GIRALDES, Mariano. Buenos Aires: Editorial Stadium. 1978
- GONÇALVES, Carlos Alberto. O Desenvolvimento do jovem praticante Desportivo. Oeiras: Divisão de Cultura, Desportos e Turismo. 1988
- GONÇALVES, Clésio J. S. Teatro: uma alternativa para a Educação Física. In: Boletim da FIEP v.57 (34). Belo Horizonte: 1988, p. 23-24
- GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978
- GUEDES, Maria S.G. Iniciação ao folclore - Os Jogos de Ritmo: Jogos Cantados e Danças de Roda. Lisboa: Secretaria de Estado da Emigração. 1977.
- GUEDES, Maria S.G. Os Jogos Tradicionais e a introdução à língua e à cultura portuguesa. Texto mimeografado em apoio à comunicação apresentada no 1º Festival Nacional do Jogo da Malha e mostra de jogos tradicionais portugueses. Oliveira de Azeméis. 1989
- GUEDES, Maria S.G. Os Jogos Tradicionais: jogos de todos e para todos. In: Anais do Congresso Brasileiro do C.B.C.E. Uberlândia: 1991, p. 188
- GUILHERMETI, Paulo. Crise da Educação Física Escolar. In: Revista da Educação Física/UEM. v.2 (1). Maringá: DEF. 1991, p. 14-15
- HARRIS, Dorothy H. Porque praticamos deportes?. Barcelona: Editorial Simms. 1976
- HARROW, Anita J. Taxionomia do Domínio Psicomotor. Rio de Janeiro: Globo. 1983
- HAUGE-MOE, Per. A Campanha TRIMM na Noruega. In: Revista Brasileira de Educação Física e Desporto nº 35. Brasília: MEC/DED. 1977

- HILDEBRANDT, Reiner e LAGING, Ralf. Concepções abertas no ensino da educação física Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1986
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. 2 ed. Tradução Brasileira. São Paulo: Perspectiva. 1971
- HUIZINGA, Johan. O jogo e a competição como fatores culturais. São Paulo: Perspectiva. 1980, p. 53-85
- HUNTER, Madeline. Teoria da motivação para professores. 4 ed. Petrópolis: Vozes. 1976
- HUPPERTZ, Luciane Martins. Conteúdos da Educação Física: elementos preliminares. In: Anais do Congresso Brasileiro do C.B.C.E. Uberlândia: 1991, p. 196
- HURTADO, Johann G. G. M. Educação Escolar Pré-Escolar e Escolar - 1ª a 4ª Série - uma abordagem psicomotora. Curitiba: EDUC/EDITER. 1983
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População residente projetada segundo as grandes regiões e unidades da Federação-1981/1990. Brasília: Departamento de Estatística e População. 1987
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População projetada para 1994. Brasília: Departamento de Estatística e População. 1993
- IBGE - Departamento Brasileiro de Geografia e Estatística. População do Estado do Paraná. Brasília: 1995
- JOLIBOIS, Robert Pierre. A iniciação desportiva da infância à adolescência. Lisboa: Editorial Estampa. 1976
- JOSUÁ, Pedro Henrique T. O poder da Educação Física nos conselhos de classe. In: Fundamentos pedagógicos: Educação Física. v.2. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1987, p. 164-179
- KINOSHITA, Hiroshi e HATANO, Yoshiro. Situação a nível mundial do desporto e da Educação Física nos estabelecimentos de ensino superior. In: Revista Desporto e Sociedade nº 107. Lisboa: DGD. 1988
- KRING, Ray. Atletismo nas escolas. 2 ed. São Paulo: Ed. Cultrix. 1975
- KUNZ, Elenor. O esporte enquanto fator determinante da Educação Física Escolar. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte v.11 (1). 1989, p. 22
- KUNZ, Elenor. Educação Física: ensino e mudanças. Ijuí: Livraria UNIJUI Editora. 1991
- KURZ, Dietrich. Elemente des Schulsport: grundlagen einer programatischen Fachdidaktik. Schondorf: Verlag Karl Hoffmann. 1977
- KURZ, Dietrich. Nove tarefas para a Educação Física Escolar. In: Elementos e princípios da Educação Física: uma antologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1985, p. 140-161
- LACERDA E MELLO, F. Legislação e Doutrina. In: Antologia Desportiva nº 11. Lisboa: DGD. 1978
- LAMS, Armand. Esporte para Todos na Bélgica. In: Revista Brasileira de Educação Física e Desportos nº 35. Brasília: 1977, p. 37-44
- LANGLADE, Alberto. El Movimiento y los graves problemas de la Educación Física. In: Revista Stadium nº 57. Buenos Aires: Editorial Stadium. 1976, p. 12-20
- LANGLADE, Alberto. A saúde como objetivo da ciência das atividades físicas. In: Boletim da FIEP. v. 51 (2). Brasília: 1981, p. 21-26
- LAPIERRE, André e AUCOUTURIER, B. A Simbologia do movimento: Psicomotricidade e educação. Porto Alegre: Artes Médicas. 1986

- LAWTHER, John D. Developmental Stages for Motivation in Sport. In: Sport Psychology and Aids of Athlete Behavior. 1980. Movement Publication. N. Haighborn. USA
- LEBOVICI, S. e DIAKTINE, R. Significado e função do brinquedo na criança. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1988
- LE FLOCHMOAN, Jean. La genesis de los deportes. Barcelona: Ed. Labor S.A. 1965
- LEON, A. L'Éducation Permanente: evolution des concepts et des fonctions. In: Traité des Sciences Pedagogiques. v. 8. Paris: P.U.F. 1978
- LEON, A. Introdução à História da Educação. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1983
- LIBANEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola. 1985
- LIMA, Lauro de Oliveira. Como motivar os alunos. In: A Escola Secundária Moderna. Petrópolis: Vozes. 1971, p. 295-303
- LIMA, Silvio. Desporto: jogo e arte. In: Revista Desporto e sociedade nº 63. 2 ed. Lisboa: DGD. 1981
- LIMA, Silvio. Desporto Jogo e Arte. 2 ed. Lisboa: DGD. 1987
- LOPES, Maria Isabel de Souza. Reflexões Esportivas X Inflexões Democráticas. In: Fundamentos Pedagógicos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1987, p. 82-88
- LOURENÇO FILHO, M. B. Organização e Administração Escolar. v. VI. 6 ed. São Paulo: Melhoramentos. 1972
- LOY, J.W; MCPHERSON, B.D. and KENYON, G. Sport and social system. Addison-Wesley. 1978:191
- LUCK, Heloisa e CARNEIRO, Dorothy G. Desenvolvimento afetivo na escola: promoção, medida e avaliação. Petrópolis: Vozes. 1983
- LUDTKE, Hartmut. O lazer como campo de condição social para atividades desportivas. In: Esporte de Lazer: tarefa e chance para todos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1984, p. 37-52
- LUZURIAGA, Lorenzo. História da Educação e da Pedagogia. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1970
- MAGNAME, Georges. Esportes e jogos. In: Sport et jeu. Paris: Editions Gallimard. 1967
- MAIA, José A. R. Ética e Artes Marciais. In: Resumos do Fórum: Desporto, Ética e Sociedade. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. 1988
- MALET, Jacques. El lugar de los jovens. In: Revista Stadium nº 130. Buenos Aires: 1988, p. 22-25
- MANACORDA, Mário. A. Depoimento. In: Revista da ANDE. Ano 5 (10). 1986, p. 59-64
- MANHÃES, Eduardo Dias. Política de Esportes no Brasil. Rio de Janeiro: Graal. 1986
- MARINHO, Inezil Penna. História da Educação Física e dos Desportos no Brasil. Rio de Janeiro: MEC-Divisão de Educação Física. 1952
- MARINHO, Inezil Penna. Educação Física, Recreação e Jogos. São Paulo Cia. Brasil Editora. 1955
- MARINHO, Inezil Penna. História da Educação Física no Brasil. São Paulo: Cia. Brasil Editora. 1981
- MARIZ DE OLIVEIRA, José Guilmar de et alii. Educação Física e o ensino de 1º Grau - uma abordagem crítica. São Paulo: EPU/EDUSP. 1988
- MARQUES, Juracy C. Ensinar não é transmitir. 3 ed. Porto Alegre: Globo. 1977, p. 76

- MARTINS JUNIOR, J.; TAFFAREL, C. N. Z. e TRAPP, W. O. O contacto físico nas aulas de Educação Física. Trabalho não publicado. Santa Maria: UFSM. 1982
- MARTINS JUNIOR, Joaquim. Clubes Recreativos, Esportivos e Sociais como Agentes do Esporte para Todos - Uma Investigação em Santa Maria, RS, e Propostas de Novas Perspectivas. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: U.F.S.M. 1982
- MARTINS JUNIOR, Joaquim. Os clubes e o Esporte para Todos. In: Revista Comunidade Esportiva nº 27/28. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1984, p. 5-7
- MARTINS JUNIOR, Joaquim. Avaliação do Ensino do Curso de Graduação em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Maringá: II Encontro sobre o ensino de graduação na UEM. 1986
- MARTINS JUNIOR, Joaquim. O contributo do desporto escolar para a prática esportiva permanente da comunidade nos anos 90. In: Revista O Professor nº 113. Lisboa. 1988, p. 12-31
- MARTINS JUNIOR, Joaquim e RODRIGUES, Wander R. Formação inicial do aluno ingressante no Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá, Paraná. In: Revista da Associação de Professores de Educação Física de Londrina nº 17. Londrina: 1984, p. 3-9
- MARTINS JUNIOR, Joaquim e Guedes, M.R.S.. Aspectos históricos da Educação Física Escolar e do desporto comunitário no Brasil. In: Revista UNIMAR. v. 12 (2). Maringá: 1990, p. 209-235
- MASSUCATO, José Geraldo. Preferência de prática esportiva dos estudantes do 1º Grau, nível II e 2º Grau. In: Revista Paulista de Educação Física. v.2 (2) São Paulo: 1988, p. 55-58
- MATTOS, Mauro Gomes. A valorização do trabalho do professor de Educação Física através da aplicação de medidas e avaliações. In: Revista da FIEP. Edição brasileira. v. 52 (1 e 2). Brasília: 1982, p. 69-73
- MAZZEI, Julio e TEIXEIRA, Mauro. Coleção Cultura, Educação, Educação Física, Esportes e Recreação. v.2. São Paulo: Fulgor. 1967
- MCINTOSH, Peter. O desporto na sociedade. 2 ed. Lisboa: DGD. S/D
- MCINTOSH, Peter e CHARLTON, V. The impact of Sport for All Police. London: The Sport Council. 1985
- MEDINA, João Paulo S. A Educação Física cuida do corpo e "mente". Campinas: Papirus. 1983
- MEDINA, João Paulo S. O brasileiro e o seu corpo. Campinas: Papirus. 1987
- MEINBERG, Eckhardt. Formação de professores - mudanças. Texto mimeografado. Porto: II Ciclo de Conferências do ISEF da Universidade do Porto. 1988
- MELLO JUNIOR, Eurico Amâncio de. Perfil coletivo de ensino dos formandos em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Monografia de Graduação. Maringá: DEF/UEM. 1995
- MELO DE CARVALHO, A. Cultura física e desenvolvimento. Lisboa: Compendium. 1978
- MELO DE CARVALHO, A. Desporto Escolar - Inovação pedagógica e nova escola. Lisboa: Caminho. 1987
- MELO DE CARVALHO, A. Mal entendidos da Educação Física - II. In: Revista O Professor nº 94. Lisboa: 1987a, p. 30-41

- MERAND, Robert. Quelles transformations des pratiques d'E.P.S. en milieu scolaire, du fait de l'articulation: innovation - formation - recherche en didactique?. In: Congresso Educação Física na Escola - que perspectivas? Lisboa: S.P.E.F. 1987
- MESSING, M. The Personality of the Physical Education Teacher from the Pupil's Point of View. Processing of XXIII Symposium of HPED in the World. Schondorf: Karl Hoffmann Verlag. 1979, p. 23-27
- MESTRE, Juan A. et alli. La educación física escolar. Madrid: Minon. 1982
- MIALARET, Gaston. A Formação dos Professores. Coimbra: Almedina. 1981
- MIRANDA, Nicanor. 200 Jogos Infantis. 9 ed. Belo Horizonte: Itatiaia. 1984
- MIRANDA, M. L. J. Dança na Universidade. In: Anais do 43º Congresso Brasileiro da C.B.C.E. Uberlândia: 1991, p. 264
- MOREIRA, Nilson Roberto. A influência da Educação Psicomotora na prontidão para a alfabetização de crianças pré-escolares na faixa etária de 6 a 7 anos. Maringá: Anais da IV Semana de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. 1986, p. 37-38
- MOSQUERA, Juan e STOBAS, Claus. Psicologia do Desporto. Porto Alegre: Ed. da Universidade. 1984
- MOSSTON, Muska. Teaching Physical Education. Columbus: Charles E. Merrill. 1966
- MOSSTON, Muska e ASHWORTH, Sara. Teaching Physical Education. 3 ed. Columbus: Merrill Publishing Co. 1986.
- MUTH, Dieter. A alfabetização através da Educação Física. Apostila de apoio ao curso ministrado na Universidade Estadual de Maringá. Maringá: DEF/UEM. 1983
- NEGRINE, Airton. A finalidade da Educação Física nos primeiros anos escolares e a atuação do professor especializado em Educação Física. In: Revista Brasileira de Educação Física e Desportos. nº 42. Brasília: SEED/MEC. 1979, p. 69-72
- NENNING, Günter. A escola como obstáculo à fantasia. Trabalho mimeografado, p. 111-135
- NÉRICI, Imídeo G. Atividades extra-classe no ensino do 1º, 2º e 3º graus. 2 ed. São Paulo: Livraria Nobel S. A. 1975
- NEVES, Siloé P. Pesquisa aplicada à teoria de A. H. Maslow. In: Tendências contemporâneas em psicologia da motivação. São Paulo: Cortêz. 1982, p. 43- 65
- NIXON, John E. e JEWETT, Ann E. The purposes of physical education. In: An Introduction to Physical Education. Philadelphia: W. B. Saunders Co. 1974
- NOGUEIRA, Eduardo P. P. Motivação para o trabalho sob a perspectiva gerencial. Santa Maria: UFSM. 1978.
- NOGUEIRA, Eduardo P. P. Manual do Entrevistador. Trabalho Mimeografado em apoio à disciplina Seminários de Monografia. Santa Maria: UFSM. 1982
- NORONHA FEIO, J. M. Educação Física e Desportos. 2 ed. Porto: Ed. Asa. 1983
- NORONHA FEIO, J. M. A dimensão ética e cultural dos desportos. Oeiras: Seminário Internacional sobre o desporto. 1989
- NOVOA, António. Os professores: quem são? donde vêm? para onde vão? Lisboa: ISEF. 1989
- NUNES, Eduardo L.. Reflexões à volta de uma prática desportiva generalizada e de sentido educativo. In: Revista de Educação Física do ISEF v.3 (1). Porto: ISEF. 1986, p. 29-36
- NUNES, Eduardo L. Contributo para um conceito de desporto ... de sempre. Trabalho Mimeografado. Porto: Anais do Congresso Mundial da FIEP. 1988

- O JORNAL DE MARINGÁ. Editorial. Maringá: Edição de 13-07-89
- OBERTTEUFER, Delbert e ULRICH, Celeste. Educação Física - Manual de princípios para estudantes de Educação Física. São Paulo: EDUSP. 1977
- OLIVEIRA, Amauri A. B. Análise crítica do currículo das disciplinas do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. In: Revista O Professor nº 130. Lisboa: 1989, p. 57-69
- OLIVEIRA, João Batista e CHADWICK, Clifton B. Tecnologia educacional: teorias da instrução. 9 ed. Petrópolis: Vozes. 1988
- OLIVEIRA, Vitor Marinho. Educação Física Humanística. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1985
- OLIVEIRA LIMA, Lauro. Mutações em Educação Segundo Mcluhan. Petrópolis: Vozes. 1971
- OPACHOWSKI, Horst. Eines neues Sportverständnis. Folgerungen für die Sportpolitik. In: Sport in der Freizeit. Hamburg: 1987, p. 39-41
- OTANES, Jorge D. Propostas para a avaliação prática no ensino de 1º e 2º graus. In: Fundamentos Pedagógicos: Educação Física. v. 1. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1986, p. 85-100
- PALM, Jurgen. A situação atual do Esporte para Todos Internacional. In: Esporte de Lazer - tarefa e chance para todos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1984, p. 163-172
- PAPPA, João Segura. Curso de Especialização em Educação Física. Maringá : DEF/UEM. 1980
- PARANÁ/SEED - Secretaria de Estado de Educação. Relação dos Núcleos Regionais de Educação (NRE) das Inspetorias Estaduais de Educação (IEE) do Estado do Paraná. Curitiba: Coordenação dos Núcleos Regionais. 1987
- PARANÁ/SEED. Secretaria de Estado da Educação. Projeto de Conteúdos essenciais do Ensino de 2º Grau e Proposta de Educação Física para o 2º Grau. Curitiba: Departamento de Ensino de 2º Grau. 1988, 27 p.
- PARANÁ /SEED - Secretaria de Estado da Educação - Coordenação dos núcleos regionais de educação Organização geográfico-administrativa da Secretaria de Estado da Educação: área de jurisdição dos 30 núcleos regionais de educação. Curitiba: 1993
- PARANÁ/SEED - Secretaria de Estado da Educação. Relação das escolas e municípios do Estado do Paraná. Curitiba: GPS - Grupo de Planejamento Setorial. 1993
- PARANÁ/SEED. Secretaria de Estado da Educação. Estabelecimentos de ensino de 1ª a 4ª série e de 5ª a 8ª séries e do 2º grau do Estado do Paraná. Curitiba: GPS - Grupo de Planejamento Setorial. 1994
- PARANÁ/SEED - Secretaria de Estado da Educação. Projeto Vale Saber. Curitiba. 1995
- PARANÁ/SES - Secretaria de Estado da Saúde. Norma Técnica Especial para regulamentar a prática de atividades físicas extracurriculares no Estado do Paraná. Curitiba: Centro de Vigilância Sanitária da S.E.S. do Paraná. 1995
- PASCHEN, Konrad. Planes y clases de educación física para la escuela primaria. 2 ed. Buenos Aires: Editorial Kapelusz. 1974
- PEPPER, Dieter. Curso de Psicologia Desportiva. Notas de aulas. Santa Maria. UFSM. 1982
- PEREIRA, Celestino F. M. Tratado de Educação Física. Lisboa: Sem editora. 1960



- PEREIRA DA COSTA, Lamartine. Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil. Rio de Janeiro: MEC - FENAME, 1971
- PEREIRA DA COSTA et alii. Campanha Esporte para Todos. Brasília: MEC/DED. 1977
- PEREIRA DA COSTA, Lamartine. Os Princípios do EPT. In: Revista Comunidade Esportiva Nº 3. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1980, p. 10-11
- PEREIRA DA COSTA, Lamartine et alii. Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa. Rio de Janeiro: Palestra Edições. 1981
- PEREIRA DA COSTA, Lamartine e TAKAHASHI, George Massao. Fundamentos do EPT - 1983. Brasília: SEED/MED. 1983
- PEREIRA DA COSTA, Lamartine e TAKAHASHI, George Massao. Fundamentos Teóricos do EPT. In: Teoria e Prática do EPT - 1982/1983. Brasília: SEED/MEC. 1983, p.13-29
- PEREIRA DA COSTA, Lamartine. Sport for all in Brazil. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1984
- PEREIRA DA COSTA, Lamartine et alii. 70 anos de EPT no Brasil. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1984
- PEREIRA DA COSTA, Lamartine. Atividades de Lazer e de EPT em Abordagem de Rede e de Baixo Custo. Lisboa: DGD. 1986
- PEREIRA DA COSTA, Lamartine. A reinvenção da Educação Física e do Desporto segundo paradigmas do lazer e da recreação. In: Revista Desporto e Sociedade nº 46. Lisboa: DGD. 1987
- PEREIRA DA COSTA, Lamartine. Afinal, o que faremos com a Educação Física?. In: Fundamentos Pedagógicos: Educação Física. v.2. 1987, p. 119-129
- PEREIRA DA COSTA, Lamartine. Educação Física e Esportes Não Formais. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1988
- PIAGET, Jean. The science of education and the psychology of the child. New York: Orion. 1970
- PIAGET, Jean. A formação do símbolos na criança. Rio de Janeiro: Zahar. 1975
- PICCOLI, João Carlos J. A prática da Educação Física nas escolas estaduais de 1º grau no Rio Grande do Sul. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte nº 8 (2 e 3). 1987, p. 171-175
- PIERON, M.; MALEMPRE, G. e SHEEDY, A. Participação dos jovens na administração desportiva. In: Revista Brasileira de Educação Física e Desportos nº 18. Brasília: 1973, p. 55-69
- PIERON, Maurice. Didáctica de las actividades físicas y deportivas. Madrid. Gymnos S.A. 1988
- PIETROWSKA, Halina. The role of school in the preparation to sport skills in life-time sports. In: Abstracts of the 1989 AIESEP World Convention. Jyväskylä. 1989
- PORTER, J. C. Desporto para deficientes. In: Revista Desporto e Sociedade. nº 57. Lisboa: D.G.D. 1987
- PREISING, Wulf. Scientific fundamentals of sport in the nineties. Trabalho mimeografado. Porto: Congresso Mundial da FIEP. 1988.
- PROENÇA, Jorge. Formação e alto rendimento esportivo. In: Revista Horizonte v. 1 (2). Lisboa: 1984, p. 51-56
- RACHEV, K. School problems for increasing the physical fitness of students. In: Anais do Congresso Mundial da FIEP. Porto: 1988, p. 39

- REIS, Cláudio de Macedo. Desenvolvimento e avaliação da disciplina Educação Física Permanente. In: Revista Comunidade Esportiva nº 34. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1985, p. 12-14
- REIS, Cláudio de Macedo. Reflexões sobre o movimento de educação permanente. In: Fundamentos Pedagógicos: Educação Física. v.2. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1987, p. 130
- RENSON, Roland e De VROEDE, Erick. Jogos Tradicionais praticados nas feiras. Lisboa: Revista Desporto e Sociedade nº 94. DGD. 1988
- REQUIXA, Renato. O Lazer no Brasil. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1977
- REQUIXA, Renato. As dimensões do lazer. In: Revista Brasileira de Educação Física e Desportos nº 45. Brasília: SEED/MEC, 1980, p. 54-76
- REVISTA Comunidade Esportiva. Editorial. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1982
- REVISTA Comunidade Esportiva. Editorial. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1984
- REVISTA Desporto e Sociedade. Editorial. Lisboa: Direção Geral de Desportos. 1987
- RIBEIRO, Darcy. Cinco teses de uma pedagogia pervertida. In: Jornal Folha de São Paulo. Caderno A-3, Tendências e Debates. Edição de 13-10-89
- ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa. Lisboa: Moraes. 1973
- ROSS, James G. et alli. After a physical education...physical activity outside of school physical education programs. In: Journal of Physical Education, Recreation and Dance v. 56 (1). Reston, Va. 1985, p. 77-81
- ROYER, Jacques. Significado humano do desporto. In: Revista Cultura e sociedade nº 10. Lisboa. D.G.D. S/D, p. 15
- RUDIO, F. V. Pesquisa Descritiva e Pesquisa Experimental. In: Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica. Petrópolis: Vozes. 1980
- RUSSO, Noelly. Brincadeira torna acriança segura. In: Jornal Folha de São Paulo. Caderno C-6. Edição de 29-04-90
- SAAVEDRA, Amílcar. Introdução a Educação Física - 10º e 11º anos de escolaridade. Porto: Edições Asa. 1988
- SACK, Hans-Gerard. Sportlich Betätigung und Personalichkeit. Hambug: Czwalina. 1975
- SACK, Hans-Gerard. Desporto para Todos: uma utopia. Porto: Jornal de Notícias, 26/10/86
- SANCHES, Alcir Braga. A crise da Educação Física: seus caminhos e descaminhos. In: Boletim da FIEP v. 56 (1). Belo Horizonte: 1986, p. 53-55
- SANTIN, Silvino. Educação Física - Uma abordagem filosófica da corporidade. Ijuí : Livraria INIJUÍ Editora. 1987
- SANTIN, Silvino. Educação Física: outros caminhos. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Fransciscana. 1990
- SANTOS e SILVA, Valéria Sales. Abordagem pedagógica - metodologia da dança nos 4 ciclos da evolução do pensamento sobre o conhecimento. In: Anais do VII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Uberlândia: 1991, p. 125
- SAVIANI, Demerval. Educação e questões da atualidade. São Paulo: Cortêz. 1991
- SCHLAGENHAUF, F. Strukturelement und verhaltens determinanten in Organisierter Freizeit bereich. In: Sportvereine in der Bundesrepublik Deutschland. Schondorf: Verlag Karl Hoffmann. 1977

- SCHRODER, Ulfert. Entre o prazer e a competição. O desporto e o seu funcionamento na R.F.A.. In: Boletim da FIEP, Edição brasileira, v.56 (1). Belo Horizonte: 1986, p. 6-24
- SELLTIZ, Claire et alli. Métodos de pesquisa nas relações sociais. 5 ed. São Paulo: EDUSP. 1975
- SERPA, Sidónio. Motivação para a prática desportiva. In: Desporto Escolar 1990. Porto: DGD.1990
- SEURIN, Pierre. Problemas fondamentaux de L'Education Physique et du sport. Paris: Editions Violette. 1979
- SEURIN, Pierre. El Deporte para Todos y la Gimnasia Voluntária. In: Revista Comunidade Esportiva nº 33. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1986:16-21
- SEVELIUS, Bengt. Esporte para Todos na Suécia. In: Revista Comunidade Esportiva nº 35. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1977:53-62
- SEYBOLD, Annemarie. Educação Física - Princípios Pedagógicos. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1980
- SHUR, Evelyn. Movement experiences for children. New York: Appleton Century-Crofts. 1967
- SIKORA, Joachin. Handbuch dr Kreativ-Methoden. Heidelberg. 1976
- SILVA, Luis Antonio Pereira da; SILVA, Angela M. S. e WROBEL, D. Educação Física aplicada à alfabetização - Aprender Brincando. Maringá: SEED/DUEM. 1985
- SILVEIRA, Sonia e GOMES, Wagner D. F. Perfil de percepção sobre o EPT segundo professores de Educação Física. In: Revista Comunidade Esportiva nº 37. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1978:8-12
- SIMRI, Uriel. Diversidades de conceitos de Educação Física e sua influência sobre seus objetivos. In: Boletim da FIEP, Edição Brasileira. v. 48 (1). Belo Horizonte: 1978, p. 42-46
- SINGER, Robert N. Psicologia dos Esportes: mitos e verdades. São Paulo: Harbra. 1977
- SINGER, Robert e DICK, Walter. Ensinando Educação Física - Uma abordagem sistêmica. Porto Alegre: Globo. 1980
- SINGER, Robert. Sustaining motivation in sport. Talahassee: Sport Consultant Inc. 1984
- SKINNER, B.F. The Tecnology of Teaching. Pittsburg: Meredith Co. 1968
- SOBRAL, Francisco. Introdução à Educação Física. Lisboa: Livros Horizonte. 1980
- SOUZA, Ana Márcia de. Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte v. 13 (2). Maringá: 1982, p. 308-309
- SOUZA CAMPOS, Dinah Martins de. Psicologia da Aprendizagem. 19 ed. Petrópolis: Vozes. 1986
- SPIILTHDORN, Diane. Jazz dance as a part of a physical education curriculum. Jyvaskyassla: Anais do International Symposium of Research in School P. E. 1982:140-144
- SYLVA, Kathy. Métodos de ensino usam brinquedos. In: Jornal Folha de São Paulo. Caderno C-6. Edição de 29-04-90
- TAFFAREL, Cely N. Z. Desenvolvimento do Esporte para Todos nas escolas de 1º grau através de métodos criativos de ensino. In: Revista Comunidade Esportiva Nº 27/28. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1984:9-14

- TAFFAREL, Cely N. Z. Criatividade nas aulas de Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1985
- TAKAHASHI, George Massao. Resposta de uma comunidade carente a um programa de Atividades Esportivas não formais. In: Revista Comunidade Esportiva nº 29/30. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1984:2-6
- TANI, Go et alli. Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP. 1988
- TARGA, Jacinto F. Porque três aulas de Educação Física semanais?. Florianópolis: CEITEC. 1987
- TAYLOR, Barry. Physical Education and Community. In: Bulletin of FIEP v.20 (2). London: 1984: 8-10
- TEIXEIRA, Octávio. Avaliação da evolução da organização da Educação Física/Desporto no Brasil. In: Fundamentos Pedagógicos: Educação Física. v.1. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1986:14-28
- TEIXEIRA NEVES, Fernando et alli. Educação Física. In: Revista Ludens v. 5 (2). Lisboa: ISEF. 1981
- TELAMA, Risto e YOUNG, Xiaolin. Actividades desportivas desde a infância até a idade adulta: estabilidade, evasão e mudanças. In: Anais do Congresso Mundial da AIESEP/1991. Rio de Janeiro. 1991:46-47
- TEODORESCU, Leon Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos. Lisboa: Livros Horizonte. 1984.
- TEOTÔNIO LIMA, A. O alcance educativo da competição. In: Revista Desporto e Sociedade nº 54. Lisboa: DGD. 1987
- TEOTÔNIO LIMA, A. O desporto está em suas mãos. Lisboa: Livros Horizonte. 1988
- THILL, Edgard. Como elevar o nível de motivação dos desportistas. Lisboa: DGD. 1988
- THOMAS, Alexander. Esporte: introdução à psicologia. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 1983
- THOMAZ, Florismar O. A revolução metodológica da Educação Física. In: Revista Comunidade Esportiva nº14. Rio de Janeiro: Rede EPT. 1981:2-4
- TIBALDI, Mario. Il giuoco elemento catalizzatore della formazzone sociale del pré-adolescente. In: Revista Educacione Física Especialle nella escuela nº 75. Bologna: 1986:13-16
- TIMM, W. Organization Angebots und Finanzstruktur. In: Sportvereine in der Bundesrepublik Deutschland. Schondorf: Verlag Karl Hoffmann. 1977
- TODT, Eberhardt. La Motivación. Barcelona: Editorial Herder. 1982
- TOSCANO, Moema. Teoria da Educação Física Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1974
- TRAPP, Wilton Orlando. Ambiente de lazer na escola - Uma investigação sobre o planejamento de um modelo com a participação dos futuros usuários. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: UFSM. 1983
- TRAPP, Wilton Orlando. Ambiente para esporte de lazer na Escola. Uma investigação sobre o planejamento de um modelo com a participação dos futuros usuários. In: Revista Comunidade Esportiva nº 33. Rio de Janeiro: 1985:15-24
- TREBELS, Andreas. Freizeit als bezugsfeld des Sportunterrichts - Fragen zum Sport und Bewegungsverständnis in der Didaktik des Sportunterrichts. In: Freizeit und Breitensport Symposium 1988. Berlin: 1988

- TRICOLI, V. A. A. Caracterização acadêmico-profissional da Educação Física. In: Revista da APEF de Londrina, PR. v. 8 (15). 1993, p. 16-19
- TUBINO, Manoel J. G. et alli. Subsídios para o I PND/NR da SEED/MEC - 1986-1989. In: Repensando o esporte brasileiro. São Paulo: IBRASA. 1988:62-73
- UNIVERSIDADE DE OLDENBURG. Circusschule "Seifenblase". In: Hochschulsport-Zeitung-Sport und Kulturprogramm Wintersemester 88/89. Oldenburg: Sporthochschule. 1988
- UTTING, Dieter. Zukunftsperspektiven des Sports. In: Deutsche Gesellschaft für Freizeit (herausgegeben): Freizeit - Sport - Bewegung. Erklarth: 1987:100-104
- VALE, José Misael Ferreira do. Educação Popular: um desafio conceptual, educacional e político. Notas de Aula. Marília: UNESP. 1995
- VAN DALEN, Deobold e BENNETH, Bruce L. A World History of Physical Education. 2 ed. New Jersey: Prentice-Hall. 1971
- VAN DALEN, Deobald & MEYER, W.S. Manual de técnica de la investigación educacional. Buenos Aires: Ed. Paidós. 1971
- VAN LIERDE, André. Desporto para Todos. In: Revista Desportos nº 5 - separata. Lisboa: DGD. 1983, p. VIII-XIX
- VAN LIERDE, André . O desporto para Todos nos anos 90. Extratos da Conferência Apresentada no Congresso Mundial da FIEP. Porto: 1988
- VANILOV, A. M. A Educação do Interesse. In: Conhecimentos, Aptidões e Hábitos no Processo de Ensino. Lisboa: Editorial Estampa. 1974:69-89
- VAYER, Pierre e DESTROOPER, Jean. Dinâmica da Ação Educativa para as crianças inaptadas. São Paulo: Manole. 1986
- VIAL, J. e MIALARET, Gaston. História Mundial da Educação. Porto: Revista Educação. (S/D), 1983:219
- WEY MOREIRA, Wagner. Educação Física na escola de 1º Grau - 1º à 4ª séries. Campinas: Revista Brasileira de Ciências do Esporte Nº 7 (2). 1986:75-79
- WELLENDOF, F. Schulische sozialization und identität. Basel: Weihein. 1973
- WOPP, Christian. Alternative Spiel - und Bewegungskultur oder der Jongleur als Autist?. Oldenburg: Karl Ossietzky Universitat. 1989
- XAVIER, Telmo Pagana. Métodos de Ensino em Educação Física. São Paulo: Manole. 1986
- ZIESCHANG, Klaus. Porque há livros textos para todas as disciplinas e não para a Educação Física? In: Anais do International Symposium of Research in School P.E. Jyvaskyla: 1982: 161-166

ANEXO 1

CIDADES E ESCOLAS SORTEADAS PARA A OBTENÇÃO DA AMOSTRA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CASCAVEL	Colégio Estadual Wilson Jofre	- R. Rio Grande do Sul, Nº 52
	Escola Estadual Washington Luiz	- R. Eduardo Melani Nº 439
CIANORTE	Colégio Estadual de Cianorte	- Av. São Paulo, 269 - Zona 2
	Colégio Est. Iglea Grollmann	- R. Prud. de Moraes, 175
CIDADE GAÚCHA	Colégio Estadual Costa e Silva	- R. Vasconcelos Jardim, 750
CRUZEIRO DO OESTE	Escola Est. de Cruzeiro do Oeste	- Av. Paraná, S/N
	Escola Estadual Tamandaré	- R. Rocha Pombo, Nº 85
FRANCISCO ALVES	Colégio Estadual V. Tomasi	- R. Irmãos Vilas Boas, 1108
	Escola Est. Pe. Antonio Vieira	- Av. 7 de setembro, 574
FRANCISCO BELTRÃO	Colégio Estadual M. de Andrade	- R. Tenente Camargo, 345
	Escola Est. Dr. Eduardo Suplicy	- R. São Paulo, Nº 1135
IRATI	Colégio Est. S. Vicente de Paulo	- R. 24 de Maio, Nº 538
	Escola Est. Nsa. Sra. das Graças	- R. 19 de Dezembro nº 36
LONDRINA	Inst. Est. de Educação de Londrina	- R. Brasil Nº 1047
	Colégio Est. M. Champagnat	- R. São Salvador Nº 998
MALLET	Escola Est. Nicolau Copérnico	- Av. João Pessoa nº 51
	Escola Estadual Adão Sabocinski	- R. 15 de novembro, S/N
MARINGÁ	Colégio Est. B. Mota Fernandes	- Av. Tuiuti Nº 1197
	Colégio Estadual João XXIII	- R. Monteiro Lobato, 695
MARMELEIRO	Colégio Estadual de Marmeleiro	- Av. Alvorada nº 310
	Escola Estadual Telmo O. Müller	- R. Inácio Felipe, Nº 700
PONTA GROSSA	Colégio Estadual Regente Feijó	- R. do Rosário Nº 194
	Inst. de Educação Prieto Martinez	- R. Dr. Paula Xavier, 636
PRUDENTÓPOLIS	Escola Est. Alberto de Carvalho	- R. Pref. Witchemichen, 1215
	Colégio Imaculada Virgem Maria	- R. Candido de Abreu, 1895
REALEZA	Escola Estadual Carlos Eduardo	- R. Sargento Ramiro, 3685
	Escola Estadual de Marmelândia	- Marmelândia S/N
ROUNDON	Escola Estadual Almirante Barroso	- R. Londres S/N
SÃO TOMÉ	Colégio Est. Santos Dumont	- R. Pref. Sanches, 135
TAPIRA	Escola Estadual Pres. Cast. Branco	- R. Rio Negro S/N
UMUARAMA	Colégio Est. Bento Mossurunga	- Travessa Icó nº 1590
	Colégio Estadual Ana Neri	- R. Guilherme Bruxel, 783

FONTE: SEED/PR - Assessoria de Métodos e Sistemas - 1987



ANEXO 2

QUESTIONÁRIO DESTINADOS AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

1) Sexo ☐ Masculino ☐ Feminino

2) Formação Universitária

☐ Licenciado em Educação Física. Há _____ anos
Outra licenciatura. Qual??

☐ Cursando Educação Física. Há _____ anos

☐ Exerço esta função na falta de professor licenciado

3) Além das suas atividades normais nas aulas, você pratica esportes regularmente?

☐ Sim ☐ Não

4) Em caso afirmativo, indique a modalidade, o número de vezes por semana e o tipo de participação. (atleta, saúde, lazer, etc.).

<u>Modalidade</u>	<u>Vezes p/semana</u>	<u>Tipo de participação</u>
_____	_____	_____

5) Que objetivos busca atingir nesta escola?

- ☐ Formação corporal dos alunos
- ☐ Formar atletas
- ☐ Ensinar novas modalidades desportivas
- ☐ Despertar novas vocações
- ☐ Outra. Qual?

6) Que tipos de aulas de Educação Física você ministra nesta escola? Nas respostas abaixo, escreva 1,2,3, para indicar os três tipos que você adota mais freqüentemente

- ☐ Ginástica
 - ☐ Treinamento esportivo
 - ☐ Recreação
 - ☐ Iniciação esportiva
 - ☐ Danças folclóricas
 - ☐ Variadas opções, na mesma aula, para o aluno escolher
 - ☐ O aluno decide, na aula, o que deve ser oferecido
- Outros conteúdos: Quais?

7) Que tipo de atividades extra-classe você programa para os seus alunos na escola. Escreva 1, 2, 3, para indicar as três atividades mais freqüentes.

- ☐ Festivais de jogos para todos os alunos da escola
- ☐ Festivais de jogos com a participação de alunos e não alunos
- ☐ Gincanas
- ☐ Recreio dirigido
- ☐ Danças folclóricas
- ☐ Jogos e competições inter-classes
- ☐ Colônias de férias
- ☐ Nenhuma
- ☐ Outra.

8) Você tem participado com os seus alunos em atividades esportivas fora da escola?

- ☐ sim ☐ Não

9) Em caso afirmativo, relacione nas atividades abaixo, as que participaram no ano passado, escrevendo 1, 2, 3, etc., para indicar as três mais freqüentes.

- ☐ Excursões com a turma
 - ☐ Acampamentos esportivos
 - ☐ Colônias de férias
 - ☐ Atividades recreativas orientadas
 - ☐ Torneios e campeonatos
 - ☐ Jogos amistosos contra escolas ou associações
 - ☐ Atividades esportivas em algum clube ou entidade da cidade, mediante diante convênio
- Outra. Qual?

10) Esta escola costuma franquear suas instalações esportivas nos finais de semana para a prática esportiva dos moradores da vizinhança?

- ☐ Sim ☐ Não

Diga o porque?

11) Os alunos praticam atividades físicas ou esportivas além dos seus horários de Educação Física na escola?

() Sim Não ()

12) Em caso afirmativo, diga quais são os locais ou as atividades que você lhes sugere? (Escreva 1, 2, 3, etc., para indicar as mais freqüentes).

- () Torneios internos na própria escola
() Clubes e associações da cidade
() Escolinhas esportivas
() Academias particulares
() Equipes competitivas
() Incentiva-os a praticar esportes, não importando o local
() Deixa-os escolher, sem influenciar diretamente
() Outras sugestões
-
-

13) Na sua opinião, a Educação Física Escolar incentiva os alunos a continuar praticando atividades físicas ou esportivas, mesmo quando tiverem concluído o seu curso e deixado a escola?

- () Sim, todos os alunos
() Sim, mas só os com vocação para futuros atletas
() Não, essa decisão deve ser do aluno
() Não, essa motivação vem com o tempo
() Outra resposta
-
-

14) Na sua opinião, o que está faltando à Educação Física escolar para que os alunos sejam motivados à prática continuada dos esportes, durante e após a conclusão dos seus estudos?

- () Oferecer mais opções esportiva
() Proporcionar mais atividades extra-classe
() Realizar jogos e competições internas
() Propor convênios esportivos com entidades da cidade
() Propor atividades esportivas com a participação de alunos da escola e da comunidade
() Criar clubes escolares para a prática dos alunos e seus familiares nos finais de semana
() Motivar todos os alunos para a prática esportiva e não somente aqueles que mais se destacam nas aulas
() Organizar palestras e conferências aos alunos, sobre a importância da Ed. Física para a saúde e para a vida

() Outra:

ROTEIRO DE ENTREVISTAS DESTINADO AOS ALUNOS

1) Sexo () Masculino OBSERVAÇÕES

2) Quero expressar o meu agradecimento pela colaboração prestada ao responder a este questionário.

Se você tiver sugestões, críticas ou comentários a fazer sobre atividades esportivas, escolares ou comunitárias e que não foram questionadas, utilize o espaço abaixo para fazê-lo.

() Despertar novas modalidades esportivas
() Outros. Quais?

Muito obrigado

3) Que tipos de aulas de Educação Física você já recebeu nesta escola? Na lista abaixo, indique com 1, o tipo de aula mais frequente e com 2, 3 etc., as demais que ocorrerem, em ordem decrescente de valor.

- () Ginástica
- () Treinamento esportivo
- () Recreação
- () Iniciação esportiva
- () Danças folclóricas
- () Numa mesma aula há várias modalidades esportivas para o aluno escolher
- () O aluno decide, na aula, o que deve ser lecionado
- () Outros tipos. Quais?

4) Como considera o seu interesse pelas aulas de Educação Física?

- () Muito forte
- () Forte
- () Regular
- () Fraco
- () Muito fraco

5) Caso o seu interesse seja fraco ou muito fraco, diga o porquê.

- () Na escola não são oferecidos os esportes que eu gosto
- () As instalações esportivas não são adequadas
- () Há escassez de material esportivo
- () Pratico esportes fora da escola
- () O professor não me incentiva

ANEXO 3

ROTEIRO DE ENTREVISTAS DESTINADO AOS ALUNOS

- 1) Sexo ☐ Masculino ☐ Feminino
- 2) Na sua opinião, quais são os objetivos da Educação Física ministrada nesta escola?
- ☐ Formação corporal
 - ☐ Formação de atletas
 - ☐ Ensinar novas modalidades esportivas
 - ☐ Despertar novas vocações esportivas
 - ☐ Outros. Quais?
- _____
- _____
- 3) Que tipos de aulas de Educação Física você tem recebido nesta escola? Na lista abaixo, indique com 1, o tipo de aula mais freqüente e com 2, 3 etc., as demais que ocorrerem, em ordem decrescente de valor.
- ☐ Ginástica
 - ☐ Treinamento esportivo
 - ☐ Recreação
 - ☐ Iniciação esportiva
 - ☐ Danças folclóricas
 - ☐ Numa mesma aula há várias modalidades esportivas par o aluno escolher
 - ☐ O aluno decide, na aula, o que deve ser lecionado
 - Outros tipos. Quais?
- _____
- _____
- 4) Como considera o seu interesse pelas aulas de Educação Física?
- ☐ Muito forte
 - ☐ Forte
 - ☐ Regular
 - ☐ Fraco
 - ☐ Muito fraco
- 5) Caso o seu interesse seja fraco ou muito fraco, diga o porquê.
- ☐ Na escola não são oferecidos os esportes que eu gosto
 - ☐ As instalações esportivas não são adequadas
 - ☐ Há escassez de material esportivo
 - ☐ Pratico esportes fora da escola
 - ☐ O professor não me incentiva

- () A escola não valoriza a Educação Física na escola?
() Outro motivo. Qual?

- 6) Na sua opinião, as aulas desta disciplina incentivaram-no a continuar praticando esportes continuamente, mesmo após a conclusão dos seus estudos?

- () Sim () Não

Em qualquer das respostas, diga o porquê.

- 7) O seu professor de Educação Física costuma organizar outras atividades esportivas na escola, além das aulas que ministra?

- () Sim () Não

- 8) Em caso afirmativo, quais são essas atividades? (Escreva (1) para indicar a mais freqüente, e 2,3 etc., para as demais atividades que ocorrem nesta escola)

- () Festivais de jogos para todos os alunos da escola
() Festivais de jogos, com a participação de alunos da escola e de outras escolas
() Gincana
() Recreio dirigido
() Danças folclóricas
() Jogos e competições inter-classes
() Colônias de férias
() Outras

- 9) Pratica algum esporte na escola, além das suas aulas de Educação Física?

- () Sim () Não

- 10) Em caso afirmativo, que motivo o levou a praticar essa modalidade esportiva?

- () Já a praticava nas aulas de Educação Física
() Para acompanhar os amigos
() Por influência do professor de Educação Física
() Outro motivo. Qual?

11) Pratica alguma atividade física ou esportiva fora da escola?

(☐) Não (☐) Sim

Local 1

Vezes por semana

Local 2

Vezes por semana

12) Qual a sua opinião sobre a prática continuada de atividades físicas ou esportivas? Na lista abaixo, indique com 1, a resposta mais importante e com 2, 3 etc., as demais que julgar necessário)

- (☐) É bom para a saúde
- (☐) Preenche momentos ociosos
- (☐) Ajuda a fazer novos amigos
- (☐) Serve para descobrir novos atletas
- (☐) Concorre para a massificação esportiva
- (☐) É um excelente relaxamento para os estudos e para o trabalho
- (☐) Descobrem-se novas vocações desportivas
- (☐) Possibilita a prática esportiva com a comunidade
- (☐) Outra. Qual?

13) Na sua opinião, o que falta à Educação Física escolar para que os alunos sejam motivados para a prática esportiva continuada durante e após a conclusão dos seus estudos? (Na lista abaixo, indique com 1, a resposta mais importante e com 2, 3, etc., as demais que julgar necessário).

- (☐) Oferecer mais opções esportivas
- (☐) Proporcionar mais atividades extra-classe
- (☐) Realizar jogos e competições internas
- (☐) Propor convênios esportivos com entidades da cidade
- (☐) Propor atividades esportivas com a participação de alunos da escola e da comunidade
- (☐) Criar clubes escolares para a prática dos alunos e dos seus familiares, nos fins de semana
- (☐) Motivar todos os alunos para a prática esportiva e não exclusivamente aqueles que mais se destacam nas aulas
- (☐) Outros. Quais?

OBSERVAÇÕES

ANEXO 4

Quero expressar o meu agradecimento pela colaboração prestada ao responder a este questionário.

Se tiver alguma crítica, sugestão ou comentário a fazer sobre atividades esportivas, escolares ou comunitárias e que não foram questionadas, utilize o espaço que se segue para fazê-lo

1) O (a) senhor (a) pratica algum esporte atualmente?

Muito obrigado

() Sim

() Não

2) Em caso afirmativo, indique a modalidade, o n° de vezes por semana e o tipo de participação (atleta, saúde, lazer, etc.)

Modalidade

Veza p/Sem.

Tipo de participação

3) Quais são os objetivos da prática esportiva oferecida por esta entidade?

- () Formação corporal dos praticantes
- () Preparar fisicamente
- () Formar atletas
- () Ensinar novas modalidades esportivas
- () Despertar novas vocações esportivas
- () Outros. Queira citar.

4) Que tipos de atividades de Educação Física são oferecidas por esta entidade? Escreva 1, 2, 3 etc. para indicar as mais frequentes).

- () Recreação orientada
- () Iniciação esportiva
- () Treinamento esportivo
- () Formação corporal
- () Danças folclóricas
- () Na mesma aula há várias modalidades esportivas para o aluno escolher
- () O aluno pode escolher, nas aulas, o que deve ser oferecido
- () Outro tipo. Digite aqui

ANEXO 4

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS COM OS DIRIGENTES

1) O (a) senhor (a) pratica algum esporte atualmente?

() Sim () Não

2) Em caso afirmativo, indique a modalidade, o nº de vezes por semana e o tipo de participação (atleta, saúde, lazer, etc.)

Modalidade

Vezes p/Sem.

Tipo de participação

3) Quais são os objetivos da prática esportiva oferecida por esta entidade?

- () formação corporal dos praticantes
- () Preparar fisicamente
- () Formar atletas
- () Ensinar novas modalidades esportivas
- () Despertar novas vocações esportivas
- () Outros. Queira citar.

4) Que tipos de atividades de Educação Física são oferecidas por esta entidade? Escreva 1, 2, 3 etc. para indicar as mais frequentes).

- () Recreação orientada
- () Iniciação esportiva
- () Treinamento esportivo
- () Formação corporal
- () Danças folclóricas
- () Na mesma aula há várias modalidades esportivas para o aluno escolher
- () O aluno pode escolher, nas aulas, o que deve ser oferecido
- () Outro tipo. Diga qual?

5) Na sua opinião, quais são os motivos que levam os freqüentadores a praticar esportes nesta entidade?

- ☐ Passar tempo
- ☐ Manter a estética
- ☐ Melhorar fisicamente
- ☐ Buscar futuro como atleta
- ☐ Fazer novos amigos
- ☐ Por ter sido atleta
- ☐ Praticar a Educação Física escolar, através de convênios
- ☐ Outros. Citar

6) Como os freqüentadores da sua entidade são incentivados à prática esportiva neste local?

- ☐ Campanhas através dos meios de comunicação
- ☐ Espontaneamente
- ☐ Convênios com as escolas da cidade
- ☐ Convênios com seus locais de trabalho
- ☐ Indicados pelos professores das escolas
- ☐ Outra forma. Citar

7) A sua entidade mantém atividades conjuntas com as escolas da comunidade?

- ☐ Muito freqüentes
- ☐ Freqüentes
- ☐ Regulares
- ☐ Pouco freqüentes
- ☐ Raras
- ☐ Não mantém

8) A freqüência de estudantes das escolas circunvizinhas às atividades da sua entidade é:

- ☐ Espontânea
- ☐ Solicitada pela escola
- ☐ Influenciada pelo professor de Educação Física da escola
- ☐ Motivada por campanhas da entidade junto às escolas
- ☐ Não freqüentam
- ☐ Outro tipo. Citar.

9) Que tipo de relacionamento a sua entidade costuma manter com as escolas da comunidade? (Escreva 1, 2, 3 etc. para as respostas mais importantes).

- ☐ Cedendo as suas instalações para as aulas de Educação Física
- ☐ Co-promovendo jogos e competições esportivas
- ☐ Cedendo as suas instalações para as promoções das mesmas
- ☐ Cedendo pessoal para organizar/arbitrar as suas promoções
- ☐ Convidando os seus alunos para participar das suas atividades regulares
- ☐ Outra. Citar

10) Na sua opinião, a frequência esportiva a esta entidade é influenciada pelo esporte escolar?

- ☐ Sim ☐ Não
- Diga o porque

11) Em caso negativo, porque não?

- ☐ Os professores de Educ. Física só se ocupam com os seus aluno e durante as aulas na escola
- ☐ Preparam os alunos para competições, na própria escola
- ☐ Não tiveram uma formação voltada para a prática esportiva continuada
- ☐ A vocação para os esportes de alto nível é maior do que para os esportes recreativos ou de lazer
- ☐ Outra resposta. Citar

12) Na sua opinião, o que está faltando à Educação Física escolar para que os alunos sejam motivados à prática continuada dos esportes, durante e após a conclusão dos seus estudos? (escreva 1,2,3, etc., para indicar as respostas mais importantes).

- ☐ Oferecer mais opções esportivas
- ☐ Proporcionar atividades extra-classe
- ☐ Realizar jogos e competições internas
- ☐ Propor convênios esportivos com entidades da cidade
- ☐ Oferecer atividades esportivas, com a participação de alunos da escola e da comunidade
- ☐ Criar clubes escolares para a prática dos alunos e familiares, nos finais de semana
- ☐ Motivar todos os alunos para a prática esportiva, e não somente aqueles que mais se destacam nas aulas
- ☐ Outra. Queira citar

ANEXO E

Obs: Queira, por favor, nos fornecer dados estatísticos sobre a frequência a esta entidade

PESQUISA COM OS PROFESSORES DESSA ESCOLA

Marinópolis, Novembro de 1993

OBSERVAÇÕES

Do: Quero expressar meu agradecimento pela colaboração prestada ao responder a este questionário.

Se o senhor tiver alguma crítica, sugestão ou comentário sobre alguma atividade esportiva, escolar ou comunitária e que não foi questionada utilize o espaço abaixo para fazê-lo.

Muito obrigado

Seu Diretor

Venho através deste, solicitar de V.Sa. a devida permissão, a fim de que possa efetuar uma pesquisa com os professores de Educação Física deste Estabelecimento de Ensino, visando coletar dados para um estudo que estou desenvolvendo em todo o Estado do Paraná.

Esta pesquisa faz parte de minha Tese de Doutorado em Educação que estou realizando na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista - Campus de Marília, SP.

Pretendo, a partir das informações coletadas e de experiências desenvolvidas no Brasil e em outros países, oferecer às escolas do Estado do Paraná e de outros estados do Brasil, sugestões para o aperfeiçoamento da Educação Física e dos esportes escolares, visando um futuro papel como centros de atividades físicas e de lazer, e cooperando com o desenvolvimento do esporte na comunidade.

Na certeza da sua atenção, aproveito o espaço para solicitar de Vossa Senhoria o obsequio de encaminhar os questionários em anexo, aos professores de Educação Física desse estabelecimento, um de cada aula, para serem preenchidos e devolvidos ao endereço constante dos envelopes resposta.

Sem mais, antecipadamente agradeço

Cordialmente

Professor Joaquim Martins Junior

ANEXO 5

OFÍCIO AOS DIRETORES SOLICITANDO PERMISSÃO PARA REALIZAR A PESQUISA COM OS PROFESSORES DESSA ESCOLA

Maringá, Novembro de 1993

Do: Professor Joaquim Martins Junior

Ao: Ilmo. Sr. Diretor do(a)

Assunto: Solicitação para realizar pesquisa

Senhor Diretor

Venho através deste, solicitar de V.Sa. a devida permissão, a fim de que possa efetuar uma pesquisa com os professores de Educação Física deste Estabelecimento de Ensino, visando coletar dados para um estudo que estou desenvolvendo em todo o Estado do Paraná .

Esta pesquisa faz parte da minha Tese de Doutorado em Educação que estou realizando na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista - Campus de Marília, SP.

Pretendo, a partir das informações coletadas e de experiências desenvolvidas no nosso e em outros países, fornecer às escolas do Estado do Paraná e de outros estados do Brasil, sugestões para o aperfeiçoamento da Educação Física e dos esportes escolares, visando um futuro papel como centros de atividades físicas e de lazer, e cooperando com o desenvolvimento do esporte na comunidade.

Na certeza da sua atenção, aproveito o ensejo para solicitar de Vossa Senhoria o obséquio de encaminhar os questionários em anexo, aos professores de Educação Física desse estabelecimento, um de cada sexo, para serem preenchidos e devolvidos ao endereço constante dos envelopes resposta.

Sem mais, antecipadamente agradeço

Cordialmente

Professor Joaquim Martins Junior

ANEXO 6

OFÍCIO DO ORIENTADOR APRESENTANDO O PESQUISADOR AOS
DIRETORES DAS ESCOLAS

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS DE MARILIA - SP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Do: Professor Doutor José Misael Ferreira do Vale
Orientador da Tese de Doutorado
Ao: Ilmo(a) Sr(a) Diretor(a) do(a)

Assunto: Apresentação de pesquisador

Senhor Diretor

A Universidade Estadual Paulista, através da Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus de Marília - SP, através do seu programa de Pós-Graduação, vem apoiando diversas pesquisas com o objetivo de oferecer novas perspectivas para o ensino e para o desenvolvimento da Educação Escolar.

Preocupados com a Educação e o bem estar da comunidade, entendemos ser a escola, um dos pontos de partida para a conscientização da população para a educação integral. E a Educação Física Escolar seria um dos agentes dessa finalidade.

Dando apoio a essa linha de trabalho, tenho a honra de apresentar a Vossa Senhoria, essa pesquisa a nível de doutoramento, do Professor Joaquim Martins Junior, que tem como objetivo colher informações sobre a prática da Educação Física e dos esportes nas escolas de 1º e 2º graus, da rede estadual de ensino do Estado do Paraná.

A nossa escolha recaiu nas escolas, por serem os locais onde se inicia a prática regular e sistemática da Educação Física e por constituir o elo de ligação com a comunidade. Esse trabalho, realizado sob a nossa orientação e colaboração, constituirá a base para a elaboração de sugestões para o aperfeiçoamento da prática da Educação Física a ser proposto posteriormente.

Contando com o seu apoio a esta pesquisa que julgo importante para toda a comunidade do Paraná e do Brasil, antecipadamente agradeço sua atenção.

Atenciosamente

Prof. Doutor José Misael Ferreira do Vale
- ORIENTADOR -



ANEXO 7

OFÍCIO DO PESQUISADOR AOS PROFESSORES CONSTANTES DA AMOSTRA

Maringá , Novembro de 1993

Senhor Professor

Esta pesquisa que estou realizando com os professores de Educação Física de todo o Estado do Paraná , objetiva conhecer a Educação Física e o esporte, atualmente desenvolvidos em nossas escolas.

O estudo pretende, a partir dos dados coletados e com o auxílio de experiências já comprovadas no Brasil e na Europa, sugerir uma organização da Educação Física Escolar, de fácil execução e de baixo custo, que possibilite a dinamização da participação dos alunos no esporte escolar e na prática esportiva da comunidade.

Para isso, será muito importante a sua colaboração ao preencher este questionário, responder a todas as suas perguntas e enviá-lo ao endereço constante do envelope em anexo.

Observe que não nos interessa identificar quem está respondendo. As perguntas em geral, são impessoais e as respostas serão tratadas estatisticamente, de maneira confidencial e integrada como um todo.

Nos resultados finais não serão mencionadas opiniões pessoais e nem serão citados nomes. Por isso os questionários não devem ser assinados.

Como sei que nesta época do ano, estamos sobrecarregados com as avaliações finais dos alunos e com o preenchimento dos livros (sou professor do Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal de Maringá) e o nosso tempo é bastante curto, estou enviando um envelope já selado, bastando tão somente o colega responder o questionário e colocar o envelope no correio.

Agradeço desde já a sua atenção e o tempo dispendido, o que, repetimos, será de imensa valia para a concretização do nosso trabalho. Muito obrigado pela sua ajuda.

Atenciosamente

Professor Joaquim Martins Junior

ANEXO 8

INSTRUÇÕES GERAIS PARA O PREENCHIMENTO DOS QUESTIONÁRIOS

Prezado(a) Professor(a)

Os questionários devem ser respondidos da seguinte maneira:

Colocando um (x) nos parênteses, conforme a escala sugerida na pergunta.

Em algumas questões, pede-se que o (a) senhor (a) emita opiniões pessoais ou especifique situações que não foram apresentadas.

Poderão aparecer perguntas em que se solicita que a resposta seja dada em ordem de importância. Nessas, utilize o número 1 para a resposta mais importante, o 2 para a seguinte, em ordem de importância e assim por diante.

Obs - A sua opinião é muito importante para nós. Por isso, por favor, REVISE o questionário antes de nos devolver.

Muito Obrigado

Professor Joaquim Martins Junior

Cordialmente

Professor Joaquim Martins Junior



ANEXO 9

SEGUNDO OFICIO AOS PROFESSORES QUE NÃO DEVOLVERAM OS QUESTIONÁRIOS PREENCHIDOS

Maringá , Setembro de 1993

Senhor Professor

No mês de Agosto p.p. enviamos a V.Sa. um questionário, o qual, por intermédio da direção dessa escola, solicitamos que lhe fosse entregue.

Tratava-se de uma pesquisa que estamos realizando com professores de todo o Estado do Paraná , com o objetivo de conhecer a Educação Física e o esporte escolar atualmente ministrado, bem como o relacionamento da escola com as entidades da comunidade.

Lecionamos na Universidade Estadual de Maringá e também no Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal de Maringá , e estamos no momento cursando o Doutorado em Educação na Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília - SP.

Esta pesquisa faz parte dos trabalhos da nossa Tese, cujo tema versa sobre a influência da Educação Física e do esporte escolar na prática esportiva que é desenvolvida na comunidade.

Não tendo recebido de V. Sa. o questionário que lhe enviamos ou devidamente preenchido e entendendo ter havido um extravio do mesmo antes de chegar às suas mãos, estamos enviando-lhe um novo questionário.

Solicitamos à V.Sa., o especial obséquio de preenche-lo e remete-lo ao endereço constante do envelope resposta em anexo, se possível até o final do próximo mês, pois ele é básico para que possamos concluir a nossa pós-graduação.

Certos da sua atenção e do seu elevado espírito educacional, renovamos os nossos agradecimentos.

Cordialmente

Professor Joaquim Martins Junior

ANEXO 10

OFICIO AOS DIRETORES DAS ESCOLAS SOLICITANDO PERMISSÃO PARA REALIZAR A PESQUISA COM OS ALUNOS

Maringá , Agosto de 1993

Do: Professor Joaquim Martins Junior

Ao: Ilmo. Sr. Diretor do(a)

Assunto: Solicitação para realizar uma pesquisa

Senhor Diretor

Vimos através deste, solicitar de V.Sa. a devida permissão, a fim de que possamos efetuar uma pesquisa com alunos da 3ª Série do 2º Grau deste estabelecimento de Ensino visando coletar dados para um estudo que estamos desenvolvendo em todo o Estado do Paraná .

Esta pesquisa faz parte da Tese de Doutorado em Educação, que estamos realizando na Faculdade de Filosofia e Ciência da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília - SP.

A mesma objetiva, a partir desses e de outros dados e de experiências desenvolvidas no Brasil e em outros países, fornecer às escolas deste Estado, um modelo de funcionamento da Educação Física e dos esportes escolares, em que as mesmas se tornem Centros de Atividades Físicas e de Lazer, cooperando com o desenvolvimento do esporte na comunidade.

Na certeza da sua atenção, aproveitamos o ensejo para antecipar os nossos melhores agradecimentos.

Cordialmente

Professor Joaquim Martins Junior

